

Universidade de Lisboa

Faculdade de Letras



Génese textual da adaptação dramática do conto
O Suave Milagre

Maria Manuel de Frias e Gouveia Cabral

Dissertação orientada pela Investigadora Doutora

Elsa Maria Gomes da Silva Pereira,

elaborada para a obtenção de grau de Mestre em Crítica Textual

Lisboa 2023

Resumo

Esta dissertação procura estudar a gênese textual da adaptação dramática do conto *O Suave Milagre*, de Eça de Queirós, empreendida por Bernardo Pinheiro Correia de Melo (Primeiro Conde de Arnoso) e Alberto de Oliveira. O projeto partiu da constituição do dossiê genético desta obra, culminando numa edição de orientação genética dos dois manuscritos autógrafos (pertencentes ao espólio E32 da Biblioteca Nacional de Portugal) e do subsequente impresso de 1902. Esse trabalho editorial foi depois complementado pela transcrição de alguma correspondência dos autores e pela análise das principais fontes exogenéticas, com o objetivo de definir uma possível cronologia da escrita e interpretar as campanhas de revisão por que o texto escrito foi passando.

Por outro lado, procurou-se analisar a polarizada recepção crítica da peça à luz do contexto sociopolítico da época, da decadência do teatro em Portugal e das dificuldades especificamente ditadas pela transcodificação da narrativa queirosiana. Assim, o trabalho debruça-se, ainda que brevemente, sobre algumas questões teóricas de adaptação, autoria colaborativa e genética teatral.

PALAVRAS-CHAVE: crítica genética; edição; adaptação dramática; autoria colaborativa; Conde de Arnoso; Eça de Queirós.

Abstract

This dissertation focuses on the textual genesis of a dramatic adaptation of Eça de Queirós' short story *O Suave Milagre*, which Bernardo Pinheiro Correia de Melo (first Count of Arnoso) undertook with Alberto de Oliveira. The project started with the constitution of the genetic dossier of this work, culminating with a genetically oriented edition of the two authorial manuscripts (belonging to the E32 collection in the National Library of Portugal) and the subsequent 1902 printed edition. Selective transcriptions of the authors' correspondence and their exogenetic sources also contributed to a tentative writing chronology of the revision campaigns.

On the other hand, the essay tries to analyse the critical reception of the play within the sociopolitical context of the time and the decadence of Portuguese theatre, but also specific difficulties in transcoding Queirós' narrative. Therefore, it briefly discusses some theoretical issues related to adaptation, collaborative authorship, and the genetic study of performance.

KEYWORDS: genetic criticism; edition; adaptation; collaborative authorship; Count of Arnoso; Eça de Queirós.

Agradecimentos

A entrega desta dissertação e a conclusão deste ciclo de estudos nunca teriam sido possíveis, não fosse o apoio incondicional da Paula Alves e de toda a minha equipa no trabalho. A articulação de horários para que pudesse assistir a aulas e, posteriormente, realizar pesquisas na Biblioteca Nacional, a divisão de trabalho e toda a paciência e preocupação foram inestimáveis. Foi uma enorme sorte poder contar com tanta generosidade.

O apoio daqueles que nos são mais próximos não se traduz necessariamente em gestos práticos com consequências palpáveis. A paciência para ouvir falar de temas que se desconhecem e que provavelmente não despertam interesse, das inseguranças e de tudo o mais foi talvez o mais importante dispêndio de que pude beneficiar. Devo-o aos meus Pais, ao meu Irmão, à Susana, ao André e, principalmente, ao Tiago.

Mas o maior agradecimento dirijo-o à minha orientadora, Elsa Pereira, pela enorme paciência, prestando-me todos os esclarecimentos e ajuda possíveis, por pautar sempre as nossas interações por um respeitoso sentido crítico e pela gentileza constante.

Índice

Introdução	6
1. <i>Suave Milagre</i> : uma homenagem a Eça de Queirós	8
2. Dossiê Genético	10
2.1 Testemunhos endogenéticos	11
2.1.1 Cronologia da escrita	16
2.1.2 Análise da variação autoral	19
2.2 Fontes exogenéticas	25
3. Receção crítica do espetáculo teatral	45
4. Adaptação dramática, genética teatral e autoria colaborativa	50
Conclusão	55
Anexos	57
I. Critérios de edição	57
Edição	58
II. Tabela de variantes	157
III. Arquivo documental	181
Fontes e bibliografia	192

Introdução

Esta dissertação debruça-se sobre a gênese textual de *Suave Milagre*, adaptação dramática do conto homónimo de Eça de Queirós (1845-1900), empreendida por Bernardo Pinheiro Correia de Melo (1855-1911), primeiro conde de Arnos, com a colaboração de Alberto de Oliveira (1873-1940).

Levada ao palco do Teatro D.^a Maria II, com estreia a 28 de dezembro de 1901, a peça foi impressa em março de 1902, reproduzindo o texto dramático com fotografias da encenação, uma aguarela do rei D. Carlos e pautas musicais de Óscar da Silva (1870-1958). O nosso objetivo não passa, todavia, por averiguar o trabalho de encenação, nem as alterações por que passou o texto em palco, seguindo os princípios da disciplina de genética teatral.¹ O foco desta dissertação incide antes nas várias versões escritas do texto dramático e no trabalho redacional documentado nos manuscritos autorais.

Depois de recensear os testemunhos manuscritos e impressos que subsistem desta obra, o objetivo é organizar o dossiê genético, determinando a cronologia relativa dos documentos, o sentido das revisões autorais e a dinâmica colaborativa observada ao longo do processo compositivo, confrontando as várias versões textuais desta adaptação com o texto de partida de Eça de Queirós e outras fontes exogenéticas convocadas pelos autores.

Assente em demorada pesquisa, o trabalho de recenseamento passou por recolher o único testemunho impresso da obra em análise (Arnos 1902), bem como os documentos pertencentes ao Espólio do Conde de Arnos, na Biblioteca Nacional de Portugal.² Entre estes contam-se duas versões manuscritas da adaptação dramática,³ nunca antes analisadas, e ainda a vasta correspondência que Alberto de Oliveira enviou ao Conde de Arnos.⁴ Por se revestirem de várias funções genéticas, tanto ao nível *paragenético*⁵ como da própria endogénese literária, reproduzimos, no anexo documental desta dissertação uma seleção de doze cartas, datadas entre 31 de julho e 8 de dezembro de 1901, contendo informações relevantes sobre a cronologia e o processo de escrita em colaboração (anexo III).

¹ Vd. Grésillon et al. 2010; Santos 2011; Santos 2017.

² Vd. inventário do espólio E32, em Marinho 2005.

³ BNP, E32/4451 e BNP, E32/4452.

⁴ BNP, E32 / 2357-2553.

⁵ Recorremos aqui a um termo usado por Elsa Pereira para referir a documentação “contígua, periférica ou complementar à gênese dos textos. Refiro-me a um sem-número de materiais que, não fazendo parte do *antetexto* propriamente dito, apresentavam interesse mais ou menos indireto para a história da criação, transmissão ou receção dos poemas” (Pereira 2018).

Ao nível exogenético, foram recolhidas as três versões do conto de Eça de Queirós, publicadas em vida do autor, servindo-nos para isso do n.º 26 da *Revista Moderna*,⁶ da edição empreendida por Luiz Fagundes Duarte e da análise comparativa de Manuel Alvim.⁷ Consultaram-se também algumas passagens bíblicas convocadas durante o processo de adaptação,⁸ bem como um capítulo das memórias de Alberto de Oliveira,⁹ que, juntamente com a correspondência trocada com o Conde de Arnos, nos fornece pistas importantes para reconstituir a cronologia da escrita e para entender de que modo o texto de Eça foi sendo abordado pelos dois autores.

Todos estes documentos que integram o dossiê genético da adaptação dramática *Suave Milagre* foram objeto de minuciosa análise, com vista à ordenação relativa dos testemunhos textuais, culminando numa edição de orientação genética que constitui o cerne deste trabalho (anexo I). A sua apresentação como anexo, no final da dissertação, justifica-se pela necessidade de respeitar as normas regulamentares do Mestrado em Crítica Textual da FLUL, muito embora esta esteja longe de constituir um mero apêndice ao trabalho ensaístico, apresentado no corpo da dissertação.

Organizado em quatro pontos, o pequeno ensaio introdutório que antecede a edição parte de uma breve contextualização sobre a época e os autores. Segue-se a organização do dossiê genético e a apresentação dos critérios de edição, bem como uma tentativa de análise genética dos documentos editados, remetendo ocasionalmente para a sistematização de variantes apresentada no anexo II.

No final, detemo-nos na identificação das fontes exogenéticas convocadas pelo Conde de Arnos e Alberto de Oliveira, procurando caracterizar o tipo de adaptação dramática empreendida sobre o conto de Eça de Queirós. Para isso, será tida em conta a receção crítica da obra, em que se incluem algumas críticas manifestadas pela imprensa da altura, nomeadamente uma acesa polémica suscitada por Fialho de Almeida.¹⁰ Serão ainda convocadas algumas questões teóricas relacionadas com a transcodificação da narrativa queirosiana, o estatuto ontológico das adaptações, a autoria colaborativa, e o binómio texto-cena que se impõem em trabalhos de genética teatral.

⁶ Queiroz 1898: 49-51. Esta foi a única versão original do conto que se conseguiu localizar, sendo necessário recorrer à edição de Luiz Fagundes Duarte para cotejar as três versões que Eça publicou em vida.

⁷ Queiroz 2002: 209-220; Alvim 2007.

⁸ Figueiredo 1885.

⁹ Oliveira s/d: 141-154.

¹⁰ Almeida 1910: 197-256.

1. *Suave Milagre: uma homenagem a Eça de Queirós*

O final do século XIX em Portugal ficou marcado por perturbações económicas e políticas que fragilizaram o Regime e as várias figuras de Estado. O fim da monarquia era por muitos desejado e por outros tantos repudiado, abrindo na sociedade portuguesa fissuras difíceis de fechar.

Enquanto o movimento antimonárquico se adensava, na esfera íntima do Rei D. Carlos orbitava um grupo de figuras da política e das artes, denominado “Vencidos da Vida”, constituído por figuras como Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro e Eça de Queirós entre outros elementos na famosa Geração de 70. O grupo juntava-se numa mesa do Café Tavares no Hotel Bragança, em tertúlias que acabariam assim descritas em comunicação apresentada à Classe de Letras da Academia:

Escusado é dizer que, entre tantas figuras de desigual valia, seria difícil apontar alguma que às outras sobrelevasse pelo seu merecimento. Nenhuma ideia de propaganda os moveu todavia; e somente os juntou a solidariedade de interesses nos mesmos assuntos e na capacidade de os debater à sobremesa, com aquela *insouciance* que também os juntou naquelas reuniões.¹¹

Deste grupo fazia parte Bernardo Pinheiro Correia de Melo (1855-1911), que no mundo literário ficou conhecido, ora como Bernardo Pindela (honrando o título paterno do Visconde de Pindela), ora como Conde de Arnosó (a partir da sua nobilitação por decreto de 1895).¹² Grande admirador de Eça de Queirós, pesou-lhe em agosto de 1900 a morte do seu companheiro:

O falecimento de Eça de Queiroz, ocorrido em Paris a 17 de Agosto de 1900, representou um cruel e rude golpe para o Conde de Arnosó. Destroçado pela funesta notícia, expressou assim a sua dor para Luís de Magalhães: «Tão grande, tão desmarcado espaço ele ocupava no meu espírito e no meu coração que até, Deus me perdoe, me parece que não vale a pena viver mais!»¹³

Entre várias homenagens à memória do grande escritor,¹⁴ foi através da parceria com o amigo Alberto de Oliveira que o Conde de Arnosó acabou por expressar a sua mais devota admiração, adaptando um conto de Eça de Queirós, levado ao palco na altura do Natal:

Num dos nossos serões em Lisboa (...) elogiando muito uma companhia de *marionettes*, de rara perfeição, que ao tempo se estava exibindo num teatro infantil, na Avenida da

¹¹ Gonçalves 1955: 3.

¹² “Bernardo Pinheiro Correia de Melo”. Município de Vila Nova Famalicão – Arquivo Municipal Alberto Sampaio <<https://www.arquivoalbertosampaio.org/details?id=31356>>.

¹³ Homem 1998: 26.

¹⁴ “o Conde de Arnosó foi o mais tenaz impulsionador da corrente de opinião que se bateu para que fosse erigido em Lisboa um monumento que lhe perenizasse o génio literário” (Homem 1998: 27).

Liberdade, lembrou o dono na casa, ao querido e nunca esquecido Bernardo, que escrevesse um *mistério* para ser ali representado pelo Natal. Todos aplaudimos a lembrança e logo nos pusemos à busca de um assunto. Entre os que foram propostos veio a ter a preferência, por ser na verdade o mais adequado, o do *Suave Milagre*.¹⁵

A escolha de *O Suave Milagre* para esta adaptação dramática deveu-se sobretudo à natureza do tema (cujo *maravilhoso cristão* se adequavam especialmente à época natalícia da homenagem¹⁶) e a certa linearidade da ação, prestando-se a um público alargado.¹⁷ Inicialmente concebida para um teatro de marionetas, a peça acabou convertida numa grande produção do Teatro D.^a Maria, dele conseguindo palco durante 19 sessões,¹⁸ graças à rede de contactos do Conde de Arnos e à sua esfera de influência, enquanto secretário pessoal do Rei D. Carlos.

Pode adivinhar-se que a receção da peça tenha sido largamente aplaudida, pela referência ao nome de Eça de Queirós e pelas relações interpessoais do próprio Conde de Arnos. Ainda assim, não seria justo sugerir que a simpatia despertada por Bernardo Pindela estivesse apenas relacionada com as suas amizades ilustres, chegando até nós diversos testemunhos de como era respeitado e acarinhado por todos em seu redor, mesmo por aqueles que não aprovavam o monarca e que desejavam a mudança de regime:

Em relação a D. Carlos, a mútua estima que se estabeleceu entre ele e o Conde de Arnos tornou-se proverbial. Bem mais do que um simples, embora zeloso e dedicado secretário particular, Arnos foi o amigo afectuoso e inseparável que, durante perto de duas décadas, partilhou, dia a dia, quase hora a hora, das alegrias, das desventuras, das inquietações, das preocupações do soberano; foi o confidente dos seus segredos; o companheiro das suas viagens; a testemunha das suas faltas; por vezes mesmo, a vítima da sua volubilidade. «A única coisa boa de D. Carlos é o Arnos!» – asseverava, uma ocasião, Guerra Junqueiro, numa das suas explosões contra o monarca.¹⁹

Neste trabalho, não nos vamos, todavia, deter longamente na figura de Bernardo Pindela, nem no contexto histórico que rodeou o surgimento da peça *Suave Milagre*. O

¹⁵ Oliveira s/d: 142.

¹⁶ Saraiva & Lopes 2017: 855-886. A narrativa descreve um Jesus evasivo, que escolhe aparecer apenas a uma criança doente e pobre, sendo justamente uma criança pobre que se celebra nessa época. Não por acaso, o conto de Eça havia sido publicado em dezembro de 1898, numa edição dedicada ao Natal, dois anos antes da sua morte: “O n.º 26 da Revista Moderna, que deve aparecer no Brasil em fins de Dezembro e que será o numero extraordinario consagrado ao Natal e Anno Bom conterà 56 paginas de texto illustrado de numerosas e primorasas gravuras a côr, collaborado pelos mais eminentes escriptores de Portugal e Brazil, e inserirá hors-textes, que causarão uma verdadeira surpresa e terão um colossal sucesso” (*Revista Moderna*, n.º 25, novembro 1898).

¹⁷ Além da sequência temporal linear, com as suas três sub-narrativas bem marcadas, a própria definição entre bem e mal é muito simplificada neste conto, retirando às personagens a densidade psicológica característica de outras obras de Eça de Queirós. Retomaremos esta questão no ponto 4 da dissertação, onde se abordam algumas dificuldades colocadas pela *transcodificação da narrativa queirosiana* (Reis & Milheiro 1989: 183-198; Rebello 2009).

¹⁸ Sequeira 1955. Na CETbase, ficha de espetáculo n.º 16990, o número de apresentações difere, sendo apenas contabilizadas 4 face às 19 indicadas por Sequeira na *História do Teatro Nacional D. Maria II*.

¹⁹ Guimarães 1958: 15.

nosso objetivo é estudar a gênese textual e o processo colaborativo de adaptação dramática, empreendido pelo Conde de Arnoso e Alberto de Oliveira, conforme testemunhado nos documentos que integram o seu dossiê genético.

2. Dossiê Genético

Considerando a definição de dossiê genético como *o conjunto de todos os testemunhos genéticos conservados de uma obra ou de um projeto de escrita, classificados em função da cronologia das suas etapas sucessivas*,²⁰ propomo-nos recensear de seguida os testemunhos endogenéticos, onde se documentam etapas redacionais (manuscritos autógrafos e alguma correspondência trocada pelos autores ao longo do processo compositivo), bem como o testemunho impresso de *Suave Milagre*. Deixaremos para o capítulo 2.2 a análise das fontes exogenéticas de que os autores se serviram para o trabalho de adaptação dramática, nomeadamente o conto de Eça de Queirós e passagens selecionadas da Bíblia.²¹

Como lembra Ivo Castro, a constituição de um dossiê genético obedece a uma série de etapas bem conhecidas:

- a) A localização das peças conservadas [...]; todos os actos requeridos inserem-se no conceito filológico de *recensão*;
- b) O exame físico directo de cada peça (sem recurso a reproduções), para saber como foi produzida [...];
- c) A decifração do texto contido em cada peça [...];
- d) A comparação entre as peças, para depreender as suas constantes e variantes [...] e conhecer o seu relacionamento genealógico [...];
- e) Interpretação de irregularidades encontradas, p. ex. lacunas resultantes de peças omissas [...];
- f) a conferência global do dossier [...], que consiste na disposição em simultâneo de todas as peças que o constituem, o que se faz com facilidade quando os materiais pertencem à mesma biblioteca”.²²

²⁰ Grésillon 1994: 242.

²¹ Para uma distinção operatória entre “endogénese” e “exogénese”, vejam-se as definições de Pierre-Marc de Biasi coligidas pelo *Lexicon of Scholarly Editing* <<https://lexiconse.uantwerpen.be/lexicon/>>:

“Endogenetics designates [...] the process by which the writer conceives of, elaborates, and transfigures pre-textual material, without recourse to outside documents or information, through simple reformulation or internal transformation of previous pre-textual data (De Biasi 1996, 42-43)”;

“Exogenetics designates any writing process devoted to research, selection, and incorporation, focused on information stemming from a source exterior to the writing (De Biasi 1996, 43-44)”.

²² Castro 2013: 200.

É seguindo este procedimento instituído e na correlação de todo o material disponível que surgem algumas respostas que nos propomos encontrar.

2.1 Testemunhos endogenéticos

Testemunho A

BNP, E32/4451

O suave milagre / de Eça de Queirós; [adaptação dramática pelo] C. d'Arnos; versos de Alberto d'Oliveira. 1901. 1 f. dobr. 19 f. ms.

O manuscrito E32-4451 – doravante designado por testemunho A (A em aparato genético) – foi redigido pela mão de Bernardo Pindela, Conde de Arnoso. Ao contrário do que sugere a palavra “fragmentos”, apresentada no inventário do espólio da BNP,²³ não se trata de um manuscrito incompleto do ponto de vista da ausência de páginas, visto que é constituído por um conjunto de 17 fólios numerados sempre no canto superior direito e que seguem uma ordem e narrativa lógica. É também constituído por 2 fólios não integrados no conjunto principal e por um bifólio que serve de capa e suporte ao conjunto. Podemos considerá-lo a primeira versão da peça, pois ainda não traz incorporados os versos de Alberto de Oliveira.

Os fólios encontram-se escritos em ambos os lados a tinta preta. Foi usado papel almaço liso, de 22,5 x 32 cm com a marca de água da fábrica de Tomar, na qual são visíveis três pés de oliveira e a palavra “PRADO”.²⁴ Como já referido, existem dois fólios que não se encontram alinhados com os restantes. Um desses fólios encontra-se antes do conjunto principal e contém em ambos os lados passagens incompletas (uma delas o início da peça e outra pertencente ao diálogo entre as Mulheres e o Viandante, no 1.º Quadro). O outro fólio encontra-se numerado como 26 no canto superior direito e aparece disposto depois do conjunto principal. Está escrito em ambos os lados e contém diálogos pertencentes aos 5.º e 6.º Quadros, não existindo, todavia, ligação entre o que aparece escrito no rosto e no verso. O bifólio, que tem função de capa e suporte, contém no seu interior, redigido a lápis, um planeamento geral da peça:

O Suave Milagre

Personagens

²³ Marinho 2005.

²⁴ Vd. Carreira 2012.

Um homem que passa
Obed
Os servos de Obed
Publios Septimus
Sua filha unica
Soldados de Septimus
Mercadores
Um velho de barbas brancas
A viuva
O filho
O mendigo
Jesus

1ª Scena

Seareiros, pastores e mulheres trigueiras com a bilha no hombro, canção do homem que passa

2ª scena

Obed a porta de sua casa lamentando-se da peste das suas vinhas + 2

3ª scena

Volta dos servos

4ª scena

No palacio de Septimus canção da filha única

5ª scena

Acampamento dos soldados de Septimus (fala com verso do velho das barbas brancas)

6ª Scena

Casa da viuva – Entra o mendigo (fala do mendigo em verso.)
Aparição de Jesus.

Testemunho A1

BNP, E32/4451a

O suave milagre / de Eça de Queirós; [adaptação dramática pelo] C. d'Arnos; versos de Alberto d'Oliveira. 1901. 6 f. dobr., 2 f. ms.

O manuscrito E32-4451a – doravante designado por testemunho A1 (**A1** em aparato genético) – foi redigido pela mão de Alberto de Oliveira. Trata-se do primeiro conjunto de versos escritos por este coautor e enviados posteriormente ao Conde de Arnoso, para ser acrescentado à sua campanha de escrita no testemunho A. Com este documento completa-se, por assim dizer, o primeiro testemunho. Não existe, no entanto, uma ligação direta entre ambos os manuscritos, nem indicações claras sobre como integrar os versos no restante texto. Pela análise da correspondência e pela diversidade material de suportes e materiais de escrita, pode supor-se que não tenham sido enviados em simultâneo. Assim, para o Prólogo foi usado e enviado um bifólio e meio em papel

quadriculado de 21,5 x 27,5 cm, escrito a tinta preta. Já os Coros do 1.º Quadro são constituídos por um bifólio e meio em papel liso de 22 x 33 cm, com timbre do Consulado de Portugal em Marrocos — Tanger, e redigidos igualmente a tinta preta. Quanto à Parábola do 3.º Quadro, é composta por um bifólio em papel liso de 16,5 x 20,5 cm, redigida a tinta preta. Para a Canção da Filha e para o Hymno ao Sol foram usados dois bifólios de papel quadriculado de 21,5 x 27,5 cm e tinta preta. Por último, a Canção da Mãe foi redigida num bifólio de papel liso de 22 x 33 cm a tinta preta.

Testemunho B

BNP, E32/4452

O suave milagre / de Eça de Queirós; [adaptação dramática pelo] C. d'Arnos; versos de Alberto d'Oliveira. 1901. [1, 94] p. em 1 f. dobr., 51 f.; 32 x 22 cm; ms.

O manuscrito E32-4452 – doravante designado por testemunho B (**B** em aparato genético) – foi redigido pela mão de Bernardo Pindela, Conde de Arnoso. Trata-se da versão autógrafa mais completa que nos chegou. Incorpora alterações feitas em A, A1 e em B1, embora este último lhe seja posterior. Redigido pela mão do Conde de Arnoso, o texto incorpora já os versos de Alberto de Oliveira, ainda que estes nem sempre se encontrem ordenados, devido a inserções tardias provenientes de B1. No entanto, no documento constam várias indicações de avanços e retrocessos ao longo das páginas, que orientam a organização textual.

O manuscrito é composto por 51 fólios de papel liso de 22,5 x 32 cm, também com a marca de água “PRADO”, em que são visíveis três pés de oliveira. A numeração no canto superior direito varia em função dos acrescentos para cada página que foram sendo introduzidos, sendo aqui designados através de letras (ex: 17,17 A e 17 B). Refira-se ainda que duas das páginas contêm acrescentos e alterações colados por superimposição de um novo suporte, tapando parcialmente o texto que se encontra na folha original, não sendo possível a transcrição das passagens ocultadas.

O texto é redigido, principalmente, a caneta preta e vermelha, sendo que existem correções e sinais em que é usado lápis de carvão, lápis roxo, lápis vermelho, lápis vermelho-escuro e lápis azul. Trata-se do manuscrito com mais correções autorais, funcionando por isso como o epicentro do dossiê genético, visto ser o testemunho que agrega e conserva as operações genéticas mais relevantes.

Testemunho B1

BNP, E32 / 2524B

Carta de Alberto de Oliveira (1873-1940) para o Conde de Arnoso (1855-1911).

08/12/1901. 2 f.; 21,5 x 27,5 cm; ms.

O manuscrito anexo à carta de Alberto de Oliveira para o Conde de Arnoso a 8 de dezembro de 1901 (E32/2528) apresenta a cota E32/2524B, estando erradamente catalogada após a análise do conteúdo. Será doravante designado por testemunho B1 (**B1** em aparato genético).

O testemunho, redigido pela mão de Alberto de Oliveira, é constituído por um bifólio e meio em papel quadriculado com 21,5 x 27,5 cm, contendo a versão final da Canção da Filha e mais três estrofes do Hymno ao Sol, redigidas a caneta preta e lápis de carvão, respetivamente. Ao longo da correspondência, esta atualização nos versos é prometida ao Conde de Arnoso, mas apenas a 8 de dezembro parece ter sido efetivamente enviada: “Junto encontrará a ‘Canção da Filha de Septimus’ definitiva, a que acrescentei tres estrofes.”²⁵

Testemunho C

Conde d’Arnoso. *Suave Milagre. Mystério em 4 actos e 6 quadros extrahido de um conto de Eça de Queiroz com versos de Alberto d’Oliveira e musica de Oscar da Silva*. Lisboa: Livraria Ferin, 1902. 119, [4] p.; il.; 24 cm.

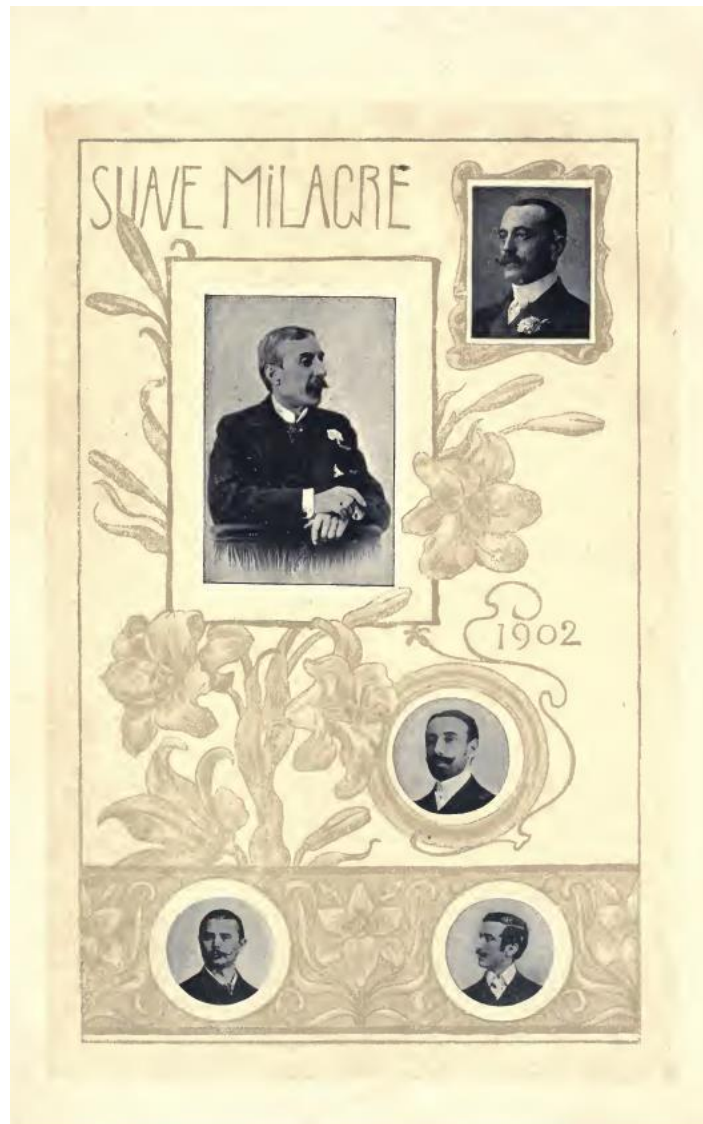
O impresso da peça – doravante designado por testemunho C (**C** em aparato genético) – abre com uma capa, seguida de uma folha de guarda antes da folha de rosto. O exemplar de que nos servimos apresenta um ex-libris de Luiz Pastor de Macedo, colado no canto superior esquerdo de uma das folhas de guarda, como sinal de pertença.

O impresso inicia-se com uma dedicatória aos filhos de Eça, a indicação do número de exemplares, uma nota sobre a aprovação do Teatro D. Maria II e uma imagem dos cinco colaboradores principais: Eça de Queirós, Conde de Arnoso, Alberto de Oliveira, Óscar da Silva e Luigi Manini, que teve a seu cargo a cenografia. Replicam-se aqui algumas dessas informações:

CONDE D’ARNOSO

²⁵ E32/2528.

SUAVE MILAGRE
MYSTERIO EM 4 ACTOS E 6 QUADROS
Extrahido de um conto de
EÇA DE QUEIROZ
com versos de ALBERTO D'OLIVEIRA
e musica de OSCAR DA SILVA
Lisboa
LIVRARIA FERIN
70, RUA NOVA DO ALMADA, 74
1902
SUAVE MILAGRE



Tiraram-se d'este livro: alem de 1000 exemplares em papel d'algodão, 10 em papel
couché
Numerados e rubricados pelo autor.

AOS FILHOS
DE
EÇA DE QUEIROZ

Approvado pelo Theatro de D. Maria em 9 de Dezembro de 1901
E
Representado pela primeira vez no mesmo Theatro

Ao longo do texto, cada Quadro é encabeçado por uma fotografia do palco e respetivo cenário. O livro fecha ainda com a reprodução de uma aguarela do Rei D. Carlos e as pautas musicais que acompanham alguns dos versos, reproduzidas neste trabalho junto com a edição.

2.1.1 Cronologia da escrita

É através da análise material dos testemunhos manuscritos e impresso, acima identificados, que podemos definir a cronologia da escrita empreendida pelo Conde de Arnos e Alberto de Oliveira no âmbito da adaptação dramática de *Suave Milagre*. A estes elementos somam-se ainda as informações extraídas da volumosa correspondência trocada pelos dois autores, bem como um capítulo das memórias de Alberto de Oliveira, que fornece pistas valiosas sobre o processo compositivo da obra.

Tendo *Suave Milagre* nascido de uma vontade de homenagear a memória de Eça de Queirós, podemos situar o início dos trabalhos em data posterior à sua morte, em agosto de 1900, sendo que até 31 de julho de 1901 não se encontram evidências na correspondência Oliveira-Arnos de que existisse um projeto a unir os dois autores.

O início da colaboração é referido mais tarde, nos seguintes termos:

Num dos nossos serões em Lisboa, na casa do conde de Arnos, S. Domingos à Lapa, alguém (creio bem que foi o também já falecido e nosso tão bom amigo Alberto Braga), elogiando muito uma companhia de *marionettes*, de rara perfeição, que ao tempo se estava exibindo num teatro infantil, na Avenida da Liberdade, lembrou ao dono da casa, ao querido e nunca esquecido Bernardo, que escrevesse um *mistério* para ser ali representado pelo Natal. Entre os que foram propostos veio a ter a preferência, por ser na verdade o mais adequado, o do *Suave Milagre*. E ficou entendido que eu forneceria os versos para a obra projectada. (...) Foi só algumas semanas depois, estando eu já de novo em Tânger que tive o aviso de que alguns dos nossos amigos tinham achado o trabalho do conde de Arnos importante de mais para ser confiado a simples *marionettes*, (...) Indicavam-me que o teatro definitivamente escolhido era o de D. Maria; que o Suave Milagre teria música de Óscar da Silva e um deslumbrante cenário de Manini; e convidaram-me a afinar a minha lira para colaborar com honra em tão escolhido concêrto, num local tão ilustre.²⁶

Pela datação da correspondência trocada entre março e junho de 1901, podemos concluir que, na altura, Alberto de Oliveira se encontrava em Tânger, tendo vindo a Portugal por um período provisório. Terá sido durante essa deslocação a Lisboa que surgiu a ideia de

²⁶ Oliveira s/d: 142.

levar a cena o *Suave Milagre*. Apresentamos de seguida uma breve sistematização das informações extraídas da correspondência de Alberto de Oliveira, para que se entenda melhor o raciocínio cronológico:

2 de junho de 1901 – Tanger	Período no qual pode ter surgido a ideia, talvez no final do mês de julho.
18 de junho de 1901 – Porto	
13 de julho de 1901 – Caldelas	
18 de julho de 1901 – Porto	
31 de julho de 1901 – Lisboa (Arquivo documental - I)	Referência à peça e sugestão do uso de uma Bíblia ilustrada – possivelmente para uma peça de marionetas.
7 de agosto de 1901 – Lisboa	Período de redação e envio da 1ª versão – que corresponde ao testemunho A.
9 de agosto de 1901 – Porto	
13 de agosto de 1901 – Porto	
17 de agosto de 1901 – Lisboa	
22 de agosto de 1901 – Lisboa (Arquivo documental - II)	Apreciação da 1ª versão – visando dar movimento à ação.
6 de setembro de 1901 – Lisboa	Período em que se tomam as diligências para a alteração do público e formato da peça.
11 de setembro de 1901 – Lisboa	
13 de setembro de 1901 – Tanger (Arquivo documental - III)	Referência a Georgina Pinto, atriz da companhia residente do teatro D. Maria, e ao prólogo.

Pela análise da correspondência podemos concluir com alguma segurança que o texto da peça levou cerca de cinco meses a ser redigido, possivelmente de agosto a dezembro de 1901. Verificamos também que a adaptação começou por ser pensada como uma peça infantil de marionetas e apenas em setembro terá assumido a sua finalidade definitiva, sendo os testemunhos A1 e B posteriores a essa data. Também pela leitura da correspondência, corroborada pela diferença material dos suportes, podemos ainda inferir que os textos pertencentes ao testemunho A1 foram sendo enviados por correio, ao longo da segunda metade do mês de outubro de 1901:²⁷

²⁷ Vd. respetivamente: E32/2514 – Transcrição IV; E32/2515 – Transcrição V; E32/2517 – Transcrição VI; E32/2518 – Transcrição VII; E32/2519 – Transcrição VIII; E32/2520 – Transcrição IX; E32/2521 – Transcrição X.

Dia 17	“Conforme o prometido, ahi vão os versos do prologo e do 1º quadro. Oxalá lhe agradem, ou pelo menos não lhe desagradem.”
Dia 21	“Nestes três dias pouco pude fazer, (...) mas já hoje reentrei na lida e espero amanhã mandar-lhe a canção da filha de Septimus, ou o hymno do Sacerdote pagão, que ambos estão na forja. Depois irão inda pela semana adentro, a Canção da Mãe, os ventos que ouve Obed e a parábola de Jesus que o pastor cantará no 3º quadro, para que não fique esse quadro sem versos. E assim antes de outubro exhalar o ultimo suspiro, toda a minha colaboração estará em seu poder como prometi.”
Dia 25	“Ahi vão hoje os versos para o 3º quadro. De todos os que tenho feito para o mysterio, são aquelles de que gosto mais. (...) Amanhã conto acabar o hymno ao sol e os versos do 2º quadro. no domingo farei a canção da mãe para o 5º quadro – e terei assim dado conta do meu recado, dentro do prazo que a mim próprio fixei e que fico contentíssimo de ter respeitado.”
Dia 27	“Ahi vão os versos do 5º e 6º quadro. (...) Faltam os cantos que há de ouvir Obed, (2º quadro), que terminarei amanhã.”
Dia 28	“Fiz bem em guardar para o fim os córos do 2º quadro, em que trabalhei hoje, e que amanhã ficarão promptos. A suas indicações serviram-me e por ellas me guiei. Para o 3º quadro mandei-lhe uns versos que me parece lhe não desagradarão? A canção da filha de Septimus, se lhe parecer pequena, poderei augmental’ a; (...) Enfim a canção da mãe não é bem no tom que V. queria. (...) E deus lhe ponha agora a virtude. Espero que a demora de uma dia dos versos do 2º quadro não fará deserranjo, não me foi possível acabal-os hoje.”
Dia 29	“Ahi vão 15 disticos, que se podem transformar em 30 quadras, numero que me parece sufficiente para os córos de principio e fim do 2º quadro.”
Dia 30	“Tratarei de acrescentar algumas estrofes à canção da filha de Septimus, mas o todo do tamanho, como V. pede, receio que a transforme num longo e monótono discurso, (...) Não estou contente com os córos do 2º quadro, mas já agora espero, para fazer outros, que V. me indique bem como serão mettidos.”

Assim, pode considerar-se que o testemunho B apenas começou a ser redigido depois que os últimos versos de A1 foram enviados por Alberto de Oliveira, enquanto B1 terá sido enviado a 8 de dezembro de 1901 (embora o testemunho apareça já referido em carta datada de 6 de novembro). A partir destes dois marcos temporais, podemos assim situar o testemunho B algures no mês de novembro, sendo difícil definir quanto tempo a sua redação terá tomado a Bernardo Pindela. A este propósito, veja-se, por exemplo, a carta de Alberto de Oliveira datada de 6 de novembro:

Recebi a sua querida carta de 2. Muito prazer me dá saber que os versos continuam a agradar-lhe: entretanto, não disisto de modificar e acrescentar o hymno a Apollo e de substituir ou emendar os córos do 2º quadro, que me parecem detestáveis. Isto alem de augmentar as estrofes da canção da filha de Septimus como já prometi, e de outras emendas de detalhe, que a seu tempo irão.²⁸

E também a missiva datada de 8 de dezembro:

Junto encontrará a “Canção da Filha de Septimus” definitiva, a que acrescentei tres estrofes. A musa não deu para mais; mas se achar pouco, como os versos são contados, podem repetir-se algumas estrofes, que V. mesmo escolherá, e assim prolongar a scena.²⁹

²⁸ E32/2523 – Transcrição XI.

²⁹ E32/2528 – Transcrição XII.

Importam estes documentos para situar, antes de mais, uma das campanhas de revisão mais extensas que encontramos documentadas no testemunho B, já que esta apenas pode ter ocorrido a partir do dia 8 de dezembro, após o envio do designado testemunho B1.

Quanto ao intervalo temporal ocupado pela composição do testemunho C, é seguro situá-lo necessariamente durante o mês de dezembro, pela óbvia relação com a estreia da peça no Teatro D.^a Maria II, a 28 de dezembro de 1901. Embora possamos assumir que a própria encenação e representação terá suscitado alterações no texto que viria a ser impresso em março de 1902, não foram encontradas provas de eventuais campanhas de revisão durante estes três meses, sendo neste aspeto omissa a correspondência enviada por Alberto de Oliveira, que se interrompe entre 29 de dezembro de 1901 e 8 de novembro de 1903.

Ainda assim, é possível definir uma linha condutora entre os cinco testemunhos textuais conservados, documentando-se boa parte deste trabalho colaborativo na edição apresentada no anexo I deste trabalho.

Refira-se, por fim, que os testemunhos A e B são redigidos pela mão de Bernardo Pindela. Enquanto o testemunho A contém apenas prosa, B contém passagens em prosa e em verso, de forma aproximadamente completa. Por outro lado, os testemunhos A1 e B1 são redigidos por Alberto de Oliveira, em verso, sendo que B1 corresponde apenas à canção da filha e ao hino ao sol.

2.1.2 Análise da variação autoral

Dos cerca de 780 lugares de variação textual registados no aparato genético da nossa edição (Anexo I), nem todos correspondem a variantes substantivas que nos permitam tirar conclusões sobre o sentido das revisões autorais introduzidas ao longo do processo compositivo.

Por isso, selecionamos na tabela de variantes (Anexo II) apenas as ocorrências com maior relevância para a análise da génese textual desta adaptação dramática. Estas poderão organizar-se em oito grupos.

Cenas – Registam-se 14 lugares variantes relacionados com a identificação das cenas. As alterações prendem-se sobretudo com a mudança no formato da numeração

(entre cardinal e ordinal ou entre numeração árabe e romana) e com a alternância entre a palavra “scena” e a respetiva abreviatura “S.”, mas observam-se também algumas alterações na própria divisão de cenas, motivada por acrescentos textuais e a intercalação de passagens em verso.

Didascálias – São 17 os momentos em que os autores acrescentam ou clarificam didascálias, enquanto apenas uma destas ocorrências retira informação cénica. Sete destas revisões ocorrem apenas no testemunho C; oito são introduzidas em B e mantêm-se em C. Uma possível explicação para este facto poderá estar no próprio trabalho de encenação e nos ensaios que se seguiram entre a redação dos manuscritos autógrafos e a versão impressa, suscitando novas indicações. Sendo este um texto para leitura, não é totalmente certo que corresponda àquele que tiveram nas mãos os atores e encenadores, mas é curioso que as didascálias sejam em menor número no testemunho A, que se acredita ter começado como uma adaptação para um espetáculo de marionetas concebido para crianças.

Gralhas – Registam-se nos testemunhos autógrafos 22 ocorrências de variação que parecem decorrer de distrações, nomeadamente *lapsus calami* e erros de cópia entre manuscritos. Nenhum deles resulta em variação substantiva.

Personagens – São 106 os momentos em que os autores alteram o nome das personagens. Este tipo de revisões ocorre sobretudo no testemunho B, o que poderá dever-se ao aumento significativo de figuras em palco nesta versão. As alterações mais comuns prendem-se com a alternância dos diálogos atribuídos às várias mulheres (1.^a, 2.^a ou 3.^a), identificadas como “Outra Mulher” ou “Outra Voz”. O mesmo se passa com os “Pastores”, os “Servos” e os “Soldados”.

Apenas no 5.º Quadro é alterada totalmente a personagem a quem são atribuídas as falas, passando os “Soldados” a “Decurião” (inicialmente identificado como “Chefe”, o que poderá ser indicativo do tipo de público a que se destinaria a adaptação dramática).

Uma das correções mais sistemáticas diz respeito, todavia, não à alteração de personagens atribuídas a uma fala, mas apenas à grafia do seu nome. É o caso de “Publius”, que o Conde de Arnoso corrige em duas campanhas distintas: numa primeira fase corrige a preto para “Publiu” e mais tarde altera para “Publio”, a caneta vermelha,

eliminando a forma latina do nome. Ao todo, o nome desta personagem é alterado 31 vezes.

Ortografia – São nove os momentos em que existe variação ortográfica na representação da mesma palavra. Considerando que a primeira Norma Ortográfica do Português data apenas de 1911, e que a sincronia linguística da altura se caracteriza por muitas hesitações e oscilações, considera-se que este tipo de variação acidental não é relevante do ponto de vista genético. Assim, optou-se por não registar em aparato as variantes acidentais ao nível da ortografia, apresentando-se aí somente as que coincidem com a introdução de variantes substantivas.

Maiúsculas – Dentro da ortografia, destacaremos aqui o caso específico da variação no uso de maiúsculas e minúsculas, que ocorre em 40 ocorrências distintas. Destas, dez consistem numa alteração de minúscula para maiúscula observando-se nas restantes a tendência inversa. Embora estas oscilações não se revistam aparentemente de valor retórico, optámos por registá-las no aparato genético, sempre que ocorrem em posição não-inicial de frase.

Pontuação – São 51 os momentos em que os autores optam por introduzir uma interrogação ou uma exclamação, para emprestar maior intensidade expressiva ao texto. 22 dessas ocorrências têm lugar nas passagens em verso e 29 nas passagens em prosa. Em contraponto, existem apenas nove momentos em que os autores converteram uma exclamação em pausa simples (através de ponto final e reticências), retirando assim alguma expressividade ao discurso.

Por outro lado, verifica-se frequentemente o acrescento de vírgula, ponto e vírgula, ponto final, reticências, ou mesmo uma variação entre eles. Em 96 desses momentos, a alteração da pontuação resulta numa pausa do discurso. Em sentido inverso, existem 40 ocorrências em que os autores optaram por retirar sinais de pontuação ou substituir sinais de pausa forte por pontuação fraca. Desses, apenas 12 ocorrem nas passagens em verso, estando as restantes concentradas em momentos de diálogo, o que poderá indicar certa intenção de emprestar ritmo ao discurso das personagens.

Som – Registam-se 16 momentos em que as revisões autorais vêm alterar aspetos articulatorios das palavras. Em seis dessas ocorrências, verificam-se fenómenos

fonológicos de supressão (nomeadamente o uso de apóstrofo na ligação entre preposições e palavras iniciadas por vogal), de forma que não se perca o ritmo da enunciação, enquanto nas restantes se observa o movimento contrário, tornando a articulação clara. Esta preocupação com a dicção dos atores é aliás expressa por Alberto de Oliveira em várias cartas para o Conde de Arnoso, podendo talvez explicar um conjunto de alterações empreendidas pelo poeta ao nível métrico (como a mudança de decassílabos heroicos para versos alexandrinos e vice-versa) e a conseqüente alteração das sílabas tónicas.

Da análise à tabela de variantes no Anexo II podemos extrair ainda algumas conclusões adicionais. Ao longo do texto, regista-se a ocorrência de 195 *correções mediatas*, 25 *correções imediatas*³⁰ e cinco revisões de cronologia incerta, além de vários momentos de *retorno*³¹ (quando os autores num testemunho recuperam formulações usadas inicialmente, mas, entretanto, abandonadas em campanha intermédia).

O que estes dados parecem indicar é que, numa obra redigida em colaboração por autores separados geograficamente, existe maior predisposição para que as revisões pertençam a diferentes campanhas de escrita. Também a distância e, conseqüentemente, o tempo que demorariam a contactar-se poderá explicar o facto de as *revisões verticais*,³² implicando uma alteração mais profunda no texto, ocorrerem sobretudo nas passagens em verso, redigidas por Alberto de Oliveira (15 ocorrências no total). Admitindo que a redação de Alberto de Oliveira demorasse mais tempo a produzir-se, por força do atraso na comunicação, é compreensível que este autor procedesse a revisões mais substanciais, acabando por desistir de muito do trabalho composto previamente.³³

Assim, por exemplo, nos Coros de Entrada do 1.º Quadro, seis quadras que figuravam no manuscrito A1 (introduzindo no drama as personagens Lavradores, Semeadores e Pobres) acabaram excluídas por Alberto de Oliveira nos testemunhos B e C. Também nos Coros do 2.º Quadro, Alberto de Oliveira começou por enviar 15 dísticos

³⁰ Embora Ivo Castro empregue a designação “*emendas imediatas*, feitas em curso de escrita” e “*emendas mediatas*, que ocorrem em momento posterior à escrita do texto” (Castro 2007: 73), preferimos usar o termo *correções imediatas e mediatas*, para acautelar a distinção fundamental entre *correções* (autorais) e *emendas* (editoriais). O mesmo filólogo defende, aliás, “a vantagem de designar as lições que se sucedem num ponto dos testemunhos autógrafos como *correções* ou *revisões*, e não como *emendas*, termo a reservar para intervenções do editor” (Castro 2013: 181).

³¹ O termo é usado por Ivo Castro, para referir uma “substituição que se arrepende e recua até ao ponto de partida” (Castro 2007: 79).

³² Tanselle 1990: 53.

³³ “Eu emendo sempre e infatigavelmente, e emendo em geral bem. Depois de tudo prompto, darei uma demão cuidadosa aos meus versos, e farei as modificações que V. me lembrar.” Vd. E32/2519 – Transcrição VIII.

a 29 de outubro³⁴ (Testemunho A1), dos quais apenas 10 foram mantidos em B e C. Por outro lado, a adaptação empreendida pelo poeta não contemplava inicialmente a Canção do Velho Adivinho (que aparece referida na correspondência apenas a 17 de outubro³⁵); no Hino ao Sol, Alberto de Oliveira acrescentou posteriormente três estrofes (embora somente a primeira e a segunda tenham sido aproveitadas no impresso), enquanto na Canção da Mãe acrescentou quatro quadras finais (testemunhos A1 e B), suprimindo depois a penúltima estrofe em C. Além disso, a Canção da Filha, que consta nos testemunhos A1, B e B1,³⁶ passou por várias alterações em campanha de revisão introduzida (a vermelho) no testemunho B, remetendo a sua forma final para uma página posteriormente acrescentada com a numeração 22B.

Quanto às passagens atribuídas ao Conde de Arnoso, o maior acrescento realizado em B (a vermelho) dá-se no 4.º e 5.º quadros. Podemos ainda situar as principais alterações introduzidas por este autor em três níveis: personagens, ação e referências bíblicas. Note-se sobretudo que, no testemunho impresso, Jesus surge apenas em cena no último momento (ao contrário do que acontecia no conto e nos manuscritos da adaptação), sendo referido como “Rabi”, “Doce Rabi”, “Nazareno”, “Messias”, “Rabi de Nazaré” ou “Rabi Maravilhoso”.

		O Suave Milagre!			Manuscrito A			Manuscrito B
1 e A t o	P - 2	Homem de olhos ardentes.	1 e Q	Homens; Mulheres; Pastores; Viandante.	1 e Q	Homens; Mulheres; Pastores; Velho Adivinho; Viandante.		
		Rumor sobre um Rabi Formoso que salvará a terra.		Diálogo entres os pastores.		Diálogo entres os Pastores e as Mulheres; Cantiga do Velho Adivinho; Cantiga do Viandante; Coros de Homens e Mulheres.		
		Ref. Bíblicas: Cura do Leproso; Filha de Jaira.		Ref. Bíblicas: Cura do Leproso; Filha de Jaíro; Filho da viúva; Lázaro Irmão de Martha.		Ref. Bíblicas: Samaritana, Cura do Leproso; Filha de Jaíro; Filho da viúva; Lázaro Irmão de Martha.		
2 e A t o	P - 3 - 4	Velho Obed; Servos.	2 e Q	Obed; Pastores; Mulheres; Servos.	2 e Q	Obed, Pastores, Mulheres, Servos.		
		Obed ordena aos servos que procurem Jesus.		Diálogo entre Obed e Pastores.		Diálogo entre Obed, Pastores e Mulheres; Coros.		
						Ref. Bíblicas: Bodas de Cana; Paraplégico.		

³⁴ E32/2520 – Transcrição IX.

³⁵ Vd. E32/2514 – Transcrição IV.

³⁶ Enviado a 8 de dezembro de 1901. Vd. Transcrição XII.

P 5 - 7	Servos; Pescador; Essénio; Cameleiros; Fariseu Sombrio.	Obed; Pastores; Pescador; Essénio; Cameleiros; Fariseu Sombrio.	Obed; Pastores; Mulheres, Pescador, Essénio, Cameleiros; Fariseu Sombrio.
	Relato da viagem dos Servos em busca de Jesus.	3 º Q Diálogo entre Obed e Pastores, Diálogo entre Obed Pastores e Servos;	3 º Q Diálogo entre Obed e Mulheres; Diálogo entre Obed Pastores e Servos; Parábolas de Jesus.
	Ref. Bíblicas: Demónios da Tecedeira; Homem degolado por Barrabás.	Ref. Bíblicas: Demónios da Tecedeira; Homem degolado por Barrabás.	Ref. Bíblicas: Nathanael; Demónios da Tecedeira; Homem degolado por Barrabás.
3 º A t o 8 - 9	Publio; Filha; Legionário; Mercadores; Soldados; Mulheres; Peregrinos; Virgens; Solitários;	Idem. + Camarada; Servos; Escravos; Escravas.	Idem.
	Mercadores; Fenícios; Gente do Campo; Pastores da Idumeia; Velhas.	4 º Q Diálogo entre Camarada e Publio; Entram os Mercadores; Diálogo entre Publio e Filha; Soldados partem.	4 º Q Diálogo entre Camarada e Publio; Entram os Mercadores; Filha + Camarada e Filha + Escrava (a vermelho); Canção da Filha; Diálogo entre Publio e filha; Soldados partem.
	Publio ordena aos soldados que procuram Jesus.		
4 º A t o 1 - 1 P 1 - 2 - 5	Soldados; Sacerdote; Publio.	Chefe; Soldados; Sacerdote.	Decuriões; Soldados; Sacerdote.
	1 Soldados em busca de Jesus encontram o Sacerdote.	5 º Q Diálogo entre Chefes e Soldados.	5 º Q Diálogo entre Decuriões (zona a vermelho antes dos Soldados); Soldados vão acordando; Canção do Sacerdote.
	1 Ref. Bíblicas: Transformar a água em vinho.	Ref. Bíblicas: Transformar a água em vinho.	Referência Bíblicas: Transformar a água em vinho
	P Viúva; Filho; Mendigo; Jesus.	Viúva; Filho; Mendigo; Jesus.	Viúva; Filho; Mendigo; Jesus.
	1 Mãe e Filho conversam; 2 Mendigo bate à porta; Jesus aparece.	6 º Q Mãe e Filho conversam; Mendigo bate à porta; Jesus aparece.	6 º Q Mãe e Filho conversam; Canção da Mãe; Mendigo bate à porta; Jesus aparece.
1 Ref. Bíblicas: De um pão fazia sete.	Ref. Bíblicas: De um pão fazia sete.	Ref. Bíblicas: De um pão fazia sete.	

Outras conclusões poderiam talvez extrair-se dos dados textuais apresentados no aparato genético e na tabela de variantes sistematizada no fim desta dissertação. Diremos apenas que é evidente a preocupação de os autores adequarem o seu texto à finalidade da representação teatral, acentuando a expressividade linguística e o dinamismo das cenas,³⁷ mas também o cuidado em honrar a homenagem a Eça de Queirós, mantendo-se fieis ao texto de partida e acentuando a solenidade religiosa da obra.

³⁷ De resto, não é indiferente que a correspondência de Alberto de Oliveira para o Conde de Arnos apresente várias propostas para emprestar maior dinamismo ao texto, sobretudo quando ainda se julgava que a adaptação dramática seria para uma representação de marionetas. Vd. transcrição II no Anexo documental da nossa edição.

2.2 Fontes exogenéticas

O estudo da génese de uma adaptação dramática não pode deixar de ter em consideração as fontes em que a obra se baseia. No caso em apreço, o texto de partida é um conto que Eça de Queirós publicou em três versões distintas:

Eça de Queirós. “Outro Amável Milagre”. In *Um Feixe de Penas* (ed. Maria Amália Vaz de Carvalho). Lisboa: Tipografia de Castro & Irmão, 1885, pp. 93-100.

Eça de Queirós. “Um Milagre”. *Revista Cor de Rosa*, 5 de fevereiro de 1897.

Eça de Queirós. “O Suave Milagre”. *Revista Moderna*. Paris. Ano 11. n.º 25 (dezembro de 1898), pp. 49-51.

Como Luiz Fagundes Duarte demonstrou na sua edição de 2002,³⁸ as três versões do conto apresentam diferenças notórias em termos de dimensão do texto. A primeira versão, *Outro Amável Milagre*, tem uma extensão de seis páginas, a versão intitulada *Um Milagre* condensa a narrativa em apenas duas páginas, enquanto a terceira versão, *O Suave Milagre!*, se prolonga por dez páginas. Existem também diferenças evidentes no título do conto, na ordem por que é apresentada a narrativa e nos nomes atribuídos a alguns lugares e personagens, sendo que apenas na versão publicada em 1898 surgem intervenções dos mercadores e do Mendigo:

Na verdade, de OAM para OSM, não ocorre tão-somente o acrescento de alguns pormenores narrativos. Acontece muito mais do que isso: não só se enriquece o conto com particularidades de ordem narrativa ou descritiva que o tornam ainda mais fascinante; como, por plausíveis razões fônicas ou outras, se substituem alguns nomes de povoações ou de pessoas (mais de topónimos que de antropónimos); se trocam, por vocábulos ainda mais adequados, este ou aquele substantivo ou adjetivo, este ou aquele verbo ou advérbio.³⁹

Vários especialistas debruçaram-se já sobre a génese textual deste conhecido conto de Eça de Queirós, embora não exista uma opinião consensual sobre a cronologia da escrita e o modo como as três versões autorais se relacionam entre si. Para efeitos da

³⁸ Queirós 2002.

³⁹ Alvim 2007: 42.

nossa análise, limitar-nos-emos a reproduzir a sistematização apresentada por Manuel Alvim, na sua dissertação de mestrado:

Acontece que, conhecida mais recentemente do grande público, a versão UM tem sido considerada uma versão intermédia entre as outras duas: teria resultado de uma redução da versão OAM, de cuja ampliação teria por seu turno nascido a versão OSM. Estamos, porém, em crer que só aparentemente assim é – e que o que se terá passado na mente criadora e incessantemente criativa de Eça obedeceu a um percurso que não o que poderia sugerir a cronologia das publicações. (...) Para que o texto de UM constituísse uma versão *intermédia*, relativamente a OAM e OSM, importaria a lógica que ele se situasse, no plano da criação literária, senão a meio caminho, pelo menos em um concreto ponto do caminho que vai do texto da versão OAM ao texto da versão OSM. Não é, porém, isso que acontece. O texto de UM surge, antes, na parte final da versão OAM – e, obviamente, como fazendo parte integrante do texto desta última versão –, o que, em nosso entender, [...] não constitui argumento para invalidar a hipótese, que avançamos, de que o mesmo terá consubstanciado, pelo menos no que tange à íntima ideação criativa de Eça, um primeiro assomo, uma primeira materialização, da 'bíblica' narrativa do 'Milagre'.⁴⁰

Tendo Eça de Queirós dado à estampa três versões bastante diferentes deste conto, deve perguntar-se em qual delas se basearam Alberto de Oliveira e o Conde de Arnos e se, em momentos diferentes da composição, os adaptadores recorreram a versões distintas da obra de partida. Pelas semelhanças evidentes ao nível do título, facilmente se intui que os dois amigos terão recorrido à versão intitulada *O Suave Milagre*, mas é sobretudo o facto de a adaptação dramática adotar todos os nomes de lugares e personagens que aparecem na versão publicada em 1898 – e nenhum dos topónimos e antropónimos das versões anteriores do conto – que nos confirma terem os adaptadores baseado o seu trabalho apenas na última lição do texto de Eça. A esta evidência podemos acrescentar o facto de nas primeiras versões do conto só ocorrer discurso direto naquela que pode ser considerada a terceira subnarrativa (a da Mãe e do Filho), enquanto na terceira versão do conto e no texto dramático surgem antes disso momentos de diálogo na narrativa de Obed e na de Publio (respetivamente a do Fariseu e do Sacerdote). De resto, o Conde de Arnos reproduz integralmente sete falas pertencentes à terceira versão do conto (cinco das quais iniciam com a interjeição “Oh”), confirmando em definitivo que *O Suave Milagre* (1898) foi o texto de partida para esta adaptação.

Devemos, no entanto, assinalar outra fonte exogenética (esta também comum ao conto de Eça de Queirós), de que os autores se serviram, sobretudo nas passagens em prosa redigidas pelo Conde de Arnos. O recurso aos textos bíblicos para relatar as

⁴⁰ Alvim 2007: 38. O autor usa as abreviaturas UM, OAM e OSM para designar os títulos das versões do conto; respetivamente “Um Milagre”, “Outro Amável Milagre” e “O Suave Milagre”.

histórias de Jesus é aliás explicitamente referido na correspondência trocada pelos dois adaptadores:

Lembrei-me que nos será de muita utilidade para reler uma boa ideia para a peça, ver a grande edição da bíblia admiravelmente ilustrada pelo Tissot, que se publicou há anos e de que creio que El-Rei tem um exemplar. As próprias ilustrações nos sugerissem cenas a fazer ahi.⁴¹

A leitura de qualquer evangelho do novo testamento refrescar-lhe-ia a memoria e sugerir-lhe-ia coisas novas.⁴²

Não é possível garantir que tenha sido este o exemplar ou a edição usada pelo Conde de Arnoso, mas é certo que algumas passagens no texto dramático são retiradas dos livros sagrados, sobretudo do Novo Testamento. Além dos seis milagres relatados pelas várias personagens ao longo do conto, é possível identificar, no texto dramático, outros nove momentos retirados dos Evangelhos de São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João, bem como uma pequena referência do Livro de Daniel. Desses nove, dois surgem já no conto, mas em momentos diferentes da narrativa.⁴³

Observando-se inequívocas semelhanças textuais entre a Bíblia, o conto e o texto dramático, impõe-se aqui a identificação de algumas passagens, organizadas em 14 blocos.

1.º Bloco

Arnoso 1902: *Suave Milagre*, 1º Ato; 1º Quadro; Cena 1.^a

“2ª Mulher

Contou que na fonte de Jacob, á beira do poço, um homem lhe pedira de beber. E como reconhecesse um judeu, a Samaritana admirou-se que alguma coisa lhe pedisse, mesmo agua. Docemente, respondeu: Se conhecesses a graça de Deus e soubesses quem é aquelle que te pede de beber, talvez fosses tu que lhe pedisses uma agua muito viva que te daria e que sacia para sempre a sêde. E como a Samaritana sorrisse incredula e apontasse o poço fundo, sem concha com que pudesse tirar agua, elle, então, referiu-lhe todos os segredos da sua vida, ainda os que mais occultos tinha no coração.”

Figueiredo 1885. João 4: 5-14

“Veio pois a huma Cidade de Samaria, que se chamava Sicar: junto da herdade, que tinha dado Jacob a seu filho José. Ora alli havia hum poço, chamado a fonte de Jacob. Fatigado pois do caminho, estava Jesus assim sentado sobre a borda do poço. Era isto quasi á hora sexta. Veio huma mulher de Samaria a tirar agua Jesus lhe disse: Dá-me de beber. (Porque seus Discipulos tinham ido á Cidade a comprar mantimento.) Mas aquella mulher Samaritana lhe disse: Como sendo tu Judeo, me pedes de beber a mim, que sou mulher Samaritana? porque os Judeos não se communicão com os Samaritanos. Respondeo Jesus, e disse-lhe: Se tu conhecêras o dom de Deos, e quem he o que te diz: Dá-me de beber: tu certamente lhe

⁴¹ E32/2500 - Transcrição I.

⁴² E32/2504A - Transcrição II.

⁴³ Vd. Bloco 2 e 13; Bloco 4 e 11.

pedíras, e elle te daria a ti da agua viva. Disse-lhe a mulher: Senhor, tu não tens com que a tirar, e o poço he fundo: onde tens logo essa agua viva? És tu porventura maior do que nosso pai Jacob, que foi o que nos deo este poço, do qual tambem elle mesmo bebeo, e seus filhos, e seus gados? Respondeo Jesus, e disse-lhe: Todo aquelle que bebe d'esta agua, tornará a ter sede: mas o que beber da agua, que eu lhe hei de dar, nunca jámais terá sede: mas a agua, que eu lhe der, virá a ser nelle huma fonte d'agua, que salte para a vida eterna.”

Neste excerto, a 2.^a Mulher narra o encontro entre a Samaritana e Jesus à beira do poço de Jacob. Embora não se verifique uma cópia textual da passagem bíblica e a adaptação dramática transforme o discurso direto em indireto, parece claro o uso desta fonte exogenética.

2.º Bloco

Arnoso 1902: Suave Milagre, 1º Ato; 1º Quadro; Cena 1.^a

“VIANDANTE

Para os que estão ainda distantes

Aproximae-vos, abeirae-vos de mim. *Pausa* A vida é triste, mas uma nova aurora vem raiando que afastará todas as desgraças. Um novo propheta, um Rabbi formoso, percorre já os campos e as aldeias da Galiléa, predizendo a chegada do Reino de Deus, curando todos os males humanos.”

“VIANDANTE

Esse Rabbi formoso, na estrada de Magdala, sarou da lepra o servo d'um decurião romano, só com o estender sobre elle a sombra das suas mãos. E n'outra manhã, atravessando n'uma barca para a terra dos Gerasenios, onde começava a colheita do balsamo, ressuscitou a filha de Jaïro, o homem consideravel e douto que comenta os Livros na Synagoga. Ao chegar á cidade de Naïm deparou-se-lhe um enterro. Era o filho unico d'uma pobre viuva que a chorar seguia o esquife, banhada em afflictivo pranto. O Rabbi, ao vê-la, acercou-se d'ella e disse-lhe: - «Não chores» - e abeirando-se do esquife mandou levantar o morto, que a soluçar se abraçou á mãe.

“VIANDANTE

Um homem que embarcando para um logar deserto, ali se viu seguido por grande multidão e de cinco pães e dois peixes, que era tudo quanto havia, distribuiu pão e peixes a mais de cinco mil pessoas. E como o quizessem acclamar Rei, aproveitando as sombras da noite, retirou-se para Capharnaum. E, em Bethania, com uma palavra, uma só: «Levanta-te!» - ressuscitou a Lazaro, o irmão de Martha.”

“1.^a MULHER

E que vae caminhando, ladeando-o como as sombras de duas torres as sombras de Gog e de Magog?

VIANDANTE

Toma uma bilha do hombro d'uma mulher, vae a leval-a à bocca, mas quando já está perto entrega-lh'a sem beber. Toma o cajado e sacudindo a cabeça mette pensativamente por sob o aqueducto, sumindo-se na espessura das amendoreiras em flor.”

Queirós 1898: O Suave Milagre!, 49

“Uma tarde um homem de olhos ardentes e deslumbrados, passou no fresco valle, e annunciou que um novo Propheta, um Rabbi formoso, percorria os campos e as aldeas de Galileia predizendo a chegada do Reino de Deus, curando todos os males humanos. E em quanto descanzava, sentado á beira da *Fonte dos Vergéis*, contou ainda que esse Rabbi, na estrada de Magdala, sarara da lepra o servo d'um Decurião Romano, só com o estender sobre elle a sombra das suas mãos; e que n'outra manhã, atravessando

n'uma barca para a terra dos Gerasenios, onde começava a colheita do balsamo, ressuscitara a filha de Jaira,⁴⁴ homem considerável e douto que comentava os Livros na Synagoga. E como em redor, assombrados, ceareiros, pastores, e as mulheres trigueiras com a bilha no hombro, lhe perguntassem se esse era em verdade o Messias de Judea, e se deante d'elle refulgia a espada de fogo, e se o ladeavam, caminhando como as sombras de duas torres, as sombras de Gog e Magog – o homem, sem mesmo beber d'aquella agoa tão fria de que bebera Josué, apanhou o cajado saccudiu os cabellos, e mettu pensativamente por sob o Aqueducto, logo sumido na espessura das amendoeiras em flôr.”

Figueiredo 1885. Mattheus 8:1-4; Marcos 1:40-45; Lucas 5:12-16

O episódio do Leproso, referido no conto e reproduzido na adaptação, é narrado nos três evangelhos.⁴⁵

Figueiredo 1885. Mattheus 9:18-26; Marcos 5:21-43; Lucas 8:40-56

O episódio da ressurreição da filha de Jairo é narrado nos três evangelhos, embora em Mateus nunca surja o nome Jairo, este apenas é referido como Príncipe.

Figueiredo 1885. Lucas 7:11-15

“E aconteceu isto: no dia seguinte caminhava Jesus para huma Cidade chamada Naim: e hião com elle seus Discipulos, e muito povo. E quando chegou perto da porta da Cidade, eis-que levavão hum defunto a sepultar, filho unico de sua mãe, que já era viuva: e vinha com ella muita gente da Cidade. Tendo-a visto o Senhor, movido de compaixão para com ella, disse-lhe: Não chores. E chegou-se, e tocou no esquife. (Pararão logo os que o levavão.) Então disse elle: Moço, eu te mando, levanta-te. E se sentou o que havia estado morto, e começou a fallar. E Jesus o entregou a sua mãe.”

Figueiredo 1885. Mattheus 14:13-21; Marcos 6:34-44; Lucas 9:10-17; João 6:1-15

O episódio narra o milagre de Jesus que ao multiplicar de dois pães e cinco peixes alimenta cinco mil pessoas.

Figueiredo 1885. João 11:1-44

Nesta longa passagem é descrita a ressurreição de Lázaro irmão de Martha.

Este bloco textual incorpora no discurso do Viandante ou do “Homem de olhos ardentes e deslumbrados” duas fontes exogenéticas. Uma parte do episódio reproduz literalmente a versão de 1898 do conto de Eça de Queirós, que, por sua vez, remete para a cura do servo leproso e a ressurreição da filha de Jairo narrada nos Evangelhos. Na segunda parte do episódio, a adaptação dramática acrescenta mais três referências bíblicas. A primeira, retirada do Evangelho de São Lucas, relata a ressurreição do filho de uma viúva, sendo que a palavra *esquife* é reproduzida na adaptação. A segunda diz

⁴⁴ Possível erro tipográfico, na tradução bíblica: Jairo. (Figueiredo 1885).

⁴⁵ Eça de Queirós refere este episódio como a cura de um leproso servo de um Centurião romano, através da análise dos três Evangelhos entende-se que se terá baseado na primeira narrativa bíblica, a de São Mateus. O motivo é o facto de ter juntado dois episódios consecutivos, mas distintos, num só. Jesus cura um leproso e posteriormente o servo de um Centurião, os episódios não narram o mesmo milagre. Nos outros dois Evangelhos, não é referida a cura do servo do Centurião, figurando apenas o episódio da cura do leproso. Vd. Figueiredo 1885: Mateus 8:1-13.

respeito ao milagre da multiplicação dos pães e dos peixes, embora sem reproduzir textualmente os Evangelhos, não sendo possível definir em qual dos quatro se baseia. Importa referir que no conto de Eça é feita uma menção a este episódio quando o mendigo conta que *de um pão no mesmo cesto fazia sete*,⁴⁶ como se pode observar no bloco 13. A última referência, retirada do Evangelho de São João, relata a ressurreição de Lázaro, irmão de Marta.

3.º Bloco

Arnosso 1902: *Suave Milagre*, 2º Acto; 2º Quadro; Scena 1.ª

“OBED

É esse maldito vento que sopra das terras d’Assur, vento arido e abrasado que mata as minhas rezes e pelas encostas onde as vinhas se enroscavam ao olmo e se estiravam nas latadas airosas, só deixa em torno dos olmos e dos pilares despídos, sarmentos, troncos lenhosos e a parra roida da crespa ferrugem.”

“OBED

Milagres, não há milagres. Esse Jesus, esse Rabbi que alimenta as multidões, que amedronta os demonios e emenda todas as desventuras, não passa de um feiticeiro, como os que vi na Phenicia, e tão costumados são na Palestina, como Appolonius ou Rabbi Ben-Dossa, ou Simão o Subtil.”

“OBED

Milagres? Feiticeiros sim, que mesmo nas noites tenebrosas conversam com as estrellas, para elles sempre claras e sempre faceis nos seus segredos. Com uma vara afugentam de sobre as searas os moscardos gerados nos lodos do Egypto; e agarrando entre as pontas dos dedos as sombras das arvores, conduzem-n’as como toldos beneficos, para cima das eiras, á hora da sesta. Assim os vi na Phenicia.”

Queirós 1898: *O Suave Milagre!*, 49

“Mas um vento arido e abrazado, esse vento de desolação que ao mando do Senhor sopra das torvas terras d’Assur, matara as rezes mais gordas das suas manada, e pelas encostas onde as suas vinhas se enroscavam ao olmo, e se estiravam na latada airosa, só deixara, em torno dos olmos e pilares despídos, sarmentos, cepas mirradas, e a parra roida de crespa ferrugem. E Obed agachado á soleira da sua porta, com a ponta do manto sobre a face, palpava a poeira, lamentava a velhice, ruminava queixumes contra Deus cruel.

Apenas ouvira porem d’esse novo Rabbi de Galilea que alimentava as multidões, amedrontava os demonios, emendava todas as desventuras — Obed, homem lido, que viajara na Phenicia, logo pensou que Jesus seria um d’esses feiticeiros, tão costumados na Palestina, como Appolonius, ou o Rabbi Ben-Dossa, ou Simão o Subtil. Esses, mesmo nas noites tenebrosas, conversam com as estrellas, para elles sempre claras e faceis nos seus segredos: com uma vara afugentam de sobre as cearas os moscardos gerados nos lodos do Egypto: e agarram entre os dedos as sombras das arvores, que conduzem, como toldos beneficos, para cima das eiras, á hora da sesta.”

Nas passagens acima reproduzidas, a adaptação dramática reproduz textualmente a narrativa de Eça de Queirós, transpondo a voz do narrador para as falas de Obed.

4.º Bloco

⁴⁶ Queirós 1989: 50.

Arnosó 1902: Suave Milagre, 2º Acto; 2º Quadro; Scena 1.ª

“1.ª MULHER

Vós o dizeis, mas nas bodas de Cana, quando ao terminar do festim já não havia vinho e as seis talhas de pedra já não continham água, feitas as abluções e as lavagens, Jesus ordenou que de novo se enchessem, e cheias á vista de todos com água crystalina da fonte, d’ellas transbordou vinho mais puro do que até então se tinha servido.

2.ª MULHER

E na piscina de Jerusalem, ao pobre homem, que, tão doente, mal podia arrastar-se para se lançar á agua, no momento em que ella borbullhava, porque sempre outros menos tropegos o faziam primeiro, Jesus compadecido disse: «Levanta-te, toma a tua enxerga e anda.» – E n’esse instante, doente ha tanto tempo, levantou-se e andou, sem mesmo se banhar. E agora por toda a nossa boa terra, Jesus continua espalhando benções, fazendo milagres.”

Figueiredo 1885. João 2:1-10

“E d’alli a tres dias se celebrarão humas vodas em Caná da Galiléa: e achava-se lá a Mãi de Jesus. E foi tambem convidado Jesus com seus Discipulos para o noivado. E faltando o vinho, a Mãi de Jesus lhe disse: Elles não tem vinho. E Jesus lhe respondeo: Mulher, que me vai a mim, e a ti nisso? ainda não he chegada a minha hora. Disse a Mãi de Jesus aos que servião: Fazei tudo o que elle vos disser. Ora estavam allí postas seis talhas de pedra, para servirem ás purificações, de que usavão os Judeos, que cada huma levavão dous, ou tres almudes. Disse-lhes Jesus: Enchei de agua essas talhas. E enchêrão-nas até cima. Então lhes disse Jesus: Tirai agora, e levai ao Arquitriclino. E elles lha levárão. E o que governava a meza, tanto que provou a agua, que se fizera vinho, como não sabia donde lhe viera, ainda que o sabião os serventes, porque erão os que tinham tirado a agua: chamou ao noivo o tal Arquitriclino, e disse-lhe: Todo o homem põe primeiro o bom vinho: e quando já os convidados tem bebido bem, então lhes apresenta o inferior: Tu ao contrario tiveste o bom vinho guardado até agora.”

Figueiredo 1885. Mattheus 9:1-8; Marcos 2:1-12; Lucas 5:17-26

Os episódios descrevem a cura de um paralítico, mas este nunca se encontra à beira de um tanque ou piscina.

Figueiredo 1885. João 5:1-9

“Depois d’isto era dia d’huma festa dos Judeos, e Jesus subio a Jerusalem. Ora em Jerusalem está o tanque das ovelhas, que em Hebreo se chama Bethsaida, o qual tem cinco alpendres. Nestes jazia huma grande multidão de enfermos, de cégos, de coxos, dos que tinham os membros resicoados, todos os quaes esperavão que se movesse a agua. Porque hum anjo do Senhor descia em certo tempo ao tanque: e movia-se a agua. E o primeiro que entrava no tanque depois de se mover a agua, ficava curado de qualquer doença que tivesse. Estava tambem allí hum homem, que havia trinta e oito annos que se achava enfermo. Jesus, que o vio deitado, e que soube que tinha já muito tempo de enfermo, disse-lhe: Queres ficar são? O enfermo lhe respondeo: Senhor, não tenho homem, que me metta no tanque, quando a agua for movida: porque em quanto eu vou, outro entra primeiro do que eu. Disse-lhe Jesus: Levanta-te, toma a tua cama, e anda. E no mesmo instante ficou são aquelle homem: e tomou a sua cama, e começou a andar. E era aquelle dia hum dia de Sabbado.”

Neste bloco textual, a adaptação dramática acrescenta referências a duas narrativas bíblicas, que não apareciam no conto de Eça, pelo menos de forma literal. A primeira é o episódio das Bodas de Caná, no Evangelho de São João. Em Eça de Queirós surge uma pequena referência à transformação da água em vinho, conforme transcrito no bloco 11. A segunda incorpora o episódio do Paralítico curado por Jesus, que aparece

referida de diferentes formas nos quatro Evangelhos, podendo afirmar-se que os adaptadores se basearam no Evangelho de São João, pois apenas este situa o acontecimento num tanque, sendo que os adaptadores empregam a palavra *piscina*.

5.º Bloco

Arnoso 1902: *Suave Milagre*, 2º Acto; 2º Quadro; Cena 1.ª

“OBED

Feiticeiros... Jesus de Galiléa, mais novo que os que vi na Phenicia, terá talvez magias mais viçosas.

1.º PASTOR

Se cura homens porque não curará os vossos gados? Se muda a agua em vinho porque não fará reverdecer as vossas vinhas?”

Queirós 1898: *O Suave Milagre!*, 49

“Jesus de Galilea, mais novo, com magias mais viçosas, de certo, se elle largamente o pagasse, sustaria a mortandade dos seus gados, reverdeceria os seus vinhedos.”

Mais uma vez, pode verificar-se que a adaptação dramática reproduz quase integralmente o texto de Eça de Queirós.

6.º Bloco

Arnoso 1902: *Suave Milagre*, 2º Acto; 3º Quadro; Cena 1.ª

“2.ª MULHER

Brincar?.. Escuta. Era na colheita dos figos, perto do caminho que ladeia o lago entre Magdala e Bethsaida; os tapetes, sob os nossos corpos, estendiam-se debaixo das ensombradas figueiras carregadas de fructos. Eramos um rancho alegre. O calor outoniço cahia ainda pesado do ar; amphoras cheias de frescas bebidas pousavam ao nosso lado: as aves, nos ramos, cantavam alegremente. Nathanael com a cabeça encostada ao forte tronco da figueira a que nos abrigavamos, deixava-se prender pelos meus feitiços, pelos meus encantos, esquecendo já os que junto a nós, na alegre festa da colheita, descansavam tambem. A sua mão apertava ternamente a minha, e eu murmurava palavras d’amor que elle ouvia deleitado. De repente, no mais ardente dos protestos que já trocavamos, a sua mão desprendeuse da minha e a sua cara transformou-se, n’uma tal fixidez de expressão que me aterrava. Segui o seu olhar e apenas descortinei na prega do valle distante, homens que lentamente passavam seguindo um outro, todo vestido de branco, que caminhava na frente. Desappareceram. Em volta de nós, no bando alegre, havia ainda mais risadas, só Nathanael, alheado, mudo, conservava no olhar illuminado uma expressão extranha. Como de novo o quizesse attrahir a mim, repelliu-me. Levantou-se e deixou-nos.

1.ª MULHER

Assim como um viandante que se desvia d’um mau caminho.

2.ª MULHER

Dias depois, uma das minhas companheiras affirmou-me que fôra realmente o Rabbi que com os seus discipulos passara junto a nós, e que Nathanael o seguira e pelo Rabbi fôra abençoado. Nunca ninguem mais o viu. Por isso choro e o meu coração se despedaça.”

Figueiredo 1885. João 1: 43-51

“No dia seguinte quiz Jesus ir a Galiléa, e achou lá a Filippe. Disse-lhe então: Segue-me: e era Filippe natural da Cidade de Bethsaida, donde tambem o era André, e Pedro. Encontrou Filippe a Nathanael, e disse-lhe: Saberás que achámos aquelle, de quem fallou Moyses na Lei, e de quem escrevêrão os Profetas, a saber, Jesus de Nazareth, Filho de José. E Nathanael lhe disse: de Nazareth pôde sahir cousa que boa seja? Disse-lhe Filippe: Vem, e vê. Vio Jesus a Nathanael, que vinha a buscallo, e disse d’elle: Eis-aqui hum verdadeiro Israelita, em quem não ha dólo. Perguntou-lhe Nathanael: Donde me conheces tu? Respondeo Jesus, e disse lhe: Primeiro que Filippe te chamasse, te vi eu, quando estavas debaixo da figueira. Nathanael lhe respondeo, e disse: Mestre, tu és o filho de Deos, tu és o Rei d’Israel. Jesus respondeo, e disse-lhe: Porque eu te disse, que te vi debaixo da figueira, crês: maiores cousas que estas verás. Tambem lhe disse: Na verdade, na verdade vos digo, que vereis o Ceo aberto, e os Anjos de Deos subindo, e descendo sobre o Filho do Homem.”

Embora a adaptação dramática não reproduza textualmente este episódio narrado no Evangelho de São João, pode considerar-se que o Conde de Arnoso aproveita no seu texto a viagem de Jesus e o facto de Nathanael ter sido visto por ele, debaixo de uma figueira. Considerando que não existem indícios de que o resto da história, narrado pela 2.^a Mulher, seja baseado nalgum relato bíblico, podemos supor que, a esta narrativa secundária, tenha sido acrescentada a nota amorosa para de alguma forma demonstrar o poder do “sulco luminoso” de Jesus, que leva Nathanael a abandonar o seu namoro para seguir com o grupo.

7.º Bloco

Arnoso 1902: *Suave Milagre*, 2º Acto; 3º Quadro; Scena 1.^a

“1.º PASTOR

Um dia, na frescura d’uma manhã macia, o lago de Tiberiade resplandeceu diante de nós, transparente, coberto de silencio, mais azul que o ceu, todo orlado de prados floridos, de densos vergeis, de rochas de porphiro, sob o vôo das rôlas. A um pescador que desamarrava preguiçosamente a sua barca d’uma ponta de relva, assombrada de aloendros, perguntámos pelo Rabbi de Nazareth. Escutou-nos sorrindo e disse: «O Rabbi de Nazareth? Oh! desde o mez de Ijar, o Rabbi descera, com os seus discipulos para o lado para onde o Jordão leva as aguas».

1.º SERVO

E nós, correndo, seguimos pela margem do rio, até adeante do vau, onde elle se estira n’um largo remanso, e descança, e um instante dorme, immovel e verde, á sombra dos tamarindos. Ahí, um homem da tribu dos Essenios, todo vestido de linho branco, apanhava lentamente hervas saltares, pela beira da agua, com um cordeirinho branco ao collo. Humildemente o saudámos, porque nós, senhor, amamos aquelles homens de coração tão limpo e claro e candido como as suas vestes cada manhã lavadas em tanques purificados. E perguntámos-lhe...

OBED

E o que respondeu esse homem?

2.º SERVO

Murmurou que o Rabbi atravessara o Oasis de Engadi e depois se adiantara para alem...

OBED

Mas onde, «alem»?

1.º PASTOR

Essa mesma pergunta fizemos, e o bom do Essenio, movendo um ramo de flôres roxas que colhera, mostrou as terra d'Alem-Jordão, a planície de Moab.

OBED

E deixastes-vos ficar?

3.º SERVO

Não, Senhor. Vadeámos o rio, e debalde procurámos Jesus, arquejando pelos rudes trilhos, até ás fragas onde se ergue a cidadella sinistra de Makaur...

1.º PASTOR

No poço de Jacob repousava uma larga caravana, que conduzia para o Egypto, myrrha, especiarias, e balsamos de Gilead. Os cameleiros, tirando a agua com os baldes de coiro, contaram-nos que em Gádara, pela lua nova, um Rabbi maravilhoso, maior que David ou Isaias, arrancára sete demonios do peito d'uma tecedeira, e que á sua voz, um homem degolado pelo saltador Barrabás se erguera da sua sepultura e recolhera ao seu horto.

OBED

Tão perto estavam, e porque não continuaram?

4.º SERVO

Continuámos, sim, e, esperançados, subimos logo açodadamente pelo caminho dos Peregrinos até Gádara, cidade d'altas torres, e ainda mais longe até ás nascentes do Amalha.

OBED

E o Rabbi?

1.º PASTOR

Jesus, n'essa madrugada, seguido por um povo que cantava e sacudia ramos de mimosa, embarcara no lago, n'um batel de pesca, e á vela vogara para Magdala.

AS MULHERES

Umás para as outras batendo as mãos

É o Messias, é o Messias. Temos o Messias na terra.

OBED

Calae-vos! Deixae-me ouvir. Dizei, dizei.

1.º PASTOR

Descorçoados, de novo passámos o Jordão na ponte das filhas de Jacob. Um dia, já com as sandalias rotas dos longos caminhos, pisando já as terras da Judéa Romana, cruzámos um phariseu sombrio, que recolhia a Ephraim, montado na sua mula. Com devota reverencia detivémos o homem da Lei. Encontrára elle por acaso esse Propheta novo de Galiléa que, como um Deus passeiando na terra, semeava milagres?

OBED

E o homem da Lei?

1.º PASTOR

Escoreceu de repente, com a sua face adunca enrugada, e a sua colera tombou sobre nós como um tambor orgulhoso: Oh! escravos pagãos! Oh! blaphemos! onde ouvistes que existissem prophetas ou milagres fóra de Jerusalem? Só Jeovah tem força no seu templo. De Galiléa surdem os nescios e os impostores. *As mulheres protestam n'um longo murmúrio.*

OBED

Calae-vos!

1.º PASTOR

E como recuassemos ante o seu punho erguido, todo enrodilhado de disticos sagrados, apedrejou-nos uivando: «Racca! Racca!» e todos os anathemas rituaes.”

Queirós 1898: O Suave Milagre!, 49-50

“Depois, na frescura d’uma manhã macia, o lago Tiberiade, resplandeceu deante d’elles, transparente, coberto de silencio, mais azul que o ceu, todo orlado de prados floridos, de densos vergeis, de rochas de porphiro, e de alvos terrassos por entre os palmares, sob o voo das rôlas. Um pescador que desamarrava preguiçosamente a sua barca d’uma ponta de relva, assombreada d’aloendros, escutou, sorrindo, os servos. O Rabbi de Nazareth? Oh! desde o mez de Ijar, o Rabbi descera, com os seus discipulos, para os lados para onde o Jordão leva as agoas.

Os servos, correndo, seguiram pelas margens do Rio, até adiante do Vau, onde elle se estira n’um largo remanso, e descança, e um instante dorme, immovel e verde, á sombra dos tamarindos. Um homem da tribu dos Essenios, todo vestido de linho branco, apanhava lentamenteervas salutarees, pela beira da agua, com um cordeirinho branco ao collo. Os servos humildemente saudaram-o, por que o povo ama aquelles homens de coração tão limpo, e claro, e candido como as suas vestes cada manhã lavadas em tanques purificados. E sabia elle da passagem do novo Rabbi de Galilea, que como os Essenios ensinava a doçura, e curava as gentes e os gados? O Essenio murmurou que o Rabbi atravessara o Oasis de Engaddi, depois se adeantara para alem... — Mas onde, «alem»? — Movendo um ramo de flores roxas que colhera, o Essenio mostrou as terras d’Além Jordão, a planície de Moab. Os servos vadearam o rio — e debalde procuraram Jesus, arquejando pelos rudes trilhos, até ás fragas onde se ergue a cidadella sinistra de Makaur... No Pôço d’Yakob repousava uma larga caravana, que conduzia para o Egipto, myrra, especiarias e balsamos de Gilead: e os camelieiros, tirando a agoa com os baldes de couro, contaram aos servos de Obed que em Gadara, pela lua nova, um Rabbi maravilhoso, maior que David ou Isaias, arrancara sete demonios do peito d’uma tecedeira, e que á sua voz, um homem degolado pelo salteador Barrabas se erguera da sua sepultura e recolhera ao seu horto. Os servos, esperançados, subiram logo açodadamente pelo caminho dos Peregrinos ate Gadara, cidade d’altas torres, e ainda mais longe até ás Nascentes de Amalha... Mas Jesus, n’essa madrugada, seguido por um povo que cantava e sacudia ramos de mimosa, embarcara no Lago, n’um batel de pesca, e á vela vogara para Magdala. E os servos d’Obed descorçoados, de novo passavam o Jordão na Ponte das Filhas de Jacob. Um dia, já com as sandalias rotas dos longos caminhos, pisando já as terras da Judea Romana, crusaram um Phariseu sombrio, que recolhia a Ephraim, montado na sua mula. Com devota reverencia detiveram o homem da Lei. Encontrara elle por acaso esse Propheta novo de Galilea que, como um Deus passeando na terra, semeava milagres? A adunca face do Phariseu escureceu enrugada — e a sua colera tumbou como um tambor orgulhoso:

- Oh escravos pagãos! Oh blasphemos! Onde ouvistes que existissem profetas ou milagres fora de Jerusalem? Se Jehovah tem força no seu Templo. De Galilea surdem os nescios e os impostores...

E como os servos recuavam ante o seu punho erguido, todo enrodilhado de disticos sagrados — o furioso Doutor saltou da mula, e, com as pedras da estrada, apedrejou os servos de Obed, uivando, *Racca! Racca!* E todos os Anathemas rituaes.”

Figueiredo 1885. Marcos 16: 9; Lucas 8: 1-2

Surge nestes dois Evangelhos, ao falar-se de Maria Madalena, uma pequena referênciã ao facto de ser aquela a quem Jesus tirara sete demónios.

Neste sétimo bloco, de extensão considerável, os adaptadores reproduzem mais uma vez o conto de Eça de Queirós, quase literalmente. Ao contrário do que se observa noutras passagens, todavia, optaram aqui por atribuir o texto a várias personagens em diálogo, imprimindo dinamismo à cena. No conto, são ainda narrados dois milagres de Jesus, dos quais apenas um se encontrou na Bíblia com algumas diferenças. Nos Evangelhos de São Marcos e São Lucas surge uma pequena referênciã a Maria Madalena como a mulher a quem Jesus expulsa sete demónios.

8.º Bloco

Arnosso 1902: *Suave Milagre*, 3º Acto; 4º Quadro; Scena 1.ª

“CAMARADA

Comtigo andei, Publio, contigo fiz a campanha de Tiberio contra os Parthas; mas vê que diferença entre nós. Eu abandonado, pobre, vivo só da recordação do meu passado feliz. Não tenho soldados. Não commando ninguém.

PUBLIO

Com tristeza

Sim, é certo. Eu commando este forte que domina o valle da Cesarêa, até á cidade e ao mar. Possuo minas na Attica. Sou rico!

CAMARADA

E como se tal te não bastasse, gozas, como favor supremo dos Deuses, a amizade de Flacco, Legado Imperial da Syria.

PUBLIO

É verdade. Mas tudo isso trocava pela doce paz da tua pobreza. Minha filha, a minha filha unica, por mim mais amada que vida ou bens, definha com um mal subtil e lento, estranho mesmo ao saber dos Esculapios e Magicos que mandei consultar a Sidon e a Tyro! Branca e triste como a lua n'um cemiterio, sem um queixume, sorrindo-me pallidamente, definha. Passa horas e horas ali sentada sob aquelle velario, alongando saudosamente os negros olhos tristes, pelo azul do mar de Tyro, por onde navegou de Italia, n'uma galera enfestada.”

“PUBLIO

A sua mocidade é tecida de tristezas. Olha, ás vezes, o legionario da guarda, quando ella ali repousa e uma grande aguia vôa d'aza serena no ceo rutilante, aponta vagarosamente ao alto a flecha e varando-a, a minha querida filha segue um momento a ave, torneando, até bater morta sobre as rochas. Depois, mais triste, com um suspiro, e mais pallida, recomeça a olhar para o mar.”

Queirós 1898: *O Suave Milagre!*, 50

“Por esse tempo, um Centurião Romano, Publius Septimus, comandava o forte que domina o valle de Cesarea, até á cidade e ao mar. Publius, homem aspero, veterano da campanha de Tiberio contra os Parthas, enriquecera durante a revolta de Samaria com prezas e saques, possuia minas na Áttica, e gosava, como favor supremo dos Deuses, a amizade de Flaccus, Legado Imperial da Syria. Mas uma dor roia a sua prosperidade muito poderosa como um verme roe um fructo muito succulento. Sua filha unica, para elle mais amada que vida ou bens, definhava com um mal subtil e lento, estranho mesmo ao saber dos esculapios e magicos que elle mandara consultar a Sidon e a Tyro. Branca e triste como a lua n'um cemiterio, sem um queixume, sorrindo pallidamente a seu pae, definhava, sentada na alta esplanada do forte, sob um velario, allongando saudosamente os negros olhos tristes pelo azul do mar de Tyro, por onde ella navegara d'Italia, numa galera enfestada. Ao seu lado, por veses, um legionario, entre as ameias, apontava vagarosamente ao alto a flecha, e varava uma grande aguia, voando d'aza serena, no ceo rutilante. A filha de Septimus, seguia um momento a ave, torneando, até batter morta sobre as rochas: - depois, mais triste, com um suspiro, e mais pallida, recomeçava a olhar para o mar.”

Mais uma vez, pode verificar-se que a adaptação dramática reproduz literalmente o texto do conto, atribuindo as passagens narrativas às falas das personagens (tal como acontece no bloco anterior), imprimindo dinamismo ao texto dramático.

9.º Bloco

Arnoso 1902: *Suave Milagre*, 3º Acto; 4º Quadro; Cena 2.ª e 3.ª

“SERVO

Mercadores vindos de Chorazim pedem, Senhor, para vos mostrar tapetes, sedas, linhos e perfumes.”

“1.º MERCADOR

Um Rabbi admiravel, tão potente sobre os Espiritos, que sara os males tenebrosos da alma, que resuscita os mortos, sara todas as chagas do corpo e por toda a parte deixa um sulco luminoso nos corações!

PUBLIO

Mas onde está, onde pára esse Rabbi admiravel?

2.º MERCADOR

Percorre a Galileia levando atraz de si multidões fanatisadas que lhe entoam hymnos de louvor.

CAMARADA

Assim ouvi, Publio, e não tem conta os seus milagres; dizem-n’o o filho do homem que Daniel entrevia na sua Visão.

PUBLIO

Para o camarada

Assim ouviste e nada me dizias. Cura os males da alma e sara as chagas dos corpos. Faz milagres e minha filha definha e desfallece e morre! *Para os mercadores*. Contae, contae das suas virtudes.

3.º MERCADOR

Quereis que contemos as areias do mar? De longe vimos e por toda a parte a fama de Jesus, curador de languidos males, crescia em torno a nós, sempre mais consoladora e fresca, como a aragem da tarde que sopra do Hermon e atravez dos hortos reanima e levanta as assucenas pendidas.”

Queirós 1898: *O Suave Milagre!*, 50

“Então, Septimus, ouvindo contar a mercadores de Chorazin, d’este Rabbi admiravel, tão potente sobre os Espiritos, que sarava os males tenebrosos da alma, destacou tres decurias de soldados para que o procurassem por Galilea, e por todas as cidades da Decapola, até á costa e até Ascalon.”

Figueiredo 1885. Daniel 7:13-14

“Eu considerava pois estas cousas numa visão de noite, e eis-que vi hum como o filho do homem, que vinha com as nuvens do Ceo, e que chegou até o Antigo dos dias: e elles o appresentarão diante d’elle. E elle lhe deo o poder, e a honra, e o Reino: e todos os Povos, todas as Tribus, e todas as Linguas o servirão: o seu poder he hum poder eterno, que lhe não será tirado: e o seu Reino tal, que não será jamais corrompido.”

Além adaptar uma passagem do conto de Eça de Queirós a algumas falas, os autores introduzem uma referência às visões de Daniel, descritas no Antigo Testamento.

10.º Bloco

Arnoso 1902: *Suave Milagre*, 4º Acto; 5º Quadro

“2.º DECURIÃO

Temos sido uma verdadeira horda de selvagens. De que nos serviu termos percorrido toda essa estrada que, desde Ceserêa até ao Lago, corta toda a Tetrarchia de Herodes? De noite as nossas armas brilhavam no topo das collinas, por entre a chamma ardente dos archotes, erguidos como uma ameaça tremenda.

1.º DECURIAO

De dia incendiavamos os casaes, rebuscavamos as espessuras dos pomares, esfuracávamos com as pontas das lanças a palha das mêdas, enquanto as mulheres, assustadas, para nos amansar, acudiam com bolos de mel, figos novos e malgas cheias de vinho, que bebiamos d'um trago, sentados á sombra dos sycomoros.

2.º DECURIÃO

Assim, corremos a Baixa Galilêa e do Rabbi só encontramos uma doce esteira luminosa!

1.º DECURIÃO

Foi então que lembrei, e ninguem me tira isto da cabeça, que os judeus sonegam o seu feiticeiro para que Romanos não aproveitem do superior feitiço, e com razão derramámos com tumulto a nossa colera através da piedosa terra submissa.

3.º DECURIÃO

E de nada nos valeu determos á entrada das portas os peregrinos, gritando o nome do Rabbi, e rasgar os veus ás virgens.

1.º DECURIÃO

E á hora em que os cantaros se enchem nas cisternas, invadir as ruas estreitas dos burgos, penetrar nas Synagogas, e batermos feramente com os punhos das espadas nas Thebbas!

2.º DECURIÃO

Levantando os braços ao ceo

Os santos armarios de cedro, que contêm os Livros Sagrados!

3.º DECURIÃO

E arrastar, nas cercanias de Hebron, os solitarios pelas barbas, para fóra das grutas, para lhes arrancar o nome do deserto ou do palmar em que se occulta o Rabbi.

2.º DECURIÃO

E tudo foi inutil! E como se tudo isso não bastasse, até áquelles dous mercadores phenicios que vinham de Joppé com uma carga de malobrato, fizémos pagar por esse delicto cem drachmas a cada um de nós.

3.º DECURIÃO

Roubámos. E como uma horda de barbaros avançámos talando os campos, levando o susto ao centro dos burgos e para que?

1.º DECURIÃO

Para que a gente dos campos, mesmo os bravios pastores da Idumêa, que levam as rezes brancas para o templo, fugissem espavoridos para as serranias, apenas luziam n'alguma volta do caminho as armas do bando violento!

2.º DECURIÃO

E da beira dos eirados, as velhas sacudirem com lategos as pontas dos cabellos desgrenhados, atirando-nos más sortes, invocando a vingança d'Elias.”

Queirós 1898: O Suave Milagre!, 50

“As suas armas, de noite, brilhavam no topo das collinas, por entre a chama ondeante dos archotes erguidos. De dia invadiam os casaes, rebuscavam a espessura dos pomares, esfuracavam com a ponta das lanças a palha das medas: e as mulheres, assustadas, para os amansar, logo accudiam com bolos de mel, figos novos, e malgas cheias de vinho que elles bebiam d'um trago, sentados á sombra dos sycomoros.

Assim correram a Baixa Galilea – e, do Rabbi, só encontraram o sulco luminoso nos corações. Enfastiados com as inúteis marchas, desconfiando que os Judeus sonegassem o seu feiticeiro para que os Romanos não aproveitassem do superior feitiço, derramavam com tumulto a sua colera, através da piedosa terra submissa. À entrada das pontes detinham os peregrinos, gritando o nome do Rabbi, rasgando os veus ás virgens: e á hora em que os cantaros se enchem nas cisternas, invadiam as ruas estreitas dos burgos, penetravam nas Synagogas, e, battiam sacrilegamente com os punhos das espadas nas *Thebahs*, os Santos Armarios de cedro, que continham os Livros Sagrados. Nas cercanias d’Hebron arrastaram os Solitarios pelas barbas, para fóra das grutas, para lhes arrancar o nome do deserto ou do palmar em que se occultava o Rabbi: - e dois mercadores Phenicios que vinham de Joppé com uma carga de malobatro, e a quem nunca chegara o nome de Jesus, pagaram por esse delicto cem drachmas a cada Decurião. Já a gente dos campos, mesmo os bravios pastores de Idumea, que levam as rezes brancas para o Templo, fugião espavoridos para as serranias, apenas luziam, n’alguma volta do caminho, as armas do bando violento. E da beira dos eirados, as velhas sacudiam como talegos a ponta dos cabellos desgrenhados, e arrogavam sobre eles as Más-Sortes, invocando a vingança d’Elias. Assim tumultuosamente erraram até Ascalon: não encontraram Jesus: e retrocederam ao longo da costa, enterrando as sandalias nas areias ardentes.”

Neste bloco textual, os adaptadores convertem novamente um parágrafo do conto de Eça em discurso direto na primeira pessoa. Devemos, no entanto, assinalar uma alteração, na passagem *sacudiam como talegos a ponta dos cabelos* (Luiz Fagundes Duarte, na sua edição de 2002, corrige para *taleigos*), que na adaptação é alterada para *sacudirem com lategos as pontas dos cabellos*.

Observem-se ambas as definições:

Taleigo: 1. Saco pequeno, estreito e comprido; taleiga de dimensões reduzidas. 2. Cesto usado para transportar comida. 3. Medida antiga, equivalente a dois alqueires, usada para secos. 4. Saco que era usado na caça de altanaria para levar o falcão. 5. Saco que continha a comida para três dias, usado pelos homens de armas na idade média.

Látigo: 1. Chicote formado por correias ou cordas entrançadas. 2. Castigo, flagelo. 3. O que incentiva; o que estimula.⁴⁷

A alteração não nos parece resultar de uma mera troca de consoantes, visto que se dá também a substituição da conjunção *como* pela preposição *com*. A introdução desta alteração poderá ter como objetivo reforçar a força e irritação com que as velhas sacudiam os seus cabelos.

11.º Bloco

Arnosó 1902: Suave Milagre, 4º Acto; 5º Quadro

“2.º DECURIÃO

Calae-vos. Que o Sacerdote nos veja como soldados romanos. *Abre-se a porta do Templo e o Sacerdote apparece* Eil-o que surge com a lyra na mão esperando a apparição do sol. Agitem os ramos d’oliveira. *Todos agitam os ramos; dirigindo-se ao Sacerdote*. Conheceis por acaso um novo Propheta que surgiu na Galiléa e tão destro é em milagres que resuscita os mortos e muda a agua em vinho?”

“SACERDOTE

⁴⁷ Casteleiro 2001.

Serenamente, alongando os braços

Oh romanos! Pois acreditaes que em Galiléa ou Judéa appareçam prophetas consumando milagres? Como pôde um barbaro alterar a ordem instituida por Deus?... Magicos e feiticeiros são vendilhões, que murmuravam palavras oucas, para arrebatam a esportula dos simples... Sem a permissão dos Immortaes nem um galho secco pôde tombar da arvore, nem secca folha pode ser saccudida na arvore. Não ha prophetas, não ha milagres... Só Apollo Delphico conhece o segredo das cousas!”

Queirós 1898: O Suave Milagre!, 50

“Um velho, de compridas barbas brancas, coroadado de folhas de louro, vestido com uma tunica côr de açafraão, segurando uma curta lyra de tres cordas, esperava gravemente, sobre os degraus de marmore, a aparição do sol. Debaixo, agitando um ramo de oliveira, os soldados bradaram pelo Sacerdote. Conhecia elle um novo Propheta que surgira em Galilea, e tão destro em milagres que ressuscitava os mortos e mudava a agoa em vinho? Serenamente, alargando os braços, o sereno velho exclamou por sobre a rociada verdura do valle:

- Oh romanos! Pois acreditaes que em Galilea ou Judea appareçam prophetas consumando milagres? Como pode um barbaro alterar a Ordem instituida por Zeus?... Magicos e feiticeiros são vendilhões, que murmuram palavras oucas, para arrebatam a esportula dos simples... Sem a permissão dos Immortaes nem um galho secco pode tombar da arvore, nem secca folha pode ser sacudida na arvore. Não ha prophetas, não ha milagres... Só Apollo Delphico conhece o segredo das cousas.”

A fala do Sacerdote constitui novamente uma cópia quase literal do conto de Eça de Queirós, exceto na oscilação entre as palavras *Zeus* e *Deus*, sobretudo na passagem dos testemunhos A e B para C.⁴⁸ Tendo a peça um teor assumidamente cristão, e estando a sua estreia marcada para a época natalícia, mais significativa se torna esta alteração específica. Surge ainda nesta passagem do conto a referência à transformação da água em vinho, desenvolvido no episódio das Bodas de Caná, conforme se referiu no bloco 4.

12.º Bloco

Arnosso 1902: Suave Milagre, 4º Acto; 6º Quadro; Scena 1.ª

“MÃE

Sim, meu filho. *Acalenta-o um instante.* Enquanto vivo o Pae, ambos nós podiamos bem com a nossa pobreza. Morreu e ficou-me este filho! *Pausa.* Do magro peito a que te creaste, passaste para os farrapos da enxerga apodrecida, onde ha sete annos jazes, mirrado e gemendo. *Olha em volta.* Na lampada de barro ha que tempo já seccou o azeite! Dentro da arca não resta grão ou côdea. A morte desce lentamente sobre nós. N’um estio, já longe, sem pasto, morreu a cabrinha que o Pae nos deixára. Depois, no quinteiro seccou a figueira. Deus meu! que miseria n’esta Terra Escolhida, onde até ás aves maleficas sobra o sustento!”

Queirós 1898: O Suave Milagre!, 50

“O seu filhinho unico, todo aleijado, passara do magro peito a que ella o creara para os farrapos da enxerga apodrecida, onde jazera, sete annos passados, mirrando e gemendo. Tambem a ella a doença a engilhara, dentro dos trapos nunca mudados, mais escura e torcida que uma cepa arrancada. E sobre ambos, espessamente a miseria cresceu como o bolor sobre cacos perdidos n’um ermo. Até na lampada de barro vermelho, seccara ha muito o azeite. Dentro da arca pintada não restava grão ou codea. No estio, sem pasto,

⁴⁸ Vd. nota 695 do aparato genético: por Zeus?... A B por Deus?... C.

a cabra morrera. Depois, no quinteiro, seccara a figueira, Tão longe do povoado, nunca esmola de pão ou mel entrava o portal. E só hervas apanhadas nas fendas das rochas, cosidas sem sal, nutriam aquellas creaturas de Deus na Terra Escolhida, onde até ás aves maleficas sobrava o sustento!”

Embora não se trate aqui de cópia textual, pode verificar-se que a fala da Mãe segue de perto uma passagem do conto de Eça de Queirós, incorporando a referência ao pai e marido que morreu deixando-os sem apoio.

13.º Bloco

Arnosó 1902: Suave Milagre, 4º Acto; 6º Quadro; Scena 2.ª

“MENDIGO

Olhando em redor

Na minha sacola ainda ha um bocado de pão. Deixae-me descançar das minhas feridas. *Apalpando a pedra da lareira apagada.* Aqui mesmo. *Senta-se e coça os farrapos que lhe atam as pernas sobre os artelhos.* Oh! se não fossem estas feridas, que longas caminhadas faria! *Tira da sacola o magro farnel que dá á mãe.*”

“MENDIGO

E no entanto ha uma esperança para os tristes. Na Galiléa appareceu um Rabbi que d’um pão no mesmo cesto faz sete. Ama todas as creancinhas e enxuga todos os prantos. Aos pobres promette um grande e luminoso Reino, de abundancia maior que a côrte de Salomão.

MÃE

E esse doce Rabbi, esperança dos tristes, onde se encontra?

MENDIGO

Ah! esse doce Rabbi! Quantos o desejam que ficam sem esperança! A sua fama anda por sobre toda a Judêa, como o sol que até por qualquer muro se estende e se gosa. Mas para enxergar a claridade do seu rosto, só aquelles ditosos que o seu desejo escolhe.

MÃE

Venturosos esses!

MENDIGO

Obed, tão rico, mandou os seus servos por toda a Galiléa para que procurassem Jesus, o chamassem com promessas a Enganim para lhe sustar a mortandade dos seus rebanhos, para lhe fazer reverdecer as suas vinhas. Publio, tão soberano, destacou os seus soldados, até á costa do mar, para que buscassem Jesus e o conduzissem por seu mando a Cesarêa, para lhe curar a filha unica, que lentamente morria.

MÃE

E então?

MENDIGO

Errando, esmolando por tantas estradas, topei primeiro os servos d’Obed, depois os legionarios de Publio. — E todos voltavam como derrotados, descalços, sem ter descoberto em que matta ou cidade, em que toca ou palacio se escondia Jesus.

MÃE

Ninguem o sabe?

MENDIGO

Sim, os que estão na sua divina graça. Se o encontrasse um dia, como os meus males tambem acabariam! Assim arrasto por toda a parte a minha miseria. É longe d’aqui a Engadi?

MÃE

Tres horas bem andadas.

MENDIGO

Tres horas! Estas minhas pernas, estas minhas pernas! E a tarde que vem cahindo! Talvez ainda lá possa chegar antes da noite; e pelo caminho procurarei encher a minha sacola vazia.

MÃE

Até perto da cidade, difficil vos será encontrar alguém.

MENDIGO

Veremos, veremos. É bom nunca desesperar. *Toma o bordão, sae.*”

Queirós 2002: O Suave Milagre!, 50-51

“Um dia um mendigo entrou no casebre, repartio do seu farnel com a mãe amargurada, e um momento sentado na pedra da lareira coçando as feridas das pernas, contou d’essa grande esperança dos tristes, esse Rabbi que apparecera em Galilea, e de um pão no mesmo cesto fazia sete, e amava todas as creancinhas, e enxugava todos os prantos, e promettia aos pobres um grande e luminoso Reino, de abundancia maior que a Côrte de Salomão. A mulher escutava com olhos famintos. E esse doce Rabbi, esperança dos tristes, onde s’encontrava? O mendigo suspirou. Ah esse doce Rabbi! quantos o desejavam, que se desesperançassem! A sua fama andava por sobre toda a Judea como o sol que até por qualquer velho muro se estende e se gosa; mas para enxergar a claridade do seu rosto, só aquelles ditosos que o seu desejo escolhia. Obed, tão rico, mandara os seus servos por toda a Galilea para que procurassem Jesus, o chamassem com promessas a Enganim: Septimus tão soberano destacara os seus soldados, até á costa do mar, para que buscassem Jesus, o conduzissem, por seu mando, a Cesarea. Errando, esmolando por tantas estradas, elle topara os servos de Obed, depois os legionarios de Septimus. E todos voltavam, como derrotados, com as sandalias rotas, sem ter descoberto em que malta ou cidade, em que loca ou palacio, se escondia Jesus.

A tarde cahia. O mendigo apanhou o seu bordão, desceu pelo duro trilho, entre a urze e a rocha.”

Assinala-se a transcrição de frases inteiras do texto de partida. Neste bloco específico, a narrativa é adaptada para o diálogo entre a mãe e o mendigo (personagem que apenas surge na última versão do conto de Eça). Encontramos a referência à multiplicação dos pães que, em momento anterior da adaptação, desenvolve o episódio, conforme descrito no bloco 2. De notar que, pela mão do Conde de Arnoso, são alteradas as palavras *malta* e *loca* (que Luiz Fagundes Duarte mantém na edição do conto em 2002) para *matta* e *toca*, respetivamente. Observem-se as definições:

Malta: 1. Asfalto viscoso que se assemelha ao alcatrão, amolecendo com o calor.

Loca: 1. Esconderijo de peixes debaixo de uma pedra ou de uma laje; toca subaquática.
2. Furna, toca; gruta pequena. 3. Pequeno repartimento ou pequena divisão.⁴⁹

Malta: 1. Cimento usado pelos antigos para emboçar as muralhas e que consistia numa mistura de pez, cera, gesso e gordura. 2. denominação dada ao asfalto, quando viscoso, lembrando o alcatrão.

Loca: 1. Local sob uma laje que serve de toca para peixes. 2. gruta pequena; furna, lapa⁵⁰

⁴⁹ Casteleiro 2001.

⁵⁰ Houaiss 2003.

14.º Bloco

Arnosó 1902: Suave Milagre, 4º Acto; 6º Quadro; Scena 3.ª e 4.ª

“MÃE

Vae até á porta; depois d’uma pausa

Lá vae, coitado, tão tropego, tão velho, apegado ao seu bordão, descendo pelo rude trilho entre a urze e a rocha. *Fecha a porta, olha para o filho e vae sentar-se ao seu lado.* Dorme. Ainda bem.

FILHO

N’um murmurio muito leve

Mãe, mãe, trazei-me esse Rabbi, que ama as creancinhas ainda as mais pobres, e sára os males ainda os mais antigos.

MÃE

N’uma ancia de dôr apertando a cabeça esquedelhada

Oh! filho! E como queres que te deixe e me metta aos caminhos, á procura do Rabbi da Galilêa? Obed é rico e tem servos, e debalde buscaram Jesus, por areaes e collinas, desde Chorazim até ao paiz de Moab. Publio é forte e tem soldados, e debalde correram por Jesus desde o Hebron até ao mar! Como queres que te deixe? Jesus anda por muito longe e a nossa dor móra comnosco, dentro d’estas paredes, e dentro d’ellas nos prende. E mesmo que o encontrasse, como convenceria eu o Rabbi tão desejado, por quem ricos e fortes suspiram, a que descesse atravez das cidades até este ermo, para sarar um entrevadinho tão pobre sobre enxerga tão rota?

FILHO

Lacrimosamente

Oh! Mãe! Jesus ama todos os pequeninos. E eu ainda tão pequeno, e com um mal tão pesado, e que tanto queria sarar!

MÃE

Soluçando

Oh! meu filho! Como te posso deixar? Longas são as estradas da Galilêa, curta é a piedade dos homens! Tão rota, tão tropega, tão triste, até os cães me ladrariam da porta dos casaes. Ninguem attenderia o meu recado, e me apontaria a morada do doce Rabbi. Oh filho! Talvez Jesus morresse. Nem mesmo os ricos e os fortes o encontram. O ceu o trouxe, o ceu o levou. E com elle para sempre morreu a esperança dos tristes.

FILHO

Erguendo as mãosinhas trementes dentro dos trapos

Mãe, eu queria ver Jesus...

JESUS

Sorrindo

Aqui estou.”

Queirós 1898: O Suave Milagre!, 51

“A mãe retomou o seu canto, a mãe mais vergada, mais abandonnada. E então, o filhinho, n’um murmurio mais debil que o roçar de uma aza, pedio á mãe que lhe trouxesse esse Rabbi, que amava as creancinhas ainda as mais pobres, sarava os males ainda mais antigos. A mãe apertou a cabeça esquedelhada:

- Oh filho! E como queres que te deixe, e me metta aos caminhos, á procura do Rabbi de Galileia? Obed é rico e tem servos, e debalde buscaram Jesus, por areaes e collinas, desde Chorazin até ao paiz de Moab. Septimus é forte, e tem soldados, e debalde correram por Jesus, desde o Hebron até ao mar! Como queres que te deixe? Jesus anda por muito longe e a nossa dôr mora comnosco, dentro d’estas paredes e dentro d’ellas nos prende. E mesmo que o encontrasse, como convenceria eu o Rabbi tão desejado por quem ricos e fortes suspiram, a que descesse, atravez das cidades até este ermo, para sarar um entrevadinho, tão pobre, sobre enxerga tão rôta?

A creança, com duas longas lagrimas na face magrinha, murmurou:

- Oh mãe! Jesus ama todos os pequeninos. E eu ainda tão pequeno, e com um mal tão pesado, e que tanto queria sarar!

E a mãe, em soluços:

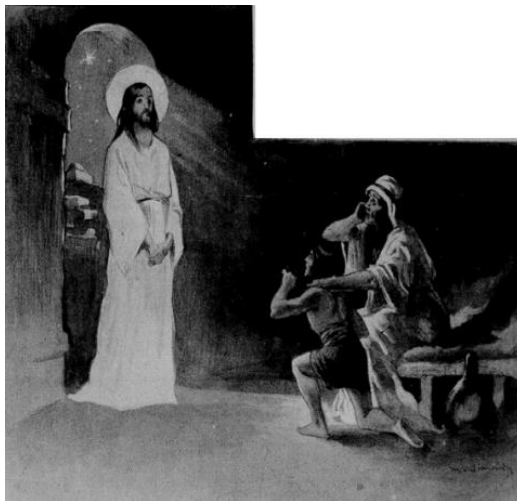
- Oh meu filho, como te posso deixar? Longas são as estradas da Galilea, e curta a piedade dos homens. Tão rôta, tão tropega, tão triste, até os cães me ladrariam da porta dos casaes. Ninguém attenderia o meu recado, e me apontaria a morada do doce Rabbi. Oh filho! talvez Jesus morresse... Nem mesmo os ricos e os fortes o encontraram. O Ceu o trouxe, o ceu o levou. E com elle para sempre morreu a esperança dos tristes.

D'entre os negros trapos, erguendo as suas pobres mãosinhas que tremiam, a creança murmurou:

- Mãe, eu queria ver Jesus...

E logo, abrindo de vagar a porta e sorrindo, Jesus disse à creança:

- Aqui estou.”



(Revista Moderna, n.º 26, dezembro 1898)⁵¹

A adaptação dramática termina em coincidência textual com o conto de Eça de Queirós, reproduzindo integralmente a passagem dialogada na narrativa de partida.

Pelo que ficou demonstrado ao longo deste capítulo, podemos concluir que a adaptação dramática empreendida pelo Conde de Arnoso e Alberto de Oliveira não pretendia ser criativa, enquanto reinterpretação do texto de Eça, limitando-se a homenagear o malgrado autor e a transpor as suas palavras para o palco.⁵²

Embora as passagens em verso não observem uma relação direta com o texto queirosiano, nem com as narrativas bíblicas que lhe serviram de referência, a adaptação dramática empreendida pelo Conde de Arnoso reproduz frequentemente os textos de

⁵¹ A gravura surge na última página do conto, ilustrando o momento em que Jesus surge diante da Mãe e do Filho. Vd. Queirós 1898.

⁵² A este propósito, note-se com Kamilla Elliott o diferente conceito de originalidade que prevaleceu até ao século XIX: “Literary adaptations of the period focused largely on Greek, Roman, and older English “classics”, upon which adapters sought to progress toward aesthetic perfection, infusing works already imbued with the wisdom and skill of aesthetic forebears with the progressive knowledge of later cultures [...]. Against later notions of adaptation as secondary in every derogatory sense of that word – historically behind-hand, culpably nostalgic, inferior in status, aesthetically derivative and unoriginal, intellectually and ideologically conformist – adaptation was viewed as progressive, modernizing, and aesthetically and morally improving not only of prior works but also of art generally.” (Elliott 2020: 43).

partida, incorporando-os nas falas das personagens. Esta observação, corroborada por Alberto de Oliveira nas suas *Páginas de Memórias*,⁵³ ajuda-nos a caracterizar globalmente o tipo de adaptação empreendida pelos autores, mas também a compreender alguma receção crítica adversa, suscitada na imprensa da altura.

3. Receção crítica do espetáculo teatral

Levada ao palco do Teatro D.^a Maria II, com estreia a 28 de dezembro de 1901, a representação de *Suave Milagre* suscitou reações díspares na imprensa da altura. Se, por um lado, a memória de Eça de Queirós e o prestígio pessoal do Conde de Arnosos eram suficientes para granjear aplausos, sobretudo no meio social e político em que este se movia,⁵⁴ rapidamente surgiram algumas vozes dissonantes, acusando os adaptadores de falta de audácia e engenho artístico. Assim, “depois dos aplausos, que não diminuíram quando a um auditório antecipadamente favorável sucedeu outro mais espontâneo, vieram pontualmente as críticas”.⁵⁵

Logo a 1 de janeiro de 1902, dias depois da estreia, a edição n.º 103 d’*A Paródia* publicava o seguinte comentário, acompanhado de uma caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro, em que o Conde de Arnosos aparecia de mãos dadas com Jesus Cristo:

⁵³ “Aliás êle não fizera mais que desdobrar, em uma série de rápidos quadros vivos, o conto de Eça de Queiroz, conservando-lhe o fundo e a linguagem em todos os seus miúdos pormenores nos diálogos as próprias frases e imagens do original” (Oliveira s/d: 143).

⁵⁴ A este propósito, as páginas d’ *A Paródia*, dirigida por Rafael Bordalo Pinheiro, registam o seguinte comentário, em outubro de 1901: “E tive de explicar ao ingénuo amigo Antunes que, assim como as coisas estão, com a gloria do sr. Posser agarrada á casaca do sr. Ferreira da Silva, o sr. Ferreira da Silva agarrado á corôa do sr. Arnosos, o sr. Arnosos agarrado a outra corôa d’outra alta personagem, todos em bicha agarrados uns aos outros, o caso não era muito para rir” (*A Paródia*, n.º 93, 23/10/1901).

⁵⁵ Oliveira s/d: 145.



O Theatro de D. Maria II tem justos motivos para orgulhar-se: uma linda peça, luminosa na evocação suprema dos grandes céus de Jerusalém, e um grande nome fidalgo a enobrecel-a, como que trazendo para a obra d'arte a chancellia heraldica das raças finas.

O senhor conde de Arnoso, já tão illustre pelo seu alto cargo e pela sua pura nobreza, tem d'hoje em diante mais um titulo á nossa admiração e ao nosso respeito: é um perfeito ourives da palavra escripta e um verdadeiro Artista dentro do theatro portuguez.⁵⁶

O tom humorístico que caracterizava este periódico satírico manifestou-se, todavia, de maneira cordial, repetindo-se ainda a mesma postura em junho de 1902, quando da publicação do texto:

Recebemos e agradecemos cordealissimamente, o lindo mysterio dos Srs, Conde de Arnoso e Alberto de Oliveira — Suave Milagre, agora editado pela Livraria Ferin num precioso volume.

Quando a peça subiu á scena no Theatro de D. Maria II, este jornal abriu um parenthesis no seu riso de todos os dias para felicitar os illustres homens de letras, e especialmente o Sr. Conde de Arnoso, cujo piedoso culto pela memoria d'Eça tão proveitosamente floriu numa obra d'Arte.

Agora, que a peça teve a sua consagração editorial, renovamos as nossas felicitações, desejando ao *Suave Milagre* um exito de livraria semelhante ao exito que alcançou na scena do nosso primeiro theatro.⁵⁷

⁵⁶ in *A Paródia*, n.º 103, 01/01/1902.

⁵⁷ in *A Paródia*, n.º 125, 04/06/1902.

Como haveria de notar Alberto de Oliveira, nas suas *Páginas de Memórias*, as críticas “mais benévolas, sem verem que a monotonia era inseparável do assunto e obrigatória no género da obra, achavam-lhe falta de enredo e de interesse. Houve até quem a crismasse em *Suave Maçada*”.⁵⁸ No entanto, outras críticas mais contundentes acabaram também por surgir, destacando-se entre estas a voz de Fialho de Almeida, protagonista de uma inflamada polémica com o Conde de Arnoso, que terá chegado a desafiá-lo para um duelo:

Quando subiu à cena, no D. Maria, a adaptação do *Suave Milagre* Fialho — o irreverente Fialho — permitiu-se, uma noite, a uma mesa do Martinho, fazer determinadas referências manifestamente desprimorosas, não apenas sobre a adaptação, mas sobre a probidade do adaptador. Então o Conde de Arnoso não hesitou um momento: encarregou dois amigos seus de desafiar Fialho para um duelo. Mas logo frisou às testemunhas que não era a vaidade do adaptador que estava em causa: era a ombridade do homem. O duelo não chegou a realizar-se.⁵⁹

As críticas, inicialmente proferidas à mesa do Martinho da Arcada, subiram de tom, acabando estampadas num artigo, intitulado *Literatura Gá-Gá*,⁶⁰ que visava, numa primeira instância, o conto de Eça de Queirós, mas sobretudo a adaptação dramática, para a partir de aí desferir uma dura crítica contra o favoritismo da sociedade lisboeta. Refletindo sobre o carácter simplista do conto, Fialho de Almeida começa por criticar o modo como a temática religiosa surge aí explorada, cingindo-se a uma dicotomia entre bem e mal, que se assemelhava às histórias para crianças. A crítica, proferida nestes termos, não deixa de ser interessante, à luz do que sabemos ter sido o primeiro projeto desta adaptação dramática (um espetáculo de marionetas), pelo que Fialho de Almeida não estaria muito longe da percepção que os próprios adaptadores tinham do conto, quando decidiram prestar a homenagem a Eça de Queirós:

Já se pôde dizer que o conto d’Eça, escrito talvez para algum livro de creanças, não é, como literatura, das suas páginas melhores nem mais felizes: litania cantante, um pouco sêca e detalhada no pictoresco que inventou Flaubert co’a *Salambô*, escrita sobre reminiscencia da *Arabia da Reliquia*, que já como *Arabia* deixa um saibo de coiza pastichada, e sem nada grande além d’uma estreita moral catolica, insuficiente às aspirações da vida moderna; de sorte que qualquer pena dextra poderia havel-a traçado

⁵⁸ Oliveira s/d: 145.

⁵⁹ Guimarães 1958: 18.

⁶⁰ Albino Forjaz de Sampaio diz que o panfleto “*Literatura Gá-gá*” saiu no 1º e único número do jornal *Vida Nossa*, dirigido por Fialho de Almeida, e que este terá mandado depois destruir, num assomo de cólera. Sobreviveram poucos exemplares, nenhum dos quais foi possível localizar em bibliotecas. Será que a versão deste texto – publicada em livro já postumamente, “a pedido de amigos” (Pimpão 1943: 85) – corresponde a uma versão revista, atenuando ou moderando algumas passagens da versão original? Lembre-se que a relação de Fialho com Eça era ambígua. Apesar da grande admiração inicial, Fialho foi desenvolvendo uma certa animosidade em relação à figura aclamada de Eça de Queirós e à elite que o rodeava (Sampaio 1917: 249).

com as mesmas côres diafnas, os mesmos guarda-roupa e addresses flaubertianos e o mesmo mel de syntese devota.⁶¹

Fialho prosseguia depois na crítica à adaptação, ressaltando a simplicidade dos quadros, a visão maniqueísta e infantil para representar o Messias (enquanto salvador dos fracos, oprimidos e pobres, que sucumbem pela mão dos ricos, poderosos e impiedosos) e as insuficiências de conteúdo da obra, que não justificavam tão insuflada apresentação no principal teatro do país, onde autores bem mais originais e promissores eram todos os dias recusados, por não beneficiarem das mesmas relações de poder. Acusando o Conde de Arnoso de falta de talento, insurgindo-se contra os elogios granjeados na imprensa, Fialho tece assim duras críticas à sociedade portuguesa e a todos os privilegiados, sobretudo na esfera próxima ao rei D. Carlos:

Em Lisboa a sociedade dirigente é uma sociedade de conselheiros, d'inspectores, de pares do reino e de cabrões. Todo o portuguez de categoria é alguma coiza d'estas, largamente paga para, com os seus conselhos, inspeções, parezias e cabroagens, fazer as deliberações dos governantes cada vêz mais estultas, as inspeções cada vêz mais falcatuadas, as sessões parlamentares cada vêz mais vergonhosas, e os Esganarelos cada vêz mais chavelhudos.

Ha assim dynastias de comilões que desde o primeiro periodo liberal roem o erario sob a fórmula de governadores do ultramar, chefes d'isto ou d'aquilo, embaixadores, ministros, consules, o diabo!⁶²

A crítica amarga e enfurecida prossegue depois contra a literatura gá-gá, da qual esta peça faz parte, e contra uma sociedade gá-gá, adoecida pelo brilho das aparências e dos poderes podres, que ironicamente se assemelhava à sociedade que Eça descrevera n' *Os Maias*:

A verdade é que o snr. Arnoso, tenha as qualidades distintas que tiver, nem é um homem de letras, nem quazi chega a ser um diletante. Enquanto rabiscando contos e livrécos se não meteu á cara do publico com pretenções de moralista, a critica benevolente deixava-o coroar-se de loiros, ordenando-lhe apenas que os trouxesse por cima do côco, para se diferenciar de Camões e Gil Vicente. Mas no teatro de D. Maria, com toda a imprensa em cachorrinhos d'estrado, lambendo-lhe os fracos — no teatro de D. Maria é grave, e necessita d'uma redução á verdade nua e crua. (...) ha em D. Maria, n'um periodo de 4 anos, cerca de cento e tantos originaes recusados a pessoas que literariamente valerão tanto ou mais que o snr. Conde, e para as quaes nem o Manini pintou vistas, nem poetas fizeram versos, nem atores fizeram bocas, nem jornaes fizeram sabujices, e que na sua modestia, miseravelmente corridos, nem mesmo depois da injuria sentiram forças para gritar aqui d'el-rei!⁶³

⁶¹ Almeida 1910: 198.

⁶² Almeida 1910: 213.

⁶³ Almeida 1910: 242-243.

Dirigindo-se cirurgicamente ao Conde de Arnoso, mas também a Alberto de Oliveira, Fialho lamenta assim que, à laia de homenagem, se tenha associado o nome de Eça de Queirós a uma iniciativa de tão fraca qualidade, que descredibilizava esse “grande génio”:

Por consequencia digamos que o snr. Conde já fez quanto podia, agarrando-se ás frases do outro, e cozendo tudo n’uma especie de tapete em xadrez de perguntas e respostas. (...) Assim, n’uma obra em que o snr. Arnoso só não transplantou do conto d’Eça as virgulas e entrelinhas, chega-se á conclusão que o Eça está lá todo, e ao mesmo tempo, reparando como o espirito filosofico da narração foi deturpado, como o estylo passou de limpico a casoso, e o harmonioso unisono do thema a uma sucessão de paineis sem liame dramatico a juntal-os, recapitula-se que não está lá Eça nenhum.⁶⁴

Por aqui se percebe, enfim, que a receção crítica a esta adaptação dramática foi bastante polarizada:

E o caso é que o *Suave Milagre* obteve um belo êxito, quer pelo tema, quer pela interpretação, quer pela encenação, e mereceu a honra, não só de ter inspirado a D. Carlos uma linda aguarela, mas de ter inspirado a Rafael Bordalo uma curiosíssima página de *A paródia* em que se vêem todos os artistas e, em plano saliente, o Conde de Arnoso, de casaca e flor ao peito, trazido pela mão de Jesus Cristo, recebendo, segundo a legenda, os aplausos da multidão — à mão-direita de Deus Padre!⁶⁵

Não nos cabe tomar partido, mas independentemente do possível assomo em relação ao Conde de Arnoso e à sociedade lisboeta da altura, muitas das críticas desferidas por Fialho de Almeida coincidem com as conclusões que temos vindo a tirar na nossa análise à génese textual de *Suave Milagre* e relacionam-se, antes de mais, com uma série de dificuldades colocadas pela transcodificação da narrativa queirosiana.⁶⁶ Como observam Carlos Reis e Maria do Rosário Milheiro, existem, na verdade, características marcantes na escrita de Eça de Queirós que dificultam a sua adaptação ao modo dramático e a consequente encenação através do espetáculo teatral. Embora várias das suas obras tenham sido objeto de adaptação, parece evidente uma certa incompatibilidade entre “os cruciais desígnios ideológicos e socioculturais perseguidos pelo Naturalismo” de Eça⁶⁷ (para os quais a temporalidade e a espacialidade da ação são determinantes) e algumas características essenciais do drama:

referimo-nos, por exemplo, à consabida propensão para a concentração temporal que no drama se regista, à articulação eminentemente dialógica dos seus enunciados e sobretudo (entenda-se: sobretudo em contraste com a narrativa), ao privilégio do presente em detrimento do passado, ao desvanecimento do enquadramento espacial e social da acção e à ausência de um sujeito transcendente aos factos representados (o narrador da ficção

⁶⁴ Almeida 1910: 246-248.

⁶⁵ Guimarães 1958: 21.

⁶⁶ Vd. Reis & Milheiro 1989: 183-198; Rebello 2009.

⁶⁷ Reis & Milheiro 1989: 184.

narrativa), o que implica a inexistência de uma voz marcadamente ideológica, capaz de insinuar as ocultas motivações dos eventos e os significados que eles encerram.⁶⁸

Esses “consideráveis escolhos” à “transposição dramática”⁶⁹ eram particularmente evidentes em Portugal nesta altura, caracterizada por uma degradação do teatro declamado e lírico, “genericamente de filiação romântica”.⁷⁰ É também essa crítica (tecida pelo próprio Eça de Queirós n’*As Farpas*⁷¹) que Fialho de Almeida aponta à adaptação dramática de *Suave Milagre* e ao trabalho colaborativo em que assentou esta iniciativa.

4. Adaptação dramática, genética teatral e autoria colaborativa

Nas últimas décadas, o ramo da crítica genética que se ocupa de obras teatrais tem emergido como um campo de estudo fértil, pelos múltiplos cruzamentos disciplinares que potencia:

[P]our appliquer l’analyse génétique au domaine des arts du spectacle, [...] le généticien doit [...] s’ouvrir à de nouveaux horizons théoriques. Les questionnements qui viendront en premier lieu concernent la perméabilité des frontières entre la genèse et l’exogenèse, la pluralité des instances auctoriales, ou encore le continuum entre l’écriture d’une pièce (ou d’un film) et sa mise en scène (ou sa réalisation).⁷²

Pontuada pelo seu carácter teórico e metodológico num cruzamento de olhares em áreas tão diversas como a genética teatral, os estudos literários e os estudos teatrais na sua relação com as outras artes, [...abre-se] caminho para um estudo abrangente [...], convocando as diferentes práticas escriturais, corporais e cenográficas.⁷³

É neste ponto que a crítica genética contribui ao método de análise do fenómeno teatral, abrangendo outros componentes no exame do processo criativo de um espetáculo. Primeiro a possibilidade de considerar para estudo o processo de criação do espetáculo na sua gênese formativa, a partir dos primeiros ensaios até a estréia. Outra possibilidade é a análise da gênese teatral na sua exposição frente ao público, focalizando as diferentes edições do mesmo espetáculo, até a última representação teatral. Assim, este estudo voltaria a sua atenção ao processo público da representação, que deveria envolver a recepção da platéia como participante do espetáculo.⁷⁴

Como alerta Jean-Marie Thomasseau,⁷⁵ no entanto, em obras de teatro não-contemporâneo raramente dispomos de vestígios sobre “o verdadeiro movimento entre o

⁶⁸ Reis & Milheiro 1989: 184-185.

⁶⁹ Reis & Milheiro 1989: 196.

⁷⁰ Reis & Milheiro 1989: 186.

⁷¹ Vd. “O teatro em 1871” in *As Farpas*, vol. I.

⁷² Grésillon 2010: 208-209.

⁷³ Santos 2011: 78.

⁷⁴ Camargo 2008: 7.

⁷⁵ Thomasseau 2010.

gesto e a escrita antes, durante e após a representação”,⁷⁶ e nesse sentido a análise proposta neste trabalho de mestrado terá, necessariamente, de se circunscrever à génese textual que aparece documentada nos testemunhos impressos e nos autógrafos guardados no espólio do Conde de Arnos. Ainda assim, a análise destes materiais, complementada pela leitura da correspondência trocada com Alberto de Oliveira e por outros elementos disponibilizados por bases de dados nacionais,⁷⁷ fornece-nos informações valiosas sobre o dinâmico processo colaborativo que está subjacente à adaptação dramática:

A crítica genética, nascida nos campos seguros da literatura, é conhecida por problematizar o papel do texto literário, por «demolir» o estatuto soberano do texto publicado e abrir a possibilidade de observação do texto, utilizando-se de todas as versões e notas feitas anteriormente à sua publicação: o prototexto ou avant-text. Esta crítica dessacraliza o texto «final» ao colocar em discussão toda a pré-escritura realizada na publicação de um determinado material, a génese do texto, seu passado formador e suas variantes, e os caminhos e descaminhos percorridos pelo autor.⁷⁸

Na verdade, a correspondência compilada no anexo III revela uma preocupação constante do poeta com a encenação do texto, a escolha dos atores, aspetos relacionados com a cenografia e toda a envolvência visual de um teatro como o D. Maria II. Em carta datada de 13 de setembro de 1901, por exemplo, Alberto de Oliveira manifesta algumas reservas sobre o mérito dos atores escolhidos para dar vida ao texto dramático:

Quem é essa Georgina Pinto que vae dizer o Prologo? Será Capaz disso? Pois não seria melhor que fosse a Virginia, que só tem papel no 5.º acto?

E não seria melhor que o Augusto de Mello tivesse dois papeis, como o Ferreira da Silva, representando, por ex. o Viandante ou o Sacerdote Pagão, que vejo entregues tambem a ilustres desconhecidos?

Volte depressa, querido Bernardo, de Villa Viçosa, que a sua vigilância de todos os instantes não será de mais para levar a bom termo a nossa empresa. E se lhe parecer que há justiça nas minhas observações, sobretudo no que respeita ao Prologo não hesite em as impor.⁷⁹

A apreensão manifestada era compreensível. Como bem nota Maria João Brilhante, “[n]o teatro em que existe texto, este precisa de vozes e de corpos que exploram diferentes modalizações do discurso, que lhe dão espessura. [...] Trata-se de descobrir o papel do dom, da palavra na sua dimensão oralizada, enunciada proferida”.⁸⁰ Sabemos, aliás, que os ensaios de *Suave Milagre* decorreram na presença de Bernardo Pindela, e algumas das revisões documentadas entre os testemunhos B e C levam a supor que essa

⁷⁶ Santos 2011: 80.

⁷⁷ No caso de *Suave Milagre*, veja-se por exemplo a CETbase (ficha de espetáculo n.º 16990) e a OPSIS (Base Iconográfica de Teatro em Portugal).

⁷⁸ Camargo 2008: 7.

⁷⁹ E32/2508 – Transcrição III.

⁸⁰ Brilhante 2007: 463.

constante dinâmica entre texto e cena acabou, de alguma maneira, incorporada no texto depois impresso. Isso mesmo se depreende de uma carta de Alberto de Oliveira, datada de 17 de outubro de 1901:

Meu querido bernardo:

Conforme o prometido, ahi vão os versos do prologo e do 1º quadro. Oxalá lhe agradem, ou pelo menos não lhe desagradem.

Como verá, os córos não são bem córos, nem eu sei bem o que são: o Ferreira da Silva, que é um metteur em scène inteligente verá se se pode tirar algum partido do que eu fiz, e se não se perder, indicará o que é preciso que se faça. É muito difficil, ao menos para mim, fazer coisas que não pereçam de opereta. Os meus parecem todos, mas como se trata de um mysterio, não me parecem deslocados.

Como verá, intercalei no 1º quadro a fala de um adivinho precedendo imediatamente a canção do Viandante se V. achar bem, terá de aumentar a sua prosa de novo a dar logar aos meus versos, que não estavam no programa.

Repito-lhe que, para meu socego, é indispensável que V. diga abertamente que não gosta e do que não gosta. J'ai fait de mon mieux, mas nem Tanger nem o meu actual estado de alma são os mais próprios. Como no mez próximo conto ahi estar, poderei alterar, emendar, substituir, o que V. quizer.⁸¹

Aí, o poeta refere explicitamente a importância de Ferreira da Silva, ator e *metteur em scène* que serviu de intermediário entre o texto escrito e o texto encenado, sugerindo talvez alterações, como muitas vezes acontece em obras teatrais.⁸² A este nome poderíamos acrescentar ainda Óscar da Silva (responsável pela composição musical dos coros), Manini (responsável pelos cenários) e outros intervenientes na criação do espetáculo, que vieram acrescentar novas linguagens ao texto verbal, num autêntico empreendimento de autoria colaborativa:

a collaborative enterprise involving [...] the cooperation for writers, directors [...], actors, musicians, costumers, and even audiences. Authors wrote their plays with clear ideas of the number, types, and capabilities of the specific actors in their company, the size and the design of the specific theater in wich they worked, and, not least, the expectations of the audiences who would pay money to see the plays.⁸³

⁸¹ E32/2514 – Transcrição IV.

⁸² “Le metteur en scène faisait ainsi reconnaître son activité interprétative à la fois comme un travail et comme une véritable création artistique, dépendante de l'auteur, des comédiens et d'ensemble du personnel théâtral” (Autant-Mathieu 2010: 191).

⁸³ Stillinger 1992: 169.



(Imagens pertencentes ao Museu Nacional do Teatro)⁸⁴

Quando se trata da adaptação dramática de uma obra pertencente a outro género literário, no entanto, esse trabalho colaborativo adquire contornos particularmente complexos, pela existência de um outro autor, que está na origem de todo o trabalho derivativo subsequente. No caso em apreço, podemos falar mesmo de um longo exercício de adaptação em cadeia: os textos bíblicos dão origem a um conto de Eça de Queirós, que dá lugar a uma adaptação dramática, a qual procura ainda elementos novos nas fontes bíblicas originais. Por outro lado, a primeira textualização da obra teatral evolui para uma segunda versão mais completa, no âmbito da qual se acrescentam versos aos atos existentes e novas cenas para os versos já compostos. Finalmente, da formulação textual surgem os ensaios, que vêm dar vida ao texto escrito, alterando-o para servir os propósitos da encenação. Neste sentido – e não obstante uma distinção fundamental entre o texto literário e o espetáculo teatral⁸⁵ – poderíamos talvez afirmar com Robson Camargo que,

⁸⁴ Fotografias do espetáculo teatral, mostrando os cenários de Luigi Manini. *Apud* Rebello 2009.

⁸⁵ A propósito da distinção entre a palavra escrita e a palavra encenada pelo corpo, vejam-se entre outros Maria João Brilhante (2007: 469) e Osório Mateus (2002: 213): “Os materiais com que se faz o teatro são entre si muito diversos: acções do corpo ao vivo, num espaço que se ocupa, durante um tempo que se

em última instância, todo o trabalho derivativo que se seguiu poderá incluir-se ainda no prototexto da obra dramática:

O prototexto, como é chamado todo manuscrito anterior à publicação do texto escrito, pode ser não apenas um manuscrito (do latim, manu scripto), que pertence à fase dos rudimentos do autor em direção ao produto final (frases, desenhos, poemas, etc.), mas também [...] todo e qualquer elemento figurativo ou sonoro introduzido na elaboração da obra final [...] que, juntamente com o texto “original”, constroem a representação do ator e da cena.⁸⁶

Não foi, todavia, objetivo deste nosso trabalho “esclarecer a trajetória de criação artística, capitaneada por encenadores”⁸⁷, conforme praticado pela genética teatral, mas tão-somente revelar, na medida do possível, a gênese textual desta adaptação dramática, que encontramos documentada nos testemunhos editados em anexo.

transforma. Na forma dominante de circulação da literatura, o material é a língua fixada por escrito. Corpus numa e letras na outra”.

⁸⁶ Camargo 2008: 8.

⁸⁷ Diaz 2017: 16.

Conclusão

Concluído o breve estudo introdutório que antecede o nosso trabalho de edição de orientação genética de *Suave Milagre*, diremos que o objetivo principal foi globalmente atingido: analisar a gênese textual da adaptação dramática empreendida pelo Conde de Arnos e Alberto de Oliveira, a partir da constituição e organização do seu dossiê genético. Para isso, foi empreendido um demorado trabalho de pesquisa documental no espólio do Conde de Arnos, onde se encontram os dois manuscritos principais da obra. A este conjunto de documentos, até agora inéditos, somou-se o testemunho impresso, publicado em março de 1902. Como material exogenético mais relevante, convocámos o conto de Eça de Queirós, as passagens bíblicas que relatam os milagres realizados por Jesus, um capítulo das memórias de Alberto de Oliveira e ainda a valiosa correspondência de Alberto de Oliveira para o Conde de Arnos, onde se encontram informações valiosas sobre o processo criativo de adaptação colaborativa. Foi a partir da análise de todos estes elementos que procurámos definir uma possível cronologia da escrita, sustentada pelo trabalho editorial e a sistematização de dados em anexo.

Por outro lado, procurámos contextualizar brevemente a obra estudada, não só no ambiente sociopolítico da época e na rede de relações pessoais em que os autores se moviam, mas também na polarizada receção crítica que a peça suscitou, reconstituindo também a história das apresentações desta peça, a partir de importantes contribuições da *História do Teatro Nacional D. Maria II* e das bases de dados compiladas pelo Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa.

Complementarmente, debruçámo-nos sobre questões teóricas relacionadas com o trabalho de adaptação e autoria colaborativa, refletindo, ainda que brevemente, sobre os conceitos dicotómicos de texto e cena, bem como a multiplicidade de linguagens convocadas pelos estudos de genética teatral, que marcam um ponto de viragem nos estudos teatrais modernos.

Chegados ao fim desta breve reflexão, podemos talvez concluir que a intenção do Conde de Arnos e de Alberto de Oliveira, ao empreender a sua adaptação dramática, não terá sido criar uma obra original, mas apenas homenagear Eça de Queirós, dando vida ao seu conto. Como se procurou demonstrar ao longo da leitura e análise dos testemunhos manuscritos e impressos que integram o dossiê genético, as alterações introduzidas pelos autores, ao longo do processo compositivo, seguem de perto o texto base. Existem, no entanto, algumas diferenças significativas entre os manuscritos autógrafos recenseados,

que testemunham uma simplificação inicial do texto, por se tratar originalmente de uma adaptação destinada a teatro de marionetas para crianças. Por esse motivo, o manuscrito B é o que se assemelha mais com a versão final impressa, por ter sido já desenvolvido para outro fim.

Conclui-se também que esta adaptação textual pode ser dividida em duas partes. Por um lado, as cenas dialogadas reproduzem quase literalmente as fontes exogenéticas (tanto o conto queirosiano, como os textos bíblicos). Por outro, as passagens em verso, ainda que subordinadas ao mesmo tema, são da autoria exclusiva de Alberto de Oliveira. Não se consideram aqui as partituras musicais, nem a cenografia documentada nas fotografias que integram a versão impressa de *Suave Milagre*, muito embora elas testemunhem a participação de outras linguagens no complexo processo de adaptação ao palco. Assim, aquilo que, à partida, parecia um projeto colaborativo entre dois homens, constitui, em última instância, uma obra atribuível a um conjunto alargado de intervenientes.

Anexos

I.

Crêterios de edição

Para representar a g nese textual desta adaptação dramática, optamos por seguir um modelo de edição geneticamente orientado. Embora o foco da orientação genética seja o processo dinâmico da escrita, e não a apresentação de versões aut nomas de uma obra, admitimos que teria sido interessante editar separadamente os manuscritos que integram este dossiê, evidenciando o ponto de vista de cada autor, conforme praticado pelas teorias sociais de edição.⁸⁸ Caso se confirmasse a hipótese de Alberto de Oliveira ter redigido os versos acreditando tratar-se ainda de uma peça de marionetas para crianças, a edição poderia conceber-se com outros objetivos, dos quais surgiriam talvez, interessantes resultados também. No entanto, tendo em conta que apenas a versão dirigida ao público adulto do Teatro D. Maria II chegou a ser completada, e que a pequena peça de marionetas foi abandonada, optámos por apresentar neste trabalho um texto-base, justapondo os vários testemunhos autorais através de um aparato genético que “reconstitui de modo codificado a evolução da escrita de um determinado passo”, recorrendo a “símbolos que indicam a posição e a antiguidade relativa das lições, bem como o seu estado (riscados, acrescentados, etc.)”.⁸⁹

Para isso, recorreremos a um modelo que *grosso modo* coincide com a proposta originalmente concebida por Ivo Castro para a edição das obras de Fernando Pessoa,⁹⁰ com algumas alterações propostas por Elsa Pereira na edição das obras de João Penha, nomeadamente o recurso a um Arquivo Documental para acolher “a transcrição de documentos com interesse para a história da criação, transmissão ou receção do texto”.⁹¹

Assim, decidimos reproduzir o texto do testemunho C (impresso), conservando as suas características gráficas. Optou-se apenas por normalizar a configuração gráfica dos

⁸⁸ “a *genetic edition* of a work must display that process as it progresses through its various stages of composition and revision, in manuscript and print. [...] The emphasis is on displaying process and not a particular manifestation of the work in that process. [...] Rather than conflating the multiple versions of a work into one, or for that matter editing single versions of a work in facsimile, as we might find in the social text approach, they offer a ‘continuous production text’ that displays all variants of a text so that the kind of critical edition they propose presents ‘text and apparatus [as] an integrated whole’” (Zeller 1998: 29).

⁸⁹ Castro 2013: 188-189.

⁹⁰ Castro, 2013: max. 177-191.

⁹¹ Pereira, 2015, I: 162.

acentos em maiúsculas (nomeadamente na contração da preposição com o artigo “Á” e na forma verbal “É”), representados no impresso por *A'* e *E'*) e das didascálias (representadas em itálico no impresso e entre parênteses nos manuscritos), omitindo essas oscilações gráficas no aparato genético, onde o uso de itálico fica reservado para os escólios.

No aparato genético acolhem-se as correções intra- e interdocumentais dos autores, representadas cronologicamente da esquerda para a direita, através da seguinte chave de símbolos convencionais:

	mudança de linha
	mudança de estrofe ou parágrafo
< >	segmento cancelado por riscado
[]	acrescento na linha
[↑]	acrescento na entrelinha superior
[↓]	acrescento na entrelinha inferior
[→]	acrescento na margem direita
[←]	acrescento na margem esquerda
< > [↑]	substituição por riscado e acrescento na entrelinha superior
< > / \	substituição por superimposição, na relação <substituído>/substituto\
†	segmento ilegível
< † >	segmento riscado ilegível
/* /	leitura conjeturada
< /* / >	leitura conjeturada de segmento riscado
□	segmento ausente num dos testemunhos

Edição

SUAVE MILAGRE

PERSONAGENS¹

JESUS Carlos Santos

UM ADIVINHO Gama

UM VIANDANTE Fernando Maia

OBED Augusto de Mello

1º PASTOR Ferreira da Silva

2º » Carlos d'Oliveira

1º SERVOM. Nobre
2º » Sampaio
3º » T. Santos
PUBLIO SEPTIMO Posser
CAMARADA Fernando Maia
1.º DECURIAO Joaquim Costa
2.º »..... Pinto de Campos
3.º » Carlos d'Oliveira
1.º SOLDADO Carvalho
2.º » Francisco Mendonça
3.º » Manuel Nobre
SACERDOTE Cardoso Galvão
UM MENINO Ilda Victoria
UM SERVO D PUBLIO SEPTMO Leopoldo
1.º » Pinto de Campos
2.º » Sampaio
3.º » Carvalho
UM MENDIGO Ferreira da Silva
PROLOGO, mulher do povo Georgina Pinto
FILHA DE PUBLIO Luz Velloso
MÃE Virginia
1.ª MULHER..... Cecilia Machado
2.ª » Adelina Santos
3.ª » Augusta Cordeiro
UMA ESCRAVA Judith Corrêa

Pastores, mulheres do povo, servos, soldados, escravos, escravas. – A acção decorre na antiga Palestina.



PROLOGO²

Deante de um panno talão allusivo ao Mysterio³

UMA MULHER⁴

Vimos contar-vos uma doce historia,
Um milagre suave e enternecedor,
Em que, mais uma vez, Jesus deu a victoria
Ao pobre sobre o rico, e ao que é rico de amor⁵
Sobre o que é rico apenas de vaidade,
De poder e de orgulho humano...
Á creança no lucto e na orphandade
Sobre o soberbo Centurião romano!⁶
Assim Jesus sempre ensina
Nos seus milagres e sermões:
A unica riqueza que é divina
É a que se junta em nossos corações...⁷
A que da alma faz escondido thesoiro,
A que não teme a sêde nem a fome...⁸
Só essa é que é de verdadeiro oiro
Que a ferrugem do tempo não consome!⁹

Assim o prégou elle na Montanha,¹⁰
Assim o disse ás aguas do seu Lago:¹¹
Aos pobres Deus sempre acompanha,
Com a sua miseria a Deus têm pago...¹²
A moeda que, com certeza,
Para Deus tem maior valor,
É a moeda da pobreza,
Do soffrimento e da dor!

Num prato da balança
Ponham gloria, riqueza amontoada,
Ponham no outro o olhar de uma creança,
A prece de uma¹³ mãe angustiada...¹⁴
E vereis — oh divino
Milagre simples e claro! —¹⁵
Deus acudir ao menino
E deixar a riqueza¹⁶ e orgulho sem amparo!

Assim préga Jesus,
Assim suas parabolos semeia,
Semeador¹⁷ de verdade e luz,
Por montes e jardins da Galileia...¹⁸
E o resplendor de tal doutrina,
O fulgor¹⁹ de tal pensamento,
Para sempre doira e illumina,
Sol sempre acceso, o nosso firmamento!²⁰

Sua luz immortal, invencivel, eterna,
A toda a escuridão leva consolo e ar;
Não ha profundo abysmo ou sombria caverna

Onde ella não consiga penetrar...²¹
Nuvens se accumulam de tenaz nevoeiro,
Nuvens se desfazem successivamente,
Mas o olhar de Jesus, por sobre o mundo inteiro,²²
Não cessa de brilhar, como um sol sem poente!²³

Sua mão, que aplacou a tormenta das aguas
No Lago,²⁴ certo dia,
A toda a hora aplaca as nossas maguas,
Nossos prantos e luctos allivia...²⁵
E, como quando fez o milagre dos pães,
Que de dois fez milhares,
Acode a todas as²⁶ afflictas mães,
Soccorre todos os famintos lares!²⁷

Sempre a palavra de Jesus consola...²⁸
Seu clarão as edades atravessa,²⁹
E mais animador³⁰ do que uma esmola,
Mais bemfazejo do que uma promessa,
É elle que sustenta o pobre,
Que enxagua as lagrimas do triste,
Elle que agasalha e que cobre
A nudez de tudo o que existe!

Que seria da Vida,³¹ se não fosse
Essa palavra de perdão e recompensa
Que consegue³² sarar, como um balsamo doce,
A f'rida mais profunda, a magua mais intensa...³³
Essa voz que promette aos desgraçados,
Ao perseguido, ao miserável, ao afflicto,

O logar dos fieis, dos bemaventurados,³⁴
Junto ao throno de Deus, no seu seio infinito!

Na mais dura agonia,
Na hora mais aziaga³⁵ do destino,
Ninguem se julgue só, se lhe faz companhia³⁶
O olhar de Jesus, enfermeiro divino...³⁷
Não ha amargura nem martyrio horrendo
Que não acalmem e não vençam³⁸
Dos seus olhos as lagrimas, correndo,
Das suas mãos, cahindo, a benção!³⁹

Mas já que tanta vez nossa vista⁴⁰ se aparta
D'essa luz que do ceu nos guia;
Já que na agitação vivemos, como Martha⁴¹
Esquecendo a lição de sua irmã Maria,
Seja nossa suave penitencia,
Nestes dias de festa e enlevo⁴² santo,
Perguntar á nossa existencia
Para onde vae correndo tanto...

Que illusão nova, que fallaz chimera
Apressa e precipita o nosso andar;
Que nova gloria nos espera
Que Jesus se esqueceu de nos annunciar...⁴³
Que nova adoração,⁴⁴ que nova fé
Nos escurece a luz, de brilho extraordinario,
Que alumiou em Nazareth,
Que resplandeceu no Calvario!⁴⁵

Oh! a Verdade⁴⁶ só, por mais doirada,
Nunca nos basta, nunca nos contenta;
Cada um de nós tentou erguer aos ceus a escada
Que, em sonhos, a Jacob se representa;
E todos, todos⁴⁷ cremos na Illusão,
Até ao triste⁴⁸ dia em que ella nos engana...
Assim é nosso vario coração,
Assim é a vaidade⁴⁹ humana!

Deus nos deu forças de Anjo⁵⁰ e fraquezas mortaes;
Horas ambiciosas em que nos parece
Que com nosso⁵¹ esforço alcançaremos mais
Que com nossa humildade ou⁵² nossa prece;
Mas quando sôa a hora da desgraça,⁵³
Quando os labios com sêde a febre nos crestou,
Então não ha agua que nos satisfaça
Como a dos prantos que Jesus chorou!

E para os pobres nunca a vida,⁵⁴ como agora,
Foi tão dura, senhores;⁵⁵
Nunca a humanidade que padece e chora
Soffreu mais agonias e mais dores;
E por isso, mulheres e creanças,
Nós que Jesus chamou para o seu lado,
É tempo de acudir, com doces esperanças,
Ao afflicto, ao abandonado!

A missão que Jesus nos confiou⁵⁶ foi esta:
Espalhar o perdão que brotou do seu seio,⁵⁷
Nestes dias da sua festa⁵⁸

Em que mais doe o soffrimento alheio...⁵⁹

Quando de todos os felizes lares⁶⁰

Se levantam a Deus incensos⁶¹ e louvores,

Quando os mais humildes altares

Se enfeitam de lumes e flores!

E ensinar á desgraça o nome de Jesus,

Os seus milagres cheios de belleza,

Alumiar a dor com essa luz

Eternamente accesa...

Com esse eterno sol, que abriga e cobre⁶²

A miseria e nudez de quanto existe,

Pois que nunca, como hoje, a pobreza foi pobre,⁶³

E a tristeza foi triste!

*Sobe o panno talão e a mulher retira-se sahindo pelo fundo*⁶⁴

⁶⁵1.º ACTO



1.º QUADRO

A scena representa um valle plantado de oliveiras. No 1.º plano, á D. a Fonte dos Vergeis com o seu aqueducto que se desenrola pelos bastidores. Ao F. e subindo vê-se a rica cidade de Enganim circumdada de muralhas fortes, entre olivae e vinhedos.⁶⁶

SCENA 1.ª

1.º pastor — 2.º pastor — 1.ª mulher — 2.ª mulher, depois mais outras. Ranchos de mulheres, á D., apanham azeitona que homens varejam.⁶⁷

⁶⁸CÔRO⁶⁹

Triste das mulheres na apanha da azeitona⁷⁰

Somos pobresinhas

Só ricas de dores,⁷¹

Mirraram as vinhas,

Murcharam as flores!⁷²

Seccam as nascentes,

Não correm os rios,

Invernos são quentes,

De gelo os estios...⁷³

Lua já não brilhas

Lá nos ceus distantes,⁷⁴

Já não somos filhas

De Deus, como de antes!⁷⁵

Por nossos peccados⁷⁶

Oh!⁷⁷ Senhor bemdito!

Somos castigados,

Assim estava escripto!⁷⁸

Nossa fé intensa

Com isso não mude...

Depois da doença

Virá a saúde!

Que a fé viva dome

Nossa vida impura...

E depois da fome

Virá a fartura!⁷⁹

1.º PASTOR⁸⁰

Tão fresco o valle, tão fresca a sombra á beira d'esta fonte; mas o nosso gado está distante, só guardado pelos cães,⁸¹ e é forçoso partir.

2.º PASTOR

A esta hora do sol os rebanhos nem pastam; podemos estar socegados e beber ainda mais d'esta água⁸² tão⁸³ fria que bebeu Josué.

1.º PASTOR

A mim entristece-me o valle. N'outro tempo, na colheita da azeitona, todos esses ranchos cantavam alegremente, enchendo⁸⁴ de claridades os montes.⁸⁵ Agora os seus cantares são tristes, o trabalho⁸⁶ parece mais pezado⁸⁷ e mais duro. As cotovias, dir-se-hia que não cantam, as rôlas que não arrulham, os melros que não assobiam, e até as folhas⁸⁸ das oliveiras são menos prateadas,⁸⁹ e as azeitonas mais negras que as negras noites escuras⁹⁰. *Entram duas mulheres que se dirigem à fonte com as suas bilhas.*⁹¹

2.º PASTOR⁹²

É que um vento de desolação e morte parece que sopra sobre a terra. Vêde os nossos gados, os gados d'Obed, vão morrendo pouco a pouco e até o arado é mais duro de enterrar e a pedra⁹³ dos lagares menos leve de mover.

1.º PASTOR⁹⁴

E as suas vinhas como vão seccando! Assim,⁹⁵ o azeite d'esta triste colheita não allumiará, como outr'ora,⁹⁶ scenas d'alegria.

2.º PASTOR

Quem sabe⁹⁷ as penas que allumiará nos nossos corações, se até o rico Obed empobrece...⁹⁸

⁹⁹1.º PASTOR

E o peor¹⁰⁰ é que esse lençol de desgraças, estende-se por toda a parte. Vêde os nossos visinhos, os visinhos dos nossos visinhos...¹⁰¹

2.º PASTOR

Dir-se-hia que toda a terra se vae tornar n'um grande deserto.

1.ª MULHER

Não desesperéis. Uma luz de redempção desponta já,¹⁰² que vae trazer allivio a todo o soffrimento humano.¹⁰³

1.º PASTOR

Fallaes como um propheta e as prophcias na bocca das mulheres...

2.º PASTOR

São mentirosas como os protestos de amor.¹⁰⁴

2.ª MULHER

Que os homens fazem.¹⁰⁵

1.º PASTOR

Os homens, os homens... Como se todo o mal de nós viesse.

1.ª MULHER

Vem então das mulheres?... Tudo nos podeis negar, menos a fortaleza d'alma. Assim,¹⁰⁶ agora que uma desgraça, como a todos, vos opprime, é grande o vosso desamino e desfallecimento.

2.^a MULHER

E nós temos fé.

2.^o PASTOR

Fé?!..¹⁰⁷

1.^a MULHER

Sim, fé. Nas palavras da Samaritana.¹⁰⁸

1.^o PASTOR

Ainda palavras de mulher.¹⁰⁹

2.^o PASTOR

E essa Samaritana?

2.^a MULHER

Contou que na fonte de Jacob, á beira do poço, um homem lhe pedira de beber. E como reconhecesse um judeu, a Samaritana admirou-se que alguma coisa lhe pedisse, mesmo agua. Docemente, respondeu: Se conhecesses a graça de Deus e soubesses¹¹⁰ quem é aquelle que te pede de beber, talvez fosses tu que lhe pedisses uma agua muito viva que¹¹¹ te daria e que sacia para sempre a sêde.¹¹² E como a Samaritana sorrisse incredula e apontasse o poço fundo, sem concha com que pudesse tirar agua, elle, então, referiu-lhe¹¹³ todos os segredos da sua vida, ainda os que mais occultos tinha no coração.

1.^o PASTOR

E acreditaes em tal?

1.^o MULHER

Pudera,¹¹⁴ se outro tanto fez a muitas Samaritanas.

2.^o PASTOR

Adivinhos, impostores, que com faceis enganos entretém a imaginação das mulheres.

2.^a MULHER

Não esse, que nunca vimos, mas que por um poder sobrenatural faz com que acreditemos nas suas palavras.

1.^o PASTOR

Palavras que não ouviste. *Outras mulheres aproximam-se da fonte. E um¹¹⁵ velho adivinho.*

1.^a MULHER

Não somos só nós. Pergunte a qualquer d'essas que ahi veem buscar agua á fonte e vereis que todas, como nós, acreditam n'esse Propheta.

2.^o PASTOR

Vamos ter então uma religião nova.

1.^o PASTOR

O que vale é que é só para mulheres.

2.^a MULHER

E para os nossos filhos.

1.^a MULHER

Que um dia hão-de ser homens.

2.^o PASTOR

Quereis dizer?

1.^a MULHER

Que essa religião será de todo o mundo!¹¹⁶

1.^o PASTOR

Rindo

Trocae esses trajés¹¹⁷ pela túnica dos homens e ide a prégar a vossa fé.

2.º PASTOR

Correr-vos-hão á pedrada.

1.º PASTOR

E tratadas como loucas,¹¹⁸ tereis o justo castigo das vossas impiedades.

2.º PASTOR

O mundo é velho e só os homens da Lei tem razão. Os males vem,¹¹⁹ os males passam, e não ha Prophetas¹²⁰ novos que saibam dizer coisas diferentes do que nos ensinaram nossos Paes.

1.ª MULHER

Esses ensinaram-nos que um dia chegará o Messias, que¹²¹ nos livrará de todo o mal.

2.ª MULHER

E porque não será o Messias aquelle que pediu de beber á Samaritana?

1.º PASTOR

Loucas sois. O Messias é uma esperança, uma promessa, um symbolo, que durará em quanto o mundo fôr mundo, sem jamais se tornar uma realidade, sem jamais apparecer a olhos humanos.

1.ª MULHER

A fé é mais que a luz, allumia mesmo com os olhos cerrados.

2.ª MULHER

E não deixa vêr os que os têm abertos¹²² e a não possuem.

1.º PASTOR

Que dizes tu, velho adivinho, tu, que com as tuas cantilenas nada mais sabes fazer
que exaltar as¹²³ cabeças das mulheres?

VELHO ADIVINHO¹²⁴

Approximando-se

Quando os ricos não têm, os pobres que terão?
Se os fortes não têm força, os fracos onde a têm?
Nossa luta é baldada e nosso esforço é vão...
Quem nos pode valer? Ninguém, irmãos, ninguém.

Eu nunca me enganei; eu leio nas estrelas;
Entendo a voz do vento e os lamentos do mar;
Vêdes luzes no céu? Olhae bem para ellas,
Que nunca mais talvez as heis de ver brilhar...

Vós, rapazes, não sois mais novos do que eu...
Vamos todos morrer... tudo está moribundo...
Os homens sobre a terra e as estrelas no céu,
Todos vão acabar, vae acabar-se o mundo!¹²⁵

TODOS *em côro, e aterrados*¹²⁶

Vae acabar-se o mundo... Vae acabar-se o mundo!...¹²⁷

¹²⁸SCENA 2.^a

*Os mesmos e um viandante*¹²⁹

¹³⁰VIANDANTE

Que ouve já em scena os ultimos versos do adivinho¹³¹

Não! não acaba o mundo, como pensas,
Não! O mundo começa, o mundo começou...
Vinde a mim! vinde ouvir as noticias immensas
De uma nova alvorada que raiou!

Não acaba o mundo, como tu dizias...
Como ha-de elle acabar,
Agora que nasceu um divino Messias
Que vem salvar o mundo e que nos vem salvar?

Pelas terras da verde Galilieia
Com meus olhos o vi...
E vi despovoar-se cada aldeia
Para seguir o pallido Rabbi!
Vinham a elle os pobres, os doentes,
Mães e filhas, netas e avós...¹³²
Se vinham tristes, voltavam contentes,
Só por ouvir-lhe a voz!¹³³

Os que vinham doentes ou culpados,
Os que pediam cura ou salvação,
Todos voltaram curados,
Todos tiveram perdão!

Por onde elle passou, ¹³⁴ passou a vida;
Onde elle não entrou sumiu-se a luz...
Até a Galileia é mais florida

Desde que nella appareceu Jesus!

Vi-o nas barcas, entre os pescadores,¹³⁵

Praticando milagres deslumbrantes...

Querendo elle, não ha morte, nem ha dores,

Nem lucto, nem miseria, como de antes!¹³⁶

Quando elle falava, parecia

Que o proprio Deus falava em seu logar...

Seus olhos brilham mais que a luz do dia,

Têm mais fundo que o mar!¹³⁷

Ninguem mais desespere ou entristeça,

Oh pobres, oh humildes, oh pequenos!

O mundo não acaba, mas começa,

Começa agora... para vós, ao menos!¹³⁸

1.^a MULHER

Que canto tão cheio de esperança!¹³⁹

2.^a MULHER

De quem falaveis?

1.^a MULHER¹⁴⁰

Quem assim cobrieis de louvores?

2.^a MULHER¹⁴¹

As vossas palavras cahiam como um balsamo nas feridas dos nossos corações.

1.º MULHER¹⁴²

Dizei, dizei outra vez. *Os ranchos vão-se aproximando*¹⁴³

VIANDANTE

*Para os que estão ainda distantes*¹⁴⁴

Aproximae-vos, abeirae-vos de mim. *Pausa* A vida é triste,¹⁴⁵ mas uma nova aurora vem raiando que afastará todas as desgraças. Um novo profeta,¹⁴⁶ um Rabbi formoso, percorre já os campos e as aldeias da Galiléa, predizendo a chegada do Reino de Deus, curando todos os males humanos.

AS MULHERES¹⁴⁷

*Para os homens*¹⁴⁸

Ouvide, ouvide!¹⁴⁹

VIANDANTE

Esse Rabbi formoso, na estrada de Magdala,¹⁵⁰ sarou da lepra o servo d'um decurião romano,¹⁵¹ só com o estender sobre elle a sombra das suas mãos. E n'outra manhã, atravessando n'uma barca para a terra dos Gerasenios,¹⁵² onde começava a colheita do balsamo, ressuscitou a filha de Jaïro, o homem consideravel e douto que comenta os Livros na Synagoga. Ao chegar á cidade de Naïm deparou-se-lhe¹⁵³ um enterro. Era o filho unico d'uma¹⁵⁴ pobre viuva que a chorar seguia o esquife, banhada¹⁵⁵ em afflictivo pranto. O Rabbi, ao vê-la,¹⁵⁶ acercou-se d'ella¹⁵⁷ e disse-lhe: - «Não chores» - e abeirando-se do esquife mandou levantar o morto,¹⁵⁸ que a soluçar se abraçou á mãe.

1.ª MULHER¹⁵⁹

Mas esse é?

VIANDANTE

Um homem que embarcando para um logar deserto,¹⁶⁰ ali se viu seguido por grande multidão e de cinco pães e dois peixes, que era tudo quanto havia, distribuiu pão e peixes a mais de cinco mil pessoas. E como o quizessem acclamar Rei, aproveitando as sombras da noite, retirou-se para Capharnaum. E, em Bethania, com uma palavra, uma só: «Levanta-te!» - ressuscitou a Lazaro,¹⁶¹ o irmão de Martha.

2.^a MULHER¹⁶²

Mas dize, dize, esse é em verdade...

1.^o MULHER¹⁶³

O Messias da Judéa?

2.^a MULHER¹⁶⁴

Diante de quem refulge a espada de fogo?

1.^a MULHER¹⁶⁵

E que vae caminhando, ladeando-o como as

sombras de duas torres as sombras de Gog e de Magog?

VIANDANTE

Toma uma bilha do hombro d'uma mulher, vae a leval-a à bocca, mas quando já está perto entrega-lh'a sem beber.¹⁶⁶ Toma o cajado e sacudindo a cabeça¹⁶⁷ mette pensativamente por sob o aqueducto, sumindo-se na espessura¹⁶⁸ das amendoreiras em flor.

1.^a MULHER¹⁶⁹

Não respondeu, mas o meu coração¹⁷⁰ diz-me que é o Messias da Judéa.

2.^a MULHER¹⁷¹

Sim, é o Messias; a vida vae ser mais doce, ha¹⁷² uma esperança na terra.

1.^o PASTOR

Se assim fosse! Os gados talvez sarassem, as vinhas talvez reverdecessem.¹⁷³

2.^o PASTOR

O arado seria mais brando de enterrar,¹⁷⁴ mais leve de mover a pedra do lagar.

1.^a MULHER¹⁷⁵

A colheira será farta.¹⁷⁶ O azeite mais doce de beber.¹⁷⁷ *Os pastores vão sahindo e as mulheres e os homens voltam à sua faina, outros enchem as suas bilhas na fonte*¹⁷⁸

¹⁷⁹TODOS

Chegou o Messias! Chegou o Messias!¹⁸⁰

UM DOS HOMENS¹⁸¹

A fé ora nos invade,
Ora de nós se retira:
Ninguém sabe o que é verdade,
Ninguém sabe o que é mentira...

OUTRO HOMEM

Quem se acostuma a soffrer
Já não entende outra vida:
De tanto crer e descrer¹⁸²
Temos a crença perdida!

OUTRO HOMEM

Mas lá vem nas prophecias,
Lá rezam os livros santos,
Que assim que venha o Messias¹⁸³
Acabam fomes e prantos...

OUTRO HOMEM

Todas as aguas são claras...
Floridos todos os valles...

OUTRO HOMEM

Cura-se o mal das searas...¹⁸⁴

OUTRO HOMEM¹⁸⁵

Curam-se todos os males!¹⁸⁶

OUTRO HOMEM

A terra só Deus a lavra,
Só Deus o campo semeia...

AS MULHERES

Vós estaes dizendo, palavra a palavra,
O que Jesus disse pela Galileia!

OS HOMENS¹⁸⁷

Pois se assim o disse sua voz bemdita,
Vamos ter com elle, que nol-o repita!

AS MULHERES

Em côro

Levemos perfumes para o seu cabelo,
Vamos para ouvil-o, vamos para vel-o!

Como flores não temos, não levamos flores:
Só levamos males, só levamos dores!

Vamos a caminho, vamos de longada,
Só em nós o vendo será madrugada!

Vem nas prophecias, vem nos livros santos,
Acabaram fomes, acabaram prantos!

Vem nos livros santos, vem nas profecias,
Chegou o Messias, chegou o Messias!¹⁸⁸

FIM DO 1.º QUADRO

2.º ACTO



¹⁸⁹2.º QUADRO

*A scena representa um trecho da cidade de Enganim. – Á D. 1.º plano, a casa d'Obed.*¹⁹⁰

SCENA 1.^{a191}

*Duas mulheres, á E. F. estendem roupas e tapetes – Obed, sentado á soleira da porta – 1.º Pastor.*¹⁹²

OBED¹⁹³

Dize-me, e os gados?

1.º PASTOR

Mortas as rezes mais gordas da manada. D'essas mesmo só restam poucas¹⁹⁴ e pastam tristemente, desviando as cabeças pendidas¹⁹⁵ das hervas mais tenras.

OBED

E as vinhas?¹⁹⁶

1.º PASTOR

Mirradas.¹⁹⁷

OBED

De que me serve sacrificar nas aras do Monte Ebal¹⁹⁸ se os meus celleiros se esvasiam e se não enchem, se os meus rebanhos morrem e as minhas vinhas seccam?

1.ª MULHER¹⁹⁹

Para a outra

Como se lamenta!

OBED

É esse maldito vento que sopra das terras d'Assur,²⁰⁰ vento arido e abrasado que mata as minhas rezes e pelas encostas onde²⁰¹ as vinhas se enroscavam ao olmo e se estiravam nas latadas airosas, só deixa em torno dos²⁰² olmos e dos pilares despídos, sarmentos, troncos lenhosos e a parra roida da crespa ferrugem.

2.ª MULHER²⁰³

Para a outra

Obed, tão rico, chega a fazer pena.²⁰⁴

OBED

Agacha-se, palpa a poeira e com a ponta do manto sobre a cabeça exclama²⁰⁵

Triste velhice a minha, Deus cruel,²⁰⁶ que assim castigas quem com tanto orgulho sempre te tem servido. *Ranchos vão passando entoando trovas do Rabbi.*

207 CÔRO 208

Vamos ao trabalho, que vae alto o dia,
Cobre-se de flores toda a Samaria!

A enxada não peza como antes pezava:
Porque o Senhor de antes não nos ajudava!

209 Já pelas estradas vão as romarias,
Com ramos de flores, p'ra ver o Messias!

210 OBED

Levanta a cabeça e como que acordando

Que vozes são essas?

1.º PASTOR 211

Ranchos que vão para o trabalho.

OBED

Que cantares são os seus? 212

1.ª Mulher 213

Aproximando-se com a companheira 214

Escuta, Senhor, cantam os milagres 215 do novo Rabbi da Galiléa. *Os coros continuam até que se perdem ao longe.*

OBED 216

Milagres, não há milagres. Esse Jesus, esse Rabbi que alimenta as multidões, que amedronta os demonios e emenda todas as desventuras, não passa de um 217 feiticeiro, como os que vi na Phenicia, e tão costumados são na Palestina, como Appolonius ou Rabbi Ben-Dossa, ou Simão o Subtil. 218

2.^a MULHER²¹⁹

Culto sois Senhor,²²⁰ mas Jesus parece não ser d'este mundo, tão grande é a sua fama...

1.^a MULHER²²¹

Tão grandes são os seus milagres...²²²

OBED

Milagres? Feiticeiros sim,²²³ que mesmo nas noites tenebrosas conversam com as estrelas, para elles sempre claras e sempre faceis nos seus segredos. Com uma vara afugentam de sobre as searas os moscardos gerados nos lodos do Egypto; e agarrando entre as pontas dos dedos as sombras das arvores, conduzem-n'as como toldos beneficos, para²²⁴ cima das eiras, á hora da sesta. Assim os vi na Phenicia.

²²⁵2.^a MULHER²²⁶

E os moscardos voltam e devoram as searas.

1.^a MULHER

E o sol zomba d'essa sombra. E Jesus... O Nazareno...²²⁷

OBED

O que pode vir bom de Nazareth, de cidade tão pobre²²⁸ perdida na montanha?

2.^o MULHER

A esperança dos bons e a consolação dos tristes, aquelle que caminha espalhando milagres e benções.²²⁹

OBED

Não ha milagres...

1.ª MULHER

Vós o dizeis, mas nas bodas de Cana, quando ao terminar do festim já não havia vinho e as seis²³⁰ talhas de pedra já não continham agua, feitas as abluções e as lavagens, Jesus ordenou que de novo se enchessem, e cheias á vista de todos com agua crystalina²³¹ da fonte, d'ellas transbordou vinho mais puro do que até então²³² se tinha servido.

2.ª MULHER

E na piscina de Jerusalem, ao pobre homem, que, tão doente, mal podia arrastar-se para se lançar á agua, no momento em que ella borbilhava, porque sempre outros menos tropegos o faziam primeiro, Jesus compadecido disse: «Levanta-te, toma a tua enxerga e anda.» – E n'esse instante, doente ha tanto tempo, levantou-se e andou, sem mesmo se banhar. E agora por toda a nossa boa terra, Jesus continua espalhando benções, fazendo milagres.²³³

OBED

Feiticeiros... Jesus de Galiléa, mais novo que os que vi na Phenicia,²³⁴ terá talvez magias mais viçosas.

1.º PASTOR

Se cura homens porque não curará os vossos gados? Se muda a agua em vinho porque não fará reverdecer as vossas vinhas?²³⁵

²³⁶OBED

Porque se não fazem impossiveis.

1.º PASTOR

É preciso não acreditar só no que vemos. E eu por mim tenho que alguma coisa ha-de haver de verdade no muito do que²³⁷ por toda a parte se ouve.

1.ª MULHER

Fallaes com acerto e tudo que referimos foi visto por muitas testemunhas.

2.ª MULHER

Não se inventam milagres. E são os que veem d'essas terras que assim o certificam.²³⁸

1.º PASTOR

O Messias ha de nascer. O Messias ha de vir a esta boa terra; e porque não será na nossa vida?

1.º MULHER

Tanto temos soffrido que bem o merecemos!²³⁹

OBED

Pois bem! Ide, chamae os meus servos, que venham aqui. *Pastor sae. Para as mulheres.* Mandarei procurar esse Rabbi.²⁴⁰

SCENA 2.ª²⁴¹

1.º MULHER

Se nós o vissemos...²⁴²

2.ª MULHER

Como seriamos ditosas!

OBED²⁴³

O feiticeiro não saberá resistir á minha riqueza,²⁴⁴ e a sua magia recompensará largamente a minha generosidade. Os meus colleiros encher-se-hão de novo²⁴⁵ e o vinho jorrará como a agua na fonte dos Vergeis. E a minha velhice prolongar-se-ha amimada pela abastança.

²⁴⁶1.ª MULHER

Só pensa nas suas riquezas.

2.ª MULHER

Não cura da sua alma. Se nós vissemos o Rabbi?...²⁴⁷

SCENA 3.^a 248

*Os mesmos e os servos que vem entrando, tendo á sua frente o 1.º Pastor*²⁴⁹

1.º PASTOR²⁵⁰

*Entrando*²⁵¹

Senhor, aqui nos tendes. Que ordenaes?

OBED

Apertae os cinturões de couro e prepara-e-vos para partir. Tomae a estrada das Caravanas, e, costeando o lago, ide, se fôr preciso, até Damasco. Que as neves finas do monte Hermon vos não detenham. Segui por toda a parte o rastro luminoso d'esse novo Rabbi de²⁵² Galileia, e quando o encontrardes, trazei-m'o! que o encherei de dinheiro,²⁵³ para que faça cessar a mortandade dos meus gados, reverdecer as minhas vinhas.

1.º SERVO²⁵⁴

Faremos tudo para o encontrar. As mulheres serão os nossos guias porque cada dia lhe cantam novos louvores. Mas, Senhor, se recusar acompanhar-nos?²⁵⁵

OBED

Recusar? Dizei-lhe que sou poderoso, que sou rico, que a minha paga será sem conta.

2.º SERVO²⁵⁶

E se ainda assim não quizer vir? Tão desprendido de tudo o pintam!²⁵⁷

OBED

Trazei-m'o preso, acorrentado se fôr preciso.

3.º SERVO²⁵⁸

E se o não encontrarmos?

OBED

Para a sua fama chegar até nós²⁵⁹ e cada vez subir mais e mais como do Jordão as águas²⁶⁰ n'uma cheia tenebrosa,²⁶¹ é porque não está longe e haveis de encontrá-lo. Ide.

1.º PASTOR²⁶²

Consenti, Senhor,²⁶³ que os acompanhe também. Tenho fé que serei o primeiro a vê-lo.

OBED

E os meus gados? Fazeis-me falta.²⁶⁴

1.º PASTOR²⁶⁵

Tão poucos são já que um pastor basta²⁶⁶ para os guardar. E sabe Deus se²⁶⁷ esses poucos encontrarei quando voltar!

OBED²⁶⁸

Vae, ave agoirenta. Vae também, e treme pela tua cabeça se m'ó não trouxeres.²⁶⁹ *Os servos curvam-se; Obed aponta-lhes o caminho;*²⁷⁰ *vão sahindo; as mulheres levantam os tapetes;*²⁷¹ *quando de todo desaparecem, Obed volta a sentar-se na soleira da porta e exclama) Não, não póde morrer pobre quem sempre viveu tão rico como eu!*²⁷² *(Com a ponta do manto cobre de novo a face;*²⁷³ *ao longe começa a ouvir-se o cântico do rancho que volta para a cidade entoando hossanas a Jesus)*²⁷⁴

²⁷⁵CÔRO

Enchem-se os caminhos, corre todo o povo,

Todos vão á busca do Propheta novo!

Oh Jesus bemdito, queremos adorar-te!

Tua voz bem dita chega a toda a parte!

Com os teus milagres pasma o mundo inteiro,

Dos prophetas todos tu és o primeiro!

Nossas almas cheias de esperança e fé
Para ti se voltam, Deus de Nazareth!

Para nos dar vida, para nos salvar,
Só a tua sombra, só o teu olhar!

²⁷⁶Curas as doenças, curas as desgraças,
Rebentam as flores por onde tu passas!

²⁷⁷Coração sombrio, cheio de peccado,
Logo fica branco de te ter tocado!

²⁷⁸OBED

Pouco a pouco vae descobrindo o manto: quando as vozas se calam
O Rabbi deve estar perto; os meus servos vão trazer-m'o!²⁷⁹

FIM DO 2.º QUADRO



3.º QUADRO²⁸⁰

A mesma scena que a anterior.

SCENA 1.^{a281}

Duas mulheres.

1.^a MULHER

Porque andas tão triste, tu a alegria da cidade de Enganim?²⁸²

2.^a MULHER²⁸³

Como queres que viva contente, se me roubaram Nathanael, o escolhido do meu coração?²⁸⁴

1.º MULHER

Só agora descubro que tens coração.²⁸⁵ Tu, que tão facilmente com todos te repartias...²⁸⁶

2.^a MULHER

Sim,²⁸⁷ é verdade; mas Nathanael fez-me compreender o que até então eu não tinha jamais compreendido. E roubaram-m'ó!

1.^a MULHER

Quem? Outra como tu facil nos seus amores?

2.^a MULHER²⁸⁸

Não. O Messias.

1.^a MULHER²⁸⁹

Brincas com cousas serias?

2.^a MULHER

Brincar?.. Escuta.²⁹⁰ Era na colheita dos figos, perto do caminho que ladeia o lago entre Magdala e Bethsaida;²⁹¹ os tapetes, sob os nossos corpos, estendiam-se debaixo

das ensombradas figueiras²⁹² carregadas de fructos. Eramos um rancho alegre. O calor outoniço cahia ainda pesado do ar; amphoras cheias de frescas bebidas pousavam ao nosso lado:²⁹³ as aves, nos ramos, cantavam alegremente.²⁹⁴ Nathanael com a cabeça encostada ao forte tronco da figueira a que nos abrigavamos,²⁹⁵ deixava-se prender pelos meus feitiços, pelos meus encantos, esquecendo já os que junto a nós,²⁹⁶ na alegre festa da colheita,²⁹⁷ descansavam tambem. A sua mão apertava ternamente a minha,²⁹⁸ e eu murmurava palavras d'amor que elle ouvia deleitado. De repente, no mais ardente dos protestos que já trocavamos, a sua mão²⁹⁹ desprendeuse da minha e a sua cara transformou-se,³⁰⁰ n'uma tal fixidez de expressão que me aterrava. Segui o seu olhar e apenas descortinei na prega do valle distante,³⁰¹ homens que lentamente passavam seguindo um outro,³⁰² todo vestido de branco,³⁰³ que caminhava na frente. Desappareceram. Em volta de nós, no bando alegre, havia ainda mais risadas, só Nathanael,³⁰⁴ alheado, mudo, conservava no olhar illuminado uma expressão extranha. Como de novo o quizesse attrahir a mim, repelliu-me. Levantou-se e deixou-nos.³⁰⁵

1.ª MULHER³⁰⁶

Assim como um viandante que se desvia d'um mau caminho.

2.ª MULHER

Dias depois, uma das minhas companheiras³⁰⁷ affirmou-me que fôra realmente o Rabbi que com os seus discipulos passara junto a nós, e que Nathanael o seguira e pelo Rabbi fôra abençoado. Nunca ninguem mais o viu. Por isso choro e o meu coração se despedaça.³⁰⁸

1.º MULHER

Soffres do abandono que a muitos outros fizeste soffrer. Tudo se paga n'este mundo,³⁰⁹ diz o Rabbi. Repara. Ahi vem Obed; esse³¹⁰ soffre tambem dos muitos³¹¹ males que tem praticado.

SCENA 2.ª

As mesmas e Obed.

OBED

Ouviste novas dos meus servos?³¹²

1.º MULHER

Não, senhor.³¹³

OBED³¹⁴

Nem tu, que tantas vezes e por tanto tempo adandonas a cidade?

2.º MULHER

Não, senhor.³¹⁵

OBED³¹⁶

Com um gesto para que o deixem, senta-se à porta da sua casa³¹⁷

Passaram dias, passaram semanas, passam mezes e os meus servos³¹⁸ sem voltar. E a terra cada vez mais ressequida sorve-me a seiva das vinhas.³¹⁹ E os meus rebanhos?

2.º PASTOR

Vem entrando³²⁰ triste e abatido e ouve a sua pergunta

Já não tendes rebanhos, senhor Morreu³²¹ a ultima rez.

OBED

Maldição, maldição!

2.º PASTOR

Não vos ireis, senhor!³²² Agora chegará a nossa vez,³²³ que a morte anda no ar, e quer vidas, muitas vidas, para tragar.³²⁴

OBED

Calae-vos.³²⁵ Tenho ainda fé no feiticeiro.³²⁶

2.º PASTOR

Os feiticeiros desapareceram da terra. Esse cuja fama vae crescendo só está, onde ninguem está. Falla nas montanhas com Elias e Moisés, mas ninguem o descobre. Ha quanto tempo andam por lá os vossos servos, os meus companheiros, e sem voltar.³²⁷ E voltarão?

OBED³²⁸

Hão de voltar.

2.º PASTOR

Debalde em cada dia, ou de manhã mal o sol desponta, ou á tarde quando se esconde, passo horas e horas no cimo da collina olhando a comprida fita da estrada sempre deserta. Voltarão?

³²⁹OBED

Porque não hão de voltar? Repara,³³⁰ não vês alem uma nuvem de poeira que se levanta?³³¹

2.º PASTOR³³²

Onde, senhor? Nada descortino.³³³

³³⁴OBED

Alem,³³⁵ pela estrada das Caravanas.³³⁶ Não vês a nuvem de pó avançando, avançando sempre? Sim, devem ser os meus servos, devem trazer o feiticeiro.³³⁷

2.º PASTOR

São, são elles. Já descubro o meu companheiro, o que vem na frente. Coitados, como andam depressa! Têm sêde de chegar. Ausentes ha tanto tempo... Que alegria em todos os lares!³³⁸

OBED

Emfim! *Deixa-se cahir na soleira da porta, — os servos veem entrando*³³⁹
*cobertos de poeira, rotos, andrajosos.*³⁴⁰

³⁴¹2.º PASTOR

Para o 1.º mostrando-lhe Obed

Como envelheceu!³⁴²

OBED

Depois de os considerar um instante

³⁴³E o Rabbi?

1.º PASTOR

Não o encontramos.³⁴⁴

OBED

Não o encontraram?³⁴⁵

1.º PASTOR

Por toda a parte se nos deparou o seu sulco luminoso,³⁴⁶ mas nunca conseguimos vê-lo.

OBED

N'um grande desfalecimento

Mas por onde andaram e o que³⁴⁷ ouviram d'elle?

1.º PASTOR

A terra é já pequena para a sua fama; grande para as nossas caminhadas. Por toda a parte ouvimos fallar d'elle.

SERVOS³⁴⁸

Sim, por toda a parte. *Mulheres veem entrando; abraçam primeiro os maridos, os irmãos, e depois escutam enleadas.*³⁴⁹

1.º PASTOR³⁵⁰

Um dia, na frescura d'uma manhã macia, o lago de Tiberiade³⁵¹ resplandeceu diante de nós, transparente, coberto de silencio, mais azul que o ceu,³⁵² todo orlado de prados floridos, de densos vergeis, de rochas de porphiro, sob o vôo das rôlas.³⁵³ A um pescador que desamarrava preguiçosamente a sua barca d'uma ponta de relva, assombrada de aloendros, perguntámos pelo Rabbi de Nazareth. Escutou-nos sorrindo e disse: «O Rabbi de Nazareth? Oh!³⁵⁴ desde o mez de Ijar,³⁵⁵ o Rabbi descera, com os seus discipulos³⁵⁶ para o lado para onde o Jordão leva as aguas».

1.º SERVO³⁵⁷

E nós, correndo, seguimos pela margem do rio, até adiante do vau,³⁵⁸ onde elle se estira n'um largo remanso, e descança, e um instante dorme, immovel e verde, á sombra dos tamarindos. Ahi, um homem da tribu dos Essenios, todo vestido de linho branco, apanhava lentamenteervas salutaras, pela beira da agua, com um cordeirinho branco ao collo. Humildemente o saudámos, porque nós, senhor,³⁵⁹ amamos aquelles homens de coração tão limpo e claro e candido como as suas vestes cada manhã lavadas em tanques purificados. E perguntámos-lhe...

OBED

E o que respondeu esse homem?

2.º SERVO³⁶⁰

Murmurou que o Rabbi atravessara o Oasis de Engadi e depois se adiantara para alem...

OBED

Mas onde, «alem»?

1.º PASTOR³⁶¹

Essa mesma pergunta fizemos,³⁶² e o bom do Essenio, movendo um ramo de flôres roxas que colhera, mostrou as terra d'Alem-Jordão, a planicie de Moab.³⁶³

OBED

E deixastes-vos ficar?³⁶⁴

3.º SERVO³⁶⁵

Não, Senhor. Vadeámos o rio, e de balde procurámos Jesus, arquejando pelos rudes trilhos,³⁶⁶ até ás fragas onde se ergue a cidadella sinistra de Makaur...

1.º PASTOR³⁶⁷

No poço de Jacob³⁶⁸ repousava uma larga caravana, que conduzia para o Egypto, myrrha, especiarias, e³⁶⁹ balsamos de Gilead. Os camelleiros, tirando a agua com os baldes de coiro,³⁷⁰ contaram-nos que em Gádara, pela lua nova, um Rabbi maravilhoso, maior que David ou Isaias, arrancára sete demonios do peito d'uma tecedeira, e que á sua voz,

um homem degolado pelo salteador Barrabás se erguera da sua sepultura e recolhera ao seu horto.

³⁷¹OBED

Tão perto estavam,³⁷² e porque não continuaram?³⁷³

4.º SERVO³⁷⁴

Continuámos, sim, e, esperançados,³⁷⁵ subimos logo açodadamente pelo caminho dos Peregrinos até Gádara, cidade d'altas torres,³⁷⁶ e ainda mais longe até ás nascentes do Amalha.³⁷⁷

OBED

E o Rabbi?³⁷⁸

1.º PASTOR³⁷⁹

Jesus,³⁸⁰ n'essa madrugada, seguido por um povo que cantava e sacudia ramos de mimosa, embarcara no lago,³⁸¹ n'um batel de pesca, e á vela vogara para Magdala.

³⁸²AS MULHERES

Um para as outras batendo as mãos

É o Messias, é o Messias. Temos o Messias na terra.

OBED³⁸³

Calae-vos! Deixae-me ouvir. Dizei, dizei.

1.º PASTOR³⁸⁴

Descorçoados, de novo passámos o Jordão na ponte das filhas de Jacob.³⁸⁵ Um dia, já com as sandalias rotas dos longos caminhos, pisando já as terras da Judéa Romana, cruzámos um phariseu sombrio, que recolhia a Ephraim,³⁸⁶ montado na sua mula. Com devota reverencia detivémos o homem da Lei. Encontrára elle por acaso esse Propheta novo de Galiléa que, como um Deus passeiando na terra, semeava milagres?³⁸⁷

OBED

E o homem da Lei?³⁸⁸

1.º PASTOR³⁸⁹

Escureceu de repente,³⁹⁰ com a sua face adunca enrugada,³⁹¹ e a sua colera tombou sobre nós como um tambor orgulhoso: Oh! escravos pagãos! Oh! blaphemos!³⁹² onde ouvistes que existissem prophetas ou milagres fóra de Jerusalem? Só Jeovah tem força no seu templo.³⁹³ De Galiléa surdem os nescios e os impostores. *As mulheres protestam n'um longo murmurio.*³⁹⁴

OBED

Calae-vos!³⁹⁵

1.º PASTOR

E como recuassemos ante o seu punho erguido, todo enrodilhado de disticos sagrados, apedrejou-nos uivando: «Racca! Racca!» e todos os anathemas rituaes.³⁹⁶

³⁹⁷3.º SERVO³⁹⁸

Descorçoados e não convencidos,³⁹⁹ que os milagres não tem conta, voltámos.

1.º PASTOR

Mas o povo, com grande fé, apesar da maldição dos homens da Lei, vae repetindo por toda a parte os seus sermões e as suas parabolás, espalhando assim a sua doutrina.

OBED

E não trazeis o feiticeiro e os meus gados morreram e as minhas vinhas seccam e as minhas tulhas esvasiam-se! E esses sermões?... E essas parabolás?...⁴⁰⁰

1.º PASTOR

Teem conforto para todo o soffrimento humano;⁴⁰¹ ficam-nos na memoria, gravadas no coração.

OBED

O quê? Lembraes-vos d'alguma?

2.º PASTOR⁴⁰²

Escutae, senhor,⁴⁰³ e não vos irriteis; escutae a parábola⁴⁰⁴ que tantas vezes ouvimos, cahindo como um orvalho⁴⁰⁵ benéfico, por sobre os campos ressequidos:

⁴⁰⁶«Homens, não cuideis só da vinha e do celloiro:

Cuidae da salvação, cuidae da alma, primeiro!

Vosso maior empenho é ter gado e ter pão:

Pois fôra bem melhor, loucos, ter coração!

Tendes pomar viçoso e de fructos coberto,

Mas vossa alma é mais triste e nua que um deserto!

Que importa que o trigal prospere e a vinha augmente,

Se em vós nada floriu,⁴⁰⁷ além da má semente!

Vêde as aves do ceu tão felizes, tão⁴⁰⁸ bellas...

Foi Deus que semeou e lavrou para ellas!

Não têm lagar nem vinha, ou seara opulenta...

Foi Deus que lhes deu vida e é Deus quem lh'a sustenta!

Em vez de, como vós, ceifar, encelleirar,

Vão á busca de Deus, voando, pelo ar...

E enquanto vós cuidaes da ceifa e da vindima,

Seu vôo, sem cessar, de Deus as approxima!

Oh!⁴⁰⁹ gente louca e vã, que um medo vão consome:

Só vos assusta o frio e vos inquieta a fome!

Ter que vestir na arca e crias na manada

É ter tudo, dizeis; e eu digo: é não ter nada!

O que fiaes na roca e no tear teceis

Não encobre de Deus os males que fazeis!

Não ha seda que esconda ou véu que dê abrigo

Aos que a mão do Senhor marcou para o castigo!

Oh!⁴¹⁰ gente louca e vã, vêde os lyrios do val

Vestidos de brancura e graça matinal...

Salomão não trajou velludos nem setins

Como os vêdes trajar ás rosas nos jardins...

Que roca lh'os fiou, que tear lh'os teceu?

Fiou-lh'os o Senhor, teceram-se no Ceu!

Imitae, gente vã, teimosos peccadores,

O descuido da ave e o descuido das flores...⁴¹¹

Sabe Deus, mais que vós,⁴¹² o que vos é preciso:

Não penseis em viver — pensae no Paraiso!»⁴¹³

OBED⁴¹⁴

Palavras d'um louco! Palavras d'um louco!⁴¹⁵

1.º PASTOR⁴¹⁶

D'um louco, dizeis, e todavia,⁴¹⁷ radiantemente, como uma alvorada por detraz das serras, cresce consoladora e cheia de promessas divinas, a fama de Jesus de Galilêa. *Obed cae succumbido com a cabeça entre as mãos.*⁴¹⁸

OS PASTORES E AS MULHERES⁴¹⁹

Assim é, assim é!

FIM DO 3.º QUADRO

3.º ACTO



4.º QUADRO⁴²⁰

A scena representa a esplanada d'um forte dominando o valle de Cesareia á beira mar. Ao fundo, rente ás ameias, um legionario passeia fazendo guarda. Um largo velario abriga um banco.⁴²¹

SCENA 1.ª

*Publio e um camarada da campanha de Tiberio*⁴²²

CAMARADA⁴²³

Comtigo andei, Publio,⁴²⁴ contigo fiz a campanha⁴²⁵ de Tiberio contra os Parthas; mas vê que diferença entre nós.⁴²⁶ Eu abandonado, pobre, vivo só da recordação do meu passado feliz. Não tenho soldados. Não commando ninguém.⁴²⁷

PUBLIO⁴²⁸

Com tristeza

Sim, é certo. Eu commando este forte que domina o valle da Cesarêa,⁴²⁹ até á cidade e ao mar.⁴³⁰ Possuo minas na Attica. Sou rico!

CAMARADA

E como se tal te não bastasse,⁴³¹ gozas, como favor supremo dos Deuses, a amisade de Flacco,⁴³² Legado Imperial da Syria.

PUBLIO⁴³³

É verdade.⁴³⁴ Mas tudo isso trocaria pela doce paz da tua pobreza. Minha filha, a minha filha unica, por mim mais amada que vida ou bens, definha com um mal subtil e lento, estranho⁴³⁵ mesmo ao saber dos Esculapios e Magicos⁴³⁶ que mandei consultar a Sidon e a Tyro! Branca e triste como a lua n'um cemiterio, sem um queixume, sorrindo-me pallidamente, definha. Passa horas e horas ali⁴³⁷ sentada sob aquelle velario, alongando saudosamente os negros olhos tristes, pelo azul do mar de Tyro, por onde navegou de Italia,⁴³⁸ n'uma galera enfestada.

CAMARADA

Exageras, Publio, exageras. Desfallecimentos que seguem os primeiros rebates da puberdade. Tudo isso passará.⁴³⁹

PUBLIO⁴⁴⁰

Assim fôra; mas um coração de Pae, mesmo sanguinario como o meu, não se engana, e eu vejo que cada dia mais definha e desfallece.⁴⁴¹

CAMARADA

A mocidade é uma grande força, vence doenças que se nos afiguram mortaes.⁴⁴²

PUBLIO⁴⁴³

A sua mocidade é tecida de tristezas.⁴⁴⁴ Olha, às vezes, o legionario da guarda, quando ella ali repousa e uma⁴⁴⁵ grande aguia vôa d'aza serena no ceo rutilante, aponta vagarosamente ao alto a flecha e varando-a,⁴⁴⁶ a minha querida filha segue um momento a ave, torneando, até bater morta sobre as rochas. Depois, mais triste,⁴⁴⁷ com um suspiro, e mais pallida, recomeça a olhar para o mar.

CAMARADA

Como quem adivinha um fim proximo?

PUBLIO⁴⁴⁸

Sim. Parecendo mesmo a propria imagem da morte. Outras vezes canta, mas a sua voz é debil como um fio e a sua canção sempre triste como gemidos doloridos.⁴⁴⁹

SCENA 2.^a

*Os mesmos e um servo*⁴⁵⁰

SERVO

Mercadores vindos de Chorazim pedem, Senhor, para vos mostrar tapetes, sedas, linhos e perfumes.⁴⁵¹

PUBLIO⁴⁵²

Acompanha-os até aqui.⁴⁵³ *O servo*⁴⁵⁴ *sae*. Talvez tragam alguns tecidos que a minha filha apeteça.

CAMARADA

Vês tu. Se⁴⁵⁵ não fôras rico, como poderias procurar enche-la de mimos, adivinhar-lhe os mais pequenos desejos?⁴⁵⁶

PUBLIO⁴⁵⁷

Tudo isso são miserias. O que se compra com dinheiro de nada vale. Saude, muita saude. Vida, muita vida é o que desejaria dar-lhe. E essa sinto, vejo, que a cada momento lhe foge!⁴⁵⁸

CAMARADA⁴⁵⁹

Mal fica a um velho guerreiro tanto das animo.

PUBLIO⁴⁶⁰

Ao amigo descubro o coração. A fortaleza d'animo, a rijeza dos musculos guardo-as para defrontar inimigos. Olha, quem sabe até se este é o castigo de todas as crueldades que tenho cometido.⁴⁶¹

CAMARADA

Mas quem me falla assim? Que linguagem é essa? Não és o mesmo que sempre conheci. Deixa ás mulheres o serem supersticiosas. Soldados não commettem crimes. Combatem. Só vencem ou morrem. Se vencem tudo lhes é perdoado. Se morrem... mais lhes pesa á sua memoria o esquecimento dos homens que as atrocidades commetidas!⁴⁶²

⁴⁶³SCENA 3.^{a464}

Os mesmo e os mercadores que depois⁴⁶⁵ de saudarem começam a desatar os fardos

1.º MERCADOR

Trazemos sedas que nenhuma outras egualam.

2.º MERCADOR

Linhos mais brancos que as brancas mêdas de sal.⁴⁶⁶

3.º MERCADOR

Aromas que ainda não incensaram altares.

1.º MERCADOR⁴⁶⁷

Tapetes de lã, macios como os ninhos das aves e de cores mais bellas que os dourados poentes da Syria.

2.º MERCADOR

*Destapando uma caçoleta*⁴⁶⁸

E mel tão doce, como as doces palavras de Jesus.

PUBLIO⁴⁶⁹

Jesus? Quem é Jesus?⁴⁷⁰

1.º MERCADOR

Um Rabbi admiravel, tão potente sobre os Espiritos, que sara os males tenebrosos da alma, que resuscita os mortos, sara todas as chagas do corpo⁴⁷¹ e por toda a parte deixa um sulco luminoso nos corações!

PUBLIO⁴⁷²

Mas onde está, onde pára esse⁴⁷³ Rabbi admiravel?

2.º MERCADOR

Percorre a Galileia levando atraz de si multidões⁴⁷⁴ fanatisadas que lhe entoam hymnos de louvor.

CAMARADA⁴⁷⁵

Assim ouvi, Publio,⁴⁷⁶ e não tem conta os seus milagres;⁴⁷⁷ dizem-n' o o filho do homem que Daniel entrevia na sua Visão.⁴⁷⁸

PUBLIO⁴⁷⁹

*Para o camarada*⁴⁸⁰

Assim ouviste e nada me dizias. Cura os males da alma e sara as chagas dos corpos. Faz milagres e minha filha definha e desfallece e morre! *Para os mercadores.* Contae, contae das suas virtudes.⁴⁸¹

3.º MERCADOR

Quereis que contemos as areias do mar?⁴⁸² De longe⁴⁸³ vimos e por toda a parte a fama de Jesus, curador de languidos males, crescia em torno a nós,⁴⁸⁴ sempre mais consoladora e fresca,⁴⁸⁵ como a aragem da tarde que sopra do Hermon e atravez dos hortos reanima e levanta as assucenas pendidas.

PUBLIO⁴⁸⁶

*Para o seu camarada*⁴⁸⁷

É esse Rabbi, é esse Rabbi que curará a minha filha.⁴⁸⁸

⁴⁸⁹1.º MERCADOR

Reparae no listrado d'esta seda.

2.º MERCADOR

No tecido d'este tapete.

3.º MERCADOR

Não vos tentam os perfumes?

2.º MERCADOR

Ha muito tempo que não trazemos nada tão rico.

1.º MERCADOR

E nada caro.

3.º MERCADOR

Tudo podereis obter por insignificante preço.⁴⁹⁰ Aproveitae, Senhor, tão excellente ocasião.

1.º MERCADOR

Não vos arrependereis. Tarde encontrareis melhores fazendas.⁴⁹¹

PUBLIO⁴⁹²

*Para os mercadores*⁴⁹³

Tudo compro, ficarei com tudo que trazeis. *Para o camarada*. Abençoada hora em que aqui chegaram! *Para o servo*. Ide dizer que chamem a minha filha e que venha ver tudo quanto lhe dou.⁴⁹⁴ *Toma o camarada e desviando-se dos mercadores*. Destacarei

tres decurias de soldados para que procurem o Rabbi por toda a Galileia⁴⁹⁵ e por todas as cidades da Decapola⁴⁹⁶ até á costa e até Ascalon. Uma vez aqui, mostrar-lhe-hei todos os meus thesouros, captival-o-hei com o fulgor da minha riqueza, do meu grande poder, e enchel-o-hei de dinheiro se porventura conseguir curar a minha filha.⁴⁹⁷

CAMARADA

Fosse eu mais novo e não me pezassem os annos ainda maisque as minhas campanhas,⁴⁹⁸ que seria eu quem guiaria as tres decurias.

PUBLIO⁴⁹⁹

Grande é o teu coração.

CAMARADA

E havia de trazel-o,⁵⁰⁰ esse Rabbi famoso.

⁵⁰¹1.º MERCADOR

Para os dois outros

Parece-me que essas peças ficam melhor aqui.

2.º MERCADOR

Pode ser: e os perfumes?⁵⁰²

3.º MERCADOR

Aqui, ao lado.⁵⁰³

SCENA 4.^{a504}

*Entra a filha seguida e precedida de servos, escravos e escravas*⁵⁰⁵

PUBLIO⁵⁰⁶

Filha da minha alma!⁵⁰⁷

FILHA

Amparada a duas escravas

Meu Pae!⁵⁰⁸

⁵⁰⁹PUBLIO⁵¹⁰

Apontando-lhe o camarada

É um velho amigo, um antigo companheiro de teu pae.⁵¹¹ Fez commigo todas as campanhas.

CAMARADA

Assim é... e que tempo estivemos sem voltar a ver-nos! Embranqueceram-se os cabellos. Ainda não ereis nascida quando nos separamos. Até então tínhamos vivido sempre junctos. Espalhamos muito sangue, batemo-nos muitas vezes lado a lado, pisamos juntos muitos cadavres.⁵¹²

FILHA

Horrorosa a guerra, os mortos, os feridos!

PUBLIO⁵¹³

Tudo isso vae longe, passou.

CAMARADA

Muito longe. Tendes razão.⁵¹⁴ Agora não se pensa senão em viver. O amor de vosso Pae offerta-vos todas estas riquezas. Vede⁵¹⁵ que bellas são.

FILHA

*Desviando o olhar para a vastidão do mar*⁵¹⁶

Sim, são bellas. Tão bellas que ferem⁵¹⁷ com as suas côres.

PUBLIO⁵¹⁸

Toma-a dos braços dos servos e senta-a sob o velario

Não te fatigues. Senta-te. Tragam-lhe tudo para aqui. Quero que vejas bem tudo quanto te dou. *Depois de a fitar com ternura, sae.*⁵¹⁹

SCENA 5.^a⁵²⁰

⁵²¹CAMARADA⁵²²

Não me julgueis sanguinario. Apenas soldado como o vosso Pae.

FILHA

Sim, bem sei. Mas estremeço só de ouvir fallar em sangue, em guerras.⁵²³

⁵²⁴CAMARADA

*Tomando os tapetes*⁵²⁵

Tendes razão. Que este tapete amacie já o doce poisar de vossos pés.⁵²⁶

⁵²⁷FILHA

Obrigada.

⁵²⁸1.º MERCADOR

Quereis um perfume mais suave que o incenso e a myrrha?

2.º MERCADOR

Um linho mais branco que as brancas pennas das brancas cegonhas?⁵²⁹

3.º MERCADOR

Sedas mais leves que as brisas do mar?⁵³⁰

1.º MERCADOR⁵³¹

Mel mais doce...⁵³²

FILHA

Tudo quero; mas levae tudo. *Aponta para fóra.* Deixae-me ver o mar, tão claro,⁵³³ tão limpido, tão sereno, tão calmo. *Para os escravos que lhe fazem como um fundo.*⁵³⁴ Deixae-me tambem.

CAMARADA

*Para os mercadores*⁵³⁵

Enfardem, levem tudo.⁵³⁶ *Os mercadores enfardam á pressa, ajudados pelos escravos e servos que vão sahindo.*⁵³⁷ Tambem vos deixo. O mar assim, doce e brando, deve acalmar todas as maguas; mas attendei na experiencia d'um velho. Ouvi o seu conselho. Nunca vos deixeis vencer pela desesperança. A tristeza gera a doença. É forçoso, primeiro, libertar a alma de todas as apprehensões e amarguras. Uma vez a alma liberta, a saude renasce no corpo. Attendei ao que vos digo, que a vossa mocidade tem direito a todas as alegrias.⁵³⁸

Filha⁵³⁹

Obrigada. Vejo que sois bom. Mas o meu mal é pesado e despedaça-me o corpo tanto como me escurece a alma.

CAMARADA

As primaveras tecem-se para que o verão lhes succeda. Não penseis nos poentes tristes, pensae nas alegres alvoradas. Deixae que os invernos pendam para o chão, levantae vós a cabeça para os astros.⁵⁴⁰ *Do fundo, depois de a ter fitado um instante.* Os soldados não chegarão a tempo. É uma luz que se extingue!...⁵⁴¹

SCENA 6.^a⁵⁴²

Filha e uma das escravas voltando submissa

FILHA

Tambem vos mandei embora.

ES CRAVA

Perdão, Senhora, mas receio, tenho medo que este ar tão vivo vos faça mal, depois de uma noite tão mal passada,⁵⁴³ sempre gemendo e tossindo.

FILHA

Ao contrario, socega, vae fazer-me muito bem. É ainda a brisa do mar que me dá vida. D'este mar por onde vi partir o meu amado⁵⁴⁴ e que me manda ainda, na côr das suas aguas, a luz do seu olhar,⁵⁴⁵ nas brisas perfumadas, os suspiros do seu peito enamorado.

ESCRAVA

Sempre a pensar no vosso amado!... Tudo, tudo daria, a minha vida — que mais não tenho e nem essa me pertence! —⁵⁴⁶ para que de todo a vossa alma se desanuviasse, para que o vigor, a força e a saude vos tornassem ainda mais bella se possivel fosse. Mas..., attendei Senhora, vosso Pae não ficará contente ao vêr que nenhum caso fizestes⁵⁴⁷ de tantos presentes que com tanto carinho vos offertou.

FILHA

Como alheiada

Meu Pae...

ESCRAVA

Sim. Grande será a sua ira, e sabeis bem quanto todos soffremos com os seus arrebatamentos. Mais lagrimas que os nossos olhos, sempre mal enxutos, terão de chorar. Mais dores que vós tereis de soffrer. Vós que tanto padeceis com a sua colera.

FILHA

Calla-te, calla-te, que as tuas palavras retalham-me ainda mais o pobre coração dilacerado. Eu saberei acalmal-o. Nem sequer reparará que mandei tudo isso embora d'aqui.

ESCRAVA

Como vos enganaes!⁵⁴⁸ Illudis-vos, Senhora, não ha movimento vosso que vosso Pae não espie, pensamento que vos não adivinhe.

FILHA

Não exageres. Dir-lhe-hei que desejei vêr tudo mais apropositadamente nos meus aposentos; que vou já escolher de todas as suas dadas aquellas com que me enfeitarei

com maior prazer; que vou perfumar o meu corpo com esses perfumes novos e adornar-me com joias, dadas suas também, que ainda até hoje não saíram dos seus escrínios; estender todos esses macios tapetes por sobre os frios marmores de meu⁵⁴⁹ quarto, e ao vêr a minha fingida alegria acreditará em tudo que lhe disser, até⁵⁵⁰ ficará contente. Socega, e deixa-me tu também,⁵⁵¹ fiel escrava, fiel amiga, deixa-me vêr o mar, tão claro, tão limpido, tão sereno, tão calmo...*Implorando*. Deixa-me.

ESCRAVA

Obedeço-vos, Senhora. *Sae*.⁵⁵²

SCENA 7.^{a553}

FILHA

Depois d'uma pausa⁵⁵⁴ principia a recitar. Antes de findar entra o Pae seguido do Camarada; não dá por elles⁵⁵⁵

⁵⁵⁶Dão-me perfumes, dão-me riqueza,
Por quantos outros appetecida!
Mas ai de mim! não me dão belleza,
Não me dão vida...

Sou nova e rica, bonita era...
Mas já não sou:⁵⁵⁷
A formosura foi primavera
Que, de fugida, por mim passou!⁵⁵⁸

Visto de galas, como Rainha,
Sedas e oiros meu pae me deu...⁵⁵⁹
Mas não ha pobre mais pobresinha
Do que sou eu!⁵⁶⁰
Meus olhos negros, onde a alegria
Fez tantas almas penar de amores,⁵⁶¹

A febre os queima, de noite e dia,
Os faz maiores...⁵⁶²

As pedrarias cobrem⁵⁶³ meu peito,
Por fóra o enchem de brilho⁵⁶⁴ e graça,
Por dentro, a tosse m'o tem desfeito,
M'o despedaça!⁵⁶⁵

Tão nova e rica, que bom seria⁵⁶⁶
Viver, amar...
Mas ai! espera-me a campa fria,
Já por mim chama, nem quer esp'rar!

Meu lindo noivo, por quem suspiro,⁵⁶⁷
Que longe andaes!⁵⁶⁸
Oh ondas verdes do mar de Tyro,
Vós ides vêl-o e eu nunca mais!⁵⁶⁹

Vêl-o um instante,⁵⁷⁰ menos que fosse...
Sentir-lhe o olhar,
Como o de outr'ora,⁵⁷¹ macio e doce,
Cheio de pena, no meu poisar!

⁵⁷²Talvez seus olhos, se se encontrassem
Com os meus olhos ainda uma vez,
Talvez curassem, ressuscitassem...
Talvez, talvez!

Talvez seus lábios, dos meus ao pé,
O mal sorvessem, que me devora...⁵⁷³

Talvez... decerto...sim, tenho fé,
Sim, creio agora!⁵⁷⁴

Mas ai de mim! que está tão distante,
Não torno a vê-lo...
Já sinto a Morte, meu novo amante,
De beijos frios, de olhar de gelo!

Adeus⁵⁷⁵ pr'a sempre, meu noivo lindo!
Lavae-lhe vós,
Aguias felizes, que ides fugindo,
O ultimo echo da minha voz!⁵⁷⁶

⁵⁷⁷PUBLIO⁵⁷⁸

*Adeantando-se*⁵⁷⁹

Cantavas, filha?⁵⁸⁰

FILHA

Sim, Pae; mas uma canção alegre.⁵⁸¹

SCENA 8.^{a582}

*As tres decurias entram pela esquerda e desfilam, atravessando a scena e saindo pela direita*⁵⁸³

FILHA

Onde vão os teus soldados? Partem. Levam os escudos enfiados em sacco⁵⁸⁴ de lona e nos elmos ramos d'oliveria. Partem, não⁵⁸⁵ é verdade?

PUBLIO⁵⁸⁶

Sim.

FILHA

*Anciosa*⁵⁸⁷

Para onde? Para a guerra?⁵⁸⁸

PUBLIO⁵⁸⁹

Não. Em busca do bem.⁵⁹⁰

FIM DO 4.º QUADRO⁵⁹¹

4.º ACTO⁵⁹²



5.º QUADRO

A scena representa um valle; ao F, á E, um outeiro coberto de loureiros. No cimo alveja o fino e elegante portico d'um templo. Primeiros alvares da madrugada. Os tres Decuriões conversam no 1.º plano.⁵⁹³

1.º DECURIÃO⁵⁹⁴

A nossa gente dorme. Que nos resta ainda fazer?⁵⁹⁵

⁵⁹⁶2.º DECURIÃO⁵⁹⁷

Continuar como até agora será rematada loucura.

1.º DECURIÃO⁵⁹⁸

Queres por acaso que retrocedamos? E quem aplacará a colera de Publio⁵⁹⁹ contra nós, que não soubemos cumprir as suas ordens?

3.º DECURIÃO⁶⁰⁰

A sua ira será tremenda!

1.º DECURIÃO⁶⁰¹

Castigar-nos-ha tão cruelmente como se tivéssemos desertado.

3.º DECURIÃO⁶⁰²

O seu coração é de pedra. Só junto á filha sabe ter palavras doces: e essa quem sabe se ainda viverá quando chegarmos!⁶⁰³

2.º DECURIÃO⁶⁰⁴

Soldados romanos não se arreceiam dos seus chefes quando cumprem o seu dever. Tudo fizemos⁶⁰⁵ para cumprir as ordens de Publio.⁶⁰⁶ A culpa não é nossa se não temos encontrado esse Rabbi.

⁶⁰⁷1.º DECURIÃO⁶⁰⁸

Bem inuteis⁶⁰⁹ as correrias que temos feito.⁶¹⁰

3.º DECURIÃO⁶¹¹

E graças devemos dar por os legionarios⁶¹² se não terem ainda revoltado.

2.º DECURIÃO⁶¹³

Temos sido uma verdadeira horda de selvagens.⁶¹⁴ De que nos serviu termos percorrido toda essa estrada que, desde Ceserêa⁶¹⁵ até ao Lago, corta toda a Tetrarchia de Herodes? De noite as nossas armas brilhavam no topo das collinas, por entre a chamma ardente dos archotes,⁶¹⁶ erguidos como uma ameaça tremenda.

1.º DECURIAO⁶¹⁷

De dia incendiávamos os casaes,⁶¹⁸ rebuscávamos as espessuras dos pomares, esfuracávamos com as pontas das lanças a palha das mēdas,⁶¹⁹ enquanto as mulheres, assustadas, para nos amansar, acudiam com bolos de mel, figos novos e malgas cheias de vinho, que bebíamos d'um trago, sentados á sombra dos sycomoros.

2.º DECURIÃO⁶²⁰

Assim,⁶²¹ corremos a Baixa Galilêa e do Rabbi só encontramos uma doce⁶²² esteira luminosa!

1.º DECURIÃO⁶²³

Foi então que lembrei, e ninguém me tira isto da cabeça, que os judeus sonegam o seu feiticeiro para que Romanos não aproveitem do superior feitiço, e com razão derramámos com tumulto a nossa colera⁶²⁴ através da piedosa terra submissa.⁶²⁵

3.º DECURIÃO⁶²⁶

E de nada nos valeu determos á entrada das portas os peregrinos, gritando o nome do Rabbi, e rasgar os⁶²⁷ veus ás virgens.

1.º DECURIÃO⁶²⁸

E á hora em que os cantaros se enchem nas cisternas, invadir as ruas estreitas dos burgos, penetrar nas Synagogas, e batermos feramente⁶²⁹ com os punhos das espadas nas Thebbas!⁶³⁰

2.º DECURIÃO⁶³¹

Levantando os braços ao ceo

Os santos armarios⁶³² de cedro, que contêm os Livros Sagrados!

3.º DECURIÃO⁶³³

E arrastar, nas cercanias de Hebron, os solitarios⁶³⁴ pelas barbas, para fóra das grutas, para lhes arrancar o nome do deserto ou do palmar em que se occulta o Rabbi.

2.º DECURIÃO⁶³⁵

E tudo foi inutil! E como se tudo isso não bastasse,⁶³⁶ até áquelles dous mercadores phenicios⁶³⁷ que vinham de Joppé com uma carga de malobrato, fizémos pagar⁶³⁸ por esse delicto cem drachmas a cada um de nós.⁶³⁹

3.º DECURIÃO⁶⁴⁰

Roubámos. E como uma horda de barbaros⁶⁴¹ avançámos talando os campos, levando o susto ao centro dos burgos e para que?

1.º DECURIÃO⁶⁴²

Para que a gente dos campos, mesmo os bravios pastores da Idumêa, que levam as rezes brancas para o templo,⁶⁴³ fugissem espavoridos para as serranias, apenas luziam n'alguma volta do caminho as armas⁶⁴⁴ do bando violento!⁶⁴⁵

2.º DECURIÃO⁶⁴⁶

E da beira dos eirados, as velhas sacudirem com lategos as pontas⁶⁴⁷ dos cabellos desgrenhados, atirando-nos más sortes,⁶⁴⁸ invocando a vingança d'Elías.

3.º DECURIÃO⁶⁴⁹

E a sua maldição cahia sobre nós⁶⁵⁰ que aqui estamos n'este fundo valle, com os pés feridos pelos rudes trilhos, mortos⁶⁵¹ de cansaço, debatendo-nos n'um grande desespero, sem mesmo saber o caminho que convem tomar, o que devemos fazer.⁶⁵²

⁶⁵³2.º DECURIÃO⁶⁵⁴

E é talvez melhor que não tenhamos encontrado esse impostor que, todo vestido de branco, rodeado de mulheres e de creanças, arrasta atraz de si o povo,⁶⁵⁵ enganado-o, illudindo-o, com as suas fabulas e as suas mentiras! Quem sabe se depois de tudo que temos feito, encontrando-o, eu proprio poderia resistir ao prazer de o esganar! Então é que teria que vêr a nossa chegada ao forte e a⁶⁵⁶ furia de Publio Septimo⁶⁵⁷ quando lhe mostrassemos o cadaver do impostor!

1.º DECURIÃO

Rindo

Só essa idea me poderia fazei rir!

3.º DECURIÃO

Passar tudo que passamos, com esses pobres soldados, e fazermos justiça por nossas mãos!

2.º DECURIÃO

Quasi⁶⁵⁸ que o appetço. Aparecesse o feiticeiro, que eu, sem tempo vos dar para qualquer movimento, lançar-me-hia ao seu pescoço e estrangulava-o com a mesma furia com que a fera se atira no circo a um pobre e misero escravo.

1.º DECURIÃO

Fallaes com tal intimativa que chego a persuadir-me que estaes convencido do que dizeis.

2.º DECURIÃO

Se lhes parece que temos sido pouco ludibriados por esse histrião que a esta hora estará, descançadamente, entre sonhos,⁶⁵⁹ a rir-se de todos que o seguem submissos como escravos.

3.º DECURIÃO

Acalmae-vos, acalmae-vos. Entre nós, bem sei, não ha perigo que a discordia rebente. *Apontando para os soldados.* Mas fazei⁶⁶⁰ attenção áquelles que podem ouvir-nos, e que já nem sequer sabemos como soffreal'os.

2.º DECURIÃO

Ninguém o deseja mais do que eu. Mas o que é forçoso, é tomar uma resolução. Havemos de continuar a percorrer assim o mundo, á tôa, sem um plano,⁶⁶¹ seguindo cada dia uma indicação nova?

1.º DECURIÃO

Já agora entreguemo-nos ao acaso,⁶⁶² é sempre o melhor dos conselheiros.

2.º DECURIÃO

Se podessemos consultar alguém? Mas n'este fundo valle quem poderá acudir-nos?

1.º DECURIÃO

Se vos parece,⁶⁶³ appelle para um milagre. Não me faltava mais nada. E o melhor, já agora, é depois do milagre desertarmos e seguir o tal Nazareno!

2.º DECURIÃO

Não se falla em milagres. Esquecereis por acaso que estamos perto d'aquelle Templo⁶⁶⁴ e que pouco tardará que o Sacerdote⁶⁶⁵ appareça?

3.º DECURIÃO

Fallaes acertadamente, depositamos o nosso destino nas mãos d'esse Sacerdote. Mas havemos de lhe fallar como soldados.⁶⁶⁶ *Os soldados espreguiçam-se, acordam, vão-se levantando.*⁶⁶⁷

2.º DECURIÃO

Para os dois

Seguramente. *Apontando para os soldados.* Não os irriteos,⁶⁶⁸ não lhes augmentemos o desespero. *Para os soldados.* As nossas correrias estão prestes a findar.⁶⁶⁹ Pouco tardará, mal o sol desponte, que no fino portico d'aquelle templo⁶⁷⁰ que no cimo alveja appareça o Sacerdote a⁶⁷¹ saudar o sol. Homem lido, elle nos instruirá⁶⁷² sobre o Rabbi.

1.º DECURIÃO

E, seguindo as suas palavras,⁶⁷³ breve terminarão os nossos rudes trabalhos.

1.º SOLDADO⁶⁷⁴

Já não é sem tempo.

2.º SOLDADO⁶⁷⁵

Mais nos valeria combater um forte inimigo.

3.º SOLDADO⁶⁷⁶

Mesmo que nos derrotasse.

4.º SOLDADO⁶⁷⁷

Ao menos teríamos o prazer d'um combate.

1.º SOLDADO⁶⁷⁸

E as nossas armas encontrariam armas com que se defrontar.

3.º SOLDADO⁶⁷⁹

Assim os escudos nem uma só vez saíram dos saccos de lona.

2.º SOLDADO⁶⁸⁰

E os ramos d'oliveira seccam nos elmos sem o ardor d'um recontro.

4.º SOLDADO⁶⁸¹

Soldados romanos,⁶⁸² armados até aos dentes, para buscar um adivinho!

1.º SOLDADO⁶⁸³

E um adivinho que faz o encanto das mulheres e das creanças, que está em toda a parte mas se não encontra, e foge sempre como uma sombra!

3.º SOLDADO⁶⁸⁴

O povo ha de revoltar-se contra esses que seguem o Rabbi, e então será o momento de intervirem soldados.⁶⁸⁵

2.º SOLDADO⁶⁸⁶

Que ao menos sejamos chamados e teremos occasião de nos servir das nossas armas, de nos vingar de todos os inuteis trabalhos que temos tido.

VOZES DOS SOLDADOS

Quem dera, quem dera!

4.º SOLDADO⁶⁸⁷

E esse Sacerdote quando apparece? O sol não deve andar já por muito longe.

1.º SOLDADO⁶⁸⁸

Doira o cerro d'alem, o ultimo. Não veem?⁶⁸⁹

2.º DECURIÃO

Calae-vos. Que o Sacerdote nos veja como soldados romanos.⁶⁹⁰ *Abre-se a porta do Templo e o Sacerdote aparece*⁶⁹¹ Eil-o que surge com a lyra na mão esperando a apparição do sol. Agitem⁶⁹² os ramos d'oliveira. *Todos agitam os ramos; dirigindo-se ao Sacerdote.* Conheceis por acaso um novo Propheta que surgiu na Galiléa e tão destro é em milagres que resuscita os mortos e muda a agua em vinho?

3.º DECURIÃO

E perdôa á mulher adúltera, e tem benções para todo o arrependimento?

1.º DECURIÃO

E dá vista aos cegos e cura todos os leprosos?⁶⁹³

⁶⁹⁴SACERDOTE

*Serenamente,*⁶⁹⁵ *alongando os braços*

Oh romanos! Pois⁶⁹⁶ acreditaes que em Galiléa ou Judêa appareçam prophetas consumando milagres? Como póde um barbaro alterar a ordem instituida por Deus?...⁶⁹⁷ Magicos e feiticeiros são vendilhões, que murmuravam⁶⁹⁸ palavras oucas, para arrebatam a esportula dos simples... Sem a permissão dos Immortaes nem um galho secco póde tombar da arvore, nem secca folha pode ser saccudida na arvore. Não ha prophetas, não ha milagres... Só Apollo Delphico conhece o segredo das cousas!

SOLDADOS⁶⁹⁹

Essa é a verdade! Essa é a verdade!⁷⁰⁰

1.º DECURIÃO

Para os soldados

Silencio. O Sacerdote diz a verdade. Só Apollo Delphico⁷⁰¹ conhece o segredo das cousas. Partamos. Recolhamos⁷⁰² á forteza de Cesarêa e a Publio Septimo digamos⁷⁰³ que Jesus só existe pela sua fama!⁷⁰⁴

Á medida que se vão preparando para partir⁷⁰⁵ o sol desponta no horizonte, ouvem-se⁷⁰⁶ os primeiros accordes da lyra e logo o Sacerdote entoia o hymno que os soldados ouvem reverentes.⁷⁰⁷

SACERDOTE⁷⁰⁸

Musica

Oh poderoso Deus! Já sôa a hora...
Abre as portas do ceu a rosea aurora,
Com suas mãos discretas e suaves...
Tua chegada, Apollo, se anuncia
Na cor do ceu, na voz da cotovia,
No lêdo despertar das outra aves!⁷⁰⁹

Antes que claro e nitido despontes
Nas cumiadas dos nevados montes,
Mais visinhos que nós do teu fulgor,
Deixa, Apollo immortal, Phebo divino,
Que meus labios entoem o teu hymno,
Que sôe a minha lyra em teu louvor!⁷¹⁰

Ao fulgurar⁷¹¹ da tua luz bemdita,
O mundo inteiro acorda e resuscita,
O curvo ceu resplende de mil cores...
Para colher a benção da tua mão,
Ergue-se para ti meu coração,
Voltam-se para ti todas as flores!

Entre os Deuses do Olympo omnipotente,
Nenhum mais do que tu está presente
Á nossa vista misera e mesquinha;
Quem te pode esquecer ou ignorar,

Se até o cego, que não pode olhar,
Por teu ardor e brilho te adivinha!⁷¹²

⁷¹³Não! Não ha quem te ignore ou quem te esqueça!

A vida em ti acaba e em ti começa,
Nossa luz de ti vem, para ti vae...
E a cantar e a adorar o teu fulgor,
O homem, a ave, a rocha, a estrella, a flor,
Todos te chamam Deus! todos, seu Pae...

És o Deus da abundancia e da colheita,
Teu abraço fecundo a terra estreita,⁷¹⁴
Teu bafo carinhoso tudo cria...
Chama-se noite escura a tua⁷¹⁵ ausencia,
E ai de nós, d'esta misera existencia,
Se de ti não nascesse a luz do dia!

⁷¹⁶Já vem teu carro de oiro⁷¹⁷ pelo espaço
Cobrir de luz o mar nocturno e baço,
Expulsar toda a sombra e todo o mal...
Salvé! pupilla de oiro⁷¹⁸ sempre aberta
Sobre a terra sem ti nua e deserta,
Sobre pobres e ricos por igual!

.....

Ide, Romanos! Que o sol vos guie e vos perdoe!
*A um gesto do Sacerdote os soldados partem.*⁷¹⁹

FIM DO 5.º QUADRO



⁷²⁰6.º QUADRO⁷²¹

A scena representa o interior d'um casebre pobre e humilde. Deitada sobre uma enxerga no chão, coberta por miseros farrapos, uma creança. Uma lampada de barro vermelho dependurada na parede sobre a lareira apagada. Ao lado uma velha arca pintada, aberta e vasia. Pela porta do F, quando aberta, descobre-se muito ao longe a cidade de Enganim.⁷²²

SCENA 1.^a

Mãe e filho

FILHO

Tenho fome, minha mãe.

MÃE

De joelhos ao lado da enxerga⁷²³

Desgraçada de mim,⁷²⁴ que nada tenho para te dar!⁷²⁵ Não tens socegado,⁷²⁶ e eu não pude sahir para apanhar as hervas das fendas das rochas, que cosidas sem sal, são todo o nosso sustento.⁷²⁷

FILHO

Mãe, tenho dores!⁷²⁸

MÃE

Senta-se e aconchegando-o para o seu regaço⁷²⁹

Aconchega-te ao meu peito, vê se dormes, filho.⁷³⁰

FILHO

Se dormir, dar-me-has de comer?⁷³¹

MÃE

Sim,⁷³² meu filho. *Acalenta-o um instante.*⁷³³ Emquanto vivo o Pae, ambos nós⁷³⁴ podíamos bem com a nossa pobreza. Morreu e ficou-me este filho! *Pausa.* Do magro⁷³⁵ peito a que te creaste, passaste para os farrapos da enxerga apodrecida,⁷³⁶ onde ha sete annos⁷³⁷ jazes, mirrado e gemendo. *Olha em volta.*⁷³⁸ Na lampada de barro ha que tempo já seccou o azeite! Dentro da arca não resta grão ou côdea. A morte desce lentamente sobre nós. N'um estio, já longe, sem pasto,⁷³⁹ morreu a cabrinha que o Pae nos deixára.⁷⁴⁰ Depois,⁷⁴¹ no quinteiro seccou a figueira. Deus meu!⁷⁴² que miseria n'esta Terra Escolhida,⁷⁴³ onde até ás aves maleficas⁷⁴⁴ sobra o sustento! *Deixa pender a cabeça.*⁷⁴⁵

FILHO

Mãe,⁷⁴⁶ tenho dores!

MÃE

Dorme, meu filho,⁷⁴⁷ socega, que o somno apaga as dores!⁷⁴⁸

⁷⁴⁹*Musica em surdina*⁷⁵⁰

Dorme, meu filho! dorme um bocadinho!⁷⁵¹

Socega, entrevadinho,

Emquanto a noite passa...⁷⁵²

Deus de ninguem se esquece, a todos guia...

A uns⁷⁵³ para a alegria,

A nós⁷⁵⁴ para a desgraça!

É sina, filho meu! sorte dos tristes...

Soffres desde que existes,

Não tem fim teu gemido...

Mas não mata a miseria mais atroz:

Ai se matasse, quantas vezes nós

Teríamos morrido!

Dei-te á luz, a que luz!⁷⁵⁵ mais negra e fria

Do que negra enxovia,

Do que cova sem ar...

A este mundo de penas atirei-te,

Mas os meus peitos nem tiveram leite,

Filho, p'ra te crear!⁷⁵⁶

Quiz dar-te vida, que loucura a minha!

Quiz dar-te o que não tinha,

E não pensei, oh dor!

Que de tanta desgraça e tal soffrer

Só podia nascer

Desgraça ainda⁷⁵⁷ maior!

A fome e sêde que só eu soffria,⁷⁵⁸

Soffro-as agora em tua companhia,⁷⁵⁹

Reparti-as contigo...⁷⁶⁰

Ai,⁷⁶¹ não podias, Deus! ter encontrado

Para maior peccado

Nenhum maior castigo!

*Reparando no filho adormecido.*⁷⁶² O cantar ainda é uma grande esmola para os pobres... Adormeceu! Que bom, se o acordar não fosse ainda mais triste! Dormindo não se soffre. Apagam-se as dores, apaga-se quasi a vida! Mas o acordar sem a sombra d'uma esperança, é ainda noite mais escura... E velar, nada ha mais triste, para a pobreza. É então que mais se accendem todas as desgraças. E soffre-se tanto... E quando se imagina que não ha mais forças, ainda as dores tem força para supportar mais dores... Se se dormisse sempre, se não houvesse sonhos, se se não acordasse!...⁷⁶³

*Muisca em surdina*⁷⁶⁴

O somno é o que nos resta,
Na miseria em que penamos:
Mas nem o somno nos presta,
Se até a dormir,⁷⁶⁵ choramos!

Ai que bom que deve ser
(Então findarão meus ais⁷⁶⁶)
Fechar os olhos, morrer,
E não soffrer nunca mais!

⁷⁶⁷Senhor! ouve a minha prece,⁷⁶⁸
Faze ao meu filho esta graça,
Que ao menos quando adormece,⁷⁶⁹
Não sinta a sua desgraça!⁷⁷⁰

*Batem á porta.*⁷⁷¹

SCENA 2.^a⁷⁷²

Os mesmos e um mendigo

MÃE

*Abrindo a porta e apontando para dentro*⁷⁷³

A má porta vens bater. Aqui⁷⁷⁴ não ha senão fome e miseria.

MENDIGO

Olhando em redor

Na minha sacola ainda ha um bocado de pão. Deixae-me descansar das minhas feridas.⁷⁷⁵ *Apalpando a pedra*⁷⁷⁶ *da lareira apagada.* Aqui mesmo. *Senta-se e coça*⁷⁷⁷ *os farrapos que lhe atam as pernas sobre os artelhos.* Oh!⁷⁷⁸ se não fossem estas feridas,⁷⁷⁹ que longas caminhadas faria!⁷⁸⁰ *Tira da sacola o magro farnel que dá á mãe.*⁷⁸¹

MÃE

Bemdito sejas tu, meu irmão.⁷⁸² *Vae á enxerga e levanta a cabecinha do filho.*⁷⁸³ Aqui tens,⁷⁸⁴ meu filho, come,⁷⁸⁵ que logo te darei uma pouca d'agua fresca que te vae fazer muito bem.

MENDIGO

Soffre muito o teu filho?

MÃE

*A meia voz e procurando esconder o*⁷⁸⁶ *filho com o corpo*

Muito.

MENDIGO

⁷⁸⁷E no entanto ha uma esperança para os tristes. Na Galilêa appareceu um Rabbi que d'um pão no mesmo cesto faz sete. Ama todas as creancinhas e enxuga todos os prantos. Aos⁷⁸⁸ pobres promette um grande e luminoso Reino, de abundancia maior que a côrte⁷⁸⁹ de Salomão.

MÃE

E esse doce Rabbi, esperança dos tristes, onde se encontra?

MENDIGO

Ah!⁷⁹⁰ esse doce Rabbi! Quantos o desejam que ficam sem esperança! A sua fama anda por sobre toda a Judêa,⁷⁹¹ como o sol que até por qualquer muro⁷⁹² se estende e se gosa. Mas para enxergar a claridade do seu rosto, só aquelles ditosos que o seu desejo escolhe.

MÃE

Venturosos esses!⁷⁹³

MENDIGO

Obed, tão rico, mandou os seus servos por toda a Galilêa para que procurassem Jesus,⁷⁹⁴ o chamassem com promessas a Enganim para lhe sustar a mortandade⁷⁹⁵ dos seus rebanhos, para lhe fazer reverdecer as suas vinhas. Publio,⁷⁹⁶ tão soberano, destacou os seus soldados, até á costa do mar, para que buscassem Jesus e o conduzissem por seu mando a Cesarêa, para lhe curar a filha unica, que lentamente morria.⁷⁹⁷

MÃE

E então?

MENDIGO

Errando, esmolando por tantas estradas, topei primeiro os servos d'Obed,⁷⁹⁸ depois os legionarios de Publio.⁷⁹⁹ — E todos voltavam⁸⁰⁰ como derrotados, descalços,⁸⁰¹ sem ter descoberto em que matta ou cidade, em que toca ou palacio se escondia Jesus.

MÃE

Ninguem o sabe?

MENDIGO

Sim, os que estão na sua divina graça.⁸⁰² Se o encontrasse um dia, como os meus males tambem acabariam!⁸⁰³ Assim arrasto por toda a parte a minha miseria. É longe d'aqui a Engadi?

MÃE

Tres horas bem andadas.

MENDIGO

Tres horas! Estas minhas pernas, estas minhas pernas!⁸⁰⁴ E a tarde que vem cahindo! Talvez ainda lá possa chegar antes da noite; e pelo caminho procurarei encher a minha sacola vasia.⁸⁰⁵

MÃE

Até perto da cidade, difficil vos será encontrar alguem.

MENDIGO

Veremos, veremos. É bom nunca desesperar.⁸⁰⁶ *Toma o bordão, sae.*⁸⁰⁷

SCENA 3.^a

*Mãe e filho*⁸⁰⁸

MÃE

*Vae até á porta; depois d'uma pausa*⁸⁰⁹

Lá vae, coitado, tão tropego, tão velho, apegado⁸¹⁰ ao seu bordão, descendo pelo rude trilho⁸¹¹ entre a urze e a rocha. *Fecha a porta, olha para o filho*⁸¹² e vae sentar-se ao seu lado. Dorme. Ainda bem.⁸¹³

FILHO

N'um murmurio muito leve

Mãe, mãe, trouxe-me esse Rabbi, que ama as creancinhas ainda as mais pobres, e sára os males ainda os mais antigos.

MÃE

N'uma ancia de dôr apertando a cabeça esquedelhada

Oh! filho!⁸¹⁴ E como queres que te deixe⁸¹⁵ e me metta aos caminhos, á procura do Rabbi da Galilêa?⁸¹⁶ Obed é rico e tem servos, e debalde buscaram Jesus, por areaes e collinas, desde Chorazim até ao paiz de Moab. Publio⁸¹⁷ é forte⁸¹⁸ e tem soldados, e debalde correram por Jesus⁸¹⁹ desde o Hebron até ao mar! Como queres que te deixe? Jesus anda por muito longe e a nossa dor móra comnosco, dentro d'estas paredes,⁸²⁰ e dentro d'ellas nos prende. E mesmo que o encontrasse, como convenceria eu o Rabbi tão desejado, por quem ricos e fortes suspiram, a que descesse⁸²¹ atravez das cidades até este ermo, para sarar um entrevadinho⁸²² tão pobre sobre enxerga tão rota?

FILHO

Lacrimosamente

Oh!⁸²³ Mãe! Jesus ama todos os pequeninos. E eu ainda tão pequeno, e com um mal tão pesado, e que tanto queria sarar!

MÃE

Soluçando

Oh! meu filho! Como⁸²⁴ te posso deixar? Longas são as estradas da Galilêa, curta é⁸²⁵ a piedade dos homens!⁸²⁶ Tão rota, tão tropega, tão triste, até os cães me ladrariam da porta dos casaes. Ninguem attenderia o meu recado, e me apontaria a morada do doce Rabbi. Oh filho! Talvez Jesus morresse.⁸²⁷ Nem mesmo os ricos e os fortes o encontram. O ceu o trouxe, o ceu o levou. E com elle para sempre morreu a esperança dos tristes.

FILHO

*Erguendo as mãosinhas trementes dentro dos trapos*⁸²⁸

Mãe,⁸²⁹ eu queria ver Jesus...

SCENA 4.^a

Os mesmos e Jesus

*Abre-se a porta, devagar, e aparece Jesus aureolado, n'uma grande claridade de luz*⁸³⁰

JESUS

*Sorrindo*⁸³¹

Aqui estou.

FINIS

“AGUARELA FEITA POR SUA Magestade
EL-REI D. CARLOS E OFFERECIDA AO
CONDE D’ARNOSO NO DIA DA XV RECITA
DO SUAVE MILAGRE”



Musica do SUAVE MILAGRE

1.º QUADRO

Scena 1.ª

CORO 1.º

(Triste na apanha da azeitouna. A 4 vozes: Meio-soprano (divisi), Barytono e Baixo)

Somos pobresinhas Sô ricas de do-res, Mir-raram as vinhas, Mor-

Reducção para Piano *p legato*



charam as flores! Seccam as nascentes, Não corremos ri-os, In - ver-nos são



quentos, De go-lo os es - ti-os... Lu-a já não brilha Lá nos ceus distantes,

M. D. *M. D.*



Já não somos filhas de Deus, como d'an-tos! Por nossos pec-ca-dos Oh! Senhor bem



di-to! Somos cas-ti-ga-dos Assim esta-va escripto! Assim estava escripto!

vall. *l tempo*



2.º QUADRO

Scena 1.ª

C O R O 1.º

(Rancho vão passando entoando trovas do Rabbi.)

Solo (voz de mulher)
Vivo.

Redução para Piano

Va-mos ao tra-ba-lho, que vai alto o di-a;

Coro

Co-bre-se de flo-res to da a Sa-ma-ri-al

Scena 3.ª

C O R O 2.º

O mesmo da Scena 1.ª

Rancho que volta para a cidade.

4.º QUADRO

Scena 6.ª

(Filha de Publio. Depois d'uma pausa principia a recitar.)

MELODIA.

Andante molto tranquillo.

Violino I. *p con espress.*

Violino II. *p con espress.*

Viola. *p con espress.*

Cello. *p con espress.*

co a espress.

dim. p rall. cresc. f dim. pp (no)

dim. p rall. f dim. pp

p rall. dim. pp

p dim. pp

rall. dolcissimo

rall. p legato e tranquillo

rall. p legato e tranquillo

p rall. p molto tranquillo

lento

p rit. pp ppp

cantabile lento dolce rit. pp ppp

lento p dolce rit. pp ppp

lento p dolce rit. pp pizz. ppp

6.º QUADRO

7

Scena 1.ª

Mae e filho.
Dorme, meu filho! etc.

Durante a recitação.
Muito tranquillo.

para Orgão

legato
p *com suavidade* *M. D.* *sf*

sf *dim.* *p* *dim.* *pp*

sf *dim.* *pp*

Tempo I.

cresc. *mf* *dim.* *p dolcissimo*

rit. *ritard. più lento pp div.* *ppp*

Aparato genético

¹ Em **A**, surge na segunda página uma listagem de personagens com um pequeno resumo de cada quadro a lápis de carvão.

² Em **A**, está em falta o prólogo, aqui assinalado entre as notas 2 e 65.

³ □ **A1 B** Deante de um panno talão allusivo ao Mysterio **C**

⁴ uma mulher recita: **A1** Uma mulher **B C**

⁵ rico de amor **A1** rico d'amor **B** rico de amor **C**

⁶ Romano! **A1 B** romano! **C**

⁷ corações; **A1 B** corações... **C**

⁸ fome, **A1 B** fome... **C**

⁹ consome. **A1 B** consome! **C**

¹⁰ montanha, **A1 B** Montanha, **C**

¹¹ lago: **A1 B** Lago: **C**

¹² pago; **A1 B** pago... **C**

¹³ de uma **A1** d'uma **B** de uma **C**

¹⁴ angustiada; **A1 B** angustiada... **C**

¹⁵ claro! — **A1** claro! **B** claro! — **C**

¹⁶ deixar a <pob> riqueza **A1** deixar a riqueza **B C**

¹⁷ Semente eterna **A1 B** Semeador **C**

¹⁸ Galileia; **A1** Galilea; **B** Galileia... **C**

¹⁹ O vigor **A1 B** O fulgor **C**

²⁰ firmamento. **A1 B** firmamento! **C**

²¹ penetrar; **A1 B** penetrar... **C**

²² Mas o olhar de jesus — aureo luzeiro — **A1** Mas o olhar de jesus, <— aureo luzeiro —> [↑ por sobre o mundo inteiro] **B** Mas o olhar de jesus, por sobre o mundo inteiro, **C**

²³ Vela sempre por nós, resplandecente... **A1** <Vela sempre por nós, resplandecente...> [↓ Não cessa de brilhar, como um sol sem poente!] **B** Não cessa de brilhar, como um sol sem poente! **C**

²⁴ lago, **A1 B** Lago, **C**

²⁵ allivia; **A1 B** allivia... **C**

²⁶ todas, [↑ as] afflictas **A1** todas as afflictas **B C**

²⁷ os <afflictos> [↑ famintos] Lares! **A1** os famintos Lares! **B** os famintos lares! **C**

²⁸ consola; **A1 B** consola... **C**

²⁹ Seu olhar as edades atravessa, **A1** <Seu olhar> [↑ <†>] [← Seu] [↑ clarão] as idades atravessa; **B** Seu clarão as edades atravessa, **C**

³⁰ mais consolador **A1** mais <consolador> [↑ animador] **B** mais animador **C**

³¹ vida, **A1 B** Vida, **C**

³² Que <é capaz de> [↑ consegue] sarar, **A1** Que consegue sarar, **B C**

³³ profunda e a magua mais intensa; **A1 B** profunda, a magua mais intensa... **C**

³⁴ O escolhido logar dos bemaventurados, **A1** O <escolhido> logar [↑ dos fieis,] dos bemaventurados, **B O** logar dos fieis, dos bemaventurados, **C**

³⁵ hora mais amarga **A1 B** hora mais aziaga **C**

³⁶ companhia, **A1 B** companhia **C**

³⁷ divino; **A1 B** divino... **C**

³⁸ <venção> vençam **A1** vençam **B C**

³⁹ benção... **A1 B** benção! **C**

⁴⁰ nossa vida **A1 B** nossa vista **C**

⁴¹ Martha, **A1 B** Martha **C**

⁴² festa <en> e enlevo **A1** festa e enlevo **B C**

⁴³ anunciar; **A1 B** anunciar... **C**

⁴⁴ religião, **A1 B** adoração, **C**

⁴⁵ Calvario? **A1 B** Calvario! **C**

⁴⁶ verdade **A1 B** Verdade **C**

⁴⁷ todos, todos, **A1 B** todos, todos **C**

⁴⁸ Até ao [↑ triste] dia **A1** Até ao triste dia **B C**

⁴⁹ Vaidade **A1 B** vaidade **C**

⁵⁰ anjo **A1** Anjo **B C**

⁵¹ com nosso **A1 B** com o nosso **C**

⁵² humildade ou nossa **A1** humildade e nossa **B** humildade ou nossa **C**

- 53 Desgraça, **A1 B** desgraça, **C**
- 54 Vida, **A1 B** vida, **C**
- 55 Senhores; **A1 B** senhores; **C**
- 56 nos deu **A1** nos <deu> [↑ confiou] **B** nos confiou **C**
- 57 seio **A1 B** seio, **C**
- 58 festa, **A1 B** festa **C**
- 59 Em que é mais doloroso o soffrimento alheio; **A1 B** Em que mais doe o soffrimento alheio... **C**
- 60 Lares **A1 B** lares **C**
- 61 Deus gratos louvores, **A1** Deus <gratos> [↑ incensos e] louvores, **B** Deus incensos e louvores, **C**
- 62 cobre<, > **A1** cobre **B C**
- 63 pobre **A1 B** pobre, **C**
- 64 □ **A1 B** Sobe o panno talão e a mulher retira-se sahindo pelo fundo **C**
- 65 *Em A, está em falta o prólogo, aqui assinalado entre as notas 1 e 65.*
- 66 olivais e vinhedos. || Ranchos de mulheres apanham azeitona, <pastores † scena> [↑ que homens varejam,] olivais e vinhedos. <Ranchos de mulheres> **A** □ **A1** olivais e vinhedos. **B C**
- Em A, encontram-se uma página com o início do Quadro I, sendo que apenas contém duas falas, sem continuação.*
- 67 Dois pastores <entrando> [↑ á beira da fonte] || Ranchos de mulheres apanham azeitona, que homens varejam. 1.º Pastor, 2.º Pastor, 1.º Mulher, 2.ª Mulher, depois mais trez. **A** Ranchos de mulheres apanham azeitona que homens varejam. 1.º Pastor, 2.º Pastor, 1.º Mulher, 2.ª Mulher, depois mais trez. Um coro triste das mulheres **B** 1.º pastor — 2.º pastor — 1.ª mulher — 2.ª mulher, depois mais outras. Ranchos de mulheres, á D., apanham azeitona que homens varejam. **C**
- Em A, encontram-se uma página com o início do Quadro I, sendo que apenas contém duas falas, sem continuação.*
- 68 *Em A, está em falta o Primeiro Coro, aqui assinalado entre as notas 68 e 80.*
- 69 *Versos cantados, as pautas encontram-se no final do testemunho C. Em A1, encontram-se 6 estrofes intituladas “Córos (ou recitativos) de entrada” que não são reproduzidas nem usadas em nenhum dos outros testemunhos.*
- 70 □ **A1 B** Triste das mulheres na apanha da azeitona **C**
- 71 dores; **A1 B** dores, **C**
- 72 flores. **A1 B** flores! **C**
- 73 estios. **A1 B** estios... **C**
- 74 No ceu de diamantes **A1** No ceu <como d’antes> [↑ de diamantes;] **B** Lá nos ceus distantes, **C**
- 75 como d<e>’antes. **A1** como d’antes **B** como de antes! **C**
- 76 peccados, **A1 B** peccados **C**
- 77 Oh **A1 B** Oh! **C**
- 78 escripto... **A1 B** escripto! **C**
- 79 fartura! **A1** fartura **B** fartura! **C**
- 80 *Em A, está em falta o Primeiro Coro, aqui assinalado entre as notas 67 e 80.*
- 81 cães **A B** cães, **C**
- 82 d’esta <fruta> agua **A** agua **B C**
- 83 agua [↑ tão] fria **A** agua tão fria **B C**
- 84 cantavam enchendo **A** cantavam [↑ alegremente] enchendo **B** cantavam alegremente, enchendo **C**
- 85 os <valles> [↑ montes] **A** os montes **B C**
- 86 Agora o trabalho **A** Agora [↑ os seus cantares são tristes] o trabalho **B** Agora os seus cantares são tristes, o trabalho **C**
- 87 mais pesado e mais duro. **A** mais <//*denso/>/pesa\do e mais duro. **B** mais pezado e mais duro. **C**
- 88 Não se ouve uma voz, e até as folhas **A** <Não se ouve uma voz> [↑ As cotovias, <//*cant/> <parece> [↑ <//*dir-sehia/> dir-se-hia] que não cantam, as rolas que não arrulham, os] [↓ melros <agora> que não assobiam] e até as folhas **B** As cotovias, dir-se-hia que não cantam, as rôlas que não arrulham, os melros que não assobiam, e até as folhas **C**
- 89 prateadas **A** prateadas, **B C**
- 90 noites <mais> escuras. **A** noites escuras. **B C**
- 91 □ **A B** Entram duas mulheres que se dirigem à fonte com as suas bilhas. **C**
- 92 2.º Pastor **A** 2.º Pastor [→ (Entram as 2 mulheres que se dirigem à fonte com as suas bilhas)] **B** 2.º PASTOR **C**
- 93 <Os> [↑ Vêde os nossos] gados [↑, os gados d’Obed,] vão morrendo pouco a pouco [↑ e até] o arado é mais duro de enterrar; [↑ e] a pedra **A** Vêde os nossos gados, os gados d’Obed, vão morrendo pouco a pouco e até o arado é mais duro de enterrar e a pedra **B C**
- 94 <3>/1\º Pastor **A** 1.º Pastor **B C**

- 95 [↑ E as suas vinhas como vão seccando] Assim **A** E as suas vinhas como vão seccando! Assim **B** E as suas vinhas como vão seccando! Assim, **C**
- 96 outr'ora **A B** outr'ora, **C**
- 97 Sabe Deus (?) **A** <Sabe Deus> [↑ Quem sabe] **B** Quem sabe **C**
Em A, a palavra surge assinalada por um sinal dubitativo.
- 98 se até <o nosso amo> [↓ Obed] empobrece! **A** se até o rico Obed empobrece **B** se até o rico Obed empobrece...**C**
- 99 *Em A, está ausente a passagem, aqui assinalada entre as notas 99 e 128.*
- 100 pior **B** peor **C**
- 101 vizinhos; os vizinhos dos nossos vizinhos **B** vizinhos, os vizinhos dos nossos vizinhos... **C**
- 102 já **B** já, **C**
- 103 humano **B** humano. **C**
- 104 d'amor **B** de amor. **C**
- 105 fazem **B** fazem. **C**
- 106 Assim **B** Assim, **C**
- 107 Fé!.. **B** Fé?!.. **C**
- 108 Samaritana **B** Samaritana. **C**
- 109 mulher **B** mulher. **C**
- 110 Docemente, <e já †,> respondeu: <Se> [↑ “Se conhecesses a <du> [↑ graça] de Deus e] soubesses **B** Docemente, respondeu: Se conhecesses a graça de Deus e soubesses **C**
- 111 uma agua [↑ muito viva] que **B** uma agua muito viva que **C**
- 112 sêde.” **B** sêde. **C**
- 113 incredula [↑ e <lhe> apontasse o poço fundo, sem <nada> [↑ concha] com que pudesse <†> [↑ tirar <†> agua], referiu-lhe **B** incredula e apontasse o poço fundo, sem concha com que pudesse tirar agua, elle, então, referiu-lhe **C**
- 114 Pudera **B** Pudera, **C**
- 115 <e o>/, um\ velho **B** E um velho **C**
Em B, a didascália surge sublinhada a caneta roxa.
- 116 mundo **B** mundo! **C**
- 117 Trocae ess<as>/es\ <tunicas> [↑ vestidos] (?) **B** Trocae esses trajes **C**
Em B, a palavra “vestidos” surge assinalada por um sinal dubitativo.
- 118 loucas **B** loucas, **C**
- 119 vem; **B** vem, **C**
- 120 prophetas **B** Prophetas **C**
- 121 Messias | <uma das outras> [↑ <1ª>] mulher | Que **B** Messias, que **C**
- 122 abertos, **B** abertos **C**
- 123 <Que dizes tu velho adivinho?> Que dizes tu velho adivinho, tu, que com as tuas cantilenas nada mais sabes fazer que exaltar </*as/>/as\ cabeças das mulheres **B** Que dizes tu, velho adivinho, tu, que com as tuas cantilenas nada mais sabes fazer que exaltar as cabeças das mulheres? **C**
Em B, o bloco textual salta do verso da página 3 para a página 3A, estando a operação de deslocamento assinalada pelo sinal: “(a)”.
- 124 Depois da conversa do povo, e antes de entrar o viandante, diz | um velho adivinho: | **A1** VELHO ADIVINHO **B** **C**
- 125 mundo... **A1** mundo **B** mundo! **C**
- 126 em côro (aterrados) **A1** (Todos em côro, aterrados) **B** TODOS em côro, e aterrados **C**
- 127 acabar-se o mundo... **A1** **B** acabar-se o mundo!... **C**
- 128 *Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 99 e 128.*
- 129 Entra pela esquerda um <homem> [↑ viandante] d'olhos ardentes e deslumbrados. Vagarosamente vem atravessando a scena chamando com um pausado gesto imperativo para um e outro lado. Ao aproximar-se da fonte, onde se senta, os pastores desviam-se chamando tambem com acenos os diferentes grupos, <das> a que se vem juntar pouco a pouco creanças e mulheres com a bilha nos hombros que vêm encher á fonte. **A** [←Vae] Os mesmos e um <viandante> que tem ouvido a /* mulher/ d'olhos ardentes e deslumbrado | Viandante **B** Os mesmos e um viandante **C**
- 130 *Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 130 e 140.*
- 131 O Viandante (que entra e ouve estas palavras) **A1** Viandante (<entra pela Esq. <aceitando essa canção, e> [↑ e tem ouvido os últimos versos do adivinho] dirigindo-se à fonte **B** Viandante | Que ouve já em scena os ultimos versos do adivinho **C**
Em B, o bloco textual entre as notas 132 e 138 encontrava-se inicialmente no verso da folha 3, estando a operação de deslocamento assinalada por um asterisco a lápis vermelho.
- 132 filhas, as netas e as avós... **A1** **B** filhas, netas e avós... **C**

- 133 Só de lhe ouvir a musica da voz! **A1** Só de lhe ouvir a </*musica da/> voz<!> [...] **B** Só por ouvir-lhe a voz! **C**
- 134 passou passou **A1 B** passou, passou **C**
- 135 Pescadores, **A1 B** pescadores, **C**
- 136 Nem miseria, nem lucto, como d'antes! **A1 B** Nem lucto, nem miseria, como de antes! **C**
- 137 <São> [↑ Têm] mais fundo<s> que o mar! **A1** Têm mais fundo que o mar! **B C**
- 138 *Em B, o bloco textual entre as notas 132 e 138 encontrava-se inicialmente no verso da folha 3, estando a operação de deslocamento depois assinalada por um asterisco a lápis vermelho.*
- 139 Que <bella canção! /*vinheis/> [↑ canto [↑ tão] cheio de esperança!] **B** Que canto tão cheio de esperança! **C**
- Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 130 e 140.*
- 140 Outra mulher **A** <outra> [↑ <1.^a>] [1.^a] mulher **B** 1.^a MULHER **C**
- Em A, o bloco textual que compreende as notas 140 a 143 encontram-se numa página solta não numerada.*
- Em B, as correções foram feitas com caneta preta e caneta vermelha.*
- 141 1.^a mulher **A** <1>/2.^a> [← 2.^a] mulher **B** 2.^a MULHER **C**
- Em B, as correções foram feitas com caneta preta e caneta vermelha.*
- 142 Outra mulher **A** <outra>/1.^a\ mulher **B** 1.^a MULHER **C**
- Em B, as correções foram feitas com caneta preta e caneta vermelha.*
- 143 (Vão-se aproximando os ranchos que trabalham **A** (Os ranchos vão-se chegando) **B** Os ranchos vão-se aproximando **C**
- 144 **A** (Para uns que estão ainda distantes, <Aproxi> **B** Para os que estão ainda distantes **C**
- 145 triste, **A** triste **B** triste, **C**
- 146 Profeta, **A B** profeta, **C**
- 147 Vozes **A** As mulheres **B C**
- 148 **A** para os homens **B** Para os homens **C**
- 149 Como assim? Como assim? **A** Ouvide, ouvide **B** Ouvide, ouvide! **C**
- 150 Magdala **A B** Magdala, **C**
- 151 Decurião Romano, **A B** decurião romano, **C**
- 152 *Em B, a palavra "Gerasenios" surge sublinhada e assinalada por um sinal dubidativo a lápis de carvão.*
- 153 deparou com um enterro. **A** deparou <com> [↑ -se-lhe] um enterro. **B** deparou-se-lhe um enterro. **C**
- Em B, a correção foi feita com caneta preta e caneta vermelha.*
- 154 de uma **A** d'uma **B C**
- 155 seguia o esquife <chorando> banhada **A** seguia o esquife banhada **B C**
- 156 Rabbi ao vê-l'a **A** Rabbi, ao vê-l-a, **B C**
- 157 d'ella **A** d'ella, **B C**
- 158 morto **A B** morto, **C**
- 159 Uma voz **A** <Uma>/1.^a\ <das> [1^a] Mulh<eres>/er\ **B** 1.^a MULHER **C**
- Em B, as correções foram feitas com caneta preta e caneta vermelha.*
- 160 que embarcando para outra banda do mar da Galilea e retirando-se para um logar deserto, **A B** que embarcando para um logar deserto, **C**
- 161 E, [↑ em Bethania,] com uma palavra, uma só: <em Bethania> [↑ Levanta-te!] — ressuscitou a Lazaro, **A** E, em Bethania, com uma palavra, uma só: «Levanta-te!» — ressuscitou a Lazaro, **B C**
- 162 <Nova>/Uma\ voz **A** <Uma>/<2.^a>\ <das> 2.^a Mulheres **B** 2.^a MULHER **C**
- Em B, as correções foram feitas com caneta preta e caneta vermelha.*
- 163 Outra voz **A** <Outra voz>1.^a Mulher **B** 1.^a MULHER **C**
- Em B, as correções foram feitas com caneta preta e caneta vermelha.*
- 164 Outra voz **A** <Outra voz>[↑ 2.^a Mulher] **B** 2.^a MULHER **C**
- Em B, as correções foram feitas com caneta preta, caneta vermelha e com lápis vermelho.*
- 165 Outra voz **A** <Outra voz>[↑ <1.^a Mulher>] 1.^a Mulher **B** 1.^a MULHER **C**
- Em B, as correções foram feitas com caneta preta, caneta vermelha e com lápis vermelho.*
- 166 quando está perto entrega-lh'a sem beber; **A** quando está perto entrega-lh'a sem beber. **B** quando já está perto entrega-lh'a sem beber. **C**
- 167 sacudindo o cabelo, **A B** sacudindo a cabeça **C**
- 168 espessura **A** espessura [↓ (?)] **B** espessura **C**
- Em B, a palavra surge sublinhada e assinalada por um sinal dubidativo a lápis de carvão.*
- 169 Uma voz **A** 1.^a Mulher **B C**
- 170 Não respondeu. Mas a minha alma **A** Não respondeu, mas <a>/o\ <minha alma> [↑ meu coração] **B** Não respondeu, mas o meu coração **C**
- 171 Outra voz **A** 2.^a Mulher **B C**

- 172 Sim é o Messias, a vida vae ser mais doce ha **A** Sim é o Messias; a vida <v>/v\ae ser mais doce, ha **B** Sim, é o Messias; a vida vae ser mais doce, ha **C**
- 173 Os gados vão sarar, as vinhas vão reverdecer **A** Se assim fosse! Os gados talvez sarassem, as vinhas talvez reverdecessem. **B C**
- 174 arado vae ser mais **A** arado seria mais **B C**
- 175 <Mulhe>/Uma\ mulher **A** 1.^a Mulher **B C**
- 176 A colheira <vae ser> [↑ será] farta, **A** A colheita será farta. **B C**
- 177 o azeite doce de beber **A** O </me/>/aze\ite mais doce de beber **B** O azeite mais doce de beber. **C**
- 178 na fonte e todos entoam em côro um hossana à vinda do Messias **A** na fonte <e todos entoam em coró um hossana à vinda do Messias> **B** na fonte **C**
- 179 *Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 179 e 188.*
- 180 □ **B** Todos | – Chegou o Messias! Chegou o Messias! **C**
- 181 Os Homens | um: **A1** Um dos homens [→ (Musica)] **B** Um dos homens **C**
- 182 descrever, **A1 B** descrever **C**
- 183 Messias, **A1 B** Messias **C**
- 184 searas, **A1 B** searas... **C**
- 185 Outro: **A1** □ **B** Outro homem **C**
- 186 males... **A1 B** males! **C**
- 187 Os homens: **A1** Os homens [→ (Musica)] **B** Os homens **C**
- 188 Em **C** são suprimidos dois versos apenas presentes em **B**: Vós estaes dizendo, palavra a palavra, | O que jesus disse pela Galileia.
- 189 Quadro II **A B** FIM DO 1.º QUADRO | 2.º ACTO | 2.º QUADRO **C**
- Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 179 e 188.*
- 190 plano, a cena de Obed. **A** plano a cena de Obed **B** plano, a cena d'Obed. **C**
- 191 S. 1.^a | (Obed e o 1.º Pastor) **A** Scena I **B** SCENA 1.^a **C**
- 192 □ **A** Mulheres á esquerda estendem roupas e tapetes, Obed sentado á soleira da porta, 1.º Pastor **B** Duas mulheres, á E. F. estendem roupas e tapetes — Obed, sentado á soleira da porta — 1.º Pastor. **C**
- 193 Obed (sentado á soleira da porta) **A** Obed **B C**
- 194 D'essas só restam <duas> [↑ poucas] **A** D'essas mesmo só restam poucas **B C**
- 195 as cabeças das ervas **A** as cabeças [↑ pendidas] das ervas **B** as cabeças das hervas **C**
- 196 E as vinhas <das encostas>? **A** E as vinhas? **B C**
- 197 <Cepas> Mirradas, <a parra roida da crespa ferrugem> **A** Mirradas **B C**
- 198 <Ebal> [↑ Ebal] **A** Ebal **B C**
- 199 □ **A** <1.^a> 1.^a Mulher [(|para outra|)] **B** 1.^a MULHER | Para a outra **C**
- Em A, esta passagem não existe e o discurso de Obed não é interrompido.*
- Em B, as correções foram feitas com caneta vermelha e lápis vermelho.*
- 200 de Assur, **A** d' Assur, **B C**
- 201 onde **A** <onde> onde **B** onde **C**
- 202 em torno dos olmos **A** em torno aos olmos **B** em torno dos olmos **C**
- 203 □ **A** <2.^a> 2.^a Mulher [(|p.^a outra|)] **B** 2.^a MULHER | Para a outra **C**
- Em A, esta passagem não existe e a didascália do discurso de Obed não é interrompida.*
- Em B, as correções foram feitas com caneta vermelha e lápis vermelho.*
- 204 □ **A** Obed tão rico chega a fazer pena **B** Obed, tão rico chega a fazer pena. **C**
- Em A, esta passagem não existe e o discurso de Obed não é interrompido.*
- 205 [↑ (agacha-se palpa a poeira e com a ponta do manto sobre a face exclama)] **A** (agacha-se palpa a poeira e com a ponta do manto sobre a face exclama) **B** Agacha-se, palpa a poeira e com a ponta do manto sobre a cabeça exclama **C**
- Em A, esta didascália surge integrada na anterior fala de Obed.*
- 206 Deus cruel **A B** Deus cruel, **C**
- 207 *Em A, está ausente o coró, aqui assinalada entre as notas 206 e 209.*
- 208 Córos **A1** Córos dos ranchos [→ (musica)] **B** Côro **C**
- 209 Consolou-se a Terra com a agua das chuvas: Olhem as videiras carregadas de uvas! **A1** <Consolou-se a Terra com a agua das chuvas: Olhem as videiras carregadas de uvas!> **B** □ **C**
- 210 *Em A, está ausente o coró, aqui assinalada entre as notas 206 e 209.*
- 211 1.º Pastor **A** <mulheres> 1.º Pastor **B** 1.º PASTOR **C**
- 212 Mas que dizem? **A** Que cantares são os seus? **B C**
- 213 1.º Pastor **A** <1.^a> 1.^a Mulher **B** 1.^a MULHER **C**
- Em B, as correções foram feitas com caneta vermelha e lápis vermelho.*
- 214 □ **A** (aproxima-se /* junto/ com a companheira) **B** Aproximando-se com a companheira **C**

- ²¹⁵ Escuta Senhor! Cantam os milagres **A** [↑ Escuta Senhor] Cantam os milagres **B** Escuta, Senhor, cantam os milagres **C**
- ²¹⁶ Obed **A** <Obed>/Obed\ **B** Obed **C**
Em B, a correção foi feita com caneta vermelha.
- ²¹⁷ d'um **A B** de um **C**
- ²¹⁸ subtil **A B** Subtil **C**
- ²¹⁹ 1.º Pastor **A** 2.ª MULHER **B C**
- ²²⁰ senhor, **A** Senhor, **B C**
- ²²¹ □ **A**
Em A, a fala da Segunda Mulher surge integrada na fala anterior e é da autoria do 1.º Pastor.
- ²²² milagres **A B** milagres... **C**
- ²²³ sim **A B** sim, **C**
- ²²⁴ p.ª **A B** para **C**
- ²²⁵ Jesus da Galilea, mais novo que esses, tem talvez ainda magias mais viçosas e em pagando-o largamente, elle saberá <talvez> sustera a mortandade dos meus gados, reverdecer os meus vinhedos. Ide, chamae os meus servos que venham já aqui. | 1.º Pastor | Dentro em pouco estarão convosco (sae) | Obed **A** □ **B C**
- ²²⁶ *Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 225 e 241.*
- ²²⁷ O Nazareno **B** O Nazareno... **C**
- ²²⁸ pode vir <de> bom de Nazareth, <d'aldea> [↑ de cidade] tão pobre **B** pode vir bom de Nazareth, de cidade tão pobre **C**
- ²²⁹ milagres <1.ª mulher | Como podeis negar> [↑ <como bênção> e <como> bençãos] **B** milagres e bençãos. **C**
- ²³⁰ Cana quando <ao fim> [↑ ao terminar] do festim [↑ já não havia vinho e] as 6 **B** Cana, quando ao terminar do festim já não havia vinho e as seis **C**
- ²³¹ agua <pura> [↑ crystalina] **B** agua crystalina **C**
- ²³² mais puro do que o que até **B** mais puro do que até **C**
- ²³³ E na piscina de Jerusalem, <sem mesmo se banhar em agua> ao pobre homem que, <inutilmente, porque so> [↑ tão doente], [↑ mal] podia arrastar-se <esperando o momento de se lançar a agua quando as bolhas do ar brotavam á sua superficie> para se lançar á agua no momento em que <as bolhas de ar brotavam á sua superficie> ella borbuhava, porque sempre outros <mais destros> [↑ menos trôpegos] o faziam primeiro, Jesus compadecido disse: Levanta-te, toma a tua enxerga e anda. E n'esse instante, doente ha tanto tempo, levantou-se e andou, sem mesmo se banhar. [↑ E agora por toda a nossa boa terra, Jesus continua espalhando bençãos, fazendo milagres.] **B** E na piscina de Jerusalem, ao pobre homem, que, tão doente, mal podia arrastar-se para se lançar á agua, no momento em que ella borbuhava, porque sempre outros menos tropegos o faziam primeiro, Jesus compadecido disse: «Levanta-te, toma a tua enxerga e anda.» – E n'esse instante, doente ha tanto tempo, levantou-se e andou, sem mesmo se banhar. E agora por toda a nossa boa terra, Jesus continua espalhando bençãos, fazendo milagres. **C**
Em B, as correções são feitas maioritariamente com caneta preta e apenas uma com caneta vermelha.
- ²³⁴ Phenicia terá **B** Phenicia, terá **C**
- ²³⁵ não reverdecerá as vossas vinhas **B** não fará reverdecer as vossas vinhas? **C**
- ²³⁶ *Em B, a caneta preta e a lápis vermelho assinala-se uma operação de deslocamento com uma cruz dentro de um circulo, que marca um acrescento ao texto da página 8 que se encontra na página 8A.*
- ²³⁷ verdade <em tudo> [↑ no muito do] que **B** verdade no muito do que **C**
- ²³⁸ Não se inventam <assim> milagres. E são os que veem d'essas terras que <espalham> assim o certificam. **B** Não se inventam milagres. E são os que veem d'essas terras que assim o certificam. **C**
- ²³⁹ *Em B, no final desta passagem na página 8A surge um asterisco a lápis vermelho que indica o regresso à página 8.*
- ²⁴⁰ <E porque não?> [↑ Pois bem.] Ide, chamae os meus servos, que venham aqui. (Pastor sae) (Para as mulheres) [↑ Mandarei procurar esse Rabbi.] **B** Pois bem! Ide, chamae os meus servos, que venham aqui. Pastor sae. Para as mulheres. Mandarei procurar esse Rabbi. **C**
- ²⁴¹ S. II **B** SCENA 2.ª **C**
- ²⁴² vissemos **B** vissemos... **C**
- ²⁴³ [↑ S. 2.ª] Obed **A** OBED **B C**
Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 225 e 241.
- ²⁴⁴ resistir ao meu dinheiro **A B** resistir à minha riqueza, **C**
- ²⁴⁵ novo, **A** novo **B C**
- ²⁴⁶ *Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 245 e 247.*
- ²⁴⁷ Rabbi? **B** Rabbi?... **C**
- ²⁴⁸ S. III **A B** SCENA 3.ª **C**
Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 245 e 247.

- ²⁴⁹ Os servos vem entrando tendo a sua frente o Pastor **A** Os mesmos e os servos que vem entrando tendo à sua frente o [1.º] Pastor **B** Os mesmos e os servos que vem entrando, tendo à sua frente o 1.º Pastor **C**
- ²⁵⁰ Pastor **A** <1.º> [← 1.º] Pastor **B** 1.º PASTOR **C**
Em B, a correção foi feita a caneta vermelha.
- ²⁵¹ □ **A B** Entrando **C**
- ²⁵² o <sulco> [↑ rastro] luminoso d'esse [↑ novo] Rabbi da **A** o rastro luminoso d'esse novo Rabbi da **B** o rastro luminoso d'esse novo Rabbi de **C**
- ²⁵³ trazei-m'ó que o encherei de dinheiro **A** trazei-m'ó que o encherei de dinheiro, **B** trazei-m'ó! que o encherei de dinheiro **C**
- ²⁵⁴ Um dos servos **A** <Um dos> [1.º] Serv<os>/o\ **B** 1.º SERVO **C**
Em B, as correções foram feitas com caneta vermelha e lápis vermelho.
- ²⁵⁵ E se recusar acompanhar-nos? **A** Faremos tudo para o encontrar. As mulheres serão os nossos guias porque cada dia lhe cantam novos louvores. Mas, Senhor, se recusar acompanhar-nos? **B C**
- ²⁵⁶ Outro servo **A** <Outro > [↑ <2.º>] [2.º] Servo **B** 2.º SERVO **C**
Em B, as correções foram feitas com caneta vermelha e lápis vermelho.
- ²⁵⁷ E se ainda assim não quiser vir **A** E se ainda assim não quiser vir? Tão desprezado de tudo o pintam!
B C
Em B, a interrogação é corrigida a lápis vermelho.
- ²⁵⁸ 3.º Servo **A** <Outro> [↑ <3.º>] [3.º] Servo **B** 3.º SERVO **C**
Em B, a correção foi feita com caneta vermelha e lápis vermelho.
- ²⁵⁹ chegar até aqui **A** chegar <a toda a parte> [↑ até nós] **B** chegar até nós **C**
- ²⁶⁰ como [↑ do Jordão] as aguas **A** como do Jordão as aguas **B C**
- ²⁶¹ tenebrosa **A** tenebrosa, **B C**
- ²⁶² Pastor **A** <1.º>/1.º\ Pastor **B** 1.º PASTOR **C**
Em B, a correção foi feita com caneta vermelha.
- ²⁶³ Consenti Senhor **A** Consenti, Senhor, **B C**
- ²⁶⁴ E os meus gados? **A** E os meus gados? Fazeis-me falta. **B C**
- ²⁶⁵ Pastor **A** <1.º>/1.º\ Pastor **B** 1.º PASTOR **C**
Em B, a correção foi feita com caneta vermelha.
- ²⁶⁶ um pastor só, vos basta **A** um pastor <vo> basta **B** um pastor basta **C**
- ²⁶⁷ sabe Deus (?) <quantos> se **A** sabe Deus se **B C**
Em A, a palavra "Deus" encontra-se assinalada com um sinal dubitativo.
- ²⁶⁸ Obed (irado) **A** Obed **B C**
- ²⁶⁹ Ide ave agoirenta. Ide tambem. E treme pela tua cabeça se me não trouxeres o <Rabbi>. **A** <Ide> [↑ Vae] ave agoirenta. <Ide> [↑ Vae] tambem, e <treme> [↑ treme] pela <†> [↑ tua] cabeça se m'ó não trouxeres. **B** Vae, ave agoirenta. Vae tambem, e treme pela tua cabeça se m'ó não trouxeres. **C**
- ²⁷⁰ (curvam-se os servos que vão sahindo) Obed aponta-lhes o caminho; **A** (Curvam-se os servos <; que vão sahindo> [↑ Obed aponta-lhes] o caminho; **B** Os servos curvam-se; Obed aponta-lhes o caminho; **C**
- ²⁷¹ □ **A** as mulheres levantam as roupas **B** as mulheres levantam os tapetes; **C**
- ²⁷² Eu. **A** eu! **B C**
- ²⁷³ face <> **A** face, **B** face; **C**
- ²⁷⁴ Jesus) pouco a pouco vae desc<obrin>/ahindo\ <†>/o\ <manto> [↑ </*cara/>] [↓ manto] e levantando a | cabeça quando as vozes se calam <exclama>: | O Rabbi deve estar perto, os meus servos vão | trazer-m'ó. **A** Jesus); pouco [↑ a pouco] | vae desc<obrin>/ahindo\ o manto, quando | as vozes se calam) O Rabbi deve estar | perto, os meus servos vão trazer-m'ó! (cae o panno) **B** Jesus) **C**
Em B, deve-se acrescentar a passagem em verso que se encontra na página 6A e que continuam na página 9A após a quarta estrofe, a operação de deslocamento é assinalada por: um X dentro de um círculo.
- ²⁷⁵ *Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 274 e 277.*
- ²⁷⁶ Tu o bem espalhas, tu a luz semeias, | Por valles e montes, cidades e aldeias! **A1 B** □ **C**
- ²⁷⁷ Os penedos duros, as mais duras fragas, | Enchem-se de lyrios se tu os afagas! | Se nos <aleijados poisa> [↑ entrevados poisa] o teu olhar, | Já da cama se erguem, já podem andar! **A1** Os penedos duros, | As mais duras fragas, | Enchem-se de lyrios | Se tu os afagas! | Se nos entrevados <poisa o> | Poisa o teu olhar, | Já da cama se erguem, | Já podem andar! **B** □ **C**
- ²⁷⁸ Não ha mal sem cura que logo não cures, | Não ha negra treva, onde tu fulgures! **A1** Não ha mal sem cura | Que logo não cures, | Não ha negra treva, | Onde tu fulgures! **B** □ **C**
Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 274 e 277.
- ²⁷⁹ Pouco a pouco | vae desc<obrin>/ahindo\ <†>/o\ <manto> [↑ </*cara/>] [↓ manto] e levantando a | cabeça: quando as vozas se calam <exclama>: | O Rabbi deve estar perto; os meus servos vão | trazer-m'ó. **A** Pouco [↑ a pouco] | vae desc<obrin>/ahindo\ o manto, quando | as vozas se calam O Rabbi deve estar | perto, os

meus servos vão trazer-m'ó! [→ cae o pano] **B** Pouco a pouco vae descobrindo o manto: quando as vozas se calam | O Rabbi deve estar perto; os meus servos vão trazer-m'ó! **C**

²⁸⁰ <3.º> Quadro III **A** Quadro III **B** 3.º QUADRO **C**

²⁸¹ □ **A** S. 1.^a | Duas mulheres [→ <A 1.^a mulher < pode ser a 1.^a do 1.º acto > [↑ a mesma do] 2.º quadro – a 2.^a é que será a S^a D. A Cordeiro e não deve ter aparecido no 1.º nem no 2.º>] [↑ A 1.^a mulher pode ser uma das dos quadros anteriores a 2.^a entra pela 1.^a vez e deve ser a S^a D. A. Cordeiro] **B** SCENA 1.^a | Duas mulheres. **C**

Em B, a correção foi feita com caneta vermelha.

Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 280 e 315.

²⁸² Engadi **B** Enganim? **C**

²⁸³ 2.^a Mulher (Cordeiro) **B** 2.^a MULHER **C**

²⁸⁴ coração. **B** coração? **C**

²⁸⁵ <tens coração> tens coração. **B** tens coração. **C**

²⁸⁶ repartias. **B** repartias... **C**

²⁸⁷ Sim **B** Sim, **C**

²⁸⁸ 2.^a Mulher (Tomando-lhe a mão) **B** 2.^a MULHER **C**

²⁸⁹ <2.^a/1.^a\ Mulher **B** 1.^a MULHER **C**

²⁹⁰ [← Não.] Escuta. **B** Brincar?.. Escuta. **C**

²⁹¹ Bethesaida, **B** Bethesaida; **C**

²⁹² debaixo das <†>/ensombradas\ figueiras **B** debaixo das ensombradas figueiras **C**

²⁹³ lado; **B** lado: **C**

²⁹⁴ as aves, [↑ nos ramos], cantavam <no ar> [↑ alegremente]. **B** as aves, nos ramos, cantavam alegremente.

C

²⁹⁵ abrigavamos **B** abrigavamos, **C**

²⁹⁶ nós **B** nós, **C**

²⁹⁷ colheita **B** colheita, **C**

²⁹⁸ minha **B** minha, **C**

²⁹⁹ mão <mão> **B** mão **C**

³⁰⁰ transformou-se **B** transformou-se, **C**

³⁰¹ distante **B** distante, **C**

³⁰² um [↑ outro] todo **B** um outro, todo **C**

³⁰³ branco **B** branco, **C**

³⁰⁴ Nathanael **B** Nathanael, **C**

³⁰⁵ repelliu-me. [→ Levantou-se e deixou-nos.] **B** repelliu-me. Levantou-se e deixou-nos. **C**

³⁰⁶ <1.^a Mulher | A> 1.^a Mulher **B** 1.^a MULHER **C**

³⁰⁷ companheiras, **B** companheiras **C**

³⁰⁸ despedaça **B** despedaça. **C**

³⁰⁹ mundo **B** mundo, **C**

³¹⁰ Obed <aquêle> [↑ esse] **B** Obed; esse **C**

³¹¹ dos [↑ muitos] males **B** dos muitos males **C**

³¹² Servos? **B** servos? **C**

³¹³ Não, Senhor. **B** Não, senhor. **C**

³¹⁴ Obed (á outra mulher) **B** OBED **C**

³¹⁵ Não Senhor **B** Não, senhor. **C**

³¹⁶ *Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 280 e 315.*

³¹⁷ Obed (mais velho ainda á porta de sua casa) **A** (Com um gesto para que o deixem, senta-se à porta da sua casa) **B** **C**

³¹⁸ Passaram dias, passaram semanas, [↑ passam mezes] e os meus Servos **A** Passaram dias, passaram semanas, passam mezes e os meus servos **B** Passaram dias, passaram semanas, passam mezes e os meus servos **C**

³¹⁹ vinhas! **A** vinhas. **B** **C**

³²⁰ <que> vem entrando **A** (vem entrando **B** **C**

³²¹ rebanhos Senhor, morreu **A** rebanhos, Senhor, morreu **B** rebanhos, senhor Morreu **C**

³²² Não vos ireis Senhor! **A** **B** Não vos ireis, senhor! **C**

³²³ Agora vae chegar a nossa vez **A** Agora chegará a nossa vez **B** Agora chegará a nossa vez, **C**

³²⁴ e quer vidas, para tragar **A** e quer vidas, [↑, muitas vidas,] para tragar. **B** e quer vidas, muitas vidas, para tragar. **C**

³²⁵ Calae-vos! **A** Calae-vos. **B** **C**

³²⁶ *Em A, o discurso de Obed não é interrompido e está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 325 e 328.*

Em **B**, retomar-se-á o discurso de Obed na nota 329.

³²⁷ e <não>/sem\ volta<m>/r\ **B** e sem voltar. **C**

³²⁸ Em **B**, a passagem que compreende as notas 327 e 331 encontra-se num pedaço de folha que foi colado na página original.

³²⁹ Em **A**, retoma-se o discurso de Obed.

³³⁰ Olha, repara, **A** [↑ Porque não hão de voltar?] Repara, **B** Porque não hão de voltar? Repara, **C**

³³¹ uma nuvem de po[↑ eira] que se levanta no ar? **A** uma nuvem de poeira que se levanta **B** uma nuvem de poeira que se levanta? **C**

³³² 2.º Pastor (olhando **A** 2.º PASTOR **B C**

³³³ Onde Senhor? **A** Onde, Senhor? Nada descortino. **B** Onde, senhor? Nada descortino. **C**

³³⁴ □ **A** <2º Pastor (olhando) | Onde Senhor? Nada descortino> **B** □ **C**

³³⁵ Alem **A** Alem, **B C**

³³⁶ estrada d<e>/as\ <D> das Caravanas. **A** estrada das Caravanas. **B C**

³³⁷ Sim aproxim<am>/a\ -se. Devem ser os meus Servos, devem trazer o feiticeiro **A** Não vês a nuvem de pó avançando. [↑ avançando sempre] Sim, devem ser os meus Servos, devem trazer o feiticeiro. **B** Não vês a nuvem de pó avançando, avançando sempre? Sim, devem ser os meus servos, devem trazer o feiticeiro.

C

³³⁸ São, são elles, já me parece reconhecer o meu companheiro, o que vem na frente **A** São, são elles. <Já me parece até reconhecer> [↑ <Lá vem a o meu companh> [↑ Já descubro <o meu>]] o meu companheiro, o que vem na frente. [↑ Coitados] [↓ Como andam depressa! Têm sede de chegar. [↑ Ausentes] <†>/h/a tanto tempo. Que alegria em todos os lares!] **B** São, são elles. Já descubro o meu companheiro, o que vem na frente. Coitados, como andam depressa! Têm sede de chegar. Ausentes ha tanto tempo... Que alegria em todos os lares! **C**

³³⁹ porta os servos <vão>/vem\ entrando, **A** porta, os servos vem entrando, **B** porta, — os servos veem entrando **C**

³⁴⁰ cobertos de poeira, rotos, andrajosos<>/>.>. Obed reparando n'elles) **A** cobertos de poeira, rotos, andrajosos) **B C**

³⁴¹ Em **A**, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 340 a 342, sendo que o discurso de Obed é interrompido.

³⁴² envelheceu. **B** envelheceu! **C**

³⁴³ Em **A**, retoma-se o discurso de Obed.

³⁴⁴ encontramos **A B** encontrámos. **C**

³⁴⁵ Como assim? **A** Não o encontraram? **B C**

³⁴⁶ Por toda a parte deparamos com o seu sulco luminoso **A** Por toda a parte [↑ se nos] depar<amos>/ou\ <com> o seu sulco luminoso, **B** Por toda a parte se nos deparou o seu sulco luminoso, **C**

Em **B**, as correções foram feitas com caneta vermelha.

³⁴⁷ Mas por onde andasteis, o que **A** Mas por onde <andastes> [↑ andaram], o que **B** Mas por onde andaram e o que **C**

³⁴⁸ Algumas vozes de servos **A B** SERVOS **C**

³⁴⁹ Sim por toda a parte. **A B** Sim, por toda a parte. Mulheres veem entrando; abraçam primeiro os maridos, os irmãos, e depois escutam enleizadas. **C**

³⁵⁰ 1.º Pastor **A** 1.º Pastor (mulheres vem entrando e escutam enleizadas) **B** 1.º PASTOR **C**

³⁵¹ Tiberiade <,> **A** Tiberiade **B C**

Em **B**, a palavra “Tiberiade” encontra-se sublinhada a lápis de carvão.

³⁵² Ceu, **A B** ceu, **C**

³⁵³ rochas de porphiro, e de alvos terraços por entre os palmares, sob o vôo das rôlas. **A** rochas de porphiro, sob o vôo das rôlas. **B C**

³⁵⁴ O Rabbi de Nazareth? Oh! **A** O Rabbi de Nazareth? Oh **B** «O Rabbi de Nazareth? Oh! **C**

³⁵⁵ Em **B**, a palavra “Ijar” encontra-se duplamente sublinhada a lápis de carvão.

³⁵⁶ discipulos, para o lado para onde o Jordão leva as agoas. **A** discipulos, para o lado para onde o Jordão leva as aguas. **B** discipulos para o lado para onde o Jordão leva as aguas». **C**

³⁵⁷ Um dos Servos **A** <um dos> [↑ <1.º> 1.º] Serv<os>/o\ **B** 1.º SERVO **C**

Em **B**, as correções foram feitas com caneta preta e caneta vermelha.

³⁵⁸ Vau, **A B** vau, **C**

³⁵⁹ nós Senhor, **A B** nós, senhor, **C**

³⁶⁰ Um dos Servos **A** <um dos> [↑ <2.º> 2.º] Serv<os>/o\ **B** 2.º SERVO **C**

Em **B**, as correções foram feitas com caneta preta e caneta vermelha.

³⁶¹ Um dos Servos **A** <um dos servos> [↑ <1.º>] [↑ 1.º Pastor] **B** 1.º PASTOR **C**

Em **B**, as correções foram feitas com caneta preta e caneta vermelha.

³⁶² Essa mesma pergunta lhe fizemos, **A** Essa mesma pergunta fizemos **B** Essa mesma pergunta fizemos, **C**

- 363 Moab **A B** Moab. **C**
- 364 ficar **A** ficar? **B C**
- 365 Outro Servo **A** [← <3.º>] <outro> [↑ <4.º>] [3.º] Servo **B** 3.º SERVO **C**
Em B, as correções foram feitas com caneta preta, caneta vermelha e com lápis de carvão.
- 366 trilhos **A B** trilhos, **C**
- 367 Outro Servo **A** <Outro servo> [↑ 5.º] <1.º> [1.º] Pastor **B** 1.º PASTOR **C**
Em B, as correções foram feitas com caneta preta, caneta vermelha e com lápis de carvão.
- 368 d' Yacob **A** de <Yakob> [↑ Jacob] **B** de Jacob **C**
Em B, antes de ser corrigida a palavra encontrava-se duplamente sublinhada e assinalada com um sinal dubidativo.
- 369 especiarias e **A B** especiarias, e **C**
- 370 couro, **A B** coiro, **C**
- 371 <Outro servo | Esperançados, subimos> **A** □ **B C**
- 372 Tão perto estaveis **A B** Tão perto estavam **C**
- 373 e <não>/porque\ não continuaram? **A** e porque não continuaram **B** e porque não continuaram? **C**
- 374 Outro Servo **A** <outro> [↑ <6.º>/<4.º>] [4.º] Servo **B** 4.º SERVO **C**
Em B, as correções foram feitas com caneta preta, caneta vermelha e com lápis de carvão.
- 375 Continuamos sim e esperançados **A** Continuamos sim, e, esperançados, **B** Continuámos, sim, e, esperançados, **C**
- 376 até Gádara, <a> cidade d'altas torres, **A** até Gádara, cidade d'altas torres, **BC**
- 377 Amalha... **A** Amalha **B** Amalha. **C**
Em B, a palavra surge duplamente sublinhada a lápis de carvão.
- 378 E <Jesus> [↑ o Rabbi]?.. **A** E o Rabbi? **B C**
- 379 O mesmo Servo **A** <O mesmo> [↑ <6.º>] <1.º> [1.º] Servo **B** 1.º Pastor **C**
Em B, as correções foram feitas com caneta preta, caneta vermelha e com lápis de carvão.
- 380 <Seguido> [↑ Jesus] **A** Jesus, **B C**
- 381 Lago, **A** lago, **B C**
- 382 *Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 381 e 382.*
- 383 Obed (Irado) **B** OBED **C**
- 384 Outro Servo **A** <Outro Servo> [↑ <1.º>1.º Pastor] **B** 1.º PASTOR **C**
Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 381 e 382.
Em B, as correções foram feitas com caneta preta e caneta vermelha.
- 385 Ponte das Filhas de Jacob **A** ponte das filhas de Jacob. **B C**
- 386 Ephraim, [↑ Ephraim] **A** Ephraim, **B C**
- 387 milagre **A** milagres? **B C**
- 388 <l>/L\ei? **A** Lei? **B C**
- 389 O servo **A** <O Servo>/<7.º>\ [← <2.º>] <1.º> [1.º] Pastor **B** 1.º PASTOR **C**
Em B, as correções foram feitas com caneta preta, caneta vermelha e com lápis de carvão.
- 390 repente <,>/e\ com **A** repente com **B** repente, com **C**
- 391 enrugada **A** enrugada, **B C**
- 392 Oh! Escravos pagãos! Oh blasfemos! Onde **A** Oh escravos pagãos! Oh blasfemos! Onde **B** Oh! escravos pagãos! Oh! blasfemos! onde **C**
- 393 Templo. **A B** templo. **C**
- 394 nescios e os impostores **A** nescios e os impostores (As mulheres protestam n'um longo murmúrio) **B C**
- 395 □ **A** Obed (Com um gesto irado) | Calae-vos! <com um gesto> **B** Obed | Calae-vos! **C**
- 396 E como recuassemos ante o seu punho erguido, todo enrodilhado de disticos sagrados — o furioso Doutor saltou da mula, e, com as pedras da estrada, apedrejou-nos uivando: Racca! Racca! e todos os Anathemas rituaes... E fugimos até aqui **A** E como recuassemos ante o seu punho erguido, todo enrodilhado de disticos sagrados, apedrejou-nos uivando Racca! Racca! E todos os anathemas rituaes **B** E como recuassemos ante o seu punho erguido, todo enrodilhado de disticos sagrados, apedrejou-nos uivando: «Racca! Racca!» e todos os anathemas rituaes. **C**
- 397 Obed | E não o trazeis [↑ E os meus gados morrem e as [↓ minhas vinhas secam.]] [↑ 1º Pastor] e todavia, radiantemente, como uma alvorada por detraz das serras, vejo que cresce, consoladora e cheia de promessas divinas, a fama de Jesus de Galiléa. **A** □ **B C**
- 398 □ **A** <Outro> [← <3.º>] [3.º] Servo **B** 3.º Servo **C**
Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 397 e 417.
Em B, as correções foram feitas com caneta preta, caneta vermelha e com lápis de carvão.
- 399 convencidos **B** convencidos, **C**
- 400 esvasiam-se!... E esses sermões, e essas parabolhas? **B** esvasiam-se! E esses sermões?... E essas parabolhas?... **C**

401 humano, **B** humano; **C**
402 1.º Pastor **B** 2.º PASTOR **C**
403 Escuta Senhor, **B** Escutae, senhor, **C**
404 não vos irriteis; <uma> [↑ escuta a parábola] **B** não vos irriteis; escutae a parábola **C**
405 <espalhando-se> [↑ cahindo] como **B** cahindo como **C**
406 *Versos recitados sem música.*
407 em <†> [↑ vós] nada floriu **A1** em vós nada floriu **B** em vós nada floriu, **C**
408 tão graciosas e **A1 B** tão felizes, tão **C**
409 Oh **A1 B** Oh! **C**
410 Oh **A1 B** Oh! **C**
411 flores! **A1** flores... **B C**
412 Sabe Deus mais que vós **A1 B** Sabe Deus, mais que vós, **C**
413 viver, pensae no paraizo! **A1 B** viver — pensae no Praiso!» **C**
414 Obed (como afastando uma visão †) **B OBED C**
415 louco!... **B** louco! **C**
416 1.º Pastor (como iluminado) **B** 1.º PASTOR **C**
417 [↑ D’um louco, dizeis,] E todavia, **B** D’um louco, dizeis, e todavia, **C**
418 Galiléa. | Obed (cae succumbindo com a cabeça entre as mãos) **B** Galiléa. Obed cae succumbido com a cabeça entre as mãos. **C**
Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 397 e 417.
419 Vozes **A B** OS PASTORES E AS MULHERES **C**
420 Quadro IV A 3.º Acto | Quadro IV **B** FIM DO 3.º QUADRO | 3.º ACTO | 4.º QUADRO **C**
421 A scena representa a esplanada d’um forte <á beira mar> dominando o valle de Cesareia até á cidade <e ao mar>. Um legionário <passeia> fa<s>/z\<endo> a guarda entre as ameias [↑sobre o mar]. Sobre um velário, <junto ás ameias>, em <†> um banco. **A** A scena representa a esplanada d’um forte dominando o valle de Cesareia á beira mar. Ao fundo, rente ás ameias, um legionario passeia fazendo guarda. Um largo velario abriga um banco. **B C**
Em B, a palavra “velario” surge duplamente sublinhada a lápis de carvão.
422 Publius e um <amigo>/camarada\ da campanha de Tiberio **A** Publi<us>/<u>/o\ e um camarada da campanha de Tiberio **B** Publio e um camarada da campanha de Tiberio **C**
Em B, a correção foi feita com caneta preta e caneta vermelha. O nome desta personagem é corrigido sistematicamente com os mesmos materiais de escrita, ao longo no manuscrito.
423 <Publio> [↓ Camarada] **A** Camarada **B C**
424 Comtigo andei, comtigo **A** Comtigo andei, [↑ Publi<us>/<u>/o\] comtigo **B** Comtigo andei, Publio, comtigo **C**
Em B, a correção foi feita com caneta preta e caneta vermelha. O nome desta personagem é corrigido sistematicamente com os mesmos materiais de escrita, ao longo no manuscrito.
425 fiz toda a **A B** fiz a **C**
426 nós! **A** nós. **B C**
427 □ **A** Eu adandonado, pobre, vivo só da recordação do meu passado feliz. Não tenho soldados. Não commando ninguem. **B C**
428 Publius **A** Publi<us>/o\ **B** PUBLIO **C**
Em B, a correção foi feita com caneta vermelha. O nome desta personagem é corrigido sistematicamente com os mesmos materiais de escrita, ao longo no manuscrito.
429 <a>/o\ <cidade> [↑ valle] da Cesarêa, **A** o valle da Cesarêa, **B C**
430 mar. Enriqueci durante a revolta da Samaria com presas e saques. Possuo **A** mar. Possuo **B C**
431 bastasse **A B** bastasse, **C**
432 Flaccus, **A** Flacc<u>/o\, **B** Flacco, **C**
Em B, a correção foi feita a caneta vermelha.
433 Publius **A** Publi<us>/<u>/o\ **B** PUBLIO **C**
Em B, a correção foi feita com caneta preta e caneta vermelha. O nome desta personagem é corrigido sistematicamente com os mesmos materiais de escrita, ao longo no manuscrito.
434 Sim, é certo. **A** É verdade. **B C**
435 estranho, **A** estranho **B C**
436 esculapios e magicos **A** Esculapios e Magicos **B C**
437 ali, **A B** ali **C**
438 d’Italia **A** de Italia, **B C**
439 Exageras por certo, tua filha ha-de viver **A** Exageras,<seguramente> [↑ Publi<u>/o\, exageras]. Desfallecimentos que seguem os primeiros rebates da puberdade. Tudo isso passará. **B** Exageras, Publio exageras. Desfallecimentos que seguem os primeiros rebates da puberdade. Tudo isso passará. **C**

Em B, a correção foi feita com caneta preta e caneta vermelha. O nome desta personagem é corrigido sistematicamente com os mesmos materiais de escrita, ao longo no manuscrito.

⁴⁴⁰ Publius **A** Publi<us>/<u>/o\ **B** PUBLIO **C**

Em B, a correção foi feita com caneta preta e caneta vermelha. O nome desta personagem é corrigido sistematicamente com os mesmos materiais de escrita, ao longo no manuscrito.

⁴⁴¹ Assim fôra; mas um coração de Pae não se engana. **A** Assim fôra; mas um coração de Pae [,] [↑ mesmo sanguinario como o meu,] não se engana, e eu vejo que cada dia mais definha e desfallece. **B** Assim fôra; mas um coração de Pae, mesmo sanguinario como o meu, não se engana, e eu vejo que cada dia mais definha e desfallece. **C**

Em B, a correção foi feita com caneta vermelha.

⁴⁴² A mocidade é uma grande força. Vence doenças que se nos afiguram <fatais> mortaes. **A** A mocidade é uma grande força. Vence doenças que se nos afigu<ravam>/m\ mortaes. **B** A mocidade é uma grande força, vence doenças que se nos afiguram mortaes. **C**

⁴⁴³ Publius **A** Publi<us>/<u>/o\ **B** PUBLIO **C**

Em B, a correção foi feita com caneta preta e caneta vermelha. O nome desta personagem é corrigido sistematicamente com os mesmos materiais de escrita, ao longo no manuscrito.

⁴⁴⁴ <As vezes> A sua mocidade <só feit> é tecida de tristezas. **A** A sua mocidade é tecida de tristezas. **B** **C**

⁴⁴⁵ quando uma **A** quando ella ali repousa e uma **B** **C**

⁴⁴⁶ varando-a **A** varando-a, **B** **C**

⁴⁴⁷ sobre [↑ as] rochas; depois mais triste **A** sobre as rochas. Depois mais triste **B** sobre as rochas. Depois, mais triste, **C**

⁴⁴⁸ Publius **A** Publi<us>/<u>/o\ **B** PUBLIO **C**

Em B, a correção foi feita com caneta preta e caneta vermelha. O nome desta personagem é corrigido sistematicamente com os mesmos materiais de escrita, ao longo no manuscrito.

⁴⁴⁹ Sim. Outras vezes, canta mas a sua voz é debil como um fio e <triste> a sua canção triste como gemidos doloridos. **A** Sim. Parecendo mesmo a propria imagem da morte. Outras vezes canta, mas a sua voz é debil como um fio e a sua canção sempre triste como gemidos doloridos. **B** **C**

⁴⁵⁰ servo **A** Servo **B** servo **C**

⁴⁵¹ Mercadores vindos de <Chorazim> [↑ Chorazim] pedem, Senhor, para mostrar-vos as suas fazendas **A** Mercadores vindos de Chorazim <> pedem, Senhor, para [↑ vos] mostrar <-vos as suas fazendas> [↑tapetes, sedas, linhos e perfumes] **B** Mercadores vindos de Chorazim pedem, Senhor, para vos mostrar tapetes, sedas, linhos e perfumes. **C**

⁴⁵² Publius **A** Publi<us>/<u>/o\ **B** PUBLIO **C**

Em B, a correção foi feita com caneta preta e caneta vermelha. O nome desta personagem é corrigido sistematicamente com os mesmos materiais de escrita, ao longo no manuscrito.

⁴⁵³ Que entrem. **A** Acompanha-os até aqui. **B** **C**

⁴⁵⁴ Servo **A** **B** servo **C**

⁴⁵⁵ tu, se **A** tu. Se **B** **C**

⁴⁵⁶ procurar satisfazer-lhe os desejos? **A** procurar <satisfazer-lhe os> [↑ enchel-a de <†>/mimos)\, adivinhar<le>-lhe os mais pequenos] desejos. **B** procurar enchel-a de mimos, adivinhar-lhe os mais pequenos desejos? **C**

⁴⁵⁷ Publius **A** Publi<us>/<u>/o\ **B** PUBLIO **C**

Em B, a correção foi feita com caneta preta e caneta vermelha. O nome desta personagem é corrigido sistematicamente com os mesmos materiais de escrita, ao longo no manuscrito.

⁴⁵⁸ Saude, saude, vigor é o que desejaria dar-lhe **A** [↑ Tudo isso são miserias. O que se compra com dinheiro de nada vale.] Saude, muita saude. Vida, muita vida é o que desejaria dar-lhe. [→ E essa] [↓ sinto, vejo, que a cada momento lhe foge!] **B** Tudo isso são miserias. O que se compra com dinheiro de nada vale. Saude, muita saude. Vida, muita vida é o que desejaria dar-lhe. E essa sinto, vejo, que a cada momento lhe foge! **C**

Em B, a correção foi feita a caneta vermelha.

⁴⁵⁹ *Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 460 e 462.*

⁴⁶⁰ Publius **A** Publi<us>/<u>/o\ **B** PUBLIO **C**

Em B, a correção foi feita a caneta vermelha e a caneta preta. O nome desta personagem é corrigido sistematicamente com o mesmo material de escrita, ao longo no manuscrito.

⁴⁶¹ [↓ Olha, quem sabe até, se este é o castigo de todas as crueldades que tenho commetido.] **B** Olha, quem sabe até se este é o castigo de todas as crueldades que tenho commetido. **C**

Em B, surge a caneta vermelha o sinla: (a) indicando um acresceto de texto que se encontra, mais abaixo, colado na mesma página. Para indicar a continuação do texto no local onde foi interrompido sugere a lápiz azul, um triângulo com um ponto dentro.

⁴⁶² <Só vencem ou morrem> Se vencem tudo <se lhes perdoa> [↑ lhes é perdoado.] Se morrem... <a memória que de nós fica, pode bem contra a maldição dos que nos sobrevivem.> [↑ mais lhes pesa á sua memória o esquecimento dos homens que as atrocidades commetidas!] **B** Se vencem tudo lhes é perdoado. Se morrem... mais lhes pesa á sua memória o esquecimento dos homens que as atrocidades commetidas!

C

Em B, esta fala do Camarada aparece acrescentada através de um recorte colado sobre a folha do manuscrito.

⁴⁶³ *Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 460 e 462.*

⁴⁶⁴ S. 3^a **A** S. III **B** SCENA 3.^a **C**

⁴⁶⁵ mercadores; depois de saudarem começam a desatar os <seus> fardos **A** mercadores; depois de saudarem começam a desatar os fardos **B** mercadores que depois de saudarem começam a desatar os fardos **C**

⁴⁶⁶ que <o sal †> [↑ as brancas mēdas de sal.] **A** que as brancas mēdas de sal. **B C**

⁴⁶⁷ 4.^o Mercador **A** <4.^o> 1.^o Mercador **B** 1.^o MERCADOR **C**

Em B, as correções foram feitas com caneta preta e caneta vermelha.

⁴⁶⁸ 1.^o Mercador **A** <1.^o> [2.^o] Mercador | (Destapando uma çaçoleta) **B** 2.^o MERCADOR | Destapando uma çaçoleta **C**

Em B, as correções foram feitas com caneta preta e caneta vermelha.

⁴⁶⁹ Publius **A** Publi<us>/<u>/o\ **B** PUBLIO **C**

Em B, a correção foi feita com caneta preta e caneta vermelha. O nome desta personagem é corrigido sistematicamente com os mesmos materiais de escrita, ao longo no manuscrito.

⁴⁷⁰ Jesus **A** Jesus [?] **B** Jesus? **C**

Em B, a correção foi feita a caneta vermelha.

⁴⁷¹ D<o>/os\ corp<o>/os\ **A** do corpo **B C**

⁴⁷² Publius **A** Publi<us>/<u>/o\ **B** PUBLIO **C**

Em B, a correção foi feita com caneta preta e caneta vermelha. O nome desta personagem é corrigido sistematicamente com os mesmos materiais de escrita, ao longo no manuscrito.

⁴⁷³ onde está esse **A** onde está, onde para, esse **B** onde está, onde pára esse **C**

⁴⁷⁴ atrás de si <†> [↑ †] multidões **A** atrás de si multidões **B C**

⁴⁷⁵ Camarada **A** <1.^o mercador>/Camarada\ **B** Camarada **C**

⁴⁷⁶ Assim ouvi **A** Assim ouvi [↑ Publi<us>/<u>/o\] **B** Assim ouvi, Publio, **C**

Em B, a correção foi feita com caneta preta e caneta vermelha. O nome desta personagem é corrigido sistematicamente com os mesmos materiais de escrita, ao longo no manuscrito.

⁴⁷⁷ não tem conta já os seus milagres **A** não tem conta <já> [↑ parece] os seus milagres; **B** não tem conta os seus milagres; **C**

Em B, a correção foi feita a lápis de carvão e reforçada com caneta vermelha.

⁴⁷⁸ □ **A** dizem-n' o o filho do homem que Daniel entrevia na sua Visão. **B C**

⁴⁷⁹ Publius **A** Publi<us>/<u>/o\ **B** PUBLIO **C**

Em B, a correção foi feita com caneta preta e caneta vermelha. O nome desta personagem é corrigido sistematicamente com os mesmos materiais de escrita, ao longo no manuscrito.

⁴⁸⁰ □ **A** (p.^a o camarada) **B** Para o camarada **C**

⁴⁸¹ Assim ouviste, e nada me dizias e minha [↑ filha] definha, e desfallece e morre! Contae, contae das suas virtudes **A** Assim ouviste e nada me dizias. <Faz milagres e cura> [↑ Cura os males da alma e sara as chagas] dos corpos. Faz milagres e minha filha definha e desfallece e morre! (Para os mercadores) Contae, contae das suas virtudes. **B** Assim ouviste e nada me dizias. Cura os males da alma e sara as chagas dos corpos. Faz milagres e minha filha definha e desfallece e morre! Para os mercadores. Contae, contae das suas virtudes. **C**

⁴⁸² d'um deserto? **A** do mar? **B C**

⁴⁸³ <Não vos dissemos já que não ha mal que não cure.> De longe **A** De longe **B C**

⁴⁸⁴ nós **A B** nós, **C**

⁴⁸⁵ fresca **A B** fresca, **C**

⁴⁸⁶ Publius **A** Publi<us>/<u>/o\ **B** PUBLIO **C**

Em B, a correção foi feita com caneta preta e caneta vermelha. O nome desta personagem é corrigido sistematicamente com os mesmos materiais de escrita, ao longo no manuscrito.

⁴⁸⁷ (para o seu camarada) **A** (p.^a o camarada) **B** Para o seu camarada **C**

⁴⁸⁸ É esse Rabbi, é esse Rabbi que curará a minha filha. [↑ (Para os mercadores)] Abençoada a hora em que aqui chegastes. Tudo compro, tudo vos pagarei largamente. [↑ (Para o servo)] Ide chamar a minha filha e que venha ver tudo o qu<e>[↑/anto\] lhe dou. (Toma o camarada e desviando-se dos mercadores) Destacarei trez decúrias de soldados para que o procurem na Galilea, e por todas as cidades da Decapola, até á costa e até Ascalon. **A** É esse Rabbi, é esse Rabbi que curará a minha filha. **B C**

Em A, a passagem ausente é retomada mais à frente.

- ⁴⁸⁹ Em **A**, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 488 e 491.
- ⁴⁹⁰ obter por <bom> [↑ insignificante] preço. **B** obter por insignificante preço. **C**
Em **B**, a correção foi feita a caneta vermelha.
- ⁴⁹¹ Tarde <encontraremos> [↑ encontrareis] melhores fazendas. **B** Tarde encontrareis melhores fazendas. **C**
Em **B**, a correção foi feita com caneta vermelha.
- ⁴⁹² Publius **A** Publi<us>/<u>/o\ **B** PUBLIO **C**
Em **A**, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 488 e 491.
Em **B**, a correção foi feita com caneta preta e caneta vermelha. O nome desta personagem é corrigido sistematicamente com os mesmos materiais de escrita, ao longo no manuscrito.
- ⁴⁹³ (para o seu camarada) **A** Para os mercadores **B** **C**
- ⁴⁹⁴ É esse Rabbi, é esse Rabbi que curará a minha filha! [↑ (Para os mercadores)] Abençoada a hora em que aqui chegastes. Tudo compro, todos vos pagarei largamente. [↑ (Para o Servo)] Ide chamar a minha filha e que venha ver tudo qu<e>/anto\ lhe dou. **A** Tudo compro, ficarei <†> [↑ com] tudo que trazeis (para o Camarada) Abençoada a hora em que aqui chegaram. (Para o Servo) Ide dizer qu chamem a minha filha, e que venha ver tudo quanto lhe dou. **B** Tudo compro, ficarei com tudo que trazeis. Para o camarada. Abençoada hora em que aqui chegaram! Para o servo. Ide dizer que chamem a minha filha e que venha ver tudo quanto lhe dou. **C**
- ⁴⁹⁵ que o procurem por Galilea, **A** que procurem o Rabbi por toda a Galilea **B** **C**
- ⁴⁹⁶ <Decapola> [↑ Decapola], **A** Decapola, **B** Decapola **C**
- ⁴⁹⁷ □ **A** [↑ Uma vez aqui, mostrar-lhe-hei todos os meus thesouros, captival-o-hei com o fulgor da minha riqueza, do meu grande poder, e enchel-o-hei de dinheiro se porventura conseguir curar a minha Filha.] **B** Uma vez aqui, mostrar-lhe-hei todos os meus thesouros, captival-o-hei com o fulgor da minha riqueza, do meu grande poder, e enchel-o-hei de dinheiro se porventura conseguir curar a minha filha. **C**
- ⁴⁹⁸ Fôra eu mais novo e não me pesassem os annos mais **A** Fôra eu mais novo e não me pesassem os annos ainda mais **B** Fosse eu mais novo e não me pesassem os annos ainda mais **C**
- ⁴⁹⁹ Publius **A** Publi<us>/<u>/o\ **B** PUBLIO **C**
Em **B**, a correção foi feita com caneta preta e caneta vermelha. O nome desta personagem é corrigido sistematicamente com os mesmos materiais de escrita, ao longo no manuscrito.
- ⁵⁰⁰ traze-l'õ **A** **B** trazel-o, **C**
- ⁵⁰¹ Em **A**, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 500 e 502.
- ⁵⁰² <E> [↑ Pode ser: e] os perfumes? **B** Pode ser: e os perfumes? **C**
Em **B**, a correção foi feita a caneta vermelha.
- ⁵⁰³ <Ahi> [↑ Aqui], ao lado. [<Não ponham os tapetes ao pé das sedas, são tecidos que não ficam bem ao lado uns dos outros. Separe-os. Assim>] **B** Aqui, ao lado. **C**
Em **B**, a correção foi feita com caneta preta, o acrescento foi introduzido com caneta vermelha, sendo posteriormente cancelado a caneta preta.
- ⁵⁰⁴ Em **A**, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 500 e 502.
- ⁵⁰⁵ servos [↑ servos escravas e escravos] **A** servos, escravos e escravas. **B** **C**
- ⁵⁰⁶ Publius **A** Publi<us>/<u>/o\ **B** PUBLIO **C**
Em **B**, a correção foi feita com caneta preta e caneta vermelha. O nome desta personagem é corrigido sistematicamente com os mesmos materiais de escrita, ao longo no manuscrito.
- ⁵⁰⁷ Filha d<as>/a\ minh<as>/a\ <entranhas> alma **A** Filha da minha alma **B** Filha da minha alma! **C**
- ⁵⁰⁸ Pae. **A** **B** Pae! **C**
- ⁵⁰⁹ Em **A**, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 508 e 513.
- ⁵¹⁰ Publius **A** Publi<us>/<u>/o\ **B** PUBLIO **C**
Em **B**, a correção foi feita com caneta preta e caneta vermelha. O nome desta personagem é corrigido sistematicamente com os mesmos materiais de escrita, ao longo no manuscrito.
- ⁵¹¹ Pae. **B** pae. **C**
- ⁵¹² <Assim é> [↑ Assim é... e que tempo estivemos sem voltar a ver-nos. Embranqueceram-se os cabellos. Ainda não ereis nascida quando nos separamos. Até então tínhamos vivido sempre junctos<./>] <Es>/es\palhamos muito sangue, batemo-nos muitas vezes lado a lado, pisamos juntos muitos cadavares. **B** Assim é... e que tempo estivemos sem voltar a ver-nos! Embranqueceram-se os cabellos. Ainda não ereis nascida quando nos separamos. Até então tínhamos vivido sempre junctos. Espalhamos muito sangue, batemo-nos muitas vezes lado a lado, pisamos juntos muitos cadavares. **C**
Em **B**, a correção foi feita com caneta vermelha.
- ⁵¹³ Publius **A** Publi<us>/<u>/o\ **B** PUBLIO **C**
Em **B**, a correção foi feita com caneta preta e caneta vermelha. O nome desta personagem é corrigido sistematicamente com os mesmos materiais de escrita, ao longo no manuscrito.
- ⁵¹⁴ Muito longe. [↑ Tendes razão.] **B** Muito longe. Tendes razão. **C**
Em **B**, a correção foi feita com caneta vermelha.

⁵¹⁵ Vêde, **A** Vêde **B C**

Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 508 e 513.

⁵¹⁶ (o olhar perdido na vastidão do mar) **A** Desviando o olhar para a vastidão do mar **B C**

⁵¹⁷ bellas <, mas> [↑ ;Tão bellas que] ferem **A** bellas. Tão bellas que ferem **B C**

⁵¹⁸ Publius **A** Publi<us>/<u>/o\ **B PUBLIO C**

Em B, a correção foi feita a caneta vermelha e a caneta preta. O nome desta personagem é corrigido sistematicamente com os mesmos materiais de escrita, em duas campanhas distintas ao longo do manuscrito.

⁵¹⁹ Não te fatigues. <Senta-te> [↑ Vem] (tomando-a dos braços dos escravos) [↑ senta-te] e desdobre-lhe tudo a seus pés (<senta-a e> depois de a olhar com ternura sae) **A** (Toma-a dos braços dos escravos e senta-a sob o velario) | Não te fatigues. Senta-te. Tragam-lhe tudo para aqui. Quero que vejas bem tudo quanto te dou. (Depois de a fitar com ternura sae) **B** Toma-a dos braços dos servos e senta-a sob o velario | Não te fatigues. Senta-te. Tragam-lhe tudo para aqui. Quero que vejas bem tudo quanto te dou. Depois de a fitar com ternura, sae. **C**

⁵²⁰ S.5^a **A S.V B SCENA 5.ª C**

⁵²¹ *Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 520 e 523.*

⁵²² Camarada <(tomando o tapete e deponde-lhe um pé)> **B CAMARADA C**

⁵²³ em sangue [, em guerras.] **B** em sangue, em guerras. **C**

Em B, a correção foi feita com caneta vermelha.

⁵²⁴ *Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 520 e 523.*

⁵²⁵ Camarada **A CAMARADA** Tomando os tapetes **B C**

⁵²⁶ Que este tapete amacie já o poisar dos vossos pés. **A** Tendes razão. Que este tapete amacie já o doce poisar de vossos pés. **B C**

⁵²⁷ *Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 526 e 527.*

⁵²⁸ *Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 526 e 527.*

⁵²⁹ as pennas <d'um> [↑ do] Ibis? **A** as brancas pennas das brancas cegonhas **B** as brancas pennas das brancas cegonhas? **C**

⁵³⁰ mar **A B** mar? **C**

⁵³¹ 4.º Mercador **A** 1.º MERCADOR **B C**

⁵³² doce **A** doce... **B**

⁵³³ levae tudo, [↑ (apontando para fóra)], deixae-me ver o mar, tão azul, **A** levae tudo (aponta para fóra) Deixae-me ver o mar, tão <azul> [↑ claro], **B** levae tudo. Aponta para fóra. Deixae-me ver o mar, tão claro, **C**

⁵³⁴ (Para os escravos) **A** (Para os escravos que lhe fazem como um fundo) **B C**

⁵³⁵ □ **A** (Para os mercadores) **B C**

⁵³⁶ Levae tudo. **A** Enfardem, levem tudo. **B C**

⁵³⁷ (Os mercadores enfardam o camarada acompanha-os ficando um instante a olhar para ella). **A** Os mercadores enfardam á pressa, ajudados pelos escravos e servos que vão sahindo. **B C**

⁵³⁸ Não chegarão a tempo † **A** Tambem vos deixo. O mar assim, doce e brando, <acalma todas as magoas. (Do fundo depois de a ter fitado um instante.) Os soldados não chegarão a tempo, é uma luz que se apaga> [deve acalmar todas as maguas; mas attendei na experiencia d'um velho. Ouvi o seu conselho. Nunca vos deixeis vencer pela desesperança. A tristeza gera a doença. É forçoso, primeiro, libertar a alma de todas as apprehensões e amarguras. Uma vez a alma liberta a alma renasce no corpo. Attendei ao que vos digo que a vossa mocidade tem direito a todas as alegrias.] **B** Tambem vos deixo. O mar assim, doce e brando, deve acalmar todas as maguas; mas attendei na experiencia d'um velho. Ouvi o seu conselho. Nunca vos deixeis vencer pela desesperança. A tristeza gera a doença. É forçoso, primeiro, libertar a alma de todas as apprehensões e amarguras. Uma vez a alma liberta, a saude renasce no corpo. Attendei ao que vos digo, que a vossa mocidade tem direito a todas as alegrias. **C**

Em B, a passagem aqui assinalada entre as notas 527 e 541 foi escrita posteriormente, em folhas separadas (21A e 21B) e a caneta vermelha. O acrescento é assinalado com um círculo com um X no seu interior.

⁵³⁹ <Filha só | (canção)> **A FILHA B C**

Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 538 e 577.

⁵⁴⁰ [↑ Deixae que os invernos pendam para o chão, levantae vós a cabeça para os astros.] **B** Deixae que os invernos pendam para o chão, levantae vós a cabeça para os astros. **C**

⁵⁴¹ que se <apaga> [↑ extingue]. **B** luz que se extingue!... **C**

⁵⁴² S. VI **B SCENA 5.ª C**

Em B e C a cena está erradamente numerada, corrige-se assim, nesta edição, para SCENA 6.ª.

⁵⁴³ mal depois d'uma noite tão mal dormida, **B** mal, depois de uma noite tão mal passada, **C**

⁵⁴⁴ meu [↑amado] **B** meu amado **C**

Em B, o acrescento foi feito a caneta preta, estando toda esta passagem escrita com caneta vermelha.

545 olhar<.>/\ Nas brisas perfumadas **B** olhar; nas brisas perfumadas, **C**
Em B, a correção foi feita a caneta preta, estando toda esta passagem escrita com caneta vermelha.

546 tenho — e nem essa me pertence <!>/—\ **B** tenho e nem essa me pertence! — **C**

547 fizesteis **B** fizestes **C**

548 enganaes. **B** enganaes! **C**

549 do meu **B** de meu **C**

550 disser. Até **B** disser, até **C**

551 tambem **B** tambem, **C**

552 *Em B, a passagem aqui assinalada entre as notas 537 e 551 foi escrita posteriormente, em folhas separadas e a caneta vermelha. É acrescentada a seguinte nota: (Para á scena VII da pg 21(verso))*

553 S. VI [I] **B** SCENA 6.^a **C**

Em B, o acrescento foi feito a caneta vermelha. Em B e C a cena está erradamente numerada, corrige-se assim, nesta edição, para SCENA 7.^a.

554 pausa, **B** pausa **C**

555 elles. **B** elles **C**

556 Canção da filha de Septimus **A1** [→ <música p.^a recitativo>] **B** Canção da filha de Septimus **B1** □ **C**
Retoma-se aqui A1 e B1. B1 faz parte da correspondência de Alberto de Oliveira para o Conde de Arnoso e promove as alterações observadas em B nos versos da canção da filha e no hymno ao sol.

557 sou! **A1** sou<.>/!\ **B** sou: **B1** **C**

Em B, a correção foi feita a caneta vermelha.

558 passou... **A1** passou<...>/!\ **B** passou! **B1** **C**

Em B, a correção foi feita a caneta vermelha.

559 deu; **A1** deu<.>/... \ **B** deu... **B1** **C**

Em B, a correção foi feita a caneta vermelha.

560 eu... **A1** eu<...>/!\ **B** eu! **B1** **C**

Em B, a correção foi feita a caneta vermelha.

561 de amores, **A1** d'amores, **B** de amores, **B1** **C**

562 Ardem em febre, de noite e dia, | É só a febre que os faz maiores! **A1** <Ardem em febre> [↑ A febre os queima,] de noite e dia, | <É só a febre que os faz maiores!> [↓ Os faz maiores...] **B** A febre os queima, de noite e dia, | Os faz maiores... **B1** **C**

Em B, as correções foram feitas a caneta vermelha.

563 As pedrarias <† enchem>[↑ cobrem] **A1** As pedrarias cobrem **B** **B1** **C**

564 enchem d<†>/e\ <luz> [↑ brilho] e graça; **A1** enchem de brilho e graça; **B** **B1** enchem de brilho e graça, **C**

565 despedaça... **A1** **B** **B1** despedaça! **C**

566 que bom <que seria> seria **A1** que b/om\ seria **B** que bom seria **B1** **C**

Em B, a correção foi feita a caneta vermelha.

567 suspiro **A1** **B** suspiro, **B1** **C**

568 E que tão longe de mim andaes! **A1** <E> <que>/Que\ <tão> longe <de mim> andaes! **B** Que longe andaes! **B1** **C**

Em B, a correção foi feita a caneta vermelha.

569 mais... **A1** mais<...>/!\ **B** mais! **B1** **C**

Em B, a correção foi feita a caneta vermelha.

570 Vel-o uma hora, **A1** Vêl-o <uma hora> [↑ um instante], **B** Vêl-o um instante, **B1** **C**

Em B, a correção foi feita a caneta vermelha.

571 outr'ora, **A1** outr'ora[,] **B** outr'ora, **B1** **C**

Em B, a correção foi feita a caneta vermelha.

572 Adeus pr'a sempre, meu noivo lindo... | Levae-lhe <vós,> vós, | Aguias felizes, que ides fugindo, | O ultimo echo da minha voz! || Dão-me perfumes, dão-me riqueza, | Por quantos outros apetecida! | Mas ai de mim! Não me dão belleza, | Não me dão vida...**A1** <Adeus pr'a sempre, meu noivo lindo... | Leve-lhe vós, | Aguias felizes, que ides fungindo, | O ultimo echo da minha voz! || Dão-me perfumes, dão-me riqueza, | Por quantos outros apetecida! | Mas ai de mim! Não me dão belleza, | Não me dão vida...> **B** □ **B1** **C**

Em B, o cancelamento foi feito a caneta vermelha.

Em A1, não existe a passagem aqui assinalada entre as notas 571 e 576.

573 □ **A1** O mal sorvessem, que me devora... **B** <Fossem †> [↑ <†>] [↑ O mal <†> [↑ sorvessem,]] que me devora... **B1** O mal sorvessem, que me devora... **C**

Em B, é acrescentado a vermelho o que está em B1. Cronologicamente os acrescentos de B são posteriores a B1.

574 □ **A1** Sim, creio agora! **B** <Nem vae ponil-o? Nem no procura?>[↑Sim, creio agora] **B1** Sim, creio agora! **C**

Em B, é acrescentado a vermelho o que está em B1.

⁵⁷⁵ **A1** Adeus, **B B1** Adeus **C**

⁵⁷⁶ **A1** voz **B** voz! **B1 C**

Em B, estas 3 estrofes foram escritos em campanha posterior, aparecendo a caneta vermelha na página 22B motivadas por B1 (correspondência).

⁵⁷⁷ Filha (Canta uma doce e languida canção antes de terminar entra o Pae seguido do Camarada a filha não dá por eles mal acaba **A** **B C**

⁵⁷⁸ Publius **A** Publi<us>/<u>/o\ **B PUBLIO C**

Em B, a correção foi feita com caneta preta e caneta vermelha. O nome desta personagem é corrigido sistematicamente com os mesmos materiais de escrita, ao longo no manuscrito.

⁵⁷⁹ **A** Adeantando-se **B C**

⁵⁸⁰ Cantavas, filha? **A** <Dizias versos> [↑ Cantavas], filha? **B** Cantavas, filha? **C**

Em B, a correção foi feita com caneta vermelha.

⁵⁸¹ Sim, Pae; mas uma canção alegre. **A** Sim, Pae; mas <muito> [↑ uma canção] alegr<es>/e\ **B** Sim, Pae; mas uma canção alegre. **C**

Em B, as correções foram feitas com caneta vermelha.

⁵⁸² *A cena está erradamente numerada, corrige-se assim, nesta edição, para SCENA 8.^a*

⁵⁸³ (As 3 decurias entram pela E. vindo desfilam diante <dos 3> [↑ e] atravessando a scena saem pelo outro lado **A** As tres decurias entram pela esquerda e desfilam atravessando a Scena e saindo pela direita **B** As tres decurias entram pela esquerda e desfilam, atravessando a scena e saindo pela direita **C**

⁵⁸⁴ <nos>/em\ saccos **A** em saccos **B C**

⁵⁸⁵ Partem <?> /n\ão **A** Partem, não **B C**

⁵⁸⁶ Publius **A B PUBLIO C**

⁵⁸⁷ **A** Anciosa **B C**

⁵⁸⁸ Onde vão? **A** Para onde? [Para a guerra?] **B** Para onde? Para a guerra? **C**

Em B, o acrescento foi feito com caneta vermelha.

⁵⁸⁹ Publius **A** Publi<us>/o\ **B PUBLIO C**

Em B, a correção foi feita com caneta vermelha. O nome desta personagem é corrigido sistematicamente com os mesmos materiais de escrita, ao longo no manuscrito.

⁵⁹⁰ Em busca do bem. **A** [←Não.] Em busca do bem. | (Cae o panno) **B** Não. Em busca do bem. **C**

Em B, o acrescento foi feito com caneta vermelha.

⁵⁹¹ **A** (Cae o panno) **B** FIM DO 4.º QUADRO **C**

⁵⁹² **A** [4.º] Acto <IV> **B** 4.º ACTO **C**

⁵⁹³ (A scena representa um valle, ao fundo á esquerda um outeiro coberto de loureiros, no cimo alveja o fino e claro portico d'um templo. Primeiros alvares da madrugada. Os soldados estão acampados. Trez, <os †> [↑ os chefes] das decurias no primeiro plano um sentado [↑os] os outros de pé) **A** A scena representa um valle, ao fundo á esquerda um outeiro coberto de loureiros <e>/,\ no cimo alveja o fino e elegante portico d'um templo. Primeiros alvares da madrugada. Os tres <chefes>/Decuriões\ <das decurias> conversam no 1.º plano. **B** A scena representa um valle; ao F., á E, um outeiro coberto de loureiros. No cimo alveja o fino e elegante portico d'um templo. Primeiros alvares da madrugada. Os tres Decuriões conversam no 1.º plano. **C**

⁵⁹⁴ 1.º <Soldado>/Chefe\ **A** 1.º <Chefe>/Decurião\ **B** 1.º DECURIÃO **C**

⁵⁹⁵ A nossa gente dorme ainda. A nós o nervoso impede-nos de dormir **A** A nossa gente dorme <ainda>. Que nos resta ainda fazer? **B** A nossa gente dorme. Que nos resta ainda fazer? **C**

⁵⁹⁶ 2.º <Soldado>/Chefe\ | O nervoso e a fadiga. **A** **B C**

⁵⁹⁷ *Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 595 e 605.*

2.º <Chefe>/Decurião\ **B** 2.º DECURIÃO **C**

⁵⁹⁸ 1.º <Chefe>/Decurião\ **B** 1.º DECURIÃO **C**

⁵⁹⁹ Publi<us>/u\ **B** Publio **C**

⁶⁰⁰ 3.º <Chefe>/Decurião\ **B** 3.º DECURIÃO **C**

⁶⁰¹ 1.º <Chefe>/Decurião\ **B** 1.º DECURIÃO **C**

⁶⁰² 3.º <Chefe>/Decurião\ **B** 3.º DECURIÃO **C**

⁶⁰³ doces e essa quem sabe se ainda viverá quando chegarmos. **B** doces: e essa quem sabe se ainda viverá quando chegarmos! **C**

⁶⁰⁴ 2.º <Chefe>/Decurião\ **B** 2.º DECURIÃO **C**

⁶⁰⁵ <temos feito> [↑ fizemos] **B** fizemos **C**

⁶⁰⁶ Publi<us>/u\ **B** Publio. **C**

Em B, a correção foi feita com caneta vermelha. O nome desta personagem é corrigido sistematicamente com os mesmos materiais de escrita, ao longo no manuscrito.

⁶⁰⁷ *Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 595 e 605.*

608 3.º <Soldado>/Chefe\ A 1.º <Chefe>/Decurião\ B 1.º DECURIÃO C

609 Que inuteis A Bem inuteis B C

610 feito! A feito. B C

611 2.º Soldado A 3.º <Chefe>/Decurião\ B 3.º DECURIÃO C

612 Graças devemos dar pelos legionarios A E graças devemos dar por os legionarios B C

613 1.º Soldado A 2.º <Chefe>/Decurião\ B 2.º DECURIÃO C

614 uma horda de <rebellados > [↑ selvagens] e por isso o nervoso nos salteia. De A uma verdadeira horda de selvagens. □ De B C

615 estrada romana que desde Cesarea, A estrada <romana> que desde Cesarea, B estrada que, desde Cesarêa C

616 archotes erguidos, A B archotes, erguidos C

617 3.º Soldado A 1.º <Chefe>/Decurião\ B 1.º DECURIÃO C

618 Casaes, A B casaes, C

619 mēdas; A mēdas, B C

620 2.º Soldado A 2.º <Chefe>/Decurião\ B 2.º DECURIÃO C

621 Assim A B Assim, C

622 só encontramos nas almas uma doce A B só encontramos uma doce C

623 3.º Soldado A 1.º <Chefe>/Decurião\ B 1.º DECURIÃO C

624 colera, A colera B C

625 *Em B, a palavra “submissa” surge duplamente sublinhada.*

626 1.º Soldado A 3.º <Chefe>/Decurião\ B 3.º DECURIÃO C

627 rasgando os A B e rasgar os C

628 2.º Soldado A 1.º <Chefe>/Decurião\ B 1.º DECURIÃO C

629 batermos sacrilegamente A batermos <sacrilegamente> [↑ feramente] B batermos feramente C

630 <Thebdas> [↑ Thebhas]! A Thebhas! B Thebbas! C

631 1.º Soldado A 2.º <Chefe> [↑ Decurião] B 2.º DECURIÃO C

632 Santos Armarios A Santos armarios B santos armarios C

633 3.º Soldado A 3.º <Chefe>/Decurião\ B 3.º DECURIÃO C

634 d’Hebron, os Solitarios A de Hebron, os Solitarios B de Hebron, os solitarios C

635 1.º Soldado A 2.º <Chefe>/Decurião\ B 2.º DECURIÃO C

636 E como se tal não bastasse A E como se tudo isso não bastasse, B C

637 dois mercadores Phenicios A dous mercadores Phenicios, B dous mercadores phenicios C

638 malobrato, e a quem nunca chegara o nome de Jesus, fizemos pagar A malobrato, e a quem nunca chegara o nome de Jesus, fizemos pagar B □ malobrato, fizémos pagar C

639 cada Decurião. A cada <Decurião> um de nós. B cada um de nós. C

640 2.º Soldado A 3.º DECURIÃO B C

641 Como uma horda de <selvagens> [↑ bárbaros] A Roubámos. E como uma horda de barbaros B C

642 1.º Soldado A 1.º DECURIÃO B C

643 Templo, A B templo, C

644 luziam, n’alguma volta do caminho, as </*nossas/> armas [↑ armas] A luziam, n’alguma volta do caminho, as armas B luziam n’alguma volta do caminho as armas C

645 violento. A violento! B C

646 2.º Soldado A 2.º DECURIÃO B C

647 a ponta A as pontas B C

648 Más Sortes, A B más sortes, C

Em A e B, a expressão encontra-se sublinhada.

649 1.º Soldado A 3.º DECURIÃO B C

650 nós A nós, B nós C

651 valle com as sandalias rotas, mortos A valle com <as sandalias rotas> [↑ os pés feridos pelos rudes trilhos], mortos B valle, com os pés feridos pelos rudes trilhos, mortos C

652 cansaço e o remorso retalhando-nos o coração! A cansaço, debatendo-nos n’um grande desespero sem mesmo saber o caminho que <devem>/convem\ tomar, o que devemos fazer. B cansaço, debatendo-nos n’um grande desespero, sem mesmo saber o caminho que convem tomar, o que devemos fazer. C

653 (Os soldados vão acordando no acampamento e em seguida entra um coro de desespero e de dôr. Quando o coro finda á porta do templo surge um velho de compridas barbas brancas, coroado de folhas de louro, vestido com uma tunica côm de açafão, segurando uma curta lyra de dez cordas esperando gravemente sobre os degraus de mármore, a aparição do sol) | 1º Soldado (Para os companheiros) | Tentemos ainda aquelle Sacerdote que com a lyra na mão espera a aparição do sol. (Todos agitam os ramos d’oliveira.) Conheceis um novo Propheta que surgiu na Galilea e tão destro é em milagres que ressuscita os mortos e muda a agua em vinho? A □ B C

Esta passagem será reescrita mais à frente em B C.

⁶⁵⁴ Em **A**, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 652 e 692

Em **B**, a passagem aqui assinalada entre as notas 652 e 665 aparece acrescentada na página 25A e 25B, com caneta vermelha.

⁶⁵⁵ povo **B** povo, **C**

⁶⁵⁶ forte; a **B** forte e a **C**

⁶⁵⁷ Septimo, **B** Septimo **C**

⁶⁵⁸ Palavra. Quasi **B** Quasi **C**

⁶⁵⁹ sonhos **B** sonhos, **C**

⁶⁶⁰ rebente; mas (apontando para os soldados) fazei **B** rebente. Apontando para os soldados. Mas fazei **C**

⁶⁶¹ plano; **B** plano, **C**

⁶⁶² <A>/a\caso; **B** acaso, **C**

⁶⁶³ parece **B** parece, **C**

⁶⁶⁴ d'aquelle [↑Templo] **B** d'aquelle Templo **C**

Em **B**, o acrescento foi introduzido com caneta preta, estando toda esta passagem escrita a caneta vermelha.

⁶⁶⁵ </*Padre/>/Sacerdote\ **B** Sacerdote **C**

⁶⁶⁶ como soldados. <Seguramente> **B** como soldados. **C**

⁶⁶⁷ espreguiçam-se acordam; vão-se **B** espreguiçam-se, acordam, vão-se **C**

Em **B**, nova nota dizendo: “(segue para pg 25 verso) os soldados espreguiçam-se acordam; vão-se levantado)” feita com caneta vermelha indicando a didascália que se encontra nessa página.

⁶⁶⁸ [↑Seguramente. (apontando para os soldados)] Não os irriteamos, **B** Seguramente. Apontando para os soldados. Não os irriteamos, **C**

Em **B**, a coreção é feita com caneta vermelha.

⁶⁶⁹ prestes a <acabar>[↑findar]. **B** prestes a findar. **C**

⁶⁷⁰ no [↑fino] portico d'aquelle <elegante> templo **B** no fino portico d'aquelle templo **C**

⁶⁷¹ alveja não apareça o Sacerdote para **B** alveja apareça o Sacerdote a **C**

⁶⁷² lido elle nos <dirá> instruirá **B** lido, elle nos instruirá **C**

⁶⁷³ E seguindo as suas palavras **B** E, seguindo as suas palavras, **C**

⁶⁷⁴ <Alguns> [1.º] Soldad<os>/o\ **B** 1.º SOLDADO **C**

Em **B**, as correções são feitas com caneta preta e caneta vermelha.

⁶⁷⁵ <Outros> [2.º] Soldad<os>/o\ **B** 2.º SOLDADO **C**

Em **B**, as correções são feitas com caneta preta e caneta vermelha.

⁶⁷⁶ <Outro>[3.º] Soldado **B** 3.º SOLDADO **C**

Em **B**, as correções são feitas com caneta preta e caneta vermelha.

⁶⁷⁷ <Outro>[4.º] Soldado **B** 4.º SOLDADO **C**

Em **B**, as correções são feitas com caneta preta e caneta vermelha.

⁶⁷⁸ <Outro>[1.º] Soldado **B** 1.º SOLDADO **C**

Em **B**, as correções são feitas com caneta preta e caneta vermelha.

⁶⁷⁹ <Outro>[3.º] Soldado **B** 3.º SOLDADO **C**

Em **B**, as correções são feitas com caneta preta e caneta vermelha.

⁶⁸⁰ <Outro> [2.º] Soldado **B** 2.º SOLDADO **C**

Em **B**, as correções são feitas com caneta preta e caneta vermelha.

⁶⁸¹ <Outro> [4.º] Soldado **B** 4.º SOLDADO **C**

Em **B**, as correções são feitas com caneta preta e caneta vermelha.

⁶⁸² Romanos, **B** romanos, **C**

⁶⁸³ <Outro> [1.º] Soldado **B** 1.º SOLDADO **C**

Em **B**, as correções são feitas com caneta preta e caneta vermelha.

⁶⁸⁴ <Outro> [3.º] Soldado **B** 3.º SOLDADO **C**

Em **B**, as correções são feitas com caneta preta e caneta vermelha.

⁶⁸⁵ de soldados intervirem. **B** de intervirem soldados. **C**

⁶⁸⁶ <Outro>[2.º] Soldado **B** 2.º SOLDADO **C**

Em **B**, as correções são feitas com caneta preta e caneta vermelha.

⁶⁸⁷ <Outro>[4.º] Soldado **B** 4.º SOLDADO **C**

Em **B**, as correções são feitas com caneta preta e caneta vermelha.

⁶⁸⁸ <Outro> [1.º] Soldado **B** 1.º SOLDADO **C**

Em **B**, as correções são feitas com caneta preta e caneta vermelha.

⁶⁸⁹ Em **B**, a expressão “Não veem?” foi acrescentada a lápis e depois decalcada a caneta preta.

⁶⁹⁰ Romanos **B** romanos. **C**

⁶⁹¹ Templo <,,>/e\ aparece o Sacerdote <com uma lyra na mão> **B** Templo e o Sacerdote aparece **C**

692 Agitemos **B** Agitem **C**
693 todas as lepras? **B** todos os leprosos? **C**
694 *Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 652 e 692.*
695 (serenamente **A B** Serenamente, **C**
696 Romanos! pois **A** Romanos! Pois **B** romanos! Pois **C**
697 por Zeus?... **A B** por Deus?... **C**
698 vendilhões, que <†> [† murmuram] **A** vendilhões, que murmuravam **B C**
699 1.º Soldado **A** SOLDADOS **B C**
700 Esta é a verdade, a suprema verdade. **A** Essa é a verdade! Essa é a verdade! **B C**
Em A, a fala do 1.º Soldado não é interrompida, integrando o texto das falas seguintes de B e C
701 Só Apollo Delphico **A** 1.º DECURIÃO | Para os soldados | Silêncio. O Sacerdote diz a verdade. Só
Apollo Delphico **B C**
702 cousas<. P>/, p>artamos, recolhemos **A** cousas. Partamos. Recolhamos **B C**
703 a Septimus digamos **A** a Publi<us>/o\ Septim<us>/o\ digamos **B** a Publio Septimo digamos **C**
704 fama **A** fama! **B C**
705 (á medida que <se> vão preparando para sahir **A** (Á medida que se vão preparando para partir **B C**
706 horizonte e ouvem-se **A** horizonte, ouvem-se **B C**
707 entoa um hymno a Zeus **A** entoa <um>/o\ hymno que os soldados ouvem reverentes: **B** entoa o hymno
que os soldados ouvem reverentes:**C**
708 *Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 706 e 718.*
Hymno ao Sol | O Sacerdote diz, á <porta> [† entrada] do tempo: **A1** Sacerdote (musica) **B** SACERDOTE
C
709 aves... **A1 B** aves! **C**
710 louvor... **A1 B** louvor! **C**
711 fulgorar **A** fulgor **B** fulgorar **C**
712 adivinha... **A B** adivinha! **C**
713 *Em A1, as duas estrofes seguintes estão ausentes. Em B, foram acrescentadas em folha separada a
caneta vermelha por B1. Encontra-se uma nota feita a caneta vermelha indicando: “(a seguir as tres
estrofes que vão no verso d’esta pagina)” – 26A.*
714 Teu abraço fecundo a terra estreita, | És o Deus da abundancia e da colheita **B B1** És o Deus da
abundancia e da colheita, | Teu abraço fecundo a terra estreita, **C**
715 <n>/N\oite escura á tua **B** Noite escura á tua **B1** Chama-se noite escura a tua **C**
716 Ai de nós se os teus raios bemfazejos | Que a terra cobrem de amorosos beijos, | Nos condenarem a
perpetua treva... | Se se extinguisse a luz virginia e pura | Que aonde poisa, tudo ampara e cura, | Tudo unge
e bendiz e aos Ceus eleva! **B B1** □ **C**
Em C, está ausente esta estrofe.
717 de oiro **A1** d’oiro **B** de oiro **C**
718 pupilla de oiro **A1** Pupilla d’oiro **B** pupilla de oiro **C**
719 <Ide Romanos. Que o> [† <Cae o pano>] **B** □ **C**
720 *Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 706 e 718.*
721 Quadro VI **A** Fim do V quadro | [← 6.º] Quadro <VI> **B** FIM DO 5.º QUADRO | 6.º QUADRO **C**
722 <Interior> A scena representa o interior d’um casebre pobre e humilde. [† <e a enxerga>] Pela porta do
fundo, quando aberta descobre-se ao <fundo> [†/* muito ao longe/] a cidade de Enganim. Uma enxerga
coberta por miseros farrapos e ao lado no chão. Pendurada uma lampada de barro vermelho [† sobre a
lareira apagada]. Uma [† velha] arca pintada aberta <sem nada> [† e vazia]. **A** A scena representa o interior
d’um casebre pobre e humilde. Deitado sobre uma <//*misera/> enxerga [† no chão], coberta por miseros
farrapos uma creança. Uma lampada de barro vermelho dependurada na parede sobre a lareira apagada. Ao
lado uma velha arca pintada, aberta e vazia. Pela porta do fundo quando aberta descobre-se muito ao longe
a cidade de Enganim. **B** A scena representa o interior d’um casebre pobre e humilde. Deitada sobre uma
enxerga no chão, coberta por miseros farrapos, uma creança. Uma lampada de barro vermelho dependurada
na parede sobre a lareira apagada. Ao lado uma velha arca pintada, aberta e vazia. Pela porta do F, quando
aberta, descobre-se muito ao longe a cidade de Enganim. **C**
723 □ **A** De joelhos ao lado da enxerga **B C**
724 mim **A B** mim, **C**
725 dar **A B** dar! **C**
726 socegado **A** socegado, **B C**
727 sem sal, <algumas vezes> [† <quando /*o ha/>], são todo o nosso sustento. **A** sem sal, são todo o nosso
sustento. **B C**
728 dores **A B** dores! **C**

- 729 **A** Sentando-se e aconchegando-o para o seu regaço **B** Senta-se e aconchegando-o para o seu regaço **C**
- 730 dormes, meu filho. **A** dormes filho. **B C**
- 731 dormir terei que comer? **A** dormir, dar-me-has de comer? **B C**
- 732 Sim **A B** Sim, **C**
- 733 <(Deita-lhe a cabeça do regaço)> [↑ aconchega-lhe mais os trapos] **A** Acalenta-o um instante. **B C**
- 734 nós [↑2] ambos **A** ambos nós **B C**
- Em A, consta uma indicação de transposição, na entrelinha superior.*
- 735 D<e>/o\ [↑ <sorte>] magro **A** Pausa Do magro **B C**
- 736 apodrecida **A** apodrecida, **B C**
- 737 sete annos passados, **A B** sete annos **C**
- 738 gemendo! **A** gemendo! (olhando em volta) **B** gemendo. Olha em volta **C**
- 739 <No> [↑ N'um] estio, [↑ já longe], sem pasto, **A** N'um estio, já longe, sem pasto, **B C**
- 740 a cabr<a> [↓ inha que elle nos deixára.]. **A** a cabrinha que o Pae nos deixára. **B C**
- 741 Depois **A B** Depois, **C**
- 742 figueira. Tão longe do povoado, nunca uma esmola de pão ou mel entra o portal. Deus meu **A** figueira. Tão longe do povoado nunca uma esmola de pão ou mel, entra o portal. Deus meu figueira. Tão longe do povoado, nunca uma esmola de pão ou mel entra o portal. Deus meu que **B** figueira. Deus meu! que **C**
- 743 Escolhida **A** Escolhida, **B C**
- 744 ás aves maleficas **A** ás <arvores> [↑ aves] maléficas **B** ás aves maleficas, **C**
- 745 sustento! **A** sustento! (Deixa pender a cabeça.) **B C**
- 746 Mãe **A B** Mãe, **C**
- 747 Dorme meu filho **A** Dorme meu filho, **B** Dorme, meu filho, **C**
- 748 dores **A** dores. **B** dores! **C**
- 749 Canção da mãe | A mãe (embalando o filho): **A1** **B C**
- Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 747 e 770.*
- 750 (canta uma canção emballadora, o filho [↓ adormece.] [↑ <deita-o na enxerga de joelhos> ajoelha-se ouvindo]) | O cantar ainda é uma grande esmola para os pobres... (batem á porta) **A** (<ouve-se um> [↑ música] órgão) [← (surdina musica)] **B** Musica em surdina **C**
- 751 Dorme, meu filho! Dorme um bocadinho, **A1 B** Dorme, meu filho! Dorme um bocadinho! **C**
- 752 A ver a dor te passa... **A1** <A ver se a dor te> [↑ Emquanto a noite] passa.. **B** Emquanto a noite passa... **C**
- 753 A uns, **A1 B** A uns **C**
- 754 A nós, **A1** A nós **B C**
- 755 luz! **A1** Luz! **B** luz! **C**
- 756 p'ra te crear! **A1** <para> [↑ p'ra] te crear! **B** p'ra te crear! **C**
- 757 inda **A1 B** inda **C**
- 758 soffria **A1 B** soffria, **C**
- 759 Soffro-a agora na tua companhia **A1** Soffro-as agora <na> [↑ em] tua companhia **B** Soffro-as agora em tua companhia, **C**
- 760 E reparto-as contigo... **A1** <E> <r>/R\epart<o>/i\ -as contigo... **B** Reparti-as contigo... **C**
- 761 Ai **A1 B** Ai, **C**
- 762 A mãe continua falando e intercala no seu monologo, enquanto o filho adormece, e uma a uma, as seguintes quadras ditas ou cantadas numa melopeia simples e triste: **A1** (Cala-se o órgão) | (Reparando no filho adormecido) **B** Reparando no filho adormecido **C**
- 763 **A1** O cantar ainda é uma grande esmola para os pobres... Adormeceu! Que bom, <quando o acordar é tão triste, dormindo não se soffre. Apagam-se as dores, e paga-se a vida. Se se não acordam! Se se não acordam.> [↑ se o acordar não fosse ainda mais triste. Dormindo não se soffre. Apagam-se as dores, apaga-se quasi a vida! Mas o acordar sem a sombra d'uma esperança, é ainda noite mais escura... E velar nada ha mais triste para a pobreza. É então que mais se accendem todas as desgraças<, e>/ E\ soffre-se tanto. E quando se imagina que não ha mais forças, ainda as dores tem força para supportar mais dores... Se se dormisse sempre, se não houvesse sonhos, se se não acordasse!...] **B** Que bom, se o acordar não fosse ainda mais triste! Dormindo não se soffre. Apagam-se as dores, apaga-se quasi a vida! Mas o acordar sem a sombra d'uma esperança, é ainda noite mais escura... E velar, nada ha mais triste, para a pobreza. É então que mais se accendem todas as desgraças. E soffre-se tanto... E quando se imagina que não ha mais forças, ainda as dores tem força para supportar mais dores... Se se dormisse sempre, se não houvesse sonhos, se se não acordasse!... **C**
- 764 **A1** (ouve-se o órgão) | [← <(Musica | surdina)>] **B** Musica em surdina **C**
- 765 dormir **A1 B** dormir, **C**
- 766 ais!) **A1** ais) **B C**

- 767 Parasse a dor um momento, | Mas não para noite e dia...| Já isso fora sustento | Para tamanha agonia! **A1**
B □ **C**
- 768 prece, **A1** prece **B C**
- 769 adormece **A1 B** adormece, **C**
- 770 desgraça! **A1** desgraça **B** desgraça!**C**
- 771 □ **A1** Batem á porta **B C**
- 772 *Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 747 e 770.*
- 773 Abrindo **A** Abrindo a porta e apontando para dentro **B C**
- 774 bater aqui **A1** bater. Aqui **B C**
- 775 descançar d'estas feridas. **A** descançar das minhas feridas. **B C**
- 776 (olhando para a pedra **A** (<olh>/palp\ando a pedra **B** Apalpando a pedra **C**
- 777 (senta-se; [↑ e] coça<ndo **A** Senta-se e coça **B C**
- 778 Oh **A B** Oh! **C**
- 779 feridas **A** feridas, **B C**
- 780 caminhadas eu faria. **A** caminhadas faria. **B** caminhadas faria! **C**
- 781 (Tira da sacola o farnel que reparte com a mãe) **A** (Tira da sacola o magro farnel que dá á mãe, o filho faz um movimento na enxerga e estende um braço) **B** Tira da sacola o magro farnel que dá á mãe. **C**
- 782 irmão! **A B** irmão. **C**
- 783 (Vae á enxerga do filho [↑ e levanta-lhe a cabecinha e <abraça-o>] **A** (Vae á enxerga e levanta-lhe a cabecita.) **B** Vae á enxerga e levanta a cabecinha do filho. **C**
- 784 tens **A B** tens, **C**
- 785 come **A B** come, **C**
- 786 e como <tentando> [↑ escondendo] o **A** e <como>/procurando\ esconder o **B** e procurando esconder o **C**
- 787 < Não desesperes irmã. Não sabes> E no entanto **A** E no entanto **B C**
- 788 prantos, aos **A** prantos. Aos **B C**
- 789 Côrte **A B** côrte **C**
- 790 Ah **A B** Ah! **C**
- 791 Judêa **A B** Judêa, **B C**
- 792 qualquer velho <muro> [↑ muro] **A** qualquer muro **B C**
- 793 esses **A** esses! **B C**
- 794 Jesus **A** Jesus, **B C**
- 795 lhe </parar/> [↑ sustar] a mortandade **A** lhe sustar a mortandade **B C**
- 796 Septimus, **A** <Septimus> [↑ Publio], **B** Publio, **C**
- Em B, a correção foi feita com caneta vermelha.*
- 797 morria. <Errando, es> **A** morria. **B C**
- 798 de Obed, **A** d'Obed, **B C**
- 799 Septimus. **A** <Septimus>/Publio\ . **B** Publio. **C**
- Em B, a correção foi feita com caneta vermelha.*
- 800 voltavam, **A B** voltavam **C**
- 801 com as sandalias rotas, **A** <com as suas sandalias rotas> [↑ descalços], **B** descalços, **C**
- 802 *Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 800 e 802.*
- 803 acabariam. **B** acabariam! **C**
- 804 pernas. **B** pernas! **C**
- Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 800 e 802.*
- 805 A tarde vem cahindo e eu preciso, antes da noite, procurar encher a minha sacola. Ai estas feridas, estas feridas! **A** E a tarde que vem cahindo! Talvez ainda lá possa chegar antes da noite e pelo caminho procurarei encher a minha sacola vazia. **B** E a tarde que vem cahindo! Talvez ainda lá possa chegar antes da noite; e pelo caminho procurarei encher a minha sacola vazia. **C**
- Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 804 e 806.*
- 806 veremos. [↑ É bom nunca desesperar.] **B** É bom nunca desesperar. **C**
- 807 *Em A, está ausente a passagem aqui assinalada entre as notas 804 e 806.*
- (Toma o bordão sacola e sae) **A** (Toma o bordão e <despede-se com um gesto> [↑ sae] Sae) **B** Toma o bordão, sae. **C**
- 808 Mãe **A B** Mãe e filho **C**
- 809 porta) [↑ depois d'uma pausa] **A** porta; depois d'uma pausa **B C**
- 810 tropego, apegado **A** tropego, tão velho, apegado **B C**
- 811 trilho, **A** trilho **B C**
- 812 ([↑ Fecha a porta] Volta, olha para o filho **A** Fecha a porta, olha para o filho **B C**
- 813 Dorme <- a>; A\inda bem. **A** Dorme. Ainda bem. **B C**

- 814 Oh. **A B** Oh! **C**
815 deixe, **A B** deixe **C**
816 Galiléa. **A B** Galiléa? **C**
817 Septimus **A** <Septimus> [↑ Publio] **B** Publio **C**
Em B, a correção foi feita com caneta vermelha.
818 forte, **A B** forte **C**
819 Jesus, **A** Jesus **B C**
820 paredes **A B** paredes, **C**
821 descesse, **A B** descesse **C**
822 entrevadinho, **A B** entrevadinho **C**
823 Oh. **A B** Oh! **C**
824 Oh meu filho, como. **A** Oh meu filho! Como **B** Oh! meu filho! Como **C**
825 Galilea, e curta a **A B** Galilea, curta é a **C**
826 homens. **A B** homens! **C**
827 filho! talvez Jesus morresse... **A** filho! Talvez Jesus morresse. **B** filho talvez Jesus morresse. **C**
828 (erguendo as pobres mãosinhas <que tremiam d'entre> [↑ trementes] d'entre os trapos) **A** (erguendo as mãosinhas trementes d'entre os trapos) **B** Erguendo as mãosinhas trementes dentro dos trapos **C**
829 Mas eu **A B** Mãe, eu **C**
830 (Abre-se devagar a porta <†>/e aparece\ Jesus <que diz sorrindo> [↑ n'uma grande claridade de luz aureolado,] sorrindo) **A** (Abre-se devagar a porta e aparece Jesus [↑ aureolado], n'uma grande claridade de luz **B** Abre-se a porta, devagar, e aparece Jesus aureolado, n'uma grande claridade de luz **C**
831 □ **A** JESUS (Sorrindo) **B C**

II. Tabela de variantes

NT	Incidente de Escrita	Qt.	Cron.	Operação	Análise
4	uma mulher recita: A1 Uma mulher B C	1	/	Supressão	Simplificação
16	deixar a <pob> riqueza A1 deixar a riqueza B C	1	Imediata	Substituição	
17	Semente eterna A1 B Semeador C	1	/	Substituição	Similitude / Sinonímia
19	O vigor A1 B O fulgor C	1	/	Substituição	Similitude / Sinonímia
22	Mas o olhar de jesus — aureo luzeiro — A1 Mas o olhar de jesus, <— aureo luzeiro —> [↑ por sobre o mundo inteiro] B Mas o olhar de jesus, por sobre o mundo inteiro, C	1	Mediata	Substituição	Intensificação
23	Vela sempre por nós, resplandecente... A1 <Vela sempre por nós, resplandecente...> [↓ Não cessa de brilhar, como um sol sem poente!] B Não cessa de brilhar, como um sol sem poente! C	1	Mediata	Substituição	Intensificação
26	todas, [↑ as] afflictas A1 todas as afflictas B C	1	Mediata	Adição	Intensificação
27	os <afflictos> [↑ famintos] Lares! A1 os famintos Lares! B os famintos lares! C	1	Mediata	Substituição	Intensificação
29	Seu olhar as edades atravessa, A1 <Seu olhar> [↑ <†>] [← Seu] [↑ clarão] as idades atravessa; B Seu clarão as edades atravessa, C	3	Mediata	Substituição e Adição	Intensificação

30	mais consolador A1 mais <consolador> [↑ animador] B mais animador C	1	Mediata	Substituição	Similitude / Sinonímia
32	Que <é capaz de> [↑ consegue] sarar, A1 Que consegue sarar, B C	1	Mediata	Substituição	Similitude / Sinonímia
33	profunda e a magua mais intensa; A1 B profunda, a magua mais intensa... C		/	Substituição	
34	O escolhido logar dos bemaventurados, A1 O <escolhido> logar [↑ dos fieis,] dos bemaventurados, B O logar dos fieis, dos bemaventurados, C	2	Mediata	Supressão e Adição	
35	hora mais amarga A1 B hora mais aziaga C	1	/	Substituição	Similitude / Sinonímia
40	nossa vida A1 B nossa vista C	1	/	Substituição	
44	religião, A1 B adoração, C	1	/	Substituição	Similitude - Intensificação
48	Até ao [↑ triste] dia A1 Até ao triste dia B C	1	Mediata	Adição	Intensificação
51	com nosso A1 B com o nosso C	1	/	Adição	Similitude
56	nos deu A1 nos <deu> [↑ confiou] B nos confiou C	1	Mediata	Substituição	Similitude / Sinonímia
59	Em que é mais doloroso o soffrimento alheio; A1 B Em que mais doe o soffrimento alheio... C	1	/	Substituição	Similitude - Atenuação
61	Deus gratos louvores, A1 Deus <gratos> [↑ incensos e] louvores, B Deus incensos e louvores, C	1	Mediata	Substituição	Intensificação
66	olivais e vinhedos. Ranchos de mulheres apanham azeitona, <pastores † scena> [↑ que homens varejam,] olivais e vinhedos. <Ranchos de mulheres> A □ A1 olivais e vinhedos. B C	2	Mediata	Substituição e Supressão	Simplificação
67	Dois pastores <entrando> [↑ á beira da fonte] Ranchos de mulheres apanham azeitona, que homens varejam. 1.º Pastor, 2.º Pastor, 1.º Mulher, 2.ª Mulher, depois mais trez. A Ranchos de mulheres apanham azeitona que homens varejam. 1.º Pastor, 2.º Pastor, 1.º Mulher, 2.ª Mulher, depois mais trez. Um coro triste das mulheres B 1.º pastor — 2.º pastor — 1.ª mulher — 2.ª mulher, depois mais outras. Ranchos de mulheres, á D., apanham azeitona que homens varejam. C	1	Mediata	Substituição	Simplificação
74	No ceu de diamantes A1 No ceu <como d'antes> [↑ de diamantes;] B Lá nos ceus distantes, C	3	Mediata	Substituição	
82	d'esta <fruta> agua A agua B C		Imediata	Substituição	
83	agua [↑ tão] fria A agua tão fria B C	1	Mediata	Adição	Intensificação
84	cantavam enchendo A cantavam [↑ alegremente] enchendo B cantavam alegremente, enchendo C	1	Mediata	Adição	Intensificação
85	os <valles> [↑ montes] A os montes B C	1	Mediata	Substituição	

86	Agora o trabalho A Agora [↑ os seus cantares são tristes] o trabalho B Agora os seus cantares são tristes, o trabalho C	1	Mediata	Adição	Intensificação
87	mais pesado e mais duro. A mais </*denso/>/pesado e mais duro. B mais pezado e mais duro. C	1	Mediata	Substituição	Similitude / Sinonímia
88	Não se ouve uma voz, e até as folhas A <Não se ouve uma voz> [↑ As cotovias, </*cant/> <parece> [↑ </*dir-sehia/> dir-se-hia] que não cantam, as rolas que não arrulham, os] [↓ melros <agora> que não assobiam] e até as folhas B As cotovias, dir-se-hia que não cantam, as rôlas que não arrulham, os melros que não assobiam, e até as folhas C	3	Mediata	Substituição Adição Supressão	Intensificação
90	noites <mais> escuras. A noites escuras. B C	1	Incerta	Supressão	Atenuação
92	2.º Pastor A 2.º Pastor [→ (Entram as 2 mulheres que se dirigem à fonte com as suas bilhas)] B 2.º PASTOR C	1	/	Adição	Simplificação
93	<Os> [↑ Vêde os nossos] gados [↑, os gados d'Obed,] vão morrendo pouco a pouco [↑ e até] o arado é mais duro de enterrar; [↑ e] a pedra A Vêde os nossos gados, os gados d'Obed, vão morrendo pouco a pouco e até o arado é mais duro de enterrar e a pedra B C	4	Mediata	Supressão e Adição	Precisão
95	[↑ E as suas vinhas como vão seccando] Assim A E as suas vinhas como vão seccando! Assim B E as suas vinhas como vão seccando! Assim, C	1	Mediata	Adição	Intensificação
97	Sabe Deus (?) A <Sabe Deus> [↑ Quem sabe] B Quem sabe C	1	Mediata	Substituição	Similitude
98	se até <o nosso amo> [↓ Obed] empobrece! A se até o rico Obed empobrece B se até o rico Obed empobrece... C	1	Mediata	Substituição	Similitude - Precisão
110	Docemente, <e já †,> respondeu: <Se> [↑ “Se conhecesses a <du> [↑ graça] de Deus e] soubesses B Docemente, respondeu: Se conhecesses a graça de Deus e soubesses C	3	Mediata	Supressão Substituição Adição	
111	uma agua [↑ muito viva] que B uma agua muito viva que C	1	Mediata	Adição	Intensificação
113	incredula [↑ e <lhe> apontasse o poço fundo, sem <nada> [↑ concha] com que pudesse <†> [↑ tirar <†> agua], referiu-lhe B incredula e apontasse o poço fundo, sem concha com que pudesse tirar agua, elle, então, referiu-lhe C	4	Mediata	Adição Supressão Substituição	Intensificação
115	<e o>/, um\ velho B E um velho C	1	Mediata	Substituição	Similitude

117	Trocae ess<as>/es\ <tunicas> [↑ vestidos] (?) B Trocae esses trajes C	2	Mediata	Substituição	Similitude / Sinonímia
123	<Que dizes tu velho adivinho?> Que dizes tu velho adivinho, tu, que com as tuas cantilenas nada mais sabes fazer que exaltar </*as/>/as\ cabeças das mulheres B Que dizes tu, velho adivinho, tu, que com as tuas cantilenas nada mais sabes fazer que exaltar as cabeças das mulheres? C	1	Mediata	Supressão Retorno	
124	Depois da conversa do povo, e antes de entrar o viandante, diz um velho adivinho: A1 VELHO ADIVINHO B C	1	/	Supressão	Simplificação
125	em côro (aterrados) A1 (Todos em côro, aterrados) B TODOS em côro, e aterrados C	1	/	Substituição	Reordenação
129	Entra pela esquerda um <homem> [↑ viandante] d'olhos ardentes e deslumbrados. Vagarosamente vem atravessando a scena chamando com um pausado gesto imperativo para um e outro lado. Ao aproximar-se da fonte, onde se senta, os pastores desviam-se chamando tambem com acenos os diferentes grupos, <das> a que se vem juntar pouco a pouco creanças e mulheres com a bilha nos hombros que vêm encher á fonte. A [←Vae] Os mesmos e um <viandante> que tem ouvido a /* mulher/ d'olhos ardentes e deslumbrado Viandante B Os mesmos e um viandante C	3	Mediata	Substituição Supressão Adição	Simplificação
131	O Viandante (que entra e ouve estas palavras) A1 Viandante (<entra pela Esq. <aceitando essa canção, e> [↑ e tem ouvido os últimos versos do adivinho] dirigindo-se à fonte B Viandante Que ouve já em scena os ultimos versos do adivinho C	1	Mediata	Substituição	Simplificação
132	filhas, as netas e as avós... A1 B filhas, netas e avós... C	2	/	Supressão	Similitude - Simplificação
133	Só de lhe ouvir a musica da voz! A1 Só de lhe ouvir a </*musica da/> voz<!> [...] B Só por ouvir-lhe a voz! C	1	Mediata	Substituição	Similitude - Simplificação
136	Nem miseria, nem lucto, como d'antes! A1 B Nem lucto, nem miseria, como de antes! C	1	/	Substituição Reordenação	
137	<São> [↑ Têm] mais fundo<s> que o mar! A1 Têm mais fundo que o mar! B C	1	Mediata	Substituição	Similitude / Sinonímia
139	Que <bella canção! /*vinheis/> [↑ canto [↑ tão] cheio de esperança!] B Que canto tão cheio de esperança! C	1	Imediata	Substituição	Similitude / Sinonímia

143	(Vão-se aproximando os ranchos que trabalham A (Os ranchos vão-se chegando) B Os ranchos vão-se aproximando C	2	/	Supressão Substituição Reordenação	Similitude / Sinonímia
149	Como assim? Como assim? A Ouvide, ouvide B Ouvide, ouvide! C	2	/	Substituição	
153	deparou com um enterro. A deparou <com> [↑ -se-lhe] um enterro. B deparou-se-lhe um enterro. C	1	Mediata	Substituição	Similitude
155	seguia o esquife <chorando> banhada A seguia o esquife banhada B C	1	Imediata	Supressão	Intensificação
160	que embarcando para outra banda do mar da Galilea e retirando-se para um lugar deserto, A B que embarcando para um lugar deserto, C	1	/	Supressão	Simplificação
161	E, [↑ em Bethania,] com uma palavra, uma só: <em Bethania> [↑ Levanta-te!] — ressuscitou a Lazaro, A E, em Bethania, com uma palavra, uma só: «Levanta-te!» — ressuscitou a Lazaro, B C	2	Mediata	Adição e Substituição	Retroprojeção
166	quando está perto entrega-lh'a sem beber; A quando está perto entrega-lh'a sem beber. B quando já está perto entrega-lh'a sem beber. C	1	/	Adição	Similitude
167	sacudindo o cabelo, A B sacudindo a cabeça C	1	/	Substituição	Similitude
170	Não respondeu. Mas a minha alma A Não respondeu, mas <a>/o\ <minha alma> [↑ meu coração] B Não respondeu, mas o meu coração C	1	Mediata	Substituição	Similitude
172	Sim é o Messias, a vida vae ser mais doce ha A Sim é o Messias; a vida <v>/v\ae ser mais doce, ha B Sim, é o Messias; a vida vae ser mais doce, ha C	1	Imediata	Substituição	
173	Os gados vão sarar, as vinhas vão reverdecer A Se assim fosse! Os gados talvez sarassem, as vinhas talvez reverdessem. B C	1	/	Substituição	Intensificação
174	arado vae ser mais A arado seria mais B C	1	/	Substituição	Similitude
176	A colheira <vae ser> [↑ será] farta, A A colheita será farta. B C	1	Mediata	Substituição	Similitude
177	o azeite doce de beber A O </*me/>/aze\ite mais doce de beber B O azeite mais doce de beber. C	1	Imediata	Substituição	
178	na fonte e todos entoam em côro um hossana à vinda do Messias A na fonte <e todos entoam em coro um hossana à vinda do Messias> B na fonte C	1	Imediata	Supressão	Simplificação
181	Os Homens um: A1 Um dos homens [→ (Musica)] B Um dos homens C	2	Mediata	Adição e Supressão	Simplificação

192	Obed (sentado á soleira da porta) A Obed B C	1	/	Supressão	Simplificação
193	D'essas só restam <duas> [↑ poucas] A D'essas mesmo só restam poucas B C	2	Mediata	Substituição	Atenuação
194	as cabeças das ervas A as cabeças [↑ pendidas] das ervas B as cabeças das hervas C	1	Mediata	Adição	Intensificação
195	E as vinhas <das encostas>? A E as vinhas? B C	1	Incerta	Supressão	Simplificação
196	<Cepas> Mirradas, <a parra roida da crespa ferrugem> A Mirradas B C	2	Imediata	Supressão	
204	[↑ (agacha-se palpa a poeira e com a ponta do manto sobre a face exclama)] A (agacha-se palpa a poeira e com a ponta do manto sobre a face exclama) B Agacha-se, palpa a poeira e com a ponta do manto sobre a cabeça exclama C	1	Mediata	Adição	Intensificação
207	Córos A1 Córos dos ranchos [→ (musica)] B Côro C	1	Imediata	Adição	Simplificação
208	Consolou-se a Terra com a agua das chuvas: Olhem as videiras carregadas de uvas! A1 <Consolou-se a Terra com a agua das chuvas: Olhem as videiras carregadas de uvas!> B □ C	1	Mediata	Supressão	
211	Mas que dizem? A Que cantares são os seus? B C	1	/	Substituição	Similitude - Amplificação
214	Escuta Senhor! Cantam os milagres A [↑ Escuta Senhor] Cantam os milagres B Escuta, Senhor, cantam os milagres C	1	Mediata	Adição	
224	Jesus da Galilea, mais novo que esses, tem talvez ainda magias mais viçosas e em pagando-o largamente, elle saberá <talvez> suster a mortandade dos meus gados, reverdecer os meus vinhedos. Ide, chamae os meus servos que venham já aqui. 1.º Pastor Dentro em pouco estarão convosco (sae) Obed A □ B C	1	Imediata	Supressão	
227	pode vir <de> bom de Nazareth, <d'aldea> [↑ de cidade] tão pobre B pode vir bom de Nazareth, de cidade tão pobre C	2	Imediata Mediata	Supressão Substituição	Amplificação
228	milagres <1.ª mulher Como podeis negar> [↑ <como bênção> e <como> bênçãos] B milagres e bênçãos. C	2	Mediata	Substituição Supressão	
229	Cana quando <ao fim> [↑ ao terminar] do festim [↑ já não havia vinho e] as 6 B Cana, quando ao terminar do festim já não havia vinho e as seis C	2	Mediata	Substituição Adição	Similitude / Sinonímia
230	agua <pura> [↑ crystalina] B agua crystalina C	1	Mediata	Substituição	Similitude / Sinonímia
231	mais puro do que o que até B mais puro do que até C	1	/	Supressão	Simplificação

232	E na (...) benções, fazendo milagres. C	7	Mediata	Supressão Substituição Adição	Reordenação / Similitude
234	não reverdecerá as vossas vinhas B não fará reverdecer as vossas vinhas? C	1	/	Substituição	Similitude / Sinonímia
236	verdade <em tudo> [↑ no muito do] que B verdade no muito do que C	1	Mediata	Substituição	Similitude
237	Não se inventam <assim> milagres. E são os que veem d'essas terras que <espalham> assim o certificam. B Não se inventam milagres. E são os que veem d'essas terras que assim o certificam. C	2	Mediata Imediata	Supressão	Similitude
239	<E porque não?> [↑ Pois bem.] Ide, chamae os meus servos, que venham aqui. (Pastor sae) (Para as mulheres) [↑ Mandarei procurar esse Rabbi.] B Pois bem! Ide, chamae os meus servos, que venham aqui. Pastor sae. Para as mulheres. Mandarei procurar esse Rabbi. C	2	Mediata	Substituição Adição	
243	resistir ao meu dinheiro A B resistir à minha riqueza, C	1	/	Substituição	Similitude /Sinonímia
248	Os servos vem entrando tendo a sua frente o Pastor A Os mesmos e os servos que vem entrando tendo à sua frente o [1.º] Pastor B Os mesmos e os servos que vem entrando, tendo à sua frente o 1.º Pastor C	2	Mediata	Adição	
251	o <sulco> [↑ rastro] luminoso d'esse [↑ novo] Rabbi da A o rastro luminoso d'esse novo Rabbi da B o rastro luminoso d'esse novo Rabbi de C	2	Mediata	Substituição Adição	Similitude - Elevação
252	trazei-m'ó que o encherei de dinheiro A trazei-m'ó que o encherei de dinheiro, B trazei-m'ó! que o encherei de dinheiro C	1	/	Adição	Abrandamento - Intensificação
254	E se recusar acompanhar-nos? A Faremos tudo para o encontrar. As mulheres serão os nossos guias porque cada dia lhe cantam novos louvores. Mas, Senhor, se recusar acompanhar-nos? B C	1	/	Adição	Amplificação
256	E se ainda assim não quiser vir A E se ainda assim não quiser vir? Tão desprendido de tudo o pintam! B C	1	/	Adição	Intensificação
258	chegar até aqui A chegar <a toda a parte> [↑ até nós] B chegar até nós C	1	Mediata	Substituição	Precisão
259	como [↑ do Jordão] as aguas A como do Jordão as aguas B C	1	Mediata	Adição	Precisão
263	E os meus gados? A E os meus gados? Fazeis-me falta. B C	1	/	Adição	Intensificação
265	um pastor só, vos basta A um pastor <vo> basta B um pastor basta C	1	Imediata	Supressão	Atenuação
266	sabe Deus (?) <quantos> se A sabe Deus se B C	1	Imediata	Supressão	Simplificação
267	Obed (irado) A Obed B C	1	/	Supressão	Atenuação

268	Ide ave agoirenta. Ide tambem. E treme pela tua cabeça se me não trouxeres o <Rabbi>. A <Ide> [↑ Vae] ave agoirenta. <Ide> [↑ Vae] tambem, e <treme> [↑ treme] pela <†> [↑ tua] cabeça se m'õ não trouxeres. B Vae, ave agoirenta. Vae tambem, e treme pela tua cabeça se m'õ não trouxeres. C	4	Mediata	Supressão Adição Substituição	Similitude / Sinonímia
269	(curvam-se os servos que vão sahindo) Obed aponta-lhes o caminho; A (Curvam-se os servos <; que vão sahindo> [↑ Obed aponta-lhes] o caminho; B Os servos curvam-se; Obed aponta-lhes o caminho; C	1	Mediata	Substituição Reordenação	
270	□ A as mulheres levantam as roupas B as mulheres levantam os tapetes; C	1	/	Substituição	
273	Jesus) pouco a pouco vae desc<obrin>/ahindo\ <†>/o\ <manto> [↑ </*cara/>] [↓ manto] e levantando a cabeça quando as vozes se calam <exclama>: O Rabbi deve estar perto, os meus servos vão trazer-m'õ. A Jesus); pouco [↑ a pouco] vae descachindo o manto, quando as vozes se calam) O Rabbi deve estar perto, os meus servos vão trazer-m'õ! (cae o panno) B Jesus) C	3	Mediata	Substituição Adição Supressão	Simplificação
275	Tu o bem espalhas, tu a luz semeias, Por valles e montes, cidades e aldeias! A1 B □ C	1	/	Supressão	
276	Os penedos duros, as mais duras fragas, Enchem-se de lyrios se tu os afagas! Se nos <aleijados poisa> [↑ entrevados poisa] o teu olhar, Já da cama se erguem, já podem andar! A1 Os penedos duros, As mais duras fragas, Enchem-se de lyrios Se tu os afagas! Se nos entrevados <poisa o> Poisa o teu olhar, Já da cama se erguem, Já podem andar! B □ C	2	Mediata	Substituição Supressão	
277	Não ha mal sem cura que logo não cures, Não ha negra treva, onde tu fulgures! A1 Não ha mal sem cura Que logo não cures, Não ha negra treva, Onde tu fulgures! B □ C	1	/	Supressão	

278	Pouco a pouco vae desc<obrin>/ahindo\ <†>/o\ <manto> [↑ </*cara/>] [↓ manto] e levantando a cabeça: quando as vozas se calam <exclama>: O Rabbi deve estar perto; os meus servos vão trazer-m'ô. A Pouco [↑ a pouco] vae descahindo o manto, quando as vozas se calam O Rabbi deve estar perto, os meus servos vão trazer-m'ô! [→ cae o pano] B Pouco a pouco vae descobrindo o manto: quando as vozas se calam O Rabbi deve estar perto; os meus servos vão trazer-m'ô! C	4	Mediata	Substituição Adição Supressão	Similitude
280	□ A S. 1ª Duas mulheres [→ <A 1.ª mulher <pode ser a 1.ª do 1.º acto> [↑ a mesma do] 2.º quadro – a 2.ª é que será a Sª D. A Cordeiro e não deve ter aparecido no 1.º nem no 2.º>] [↑ A 1.ª mulher pode ser uma das dos quadros anteriores a 2.ª entra pela 1.ª vez e deve ser a Sª D. A. Cordeiro] B SCENA 1.ª Duas mulheres. C	3	Mediata	Adição Substituição Supressão	Simplificação
287	2.ª Mulher (Tomando-lhe a mão) B 2.ª MULHER C	1	/	Supressão	Simplificação
289	[← Não.] Escuta. B Brincar?.. Escuta. C	1	Mediata	Adição	
291	debaixo das <†>/ensombradas\ figueiras B debaixo das ensombradas figueiras C	1	Imediata	Substituição	
293	as aves, [↑ nos ramos], cantavam <no ar> [↑ alegremente]. B as aves, nos ramos, cantavam alegremente. C	2	Mediata	Adição Substituição	
301	um [↑ outro] todo B um outro, todo C	1	Mediata	Adição	Amplificação
304	repelliu-me. [→ Levantou-se e deixou-nos.] B repelliu-me. Levantou-se e deixou-nos. C	1	Mediata	Adição	Precisão
309	Obed <aquela> [↑ esse] B Obed; esse C	1	Mediata	Substituição	Similitude
310	dos [↑ muitos] males B dos muitos males C	1	Mediata	Adição	Amplificação - Intensificação
313	Obed (á outra mulher) B OBED C	1	/	Supressão	Simplificação
316	Obed (mais velho ainda á porta de sua casa) A (Com um gesto para que o deixem, senta-se à porta da sua casa) B C	1	/	Substituição	Intensificação
317	Passaram dias, passaram semanas, [↑ passam mezes] e os meus Servos A Passaram dias, passaram semanas, passam mezes e os meus servos B Passaram dias, passaram semanas, passam mezes e os meus servos C	1	Mediata	Adição	Intensificação
319	<que> vem entrando A (vem entrando B C	1	Incerta	Supressão	Similitude
322	Agora vae chegar a nossa vez A Agora chegará a nossa vez B Agora chegará a nossa vez, C	2	/	Substituição	Similitude / Sinónmia

323	e quer vidas, para tragar A e quer vidas, [↑, muitas vidas,] para tragar. B e quer vidas, muitas vidas, para tragar. C	1	Mediata	Adição	Amplificação
326	e <não>/sem\ volta<m>/r\ . B e sem voltar. C	1	Mediata	Substituição	Similitude
329	Olha, repara, A [↑ Porque não hão de voltar?] Repara, B Porque não hão de voltar? Repara, C	1	Mediata	Adição	Intensificação
330	uma nuvem de po[↑ eira] que se levanta no ar? A uma nuvem de poeira que se levanta B uma nuvem de poeira que se levanta? C	1	Mediata	Adição	Intensificação
331	2.º Pastor (olhando A 2.º PASTOR B C	1	/	Supressão	Simplificação
332	Onde Senhor? A Onde, Senhor? Nada descortino. B Onde, senhor? Nada descortino. C	1	/	Adição Substituição	Intensificação
333	□ A <2º Pastor (olhando) Onde Senhor? Nada descortino> B □ C	1	/	Supressão	
335	estrada d<e>/as\ <D> das Caravanas. A estrada das Caravanas. B C	1	Imediata	Substituição	
336	Sim aproxim<am>/a\se. Devem ser os meus Servos, devem trazer o feiticeiro A Não vês a nuvem de pó avançando. [↑ avançando sempre] Sim, devem ser os meus Servos, devem trazer o feiticeiro. B Não vês a nuvem de pó avançando, avançando sempre? Sim, devem ser os meus servos, devem trazer o feiticeiro. C	2	Imediata	Substituição Adição	Intensificação
337	São, são elles,(...)Que alegria em todos os lares! C	5	Mediata	Substituição Adição	Similitude - Intensificação
338	porta os servos <vão>/vem\ entrando, A porta, os servos vem entrando, B porta, — os servos veem entrando C	1	Mediata	Substituição	Similitude
339	cobertos de poeira, rotos, andrajosos<>/>. Obed reparando n'elles) A cobertos de poeira, rotos, andrajosos) B C	1	Imediata	Supressão	Simplificação
344	Como assim? A Não o encontraram? B C	1	/	Substituição	
345	Por toda a parte deparamos com o seu sulco luminoso A Por toda a parte [↑ se nos] depar<amos>/ou\ <com> o seu sulco luminoso, B Por toda a parte se nos deparou o seu sulco luminoso, C	2	Mediata	Adição Substituição	Similitude
346	Mas por onde andasteis, o que A Mas por onde <andastes> [↑ andaram], o que B Mas por onde andaram e o que C	1	Mediata	Substituição	Similitude / Sinónmia
348	Sim por toda a parte. A B Sim, por toda a parte. Mulheres veem entrando; abraçam primeiro os maridos, os irmãos, e depois escutam enleadas. C	1	/	Adição	Amplificação - Descrição

349	1.º Pastor A 1.º Pastor (mulheres vem entrando e escutam enleadas) B 1.º PASTOR C	1	/	Supressão	Simplificação
352	rochas de porphiro, e de alvos terraços por entre os palmares, sob o vôo das rôlas. A rochas de porphiro, sob o vôo das rôlas. B C	1	/	Supressão	Atenuação
353	O Rabbi de Nazareth? Oh! A O Rabbi de Nazareth? Oh! B «O Rabbi de Nazareth? Oh! C	1	/	Substituição	Intensificação
361	Essa mesma pergunta lhe fizemos, A Essa mesma pergunta fizemos B Essa mesma pergunta fizemos, C	2	/	Supressão	Similitude
367	d' Yacob A de <Yakob> [↑ Jacob] B de Jacob C	1	Mediata	Substituição	Similitude / Sinonímia
370	<Outro servo Esperançados, subimos> A □ B C	1	Mediata	Supressão	Obliteração
371	Tão perto estaveis A B Tão perto estavam C	1	/	Substituição	Similitude / Sinonímia
372	e <não>/porque\ não continuaram? A e porque não continuaram B e porque não continuaram? C	1	Imediata	Substituição	Similitude
374	Continuamos sim e esperançados A Continuamos sim, e, esperançados, B Continuámos, sim, e, esperançados, C	1	/	Adição	Similitude / Abrandamento
375	até Gádara, <a> cidade d'altas torres, A até Gádara, cidade d'altas torres, BC	1	Mediata	Supressão	Similitude
377	E <Jesus> [↑ o Rabbi]?.. A E o Rabbi? B C	1	Mediata	Substituição	Similitude
379	<Seguido> [↑ Jesus] A Jesus, B C	1	Mediata	Substituição	
382	Obed (Irado) B OBED C	1	/	Supressão	Atenuação
384	Ponte das Filhas de Jacob A ponte das filhas de Jacob. B C	1	/	Substituição	Atenuação
391	Oh! Escravos pagãos! Oh blasphemos! Onde A Oh escravos pagãos! Oh blasphemos! Onde B Oh! escravos pagãos! Oh! blasphemos! onde C	2	/	Substituição Adição	Intensificação
393	nescios e os impostores A nescios e os impostores (As mulheres protestam n'um longo murmúrio) B C	1	/	Adição	Intensificação
394	□ A Obed (Com um gesto irado) Calae- vos! <com um gesto> B Obed Calae- vos! C	1	Mediata	Supressão	Atenuação
395	E como (...) os anathemas rituaes. C	1	/	Supressão	Similitude
396	Obed E não o trazeis [↑ E os meus gados morrem e as [↓ minhas vinhas secam.]] [↑ 1º Pastor] e todavia, radiantemente, como uma alvorada por detraz das serras, vejo que cresce, consoladora e cheia de promessas divinas, a fama de Jesus de Galiléa. A □ B C	2	Mediata	Adição Supressão	

399	esvasiam-se!... E esses sermões, e essas parábolas? B esvasiam-se! E esses sermões?... E essas parábolas?... C	2	/	Substituição	Intensificação
403	não vos irriteis; <uma> [↑ escuta a parábola] B não vos irriteis; escutae a parábola C	1	Mediata	Substituição	
404	<espalhando-se> [↑ cahindo] como B cahindo como C	1	Mediata	Substituição	Similitude / Sinonímia
406	em <†> [↑ vós] nada floriu A1 em vós nada floriu B em vós nada floriu, C	1	Mediata	Substituição	
407	tão graciosas e A1 B tão felizes, tão C	1	/	Substituição	Similitude
412	viver, pensae no paraizo! A1 B viver — pensae no Praisol!» C	1	/	Substituição	Similitude
413	Obed (como afastando uma visão †) B OBED C	1	/	Supressão	Simplificação
415	1.º Pastor (como illuminado) B 1.º PASTOR C	1	/	Supressão	Simplificação
416	[↑ D'um louco, dizeis,] E todavia, B D'um louco, dizeis, e todavia, C	1	Mediata	Adição	Intensificação
417	Galiléa. Obed (cae succumbindo com a cabeça entre as mãos) B Galiléa. Obed cae succumbido com a cabeça entre as mãos. C	1	/	Substituição Reordenação	
420	A scena representa a esplanada d'um forte <á beira mar> dominando o valle de Cesareia até á cidade <e ao mar>. Um legionário <passeia> fa<s>/z<endo> a guarda entre as ameias [↑sobre o mar]. Sobre um velário, <junto ás ameias>, em <†> um banco. A A scena representa a esplanada d'um forte dominando o valle de Cesareia á beira mar. Ao fundo, rente ás ameias, um legionario passeia fazendo guarda. Um largo velario abriga um banco. B C	4	Mediata	Supressão Substituição Reordenação	
421	Publius e um <amigo>/camarada\ da campanha de Tiberio A Publi<us>/<u>/o\ e um camarada da campanha de Tiberio B Publio e um camarada da campanha de Tiberio C	2	Mediata	Substituição	Precisão
423	Comtigo andei, comtigo A Comtigo andei, [↑ Publi<us>/<u>/o\] comtigo B Comtigo andei, Publio, comtigo C	1	Mediata	Adição	Intensificação
424	fiz toda a A B fiz a C	1	/	Supressão	Atenuação
426	□ A Eu adandonado, pobre, vivo só da recordação do meu passado feliz. Não tenho soldados. Não commando ninguem. B C	1	/	Adição	Intensificação
428	<a>/o\ <cidade> [↑ valle] da Cesarêa, A o valle da Cesarêa, B C	1	Mediata	Substituição	

429	mar. Enriqueci durante a revolta da Samaria com presas e saques. Possuo A mar. Possuo B C	1	/	Supressão	
433	Sim, é certo. A É verdade. B C	1	/	Substituição	Similitude
438	Exageras por certo, tua filha ha-de viver A Exageras, <seguramente> [↑ Publi<u>/o\, exageras]. Desfalecimentos que seguem os primeiros rebates da puberdade. Tudo isso passará. B Exageras, Publio exageras. Desfalecimentos que seguem os primeiros rebates da puberdade. Tudo isso passará. C	1	Mediata	Substituição	
440	Assim fôra; mas um coração de Pae não se engana. A Assim fôra; mas um coração de Pae [,] [↑ mesmo sanguinario como o meu,] não se engana, e eu vejo que cada dia mais definha e desfallece. B Assim fôra; mas um coração de Pae, mesmo sanguinario como o meu, não se engana, e eu vejo que cada dia mais definha e desfallece. C	1	Mediata	Substituição	Intensificação
441	A mocidade é uma grande força. Vence doenças que se nos afiguram <fatais> mortaes. A A mocidade é uma grande força. Vence doenças que se nos afigu<ravam>/m\ mortaes. B A mocidade é uma grande força, vence doenças que se nos afiguram mortaes. C	1	Imediata	Substituição	Similitude / Sinonímia
443	<Ás vezes> A sua mocidade <só feit> é tecida de tristezas. A A sua mocidade é tecida de tristezas. B C	2	Imediata	Supressão	
444	quando uma A quando ella ali repousa e uma B C	1	/	Adição	Intensificação
446	sobre [↑ as] rochas; depois mais triste A sobre as rochas. Depois mais triste B sobre as rochas. Depois, mais triste, C	1	Mediata	Adição	Similitude
448	Sim. Outras vezes, canta mas a sua voz é debil como um fio e <triste> a sua canção triste como gemidos doloridos. A Sim. Parecendo mesmo a propria imagem da morte. Outras vezes canta, mas a sua voz é debil como um fio e a sua canção sempre triste como gemidos doloridos. B C	1	Imediata	Supressão	Projeção

450	Mercadores vindos de <Chorazim> [↑ Chorazim] pedem, Senhor, para mostrar-vos as suas fazendas A Mercadores vindos de Chorazim <, > pedem, Senhor, para [↑ vos] mostrar <-vos as suas fazendas> [↑tapetes, sedas, linhos e perfumes] B Mercadores vindos de Chorazim pedem, Senhor, para vos mostrar tapetes, sedas, linhos e perfumes. C	3	Mediata	Substituição Supressão Adição	Intensificação
452	Que entrem. A Acompanha-os até aqui. B C	1	/	Substituição	
455	procurar satisfazer-lhe os desejos? A procurar <satisfazer-lhe os> [↑ enche-la de <†>/mimos], adivinhar<le>-lhe os mais pequenos] desejos. B procurar enche-la de mimos, adivinhar-lhe os mais pequenos desejos? C	1	Mediata	Substituição	Similitude
457	Saude, saude, vigor é o que desejaria dar-lhe A [↑ Tudo isso são miserias. O que se compra com dinheiro de nada vale.] Saude, muita saude. Vida, muita vida é o que desejaria dar-lhe. [→ E essa] [↓ sinto, vejo, que a cada momento lhe foge!] B Tudo isso são miserias. O que se compra com dinheiro de nada vale. Saude, muita saude. Vida, muita vida é o que desejaria dar-lhe. E essa sinto, vejo, que a cada momento lhe foge! C	3	Mediata	Adição	Intensificação
460	[↓ Olha, quem sabe até, se este é o castigo de todas as crueldades que tenho cometido.] B Olha, quem sabe até se este é o castigo de todas as crueldades que tenho cometido. C	1	Mediata	Adição	Intensificação
461	<Só vencem ou morrem> Se vencem tudo <se lhes perdoa> [↑ lhes é perdoado.] Se morrem... <a memoria que de nós fica, pode bem contra a maldição dos que nos sobrevivem.> [↑ mais lhes pesa á sua memoria o esquecimento dos homens que as atrocidades cometidas!] B Se vencem tudo lhes é perdoado. Se morrem... mais lhes pesa á sua memoria o esquecimento dos homens que as atrocidades cometidas! C	3	Mediata	Supressão Substituição	Similitude - Intensificação
464	mercadores; depois de saudarem começam a desatar os <seus> fardos A mercadores; depois de saudarem começam a desatar os fardos B mercadores que depois de saudarem começam a desatar os fardos C	1	Imediata	Supressão	Similitude
465	que <o sal †> [↑ as brancas mēdas de sal.] A que as brancas mēdas de sal. B C	1	Mediata	Substituição	

470	D<o>/os\ corp<o>/os\ A do corpo B C	1	Mediata	Substituição	Similitude
472	onde está esse A onde está, onde para, esse B onde está, onde pára esse C	1	/	Adição	Amplificação
473	atrás de si <†> [† †] multidões A atrás de si multidões B C	1	Mediata	Substituição	
475	Assim ouvi A Assim ouvi [† Publi<us>/<u>/o\] B Assim ouvi, Publio, C	1	Mediata	Adição	Intensificação
476	não tem conta já os seus milagres A não tem conta <já> [† parece] os seus milagres; B não tem conta os seus milagres; C	1	Mediata	Substituição	Similitude
477	□ A dizem-n' o o filho do homem que Daniel entrevista na sua Visão. B C	1	/	Adição	Intensificação
480	Assim ouviste, e nada me dizias e minha [† filha] definha, e desfallece e morre! Contae, contae das suas virtudes A Assim ouviste e nada me dizias. <Faz milagres e cura> [† Cura os males da alma e sara as chagas] dos corpos. Faz milagres e minha filha definha e desfallece e morre! (Para os mercadores) Contae, contae das suas virtudes. B Assim ouviste e nada me dizias. Cura os males da alma e sara as chagas dos corpos. Faz milagres e minha filha definha e desfallece e morre! Para os mercadores. Contae, contae das suas virtudes. C	2	Mediata	Adição Substituição	Simplificação
481	d'um deserto? A do mar? B C	1	/	Substituição	
482	<Não vos dissemos já que não ha mal que não cure.> De longe A De longe B C	1	Mediata	Supressão	Simplificação
487	É esse (...) curará a minha filha. B C	1	Mediata	Adição Supressão	Simplificação
489	obter por <bom> [† insignificante] preço. B obter por insignificante preço. C	1	Mediata	Substituição	Similitude
490	Tarde <encontraremos> [† encontrareis] melhores fazendas. B Tarde encontrareis melhores fazendas. C	1	Mediata	Substituição	Similitude / Sinonímia
492	(para o seu camarada) A Para os mercadores B C	1	/	Substituição	
493	É esse Rabbi, (...) quanto lhe dou. C	4	Mediata	Adição	Similitude
494	que o procurem por Galilea, A que procurem o Rabbi por toda a Galileia B C	1	/	Adição	Precisão

496	□ A [↑ Uma vez aqui, mostrar-lhe-hei todos os meus thesouros, captival-o-hei com o fulgor da minha riqueza, do meu grande poder, e enchel-o-hei de dinheiro se porventura conseguir curar a minha Filha.] B Uma vez aqui, mostrar-lhe-hei todos os meus thesouros, captival-o-hei com o fulgor da minha riqueza, do meu grande poder, e enchel-o-hei de dinheiro se porventura conseguir curar a minha filha. C	1	Mediata	Adição	Intensificação
497	Fôra eu mais novo e não me pesassem os annos mais A Fôra eu mais novo e não me pesassem os annos ainda mais B Fosse eu mais novo e não me pesassem os annos ainda mais C	1	/	Substituição	Similitude
501	<E> [↑ Pode ser: e] os perfumes? B Pode ser: e os perfumes? C	1	Mediata	Adição	Similitude
502	<Ahi> [↑ Aqui], ao lado. [<Não ponham os tapetes ao pé das sedas, são tecidos que não ficam bem ao lado uns dos outros. Separe-os. Assim>] B Aqui, ao lado. C	2	Mediata	Substituição Supressão	Similitude
506	Filha d<as>/a\ minh<as>/a\ <entranhas> alma A Filha da minha alma B Filha da minha alma! C	1	Mediata	Supressão	Similitude- Atenuação
511	<Assim é> [↑ Assim é... e que tempo estivemos sem voltar a ver-nos. Embranqueceram-se os cabellos. Ainda não ereis nascida quando nos separamos. Até então tínhamos vivido sempre junctos<.>/\] <Es>/es\palhamos muito sangue, batemo-nos muitas vezes lado a lado, pisamos juntos muitos cadavares. B Assim é... e que tempo estivemos sem voltar a ver-nos! Embranqueceram-se os cabellos. Ainda não ereis nascida quando nos separamos. Até então tinhamos vivido sempre junctos. Espalhamos muito sangue, batemo-nos muitas vezes lado a lado, pisamos juntos muitos cadavares. C	1	Mediata	Adição	Intensificação
513	Muito longe. [↑ Tendes razão.] B Muito longe. Tendes razão. C	1	Mediata	Adição	Intensificação
515	(o olhar perdido na vastidão do mar) A Desviando o olhar para a vastidão do mar B C	1	/	Substituição	Similitude
516	bellas <, mas> [↑ ;Tão bellas que] ferem A bellas. Tão bellas que ferem B C	1	Mediata	Substituição	Intensificação

518	Não te fatigues. <Senta-te> [↑ Vem] (tomando-a dos braços dos escravos) [↑ senta-te] e desdobrem-lhe tudo a seus pés (<senta-a e> depois de a olhar com ternura sae) A (Toma-a dos braços dos escravos e senta-a sob o velario) Não te fatigues. Senta-te. Tragam-lhe tudo para aqui. Quero que vejas bem tudo quanto te dou. (Depois de a fitar com ternura sae) B Toma-a dos braços dos servos e senta-a sob o velario Não te fatigues. Senta-te. Tragam-lhe tudo para aqui. Quero que vejas bem tudo quanto te dou. Depois de a fitar com ternura, sae. C	3	Mediata	Supressão Substituição Adição Reordenação	
521	Camarada <(tomando o tapete e deponde-lhe um pé)> B CAMARADA C	1	/	Supressão	Simplificação
522	em sangue [, em guerras.] B em sangue, em guerras. C	1	Mediata	Adição	Intensificação
524	Camarada A CAMARADA Tomando os tapetes B C	1	/	Adição	Intensificação
525	Que este tapete amacie já o poisar dos vossos pés. A Tendes razão. Que este tapete amacie já o doce poisar de vossos pés. B C	1	/	Adição	Intensificação
528	as pennas <d'um> [↑ do] Ibis? A as brancas pennas das brancas cegonhas B as brancas pennas das brancas cegonhas? C	1	Mediata	Substituição	Similitude
532	levae tudo, [↑ (apontando para fóra)], deixae-me ver o mar, tão azul, A levae tudo (aponta para fóra) Deixae-me ver o mar, tão <azul> [↑ claro], B levae tudo. Aponta para fóra. Deixae-me ver o mar, tão claro, C	2	Mediata	Adição Substituição	Intensificação
533	(Para os escravos) A (Para os escravos que lhe fazem como um fundo) B C	1	/	Adição	Intensificação
535	Levae tudo. A Enfardem, levem tudo. B C	2	/	Adição Substituição	Intensificação
536	(Os mercadores enfardam o camarada acompanha-os ficando um instante a olhar para ella). A Os mercadores enfardam á pressa, ajudados pelos escravos e servos que vão sahindo. B C	1	/	Substituição	
537	Não chegarão (...) a todas as alegrias. C	1	Imediata	Substituição	Intensificação
538	<Filha só (canção)> A FILHA B C	1	Imediata	Supressão	Simplificação
539	[↑ Deixae que os invernos pendam para o chão, levantae vós a cabeça para os astros.] B Deixae que os invernos pendam para o chão, levantae vós a cabeça para os astros. C	1	Mediata	Adição	Intensificação
540	que se <apaga> [↑ extingue]. B luz que se extingue!... C	1	Mediata	Substituição	Similitude - Intensificação

542	mal depois d'uma noite tão mal dormida, B mal, depois de uma noite tão mal passada, C	1	/	Substituição	Similitude
543	meu [↑amado] B meu amado C	1	Mediata	Adição	Amplificação
544	olhar<.>/\; Nas brisas perfumadas B olhar; nas brisas perfumadas, C	1	Mediata	Substituição	Similitude
545	tenho — e nem essa me pertence <!>/—\ B tenho e nem essa me pertence! — C	1	Mediata	Substituição	Similitude
548	do meu B de meu C	1	/	Substituição	Similitude
555	Canção da filha de Septimus A1 [→ <música p. ^a recitativo>] B Canção da filha de Septimus B1 □ C	1	Mediata	Supressão	
561	Ardem em febre, de noite e dia, É só a febre que os faz maiores! A1 <Ardem em febre> [↑ A febre os queima,] de noite e dia, <É só a febre que os faz maiores!> [↓ Os faz maiores...] B A febre os queima, de noite e dia, Os faz maiores... B1 C	1	Mediata	Substituição	Similitude
562	As pedrarias <† enchem>[↑ cobrem] A1 As pedrarias cobrem B B1 C	1	Mediata	Substituição	Similitude
563	enchem d<†>/e\ <luz> [↑ brilho] e graça; A1 enchem de brilho e graça; B B1 enchem de brilho e graça, C	1	Mediata	Substituição	Similitude / Sinonímia - Intensificação
565	que bom <que seria> seria A1 que b/om\ seria B que bom seria B1 C	1	Mediata	Substituição	Similitude
567	E que tão longe de mim andaes! A1 <E> <que>/Que\ <tão> longe <de mim> andaes! B Que longe andaes! B1 C	1	Mediata	Supressão Substituição	Simplificação
569	Vel-o uma hora, A1 Vêl-o <uma hora> [↑ um instante], B Vêl-o um instante, B1 C	1	Mediata	Substituição	
571	Adeus pr'a sempre, meu noivo lindo... Levae-lhe <vós,> vós, Aguias felizes, que ides fugindo, O ultimo echo da minha voz! Dão-me perfumes, dão-me riqueza, Por quantos outros apeteçida! Mas ai de mim! Não me dão beleza, Não me dão vida... A1 <Adeus pr'a sempre, meu noivo lindo... Leve-lhe vós, Aguias felizes, que ides fungindo, O ultimo echo da minha voz! Dão-me perfumes, dão-me riqueza, Por quantos outros apeteçida! Mas ai de mim! Não me dão beleza, Não me dão vida...> B □ B1 C	1	Mediata	Supressão	
572	□ A1 O mal sorvessem, que me devora... B <Fossem †> [↑ <†>] [↑ O mal <†> [↑ sorvessem,]] que me devora... B1 O mal sorvessem, que me devora... C	1	Mediata	Substituição	
573	□ A1 Sim, creio agora! B <Nem vae ponil-o? Nem no procura?>[↑Sim, creio agora] B1 Sim, creio agora! C	1	Mediata	Substituição	

576	Filha (Canta uma doce e languida canção antes de terminar entra o Pae seguido do Camarada a filha não dá por eles mal acaba A □ B C	1	/	Supressão	
579	Cantavas, filha? A <Dizias versos> [↑ Cantavas], filha? B Cantavas, filha? C	1	Mediata	Substituição	Similitude
580	Sim, Pae; mas uma canção alegre. A Sim, Pae; mas <muito> [↑ uma canção] alegr<es>/e\ B Sim, Pae; mas uma canção alegre. C	1	Mediata	Substituição	Precisão
581	(As 3 decurias entram pela E. vindo desfilam diante <dos 3> [↑ e] atravessando a scena saem pelo outro lado A As trez decurias entram pela esquerda e desfilam atravessando a Scena e saindo pela direita B As tres decurias entram pela esquerda e desfilam, atravessando a scena e saindo pela direita C	1	Mediata	Substituição	Simplificação
582	<nos>/em\ saccos A em saccos B C	1	Mediata	Substituição	Similitude
583	Partem <?> /n\ão A Partem, não B C	1	Mediata	Substituição	
586	Onde vão? A Para onde? [Para a guerra?] B Para onde? Para a guerra? C	1	Mediata	Adição	Intensificação
588	Em busca do bem. A [←Não.] Em busca do bem. (Cae o panno) B Não. Em busca do bem. C	1	Mediata	Adição	Intensificação
591	(A scena representa (...) plano. C	1	Mediata	Supressão	Simplificação
593	A nossa gente dorme ainda. A nós o nervoso impede-nos de dormir A A nossa gente dorme <ainda>. Que nos resta ainda fazer? B A nossa gente dorme. Que nos resta ainda fazer? C	1	Mediata	Supressão	Similitude - Simplificação
603	<temos feito> [↑ fizemos] B fizemos C	1	Mediata	Substituição	Similitude / Sinonímia
607	Que inuteis A Bem inuteis B C	1	/	Substituição	Similitude
610	Graças devemos dar pelos legionarios A E graças devemos dar por os legionarios BC	1	/	Substituição	Similitude
612	uma horda de <rebellados > [↑ selvagens] e por isso o nervoso nos salteia. De A uma verdadeira horda de selvagens. □ De B C	1	Mediata	Substituição	Similitude / Sinonímia - Intensificação
613	estrada romana que desde Cesarea, A estrada <romana> que desde Cesarea, B estrada que, desde Cesarêa C	1	Incerta	Supressão	Atenuação
620	só encontramos nas almas uma doce AB só encontramos uma doce C	1	/	Supressão	Atenuação
625	rasgando os A B e rasgar os C	1	/	Substituição	Similitude / Sininímia
627	batermos sacrilegamente A batermos <sacrilegamente> [↑ feramente] B batermos feramente C	1	Mediata	Substituição	Similitude - Atenuação

634	E como se tal não bastasse A E como se tudo isso não bastasse, B C	1	/	Substituição	Amplificação
636	malobrato, e a quem nunca chegara o nome de Jesus, fizemos pagar A malobrato, e a quem nunca chegara o nome de Jesus, fizemos pagar B □ malobrato, fizémos pagar C	1	/	Supressão	Simplificação
637	cada Decurião. A cada <Decurião> um de nós. B cada um de nós. C	1	Imediata	Supressão	Precisão
639	Como uma horda de <selvagens> [↑ bárbaros] A Roubámos. E como uma horda de barbaros B C	1	Mediata	Substituição	Similitude / Sinonímia
642	luziam, n'alguma volta do caminho, as </*nossas/> armas [↑ armas] A luziam, n'alguma volta do caminho, as armas B luziam n'alguma volta do caminho as armas C	1	Mediata	Substituição	
645	a ponta A as pontas B C	1	/	Substituição	Similitude
649	valle com as sandalias rotas, mortos A valle com <as sandalias rotas> [↑ os pés feridos pelos rudes trilhos], mortos B valle, com os pés feridos pelos rudes trilhos, mortos C	1	Mediata	Substituição	Intensificação
650	cansaço e o remorso retalhando-nos o coração! A cansaço, debatendo-nos n'um grande desespero sem mesmo saber o caminho que <devem/>convem\ tomar, o que devemos fazer. B cansaço, debatendo-nos n'um grande desespero, sem mesmo saber o caminho que convem tomar, o que devemos fazer. C	1	Mediata	Substituição	Similitude
651	(Os soldados vão (...) em vinho? A □ B C	1	/	Supressão	
656	Palavra. Quasi B Quasi C	1	/	Supressão	Simplificação
658	rebente; mas (apontando para os soldados) fazei B rebente. Apontando para os soldados. Mas fazei C	1	/	Substituição	Similitude
662	d'aquelle [↑Templo] B d'aquelle Templo C	1	Mediata	Adição	Precisão
663	</*Padre/>/Sacerdote\ B Sacerdote C	1	Mediata	Substituição	Similitude / Sinonímia
665	espreguiçam-se acordam; vão-se B espreguiçam-se, acordam, vão-se C	1	/	Substituição	Similitude
666	[↑Seguramente. (apontando para os soldados)] Não os irritemos, B Seguramente. Apontando para os soldados. Não os irritemos, C	1	Mediata	Adição	Intensificação
667	prestes a <acabar>[↑findar]. B prestes a findar. C	1	Mediata	Substituição	Similitude / Sinonímia

668	no [↑fino] portico d'aquelle <elegante> templo B no fino portico d'aquelle templo C	1	Mediata	Substituição	Similitude - Retroprojeção
669	alveja não apareça o Sacerdote para B alveja apareça o Sacerdote a C	1	/	Supressão	
670	lido elle nos <dirá> instruirá B lido, elle nos instruirá C	1	Imediata	Substituição	Similitude - Intensificação
683	de soldados intervirem. B de intervirem soldados. C	1	/	Substituição Reordenação	
689	Templo <,>/e\ aparece o Sacerdote <com uma lyra na mão> B Templo e o Sacerdote aparece C	2	Mediata	Supressão	Simplificação
690	Agitemos B Agitem C	1	/	Substituição	Similitude
691	todas as lepras? B todos os leprosos? C	1	/	Substituição	Similitude
695	por Zeus?... A B por Deus?... C	1	/	Substituição	
696	vendilhões, que <†> [↑ murmuram] A vendilhões, que murmuravam B C	1	Mediata	Substituição	
698	Esta é a verdade, a suprema verdade. A Essa é a verdade! Essa é a verdade! B C	1	/	Substituição	Intensificação
699	Só Apollo Delphico A 1.º DECURIÃO Para os soldados Silencio. O Sacerdote diz a verdade. Só Apollo Delphico B C	1	/	Adição	Intensificação
700	cousas<. P>/, p>artamos, recolhamos A cousas. Partamos. Recolhamos B C	1	Imediata	Substituição	Similitude
701	a Septimus digamos A a Publi<us>/o\ Septim<us>/o\ digamos B a Publio Septimo digamos C	1	Mediata	Substituição	Intensificação
703	(á medida que <se> vão preparando para sahir A (Á medida que se vão preparando para partir B C	1	Mediata	Supressão	Similitude
704	horizonte e ouvem-se A horizonte, ouvem-se B C	1	/	Substituição	Similitude - Abrandamento
705	entoa um hymno a Zeus A entoa <um>/o\ hymno que os soldados ouvem reverentes: B entoa o hymno que os soldados ouvem reverentes: C	1	Mediata	Substituição	Similitude
706	Hymno ao Sol O Sacerdote diz, á <p>porta> [↑ entrada] do tempo: A1 Sacerdote (musica) B SACERDOTE C	1	Mediata	Substituição	Similitude - Amplificação
712	Teu abraço fecundo a terra estreita, És o Deus da abundancia e da colheita B B1 És o Deus da abundancia e da colheita, Teu abraço fecundo a terra estreita, C	1	/	Substituição Reordenação	
713	<n>/N\oite escura á tua B Noite escura á tua B1 Chama-se noite escura a tua C	1	/	Substituição	
714	Ai de nós se os teus raios bemfazejos Que a terra cobrem de amorosos beijos, Nos condenarem a perpetua treva... Se se extinguisse a luz virginia e pura Que aonde poisa, tudo ampara e cura, Tudo unge e bendiz e aos Ceus eleva! B B1 □ C	1	/	Supressão	

716	pupilla de oiro A1 Pupilla d'oiro B pupilla de oiro C	1	/	Substituição	Similitude
720	<Interior> A scena (...) Enganim. C	1	Mediata	Substituição	Intensificação
725	sem sal, <algumas vezes> [↑ <quando /*o ha/>], são todo o nosso sustento. A sem sal, são todo o nosso sustento. B C	1	Mediata	Substituição	Simplificação
727	□ A Sentando-se e aconchegando-o para o seu regaço B Senta-se e aconchegando-o para o seu regaço C	1	/	Substituição	Similitude
728	dormes, meu filho. A dormes filho. B C	1	/	Adição	Simplificação
729	dormir terei que comer? A dormir, dar-me-has de comer? B C	1	/	Substituição	Precisão
731	<(Deita-lhe a cabeça do regaço)> [↑ aconchega-lhe mais os trapos] A Acalenta-o um instante. B C	1	Mediata	Substituição	Simplificação
732	nós [↑2] ambos A ambos nós B C	1	Mediata	Substituição Reordenação	
733	D<e>/o\ [↑ <sorte>] magro A Pausa Do magro B C	1	Mediata	Supressão	
735	sete annos passados, A B sete annos C	1	/	Supressão	Simplificação
737	<No> [↑ N'um] estio, [↑ já longe], sem pasto, A N'um estio, já longe, sem pasto, B C	2	Mediata	Substituição Adição	Intensificação
738	a cabr<a> [↓ inha que elle nos deixára.]. A a cabrinha que o Pae nos deixára. B C	1	Mediata	Adição	Precisão
740	figueira. Tão longe do povoado, nunca uma esmola de pão ou mel entra o portal. Deus meu A figueira. Tão longe do povoado nunca uma esmola de pão ou mel, entra o portal. Deus meu figueira. Tão longe do povoado, nunca uma esmola de pão ou mel entra o portal. Deus meu que B figueira. Deus meu! que C	1	/	Supressão	Simplificação
742	ás aves maleficas A ás <arvores> [↑ aves] maléficas B ás aves maleficas, C	1	Mediata	Substituição	
747	Canção da mãe A mãe (embalando o filho): A1 □ B C	1	/	Supressão	
748	(canta uma canção emballadora, o filho [↓ adormece.] [↑ <deita-o na enxerga de joelhos> ajoelha-se ouvindo) O cantar ainda é uma grande esmola para os pobres... (batem á porta) A (<ouve-se um> [↑ música] órgão) [← (surdina musica)] B Musica em surdina C	4	Mediata	Adição Substituição Supressão	Simplificação
750	A ver a dor te passa... A1 <A ver se a dor te> [↑ Emquanto a noite] passa.. B Emquanto a noite passa... C	1	Mediata	Substituição	Atenuação
757	Soffro-a agora na tua companhia A1 Soffro-as agora <na> [↑ em] tua companhia B Soffro-as agora em tua companhia, C	1	Mediata	Substituição	Similitude

758	E reparto-as contigo... A1 <E> <tr>/R\epart<o>/i\ -as contigo... B Reparti-as contigo... C	1	Mediata	Substituição	Similitude
760	A mãe continua falando e intercala no seu monólogo, enquanto o filho adormece, e uma a uma, as seguintes quadras ditas ou cantadas numa melopeia simples e triste: A1 (Cala-se o órgão) (Reparando no filho adormecido) B Reparando no filho adormecido C	1	/	Supressão	Simplificação
761	☐ A1 O (...) não acordasse!... C	1	Mediata	Substituição	Simplificação
762	☐ A1 (ouve-se o órgão) [← <(Musica surdina)>] B Musica em surdina C	1	Mediata	Adição Supressão	Simplificação
765	Parasse a dor um momento, Mas não para noite e dia... Já isso fora sustento Para tamanha agonia! A1 B ☐ C	1	/	Supressão	
771	Abrindo A Abrindo a porta e apontando para dentro B C	1	/	Adição	Intensificação
773	descançar d'estas feridas. A descansar das minhas feridas. B C	1	/	Substituição	Precisão
774	(olhando para a pedra A (<olh>/palp\ando a pedra B Apalpando a pedra C	1	Mediata	Substituição	
775	(senta-se; [↑ e] coça<ndo A Senta-se e coça B C	2	Mediata	Adição Supressão	Simplificação
778	caminhadas eu faria. A caminhadas faria. B caminhadas faria! C	1	/	Supressão	Simplificação
779	(Tira da sacola o farnel que reparte com a mãe) A (Tira da sacola o magro farnel que dá á mãe, o filho faz um movimento na enxerga e estende um braço) B Tira da sacola o magro farnel que dá á mãe. C	1	/	Supressão	Simplificação
781	(Vae á enxerga do filho [↑ e levanta-lhe a cabecinha e <abraça-o>] A (Vae á enxerga e levanta-lhe a cabecita.) B Vae á enxerga e levanta a cabecinha do filho. C	1	Mediata	Adição	Similitude
784	e como <tentando> [↑ escondendo] o A e <como>/procurando\ esconder o B e procurando esconder o C	2	Mediata	Substituição	Similitude
785	< Não desesperes irmã. Não sabes> E no entanto A E no entanto B C	1	Mediata	Supressão	Simplificação
790	qualquer velho <muro> [↑ muro] A qualquer muro B C	1	Mediata	Substituição	Simplificação
793	lhe </*parar/> [↑ sustar] a mortandade A lhe sustar a mortandade B C	1	Mediata	Substituição	Similitude / Sinonímia
795	morria. <Errando, es> A morria. B C	1	Imediata	Supressão	
799	com as sandalias rotas, A <com as suas sandalias rotas> [↑ descalços], B descalços, C	1	Mediata	Substituição	Simplificação

803	A tarde vem cahindo e eu preciso, antes da noite, procurar encher a minha sacola. Ai estas feridas, estas feridas! A E a tarde que vem cahindo! Talvez ainda lá possa chegar antes da noite e pelo caminho procurarei encher a minha sacola vazia. B E a tarde que vem cahindo! Talvez ainda lá possa chegar antes da noite; e pelo caminho procurarei encher a minha sacola vazia. C	1	/	Substituição	Similitude
804	veremos. [↑ É bom nunca desesperar.] B É bom nunca desesperar. C	1	Mediata	Adição	Intensificação
805	(Toma o bordão sacola e sae) A (Toma o bordão e <despede-se com um gesto> [↑ sae] Sae) B Toma o bordão, sae. C	1	Mediata	Substituição	Simplificação
806	Mãe A B Mãe e filho C	1	/	Adição	Possível erro
807	porta) [↑ depois d'uma pausa)] A porta; depois d'uma pausa B C	1	Mediata	Adição	Intensificação
808	tropego, apegado A tropego, tão velho, apegado B C	1	/	Adição	Intensificação
810	([↑ Fecha a porta] Volta, olha para o filho A Fecha a porta, olha para o filho B C	1	Mediata	Adição	Simplificação
823	Galilea, e curta a A B Galilea, curta é a C	1	/	Substituição Adição	Similitude
825	filho! talvez Jesus morresse... A filho! Talvez Jesus morresse. B filho talvez Jesus morresse. C	1	/	Substituição	Similitude - Atenuação
826	(erguendo as pobres mãosinhas <que tremiam d'entre> [↑ trementes] d'entre os trapos) A (erguendo as mãosinhas trementes d'entre os trapos) B Erguendo as mãosinhas trementes dentro dos trapos C	1	Mediata	Substituição	Similitude - Intensificação
827	Mas eu A B Mãe, eu C	1	/	Substituição	
828	(Abre-se devagar a porta <↑>/e aparece\ Jesus <que diz sorrindo> [↑ n'uma grande claridade de luz aureolado,] sorrindo) A (Abre-se devagar a porta e aparece Jesus [↑ aureolado], n'uma grande claridade de luz B Abre-se a porta, devagar, e aparece Jesus aureolado, n'uma grande claridade de luz C	1	Mediata	Substituição	Similitude

Legenda: NT. (Nota) Qt. (Número de variantes na passagem) Cron. (Cronologia)

Notas: 1. (...) Entrada extensa, consultar nota da edição.

III. Arquivo documental

I. Carta envia por Alberto de Oliveira a Bernardo Pindelo, em que se recomenda a leitura da bíblia ilustrada por Tissot, por ser de grande utilidade para retirarem ideias para as cenas da peça que continuam a querer empreender. O testemunho encontra-se no arquivo do espólio do Conde de Arnoso, guardado na BNP, com a cota E32/2500. O suporte de escrita é constituído por um bifólio (13 x 20,5 cm) de papel liso, com a marca de água — “ORIGINAL | TUKEY MIL | KENT”. Está escrito de ambos os lados com tinta preta. No canto superior esquerdo existe o seguinte carimbo (Alberto):



Lisboa
41 – 3º - Rua das Praças
31 julho 1901
Quarta-feira

Querido Bernardo:

Não posso ir hoje ahi como lhe tinha dito. Irei na sexta-feira, se V. lá estiver nesse dia. Se não estiver, diga-me por um bilhete, diga tambem se estará domingo.

Lembrei-me que nos será de muita utilidade para reler uma boa ideia para a peça, ver a grande edição da bíblia admiravelmente ilustrada pelo Tissot, que se publicou há anos e de que creio que El-Rei tem um exemplar. As próprias ilustrações nos sugerissem scenas a fazer ahi.

Eu continuo a pensar em por em scena o Admirável milagre de Eça de Queiroz, que se presta muito a ser desenvolvido.

Não se esqueça de aproveitar os seus dias d'esta semana a escrever o artigo da Duquesa de Palmella para 2ª feira.

Muitos cumprimentos ás senhoras e um abraço do

*Seu do C
Alberto.*

II. Carta envia por Alberto de Oliveira a Bernardo Pindelo, em que é feita uma apreciação da primeira versão da peça, quadro a quadro, e onde Alberto de Oliveira elenca as suas tarefas posteriores. A ideia geral é dar intensidade, contraste e movimento para quebrar uma possível monotonia, acreditando-se que esta análise é feita, ainda, à luz de uma peça de marionetas. O testemunho encontra-se no arquivo do espólio do Conde de Arnoso, guardado na BNP, com a cota E32/2504 A, mas a segunda parte da carta a partir de “Não há remédio” é, por lapso, incorretamente arquivada tendo a cota E32/2524 A. Para essa conclusão compara-se a letra, o material de escrita, o tipo suporte e texto. São

desconhecidos os motivos que levam a este equívoco e também não se entende o uso da letra A, associado a anexos em outros momentos da correspondência. O suporte de escrita é constituído por dois bifólios e meio (13 x 20,5 cm) de papel liso, com a marca de água — “ORIGINAL | TUKEY MIL | KENT”. Está escrito de ambos os lados com tinta preta. No canto superior esquerdo existe o seguinte carimbo (Alberto):



Lisboa
22 de Agosto 1901
Quinta-feira

Querido Bernardo:

Haja saúde no seu lar. Aqui todos bem. Provavelmente só 2ª-feira vou a cascaes com, a Josephina. Para não demorar as minhas propostas para aperfeiçoamento do “Suave Milagre”, aqui lh’as mando por ordem dos respectivos quadros:

Quadro 1º

Como já lhe disse outro dia, pareceu-me melhora dar-lhe mais desenvolvimento. Este quadro deve dar a impressão intensa da desolação dos povos das <Galileia> Samaria (?), a noticia da vinda do messias não pode ser por elles acreditada logo á primeira vista, sem discussão. Lembro-me que na 1ª scena poderíamos fazer falar algumas mulheres, que se referissem já, como a um vago rumor, á chegada de algum messias, boato que os pastores se recusariam acreditar. No meio da discussão appareceria o Viandante, entoando uma canção em que se falava do messias. O povo sabel-o-ia, as mulheres, sobretudo insistiriam em perguntar-lhe o que elle cantava. Que, outro, contaria? E depois de sua sahida, o povo ficaria numa grande excitação, que não é ainda crença, dubitando-se as mulheres que nas palavras do viandante viam † e animada a sua esperança.

Para este quadro eu escreverei:

A canção do viandante

Coros de entrada (tristes)

Coros de sahida no fim do quadro (já mais alegres)

Não há remedio senão pôr de parte, em alguns pontos, o andamento do conto, que está extremamente condensado e omitta, por conseguinte, imensos promenores que é preciso inventar.

Quadro 2º

Escreverei os cantos que há de ouvir Obed. Acho que Obed se decide depressa de mais a mandar os servos em busca de Jesus. Convinha que alguém (uma mulher por exemplo) que contasse em detalhe algum novo milagre de Jesus, dos muitos que aponta a Biblia.

Quadro 3º

Talvez fosse melhor este quadro ser o IV passando a ser o III o que se passa na esplanada de publius Septimus.

Quadro IV

Escreverei a canção da filha de Septimus.

Quadro V

Já lembrei que os soldados não devem, nunca, mostrar remorsos do que fizeram, mas mostrar-se absolutamente descrentes na existência do messias, visto elle não ter apparecido depois de todos os esforços que empregaram para dar com elle.

Escreverei um côro de desesperados soldados e um hymno que entoará o velho de barbas brancas, ao apparecer á porta do templo, e que continuará no fim do quadro.

Agora uma coisa: todos os quadros até aqui têm sido narrativas, o que talvez seja monótono. Era preciso arranjar um pouco mais de movimento e acção nesse sentido, o quadro no palacio de septimus é o melhor: Não poderíamos talvez pôr em scena a última tentativa feita pelos soldados para encontrar Jesus, e em vez de pormos na boca d'elles as brutalidades que commeteram, fazel-os cometter em scena? Seria talvez mais interessante.

Quadro VI

Está muito bem. Talvez a sahida do mendigo seja precipitada. Pode-se aqui prolongar um pouco o dialogo, entoando o mendigo alguma das parabolos de Jesus em versos que eu farei.

Não sei se esqueci alguma coisa. Relendo juntos, quadro por quadro, poderei suggerir alguma coisa mais. Em resumo, acho tudo o que V. fez aproveitável, prendo-me apenas que precisa de ser prolongado e acrescentado em algumas scenas mais, no intuito de dar mais animação aos quadros e tirar-lhes o tom de dramatico que se arriscavam a ter se se cingissem estritamente ao conto.

V. agora, como melhor processo de trabalho, deveria consagrar-se a um quadro de cada vez, limando-o com amor. A leitura de qualquer evangelho do novo testamento refrescar-lhe-ia a memoria e sugerir-lhe-ia coisas novas.

Eu vou mergulhar nos versos, logo que tenha completado a minha educação em coisas bíblicas e que conheça a fundo o meu messias da Palestina!

Mil cumprimentos a todos e até †

Grande abraço

*Seu do C
Alberto.*

III. Carta envia por Alberto de Oliveira a Bernardo Pindelo, em que este revela a sua relutância quanto à decisão de colocar a atriz Georgina Pinto a recitar o prólogo, propondo que se ponderem outras opções. O testemunho encontra-se no arquivo do espólio do Conde de Arnoso, guardado na BNP, com a cota E32/2508. O suporte de escrita é constituído por um bifólio (12 x 18 cm) de papel liso, com a marca de água — “ORIGINAL | PALET MILL” acompanhado de uma coroa. Está escrito de ambos os lados com tinta preta.

*Tanger
13 Setembro 1901
Sexta-feira*

Querido Bernardo:

Decerto recebeu um memorial que lhe pedi para entregar ao Pimentel Pinto, recommendando um amigo meu, medico militar, que deseja ser colocado no Porto.

[...]

Tenha paciência, querido Bernardo – e ature me mais esta vez.

Vejo nas “novidades” a distribuição do Mysterio, que me espanta bastante. Quem é essa Georgina Pinto que vae dizer o Prologo? Será Capaz disso? Pois não seria melhor que fosse a Virginia, que só tem papel no 5.º acto?

E não seria melhor que o Augusto de Mello tivesse dois papeis, como o Ferreira da Silva, representando, por ex. o Viandante ou o Sacerdote Pagão, que vejo entregues também a ilustres desconhecidos?

Volte depressa, querido Bernardo, de Villa Viçosa, que a sua vigilância de todos os instantes não será de mais para levar a bom termo a nossa empresa. E se lhe parecer que há justiça nas minhas observações, sobretudo no que respeita ao Prologo não hesite em as impor.

Mil saudades e abraços

*Seu do C
Alberto.*

IV. Carta enviada por Alberto de Oliveira a Bernardo Pindelo, com indicação de anexos que não se encontram no conjunto. Indicação de Ferreira da Silva, também ator na peça, como uma possível ajuda para articular os coros com a narrativa. Faz-se também, novamente, referência à necessidade de aumentar a prosa para encaixar e contextualizar os versos. O testemunho encontra-se no arquivo do espólio do Conde de Arno, guardado na BNP, com a cota E32/2514. O suporte de escrita é constituído um bifólio (13 x 20,5 cm) de papel liso, com a marca de água — “ORIGINAL | TUKEY MIL | KENT”. Está escrito de ambos os lados com tinta preta. No canto superior esquerdo existe o seguinte carimbo (Alberto):



*Tanger
17 outubro 1901
Quinta-feira*

Meu querido bernardo:

Conforme o prometido, ahi vão os versos do prologo e do 1º quadro. Oxalá lhe agradem, ou pelo menos não lhe desagradem.

Como verá, os coros não são bem coros, nem eu sei bem o que são: o Ferreira da Silva, que é um metteur em scène inteligente verá se se pode tirar algum partido do que eu fiz, e se não se perder, indicará o que é preciso que se faça. É muito difícil, ao menos para mim, fazer coisas que não pareçam de opereta. O meus parecem todos, mas como se trata de um mysterio, não me parecem deslocados.

Como verá, intercalei no 1º quadro a fala de um adivinho precedendo imediatamente a canção do Viandante se V. achar bem, terá de aumentar a sua prosa de novo a dar logar aos meus versos, que não estavam no programa.

Repito-lhe que, para meu socego, é indispensável que V. diga abertamente que não gosta e do que não gosta. J'ai fait de mon mieux, mas nem Tanger nem o meu actual estado de alma são os mais próprios. Como no mez próximo conto ahi estar, poderei alterar, emendar, substituir, o que V. quizer.

Também queria pedir-lhe que se não publicasse o mysterio, senão depois de representado, e no caso de agradecer. Eu não faço ideia alguma, por ora, do que elle será em scena, só vendo.

Vou agora mergulhar nos outros versos, mas os assumptos d'elles agradam-me mais, e tenho mais appetite de os fazer.

O prologo é sobel' o triste, mas assim me sahiu. Parece-me que só a Virginia o poderá dizer bem. É bastante o genero d'ella, creio.

*Espero ainda esta semana mandar mais versos.
Mil saudades a todos e um grande abraço do*

*Seu do C
Alberto.*

V. Carta envia por Alberto de Oliveira a Bernardo Pindelo, onde se revela o seu contentamento pelo amigo ter gostado dos versos e onde se refere que enviará brevemente os versos em falta. O testemunho encontra-se no arquivo do espólio do Conde de Arnos, guardado na BNP, com a cota E32/2515. O suporte de escrita é constituído por um bifólio (13 x 20,5 cm) de papel liso, com a marca de água — “SUPERFEIN | BILLET PAPIER” com um brasão que tem escrito “Fortiter”. Está escrito em três dos lados. No canto superior esquerdo existe o seguinte carimbo (Alberto):



*Tanger
21 outubro 1901
Segunda-feira*

Meu querido Bernardo:

O seu bom telegrama deu-me muito prazer. Oxalá os versos estejam tão bons como lhe pareceram na primeira impressão, e oxalá os que faltam sejam melhores, para satisfação minha. Nestes três dias pouco pude fazer, porque tive os dias cheios, repletos de affazeres e as noites presas por convites de que não pude defazer-me mas já hoje reentrei na lida e espero amanhã mandar-lhe a canção da filha de Septimus, ou o hymno do Sacerdote pagão, que ambos estão na forja.

Depois irão inda pela semana adentro, a Canção da Mãe, os ventos que ouve Obed e a parábola de Jesus que o pastor cantará no 3º quadro, para que não fique esse quadro sem versos. E assim antes de outubro exhalar o ultimo surpiro, toda a minha colaboração estará em seu poder como prometi.

Está claro que não me despeça de emendar, alterar ou acrescentar? Nos versos o que me parecer, à vista dos ensaios.

Veja de evitar que as gazetas façam muito reclame com o mysterio. É muito melhor que elle exceda, do que iluda, a expectativa. E quanto menos disser d'elle antes, mais e com mais razão se poderá dizer depois, nada pois de tambores et trompetes, que além de tudo, augmentarão inutilmente as nossas responsabilidades de autores.

Está claro que v. pensa como eu a esse respeito.

E até amanhã, querido Bernanrdo muito obrigado, mais uma vez pelo seu telegramma, saudades nossas para toda essa querida casa e um grande abraço do

*Seu do C
Alberto.*

VI. Carta envia por Alberto de Oliveira a Bernardo Pindelo, propondo pequenas alterações para o encaixe de versos na prosa, no momento da narrativa em que Obed perde totalmente a esperança. O testemunho encontra-se no arquivo do espólio do Conde de

Arnos, guardado na BNP, com a cota E32/2517. O suporte de escrita é constituído por um bifólio (13 x 20,5 cm) de papel liso, com a marca de água — “ORIGINAL | TUKEY MIL | KENT”. Está escrito de ambos os lados com tinta preta. No canto superior esquerdo existe o seguinte carimbo (Alberto):



Tanger
25 outubro 1901
Sexta-feira

Meu querido Bernardo:

Ahi vão hoje os versos para o 3º quadro. De todos os que tenho feito para o mysterio, são aquelles de que gosto mais. Agora deixe-me dizer-lhe a minha ideia para os intercalar na sua prosa:

Aquelle pastor com quem Obed implica, porque é agoirento, ao voltar de ir com os servos á procura do messias, diz, se bem me lembro, que o messias não apareceu em parte alguma, mas que por toda a parte se falava d'elle e que a sua passagem deixava um rasto luminoso...

Nesta ocasião, o pastor deve dizer que todo o povo canta e repete os sermões e parabolás de Jesus, que são lindas, etc. Obed pergunta-lhe se se lembra de alguma. Elle diz que sim, e como quem repete uma coisa que aprendeu de cor que o entusiasmou, recita esta, que deve fazer grande impressão sobre Obed, visto que é a condenação da sua própria vida e lhe lança em rosto como de propósito, todos os seus defeitos.

Obed, em seguida á parábola, deve naturalmente considerar Jesus como um doido, mas deve ao mesmo tempo ficar abalado e mais miserável e triste na sua dor.

Parece-me que, com ligeiríssimas modificações no que V. escreveu, os versos ficarão assim justificados e constituirão um episódio a mais para esse quadro.

Amanhã conto acabar o hymno ao sol e os versos do 2º quadro. no domingo farei a canção da mãe para o 5º quadro – e terei assim dado conta do meu recado, dentro do prazo que a mim próprio fixei e que fico contentíssimo de ter respeitado.

Se V. pudesse entender como é difficil, neste Tanger hostil, mergulhar a gente nas ondas puras da poesia não deixaria de saber que fiz quasi um tour de force, ou antes um milagre – um suave milagre!

[...]

Mil saudades de ahi todos para as senhoras e um grande abraço ...4
Seu do C
Alberto.

VII. Carta envia por Alberto de Oliveira a Bernardo Pindelo, em que se juntam mais versos, que não se encontram no conjunto, e em que este promete terminar brevemente o que está em falta. O testemunho encontra-se no arquivo do espólio do Conde de Arnoso, guardado na BNP, com a cota E32/2518. O suporte de escrita é constituído por meio bifólio (13 x 20,5 cm) de papel liso, com a marca de água — “ORIGINAL | TUKEY MIL | KENT”. Está escrito em apenas um dos lados com tinta preta. No canto superior esquerdo existe o seguinte carimbo (Alberto):



Tanger
27 de Out. 1901
Domingo

Meu querido Bernardo:

Ahi vão os versos do 5º e 6º quadro. Parece-me que os versos da mãe vão sahir-me mal. O hymno ao sol sahiu-me bastante a ferros, e talvez V. o ache pequeno: mas se fôr ahi o acrescentarei, em base de melhor inspiração. Com elle deve terminar o quadro, enquanto o dia vem nascendo...

Faltam os cantos que há de ouvir Obed, (2º quadro), que terminarei amanhã.

Mil saudades e abraços,

Seu do C
Alberto.

VIII. Carta envia por Alberto de Oliveira a Bernardo Pindelo, em que se orienta a divisão dos versos do 1º quadro e em que este se mostra descontente com algum do seu trabalho, prometendo alterações que possam vir a ser necessárias. O testemunho encontra-se no arquivo do espólio do Conde de Arnoso, guardado na BNP, com a cota E32/2519. O suporte de escrita é constituído por um bifólio e meio (13 x 20,5 cm) de papel liso, com a marca de água — “ORIGINAL | TUKEY MIL | KENT”. Está escrito em apenas três lados com tinta preta. No canto superior esquerdo existe o seguinte carimbo (Alberto):



Tanger
28 Outubro 1901
Segunda-feira

Querido Bernardo:

Recebi hoje a sua carta de 22, e muito estimei saber por essa que os versos continuam a fazer-lhe boa impressão.

Não quero deixar de lembrar-lhe que os versos finais do 1º quadro, ditos pelas mulheres e que começam:

Vós estaes dizendo, palavra a palavra,

O que Jesus disse pela Galileia

Partidos ao meio assim:

O que Jesus disse

Pela Galileia

Ficam na mesma medida dos outros que V. acha optimos para os córos. Podem portanto aproveitar-se assim.

Fiz bem em guardar para o fim os córos do 2º quadro, em que trabalhei hoje, e que amanhã ficarão prontos. A suas indicações serviram-me e por ellas me guiei.

Para o 3º quadro mandei-lhe uns versos que me parece lhe não desagradarão?

A canção da filha de Septimus, se lhe parecer pequena, poderei augmental'a; mas creio que tiradas muito longas, de feítio completamente lyrico como é regullar, fatigarão o publico.

O hymno ao sol, como final de acto que é, deve ser curto. São difíceis esses versos, que devem ter um character hierático e solemne, visto serem ditos por um Sacerdote diante do templo. Não gosto do que fiz, e se me lembrar alguma modificação boa, aproveital-a-ei. Mas um hymno ao sol do Leconte de Lisle que aqui encontrei entre os meus livros não é melhor que o meu.

Enfim a canção da mãe não é bem no tom que V. queria. É mais triste e de uma tristeza mais desesperada. Parece-me que isso ajudará ao efeito dramático do acto mas se lhe parecer que não, diga-me que se emendará.

Eu emendo sempre e infatigavelmente, e emendo em geral bem. Depois de tudo prompto, darei uma demão cuidadosa aos meus versos, e farei as modificações que V. me lembrar.

O meu maior desejo é que V. fique satisfeito, e por esse desejo principalmente que me serviu de inspiração. Mas como não tenho aqui ao pé de mim o mysterio, é-me difícil muitas vezes ter nítida no meu espirito a moldura dentro da qual devem caber os meus versos.

Por isso vá dizendo tudo o que lhe pareça bem para aperfeiçoar e polir a obra.

E deus lhe ponha agora a virtude. Espero que a demora de uma dia dos versos do 2º quadro não fará deserranjo, não me foi possível acabal-os hoje.

*Muitos cumprimentos nossos para toda essa querida casa e um grande abraço do
Seu do C*

Alberto.

IX. Carta envia por Alberto de Oliveira a Bernardo Pindelo, em que se anexam 15 dísticos, que não se encontram no conjunto, dizendo que se podem transformar em 30 quadras. O testemunho encontra-se no arquivo do espólio do Conde de Arnoso, guardado na BNP, com a cota E32/2520. O suporte de escrita é constituído dois fólios (13 x 20,5 cm) de papel liso, com a marca de água — “ORIGINAL | TUKEY MIL | KENT”. Está escrito em apenas três lados com tinta preta. No canto superior esquerdo existe o seguinte carimbo (Alberto):



*Tanger
29 outubro 1901
Terça feira*

Querido Bernardo:

Ahi vão 15 disticos, que se podem transformar em 30 quadras, numero que me parece sufficiente para os córos de principio e fim do 2º quadro. São até demais, e por isso baste aproveitar os melhores. Como verá, os córos, não são o meu forte, mas se quiser outros, é só pedir por †

Não insisti nos milagres, segundo V. recomendou.

[...]

*Seu do C
Alberto.*

X. Carta envia por Alberto de Oliveira a Bernardo Pindelo, onde uma vez mais se fala sobre o acrescento de versos e sobre a importância de os intercalar com a prosa para que não fiquem demasiado extensos. O testemunho encontra-se no arquivo do espólio do Conde de Arnosó, guardado na BNP, com a cota E32/2521. O suporte de escrita é constituído por um fólho (13 x 20,5 cm) de papel liso, com a marca de água — “ORIGINAL | TUKEY MIL | KENT”. Está escrito de ambos os lados com tinta preta. No canto superior esquerdo existe o seguinte carimbo (Alberto):



Tanger
30 outubro 1901
Quarta-feira

Querido Bernardo:

Respondo à sua carta de 26, recebida hoje. Tratarei de acrescentar algumas estrofes à canção da filha de Septimus, mas o todo do tamanho, como V. pede, receio que a transforme num longo e monótono discurso, que além de tudo quebrará o andamento e o já dramático do quadro. Versos querem-se poucos de cada vez, em teatro. Será talvez melhor; visto esse acto lhe parecer pequeno, ver se descobre nelle outro episodio onde se possam também intercalar versos.

Enfim eu vou também pensar no caso a ver se encontro uma solução.

Sobre a Canção do Viandante, não me parece necessário suprimir os nomes de messias e Jesus. Bastará dizer:

“Agora que nasceu um divino messias”

O messias da Judeia porquem o Obed pergunta depois, (pergunta a que lhe não responde) não é Jesus, de quem elles não tinham ainda ouvido falar – mas sim o Messias anunciado pelas profecias de Gog e Magog, que devera nascer da Judeia, e por quem se esperava sempre. Como V. sabe, muito tempo se duvidou e os judeus sempre negaram, que Jesus fosse esse messias, não há, portanto, contradição a meu ver.

Com toda a certeza que das suas conferencias com o Ferreira da Silva e dos ensaios resultarão novas modificações e talvez mesmo novas encomendas de versos, seria bom que V. o visse o quanto antes, afim de se assentar nisso definitivamente. Quanto mais tempo se tiver depois, melhor. Não estou contente com os côros do 2º quadro, mas já agora espero, para fazer outros, que V. me indique bem como serão mettidos.

*Saudades para todos e um abraço do
SeudoC
Alberto.*

XI. Carta envia por Alberto de Oliveira a Bernardo Pindelo, onde se revela o seu contentamento pelo amigo ter gostado dos versos e garante o envio dos restantes que estão prometidos. Refere também a vontade de os continuar a modificar por ainda não os considerar terminados. O testemunho encontra-se no arquivo do espólio do Conde de Arnosó, guardado na BNP, com a cota E32/2523. O suporte de escrita é constituído por um fólho (13 x 20,5 cm) de papel liso, com a marca de água — “ORIGINAL | TUKEY

MIL | KENT”. Está escrito de ambos os lados com tinta preta. No canto superior esquerdo existe o seguinte carimbo (Alberto):



Tanger
6 novembro 1901
Quarta-feira

Querido Bernardo:

Recebi a sua querida carta de 2. Muito prazer me dá saber que os versos continuam a agradar-lhe: entretanto, não disisto de modificar e acrescentar o hymno a Apollo e de substituir ou emendar os còros do 2º quadro, que me parecem detestáveis. Isto alem de augmentar as estrofes da canção da filha de Septimus como já prometi, e de outras emendas de detalhe, que a seu tempo irão.

Pergunta-me V. quando parto. Ai de mim! Se não fosse o caso novo do portuguez assassinado, ainda este mez me teria ahi. Assim quero ver se faço o milagre de partir antes do Natal.

[...]

Mil saudades no seu Lar e um abraço
Seu do C

Alberto.

XII. Carta envia por Alberto de Oliveira a Bernardo Pindelo, que contém em anexo 2 folhas de papel quadriculado com a “canção da filha de Septimus” a tinta preta e ocupando duas páginas, bem como três estrofes que acrescentam o “hymno ao sol” redigidas a lápis de carvão. É feito um apelo sobre as características específicas das pautas que musicarão as canções da peça. Referem-se também os seus receios relativamente à capacidade de declamação dos atores. O testemunho encontra-se no arquivo do espólio do Conde de Arnoso, guardado na BNP, com a cota E32/2528. O suporte de escrita é constituído por um bifólio e meio (11,5 x 18 cm) de papel liso, com uma gramagem superior aos anteriores e com a marca de água — “THE new | SMOOTH PARCHMENT”. Está escrito em ambos os lados com tinta preta. No canto superior esquerdo existe o seguinte carimbo (Alberto):



Tanger
8 dezembro 1901
Domingo

Querido Bernardo:

Junto encontrará a “Canção da Filha de Septimus” definitiva, a que acrescentei tres estrofes. A musa não deu para mais; mas se achar pouco, como os versos são contados, podem repetir-se algumas estrofes, que V. mesmo escolherá, e assim prolongar a scena.

Je tiens o mais possível a ter musica para estes versos. Depois que me lembrei da canção do Rei de Thule no “Fausto”, que deslisa tão simples e nitida no meio do lindo acompanhamento da orchestra, convenci-me de que é indispensavel a musica, e que assim se terá mais relevo no quadro. que V. se queixa de estar um pouco pallido.

Veja pois se arranca ao Oscar da Silva uma bonita melodia para a Canção, lembrando-me a do Rei de Thule e a da bella Infanta no “Alfageme de Santarem”, que ambas dão perfeita ideia do que se quer.

Mando tambem mais tres estrofes para o “Hymno ao Sol”, que devem ser intercaladas antes da ultima estrofe.

Peço-lhe principalmente para emendar o 3º verso da canção da mãe no 5º quadro, que deve ser:

Enquanto a noite passa...

Supponho e espero que estas emendas tardias não obstando á marcha rapida dos ensaios, que de resto só começam amanhã. O meu desejo era emendar e acrescentar indefinidamente: mas nem me sobra o tempo, nem a musa está propicia.

Acho perfeitamente que o mysterio só vá a scena no dia 28 – tanto mais que são mais alguns dias de prazo que tenho para chegar a tempo... tudo o que seja antes de dia de † não é tarde.

(...)

Deixe-os lá. Está claro que ... não faltam, mas não é pelo que lhes possam dizer, apenas por eu proprio não fazer ideia, senão muito vaga, do effeito que terá o mysterio no publico. Por isso é que queria assistir aos ensaios. mas V. que lá está e que vê com olhos de ver, como pouca gente, não deixará de se transformar em publico e apreciar a obra como se não fosse sua, afim de lhe corrigir ou modificar as falhas que encontre. Vae ser para si, nestes ultimos dias, um trabalho doido, mas não ha remedio.

De resto ha tantos anos que não vou ao Theatro, que já não me lembro como os nossos actores representam, e do desempenho, no entanto, depende metade do exito.

Por exemplo, saberão elles recitar os versos? Espero que os não engrolem rhetoricamente, e que os sublinhem com lentidão e simplicidade, dando o devido relevo a cada verso. V., quando vir que elles não sabem, ensine-os, tanto mais que V. lê e recita bem.

Tambem me parece bom dar ao publico a impressão (qualquer pessoa poderá fazer isto numa gazeta) que nós não quizemos, com este mysterio, revolucionar a Arte do Theatro nem deslumbrar ninguem com a nossa originalidade, mas apenas, sem a menor pretensão, organizar uma recita de Natal em que se escrevessem coisas de Natal e se desse a essa Lisboa a prova de que o grande Eça de Queiroz não escreveu só romances pessimistas e † aceradas, mas tambem deliciosas, virtuosas e inoffensivas phantasias.

Emfim, se eu comparo o mysterio com as ignobeis coisas que em tempo ouvi nesse D. Maria, quasi o considero uma obra-prima. E não creio que o nivel da arte Theatral tenha subido muito entre nós desde o Tempo em que o “Duque de Varzim” de Lopes de Mendonça era tida por digno de Garrett.

Alma grande, pois, e alguma fê em nós, que também é precisa.

V. calculará com que anciedade estou de partir, e como os dias me parecem infindaveis.

mil cumprimentos nossos às Senhoras, e um grande abraço

Seu do C
Alberto.

Fontes e bibliografia

Fontes manuscritas

BNP, E32/4451

O suave milagre / de Eça de Queiroz; [adaptação para teatro pelo] C. d'Arnos; versos de Alberto d'Oliveira. — 1901.

BNP, E32/4452

O suave milagre / de Eça de Queiroz; [adaptação para teatro pelo] C. d'Arnos; versos de Alberto d'Oliveira. — 1901.

BNP, E32 / 2357-2553

Correspondência de Alberto de Oliveira (1873-1940) para o Conde de Arnoso (1855-1911).

Fontes impressas

ARNOSO, Conde de. *Suave Milagre. Mystério em 4 actos e 6 quadros extrahido de um conto de Eça de Queiroz com versos de Alberto d'Oliveira e musica de Oscar da Silva*. Lisboa: Livraria Ferin, 1902.

FIGUEIREDO, António Pereira de. *Bíblia Sagrada*. Lisboa, 1885.
<<http://www.obrascaticas.com/livros/Bíblia/BíbliaFigueiredo.pdf>>

QUEIROZ, Eça de. *Contos* (ed. Luiz Fagundes Duarte). Lisboa: Dom Quixote, 2002, pp. 209-220.

QUEIROZ, Eça de. “O Suave Milagre!”. *Revista Moderna*. Paris. Ano II. n.º 26 (dezembro 1898), pp. 49-51
<http://memoria.bn.br/pdf/282383/per282383_1898_00026.pdf>

A Paródia, n.º 93 (23/10/1901), n.º 103 (01/01/1902), n.º 109 (12/02/1902), n.º 125 (04/06/1902).
<<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AParodia/AParodia.htm>>

Revista Moderna, n.º 25 (novembro 1898). <<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/revista-moderna/282383>>

Bases de dados

Arquivo Municipal Alberto Sampaio. “Bernardo Pinheiro Correia de Melo”.
<<https://www.arquivoalbertosampaio.org/details?id=31356>>

CETbase. Ficha de espetáculo n.º 16990.

<<http://www.cetbase.pt/reports/client/Report.htm?ObjType=Espectaculo&ObjId=16990>>

OP SIS – Base Iconográfica de Teatro em Portugal

<<http://opsis.fl.ul.pt/Infographic/Index?SmallDescription=suave%20milagre&level=detailLevel&pageIndex=1>>

Bibliografia passiva

ALMEIDA, Fialho de. “Literatura Gá-gá”. *Barbear, pentear: jornal d'um vagabundo*. Lisboa: A. M. Teixeira, 1910, pp.197-256.

ALVIM, Manuel Alexandre Portela de Melo e. *Na senda de “O suave milagre”: Aspectos técnicos, estéticos e ideológicos de uma narrativa queiroziana*. Lisboa: Universidade Aberta, 2007. [Dissertação de mestrado orient. Ana Nascimento Piedade] <<http://hdl.handle.net/10400.2/608>>

AUTANT-MATHIEU, Marie-Christine. “Tchekhov/Stanislavski ou la naissance de la mise en scène. Du texte dramatique à la partition scénique”. *Genèses Théâtrales* (ed. Grésillon et al.). Paris: CNRS, 2010, pp. 179-194.

BRILHANTE, Maria João. “Literatura e teatro”. In Basílio, Kelly (ed.). *Concerto das Artes*. Porto: Campo das Letras, 2007, pp. 457-481.

CAMARGO, Robson C. “A crítica e a crítica genética. Diálogos sobre o entendimento do espetáculo teatral”. *Gestos*, 43 (2008): 13-32. <<https://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/18820>>

CARREIRA, Maria de São Luiz da Silva. *Marcas de Água: Arquivo Histórico Parlamentar (Monarquia Constitucional 1821-1910)*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2012. (Dissertação de mestrado orient. Carlos Guardado da Silva.) <<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/10188>>

CATELEIRO, J. M. (Coord.) *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo, 2001.

CASTRO, Ivo. *Editar Pessoa*, 2.^a ed. Lisboa: IN-CM, 2013.

CASTRO, Ivo. *Camilo Castelo Branco: Amor de Perdição*. Lisboa: IN-CM, 2007.

DIAZ, Juarez Guimarães. “Narrativas em cena e os processos de criação de João Brites em adaptações de romances para os palcos do Teatro O Bando”. *Sinais de Cena 2-2* (2017): 15-31. <<https://revistas.rcaap.pt/sdc/article/view/17136>>

ELLIOTT, Kamilla. *Theorizing Adaptation*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

GONÇALVES, Caetano. *As conferências do casino e os vencidos da vida*. Lisboa: Academia das Ciências, 1955.

GRÉSILLON, Almuth. *Éléments de Critique Génétique*. Paris: PUF, 1994.

GRÉSILLON, et al., ed. *Genèses Théâtrales*. Paris: CNRS, 2010.

GRÉSILLON, Almuth. La double contrainte: texte et scène dans la genèse théâtrale. Paris: ITEM, 1996. <<http://www.item.ens.fr/articles-en-ligne/la-double-contraintetexte-et-scene-dans-la-genese-theatrale1/>>

GUIMARÃES, Luís de Oliveira. *O Conde de Arnoso*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança, 1958.

HOUAISS, Antônio & Mauro de Salles Villar. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa : Temas e Debates, 2003.

HOMEM, Amadeu Carvalho. *O Primeiro Conde de Arnoso e o Seu Tempo*. Famlidão: Câmara Municipal, 1998.

MARINHO, Maria José. *Espólio do Conde de Arnoso [BN Esp. 32]: inventário*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2005.

MATEUS, Osório. “Teatro e literatura”. *De Teatro e Outras Escritas*. Lisboa: Quimera, 2002, pp. 212-218.

OLIVEIRA, Alberto de. *Eça de Queiroz: Páginas de Memórias*, 2.^a ed. Lisboa: Portugália Editora, s/d, pp. 141-154.

PEREIRA, Elsa. *Obras de João Penha: Edição Crítica e Estudo*. 4 vols. em 6 tt. Porto: CITCEM, 2015. <<http://hdl.handle.net/10451/33834>>

PEREIRA, Elsa. “O dispositivo de paragénesis na edição das obras de João Penha”. *Nervoso Mestre, Domador Valente/ da Rima e do Soneto Português: João Penha (1839-1919) e o Seu Tempo* (ed. Francisco Topa, Elsa Pereira). Porto: CITCEM, 2018, pp. 143-150. DOI: 10.21747/978-989-8970-04-6/ner

PIMPÃO, Álvaro Júlio da Costa. *Fialho. I – Introdução ao estudo da sua estética*. Coimbra: s/n, 1943.

REBELLO, Luiz Francisco. “Eça no teatro, o teatro e Eça”. *Sinais de Cena* 11 (2009): 121-128. <<http://hdl.handle.net/10451/30163>>

REIS, Carlos & Maria do Rosário Milheiro. *A Construção da Narrativa Queirosiana: O Espólio de Eça de Queirós*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989.

SAMPAIO, Albino Forjaz de Sampaio. “Notas bio-bibliográficas e iconografia”. *Fialho de Almeida: In Memoriam*. Porto: Typografia da Renascença Portuguesa, 1917, pp 269 - 294.

SANTOS, Ana Clara. “Géneses teatrais ou um interesse renovado pelos estudos de genética teatral”. *Sinais de Cena* 15 (2011): 78-80. <<https://revistas.rcaap.pt/sdc/article/view/12826>>

SANTOS, Ana Clara. “Introdução: da genética teatral à análise do processo criativo”. *Sinais de Cena* 2-2 (2017): 11-14. <<https://revistas.rcaap.pt/sdc/article/view/17135>>

SEQUEIRA, Gustavo de Matos. *História do Teatro Nacional D. Maria II*, vol.2. Lisboa: 1955.

SARAIVA, António José & Óscar Lopes. *História da Literatura Portuguesa*, 17.^a ed. Porto: Porto Editora, 2017, pp. 855-886.

STILLINGER, Jack. “Plays and Films: Authors, Auteurs, Autres”. *Multiple Authorship and the Myth of Solitary Genius*. New York / Oxford: Oxford University Press, 1992, pp. 163-181.

TANSELLE, G. Thomas. *Textual Criticism and Editing*. Charlottesville: University Press of Virginia, 1990.

THOMASSEAU, Jean-Marie. “Pour une génétique du théâtre non contemporain. Traces, objets, méthodes”. *Genèses Théâtrales* (ed. Grésillon et al.). Paris: CNRS, 2010, pp. 233-248.

VAN HULLE, Dirk & Wout Dillen. *Lexicon of Scholarly Editing*, 2020. <<https://lexiconse.uantwerpen.be/lexicon/>>

ZELLER, Hans. “A New Approach to the Critical Constitution of Literary Texts”. *Studies in Bibliography*, vol.28. The University Press of Virginia, 1975, pp. 231-264.

ZELLER, Hans. “Record and Interpretation: Analysis and Documentation as Goal and Method of Editing”. In *Contemporary German Editorial Theory*, ed. Gabler, Bornstein, and Pierce. 4th ed. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1998.